

**MARIA LUISA SCARDINI**

**PROFESSORES MIGRANTES EM ARACAJU:  
MÚTIPLAS SOCIABILIDADES**

**São Cristóvão  
2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**MARIA LUISA SCARDINI**

**PROFESSORES MIGRANTES EM ARACAJU:  
MÚLTIPLAS SOCIABILIDADES**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, na Universidade Federal de Sergipe.

**São Cristóvão  
2008**

**MARIA LUISA SCARDINI**

**PROFESSORES MIGRANTES EM ARACAJU:  
MÚLTIPLAS SOCIABILIDADES**

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Tânia Elias Magno da Silva (Orientadora)  
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. José Rodorval Ramalho  
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Luis Carlos Rondini  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Helena Santana Cruz (Suplente)  
Universidade Federal de Sergipe

**São Cristóvão  
2008**

*A meu neto João Victor que me perguntou muitas vezes:*

*“- Vó, quanto tempo falta para você terminar esse trabalho?”*

*E a quem posso dizer agora: Enfim, terminei.*

*Espero que lembre dessa avó em outros momentos que não “só trabalhando”.*

## AGRADECIMENTOS

Penso que somente aqueles que já viveram a experiência de escrever uma dissertação de Mestrado conhecem a importância de **AGRADECER**.

Entre aqueles absolutamente necessários, o primeiro agradecimento se dirige à instituição - Universidade Federal de Sergipe – não só pela oportunidade desta titulação, mas pelo acolhimento desde a sementinha deste Mestrado, quando do Curso de Especialização promovido pelo Núcleo de Ciências Sociais e do qual participei em 1985.

Nesse contexto, de maneira muito especial à professora Dra. Tânia Magno Elias da Silva, primeira socióloga que conheci em terra sergipana pouco depois de me estabelecer em Aracaju. Compartilhando das afinidades de uma mesma comunidade de destino, gentilmente acolheu-me como orientanda e, recebendo-me por diversas vezes em sua própria casa, instigou-me permanentemente a apurar e a multiplicar o olhar.

Ainda no contexto da UFS, alguns agradecimentos especiais.

Ao Prof. Dr. Ulisses Rafael, Coordenador do Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pelo apoio, e aos professores Dra. Maria Helena Santana Cruz e Dr. Paulo Sérgio da Costa Neves pelas valiosas sugestões por ocasião da banca de qualificação, especialmente ao último, pela compreensão no momento do meu descompasso, efetivamente acidental.

Ao professor Dr. Marcus Eugenio Silva pela irrestrita disponibilidade e ao professor Msc. Kleber Fernandes Oliveira, do Núcleo de Estatística, pela oportunidade da interlocução interessada.

Ao amigo Prof. Dr. Cícero Cunha Bezerra, do Departamento de Filosofia, a quem os títulos acadêmicos conferiram uma ímpar simplicidade de fazer do conhecimento um veículo de aproximação humana.

À sergipana, professora Msc. Joelina Santana Menezes que, desde há muito, dizia acreditar no meu potencial e que sempre abriu portas à migrante em Sergipe.

À paulista, professora visitante Dra. Maria de Fátima Ferreira que, além de ter me aceito na condição de aluna especial, em parte inspirou o tema e incentivou-me, desde o início.

Ao Professor Yuri Neiman, Pró-Reitor de Assuntos Acadêmicos da Universidade Tiradentes e ao Sr. José Marcos Santos Diretor do CPD da Universidade Federal de Sergipe, mais especialmente, à Sra. Maria Dinorah Siqueira Regis, que me disponibilizaram os dados necessários à pesquisa.

Aos colegas do “G-10” (Turma do Mestrado/2005) que compartilharam comigo da empreitada inicial, sem descuidar do apoio no momento mais difícil, especialmente aos parceiros mais presentes, e sempre prestativos, ao longo desses três anos: Daniela, Cléber, Luiz Cláudio e Rogério.

À Manuela, estudante do Curso de Psicologia da UFS, pela valiosa ajuda nos meus parcos conhecimentos do SPSS.

À Ana Regina Luz Lacerda, migrante que conheci há pouco, pela dedicada e especializada revisão que fez às referências bibliográficas, quando “não havia mais tempo!”.

Aos funcionários do Núcleo Angeline e Rodinelson, pelo permanente incentivo.

Ao meu irmão Leonardo que, por tabela, ainda que à distância, acabou fazendo efetivamente as Tabelas constantes deste trabalho.

À minha filha Tatiana, pela administração diária da minha sanidade física e mental, na difícil prova de lidar com minhas idas e vindas no árduo processo de construção intelectual.

A todos que dedicaram parte do seu tempo a responder os questionários e, sobretudo àqueles que vieram até a mim ou me receberam em seus espaços privados para contar-me suas histórias.

E, finalmente aos amigos mais próximos, migrantes e sergipanos que freqüentam minha casa e que, muitas vezes sem o saber, constituíram laboratório da minha pesquisa.

A todos, o meu **MUITO OBRIGADA!**

*“A nudez total, que será sempre a de quem se vê no que vê, resultará das configurações de analogias que soubermos imaginar: afinal, o jogo pressupõe um palco, o palco exercita-se com um texto e o texto é a autobiografia do seu autor”.*

*Boaventura de Sousa Santos.*

## RESUMO

Inserido no novo padrão migratório mundial, o processo de urbanização no Brasil vem adquirindo nova configuração, a partir da intensificação dos deslocamentos populacionais para as cidades de porte médio, a exemplo da capital de Sergipe.

Nesse contexto, tem chamado a atenção uma migração de perfil cada vez mais qualificado.

Considerando a expansão recente do ensino superior e a expressiva representatividade de professores procedentes de outras localidades do país e mesmo do exterior, este trabalho resulta de pesquisa realizada com um grupo delimitado de professores migrantes que atuam nas duas principais universidades do estado.

Foram aplicados 220 questionários e realizadas 10 entrevistas, com professores procedentes de diversas localidades do país e com características pessoais diferenciadas.

Os resultados apontam que a maioria veio atraída por oportunidade de trabalho e, secundariamente, pela qualidade de vida que a cidade ainda oferece. A pesquisa versou também sobre aproximações e afastamentos gerados a partir do choque cultural produzido pela migração, resultando em estratégias diferenciadas de aculturação e sentimentos de maior ou menor adaptação à sociedade local. Foram constatados sentimentos ambivalentes próprios da construção social do “estrangeiro”, em confronto com outros valores e práticas culturais. Nesse aspecto, logrou-se ter encontrado estranhamentos muito próprios da categoria pesquisada relativos a cultura e sociabilidades.

Palavras-chave: Migração. Professores universitários. Identidade cultural. Sociabilidades.

## **ABSTRACT**

The process of urbanization in Brazil has acquired a new face, inserted in the new world migratory pattern, from the increase of population shifts to the cities of medium size, such as the capital of the state of Sergipe.

The highly qualified people migration has caught attention.

Considering the recent spread of higher education and expressive number of teachers from other cities in the country and even from abroad, this work is a result of a research done with a restricted group of migrant teachers who works in the two major universities in the state.

220 questionnaires were submitted and 10 interviews were held with teachers from various places of the country and with different personal characteristics.

The results showed that most teachers came attracted by the opportunity to work and, secondarily, for the welfare that the city still offers. The research also approached the move generated from the cultural shock produced by migration, resulting in different strategies of acculturation and feelings of greater or lesser adaptation to the local society.

Ambivalent feelings of the social construction of “ the foreign person” were found in confrontation with other values and cultural practices. In that aspect, we have found strange views proper of the category searched on the culture and sociability.

**Keywords:** Migration. University professors. Cultural identity. Sociability.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Questionários respondidos, segundo a instituição de atuação.....	21
TABELA 2 - Saldos migratórios internos na migração inter-regional: 1986-1991, 1995-2000 e 1999-2004.....	31
TABELA 3 - Saldos migratórios internos das UF, 1995-2000 e 1999-2004.....	32
TABELA 4 - População residente – Grande Aracaju – 1980-2007.....	35
TABELA 5 - Trabalhadores em variadas ocupações, em 1872, para São Cristóvão e Aracaju.....	40
TABELA 6 - Aracaju – Evolução da população residente - 1872-2007.....	41
TABELA 7 - População residente não natural de Sergipe – Grande Aracaju – 2000.....	45
TABELA 8 - Motivo da migração, segundo o período de chegada em Aracaju.....	54
TABELA 9 - Época de chegada dos pesquisados, segundo a instituição onde trabalham.....	56
TABELA 10 - Titulação dos pesquisados, segundo a instituição em que trabalham.....	56
TABELA 11 - Área de formação dos pesquisados, segundo a instituição em que trabalham.....	60
TABELA 12 - Titulação dos pesquisados, segundo o sexo.....	70
TABELA 13 - Motivo da migração dos pesquisados.....	75
TABELA 14 - De que os pesquisados mais gostam em Aracaju.....	80
TABELA 15 - Indicadores do índice de desenvolvimento humano municipal - Capitais da região Nordeste – 1991 e 2000.....	84
TABELA 16 - Índice de desenvolvimento humano municipal -Aracaju – 1991 e 2000.....	84
TABELA 17 - Bairros onde moram os pesquisados, segundo as regiões orçamentárias da administração municipal.....	92
TABELA 18 - De que os pesquisados menos gostam em Aracaju.....	109
TABELA 19 - Coisas de que os pesquisados sentem falta em Aracaju.....	129

TABELA 20 – Círculo de amizade dos pesquisados.....	139
TABELA 21- Círculo de amizade, segundo a região de procedência.....	139
TABELA 22 - Círculo de amizade, segundo o período de chegada em Aracaju.....	140
TABELA 23 - Como os pesquisados se sentem em relação a morar em Aracaju.....	145
TABELA 24 - Como os pesquisados se sentem em relação a morar em Aracaju, segundo as regiões de procedência.....	146
TABELA 25 - Motivos da adaptação.....	166
TABELA 26 - Motivos da não adaptação.....	167
TABELA 27 - Motivos segundo os quais a vida melhorou em Aracaju.....	171
TABELA 28 – Motivos, segundo os quais Aracaju é uma cidade hospitaleira.....	179
TABELA 29 - Motivos, segundo os quais Aracaju não é uma cidade hospitaleira.....	179

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 De como uma história de vida se transforma em objeto de estudo sociológico.....	12
1.2 Construção e metodologia da pesquisa.....	19
1.3 Roteiro do trabalho.....	24
2 ARACAJU: CENÁRIO DE MIGRAÇÃO NO SÉCULO XXI.....	26
2.1. O novo padrão migratório brasileiro.....	27
2.2 Nascida da migração, Aracaju continua atraindo migrantes.....	38
2.3 O fenômeno migratório como objeto de estudo sociológico.....	47
3 O ENREDO DOS ATORES: NECESSIDADE OU ESCOLHA?.....	52
3.1 Lugar de trabalho e oportunidade.....	53
3.2. O complexo processo de escolha e suas mediações emocionais.....	62
3.3. Um novo perfil da migração qualificada.....	68
3.4. Em busca de qualidade de vida.....	76
4 ARACAJU ESTRANHADA: REPRESENTAÇÕES PLURAIS.....	95
4.1. A construção social do “estrangeiro”.....	95
4.2. A lógica dialética dos estranhamentos.....	99
4.3 Uma primeira “privatização da estranheza”.....	126
4.4. Para se mostrar distinto, o que melhor do que falar de “cultura”?.....	131
4.5. Terra de poucos amigos ou poucos amigos nessa terra.....	138
5 PROFESSORES MIGRANTES FAZENDO DE ARACAJU O SEU LUGAR.....	145
5.1. Primeiros contatos são fundamentais.....	155
5.2. Acionando motores pessoais de adaptação.....	161
5.3. Dá para sentir-se em casa na casa “do outro”?.....	172
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	187
APÊNDICE A - Identificação dos entrevistados.....	201

## 1 INTRODUÇÃO

Outro dia sonhei com meu avô.

No sonho ele me dizia que tinha voltado ao Brás, para rever a casa, mas ela já não existia...

*“Fui então até a esquina, mas a leiteria do Mário também não existia, nem a esquina existia mais.*

*- Não está vendo o metrô? Essa rua não existe mais!*

*Então fui até a grande avenida, e a velha escola já não existia, nem o cinema, o maior cinema do Brasil!*

*Mas de repente lá estava ela!*

*Parecia tão menor agora, espremida entre os prédios, mais escura, mais triste.*

*Mas ela estava lá, a igreja onde a Speranza e eu nos casamos, batizamos e casamos nossos filhos e nossos netos. Você também Piccirella.*

*Ela estava lá e a sua realidade, a sua presença me dava a felicidade de um sonho.*

*Então eu pude respirar aliviado.*

*Por alguns momentos eu cheguei a pensar que eu sequer tivesse existido.*

*Ah! Se eu soubesse que as coisas iriam desaparecer tão facilmente, eu teria dedicado mais tempo em me lembrar delas”.*

Dedico este trabalho aos imigrantes – de terra e de alma – que conhecem a profundidade das emoções e a música que as revela<sup>1</sup>.

Presenteada com esse CD há dez anos, o texto em epígrafe tocou-me de tal modo que, intersubjetivamente, pude compartilhar e por isso compreender as emoções e sentimentos de quem o escrevera. A muitos pode parecer demasiado nostálgico, mas só a maturidade dos anos vividos intensifica tão fortemente a lembrança de eventos, pessoas e lugares que, muitas vezes, só nos é possível evocar através da música. Afinal, voltar no tempo nos é absolutamente impossível. Quem sabe à terra natal que deixamos para trás, cujas transformações não pudemos acompanhar?

Fragmentos... Tão somente fragmentos de lugares vividos remetem o protagonista ao confronto íntimo e pessoal com a assustadora realidade: a impossibilidade de reencontrá-los. Afinal, só têm significado para ele porque só existiram enquanto tal “para ele”!

Pensando sobre como as armadilhas da memória estão presentes em nossa vida a nos lembrar permanentemente que “somos as escolhas que fazemos”, inspiro-me no texto alheio para fazer o contraponto com a minha própria história de vida, de modo a introduzir o tema desta dissertação que embora pareça sugerir a memória de lugares do passado, na verdade tem seu foco na vivência do lugar do presente.

---

<sup>1</sup> Zizi Possi, Per amore. Texto do encarte. São Paulo: Polygram, 1988.

### **1.1 De como uma história de vida se transforma em objeto de estudo sociológico**

A experiência de haver migrado para Aracaju nos idos de 1976 e - ao longo dos anos - de partilhar com outras pessoas a mesma experiência, por muitas vezes fez com que eu rememorasse minha história de vida e nela visse refletidas outras histórias, mais ou menos similares.

Nascida em Curitiba, onde havia residido até então, minhas raízes genealógicas remontam a uma rede geracional de migrações, o que me leva a reconhecer que essas trajetórias são comuns a tantos outros cidadãos do mundo como eu, ainda mais intensivamente na contemporaneidade quando a expansão da economia em nível global e a dispersão das demandas daí decorrentes expulsam ou atraem indivíduos, repercutindo sobre suas identidades pessoais. Vejamos como isso aconteceu comigo até que, impregnada pelo olhar sociológico da minha formação acadêmica e observando as voltas que a vida dá na vida de cada um de nós, supus poder perscrutar mais sobre as transformações da identidade daqueles que também vieram de outras paragens e se estabeleceram em Aracaju.

Meu primeiro contato com a cidade de Aracaju deu-se após uma longa viagem de mais de 2.000 km, num início de noite do mês de janeiro de 1973 quando, estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná em Curitiba, descia de um ônibus na sede do então Projeto Rondon<sup>2</sup>, juntamente com expressivo número de universitários sulistas muito mais interessados em conhecer o Nordeste do que de fato em “integrar para não entregar”, como propunha o slogan do governo ditatorial que vivíamos à época.

Naquela oportunidade passamos poucas horas na capital para logo no dia seguinte nos dirigirmos, em grupos, aos municípios do interior sergipano onde atuaríamos durante 45 dias. Eu e mais sete colegas estudantes de diferenciados cursos e faculdades paranaenses formávamos a equipe que permaneceria por todo esse período na cidade de Arauá, a 110 km da capital. Acostumados à vida urbana de centros maiores ali viveríamos os primeiros estranhamentos locais quando, hospedados num quarto sem janela - obedecendo ao padrão típico das casas do interior nordestino - do único hotel da cidade em que ainda não havia água

---

<sup>2</sup> Tendo surgido em 1966, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, o Projeto Rondon foi criado em 1967, com a missão de levar os universitários a conhecerem a realidade brasileira e a participar do processo de desenvolvimento das comunidades mais distantes. No período de 1967 a 1989, envolveu mais de 350 mil universitários de todas as regiões do país, tendo sido interrompido e retomado recentemente, em 2005, sendo coordenado atualmente pelo Ministério da Defesa contando com a colaboração da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação. Fonte: Ministério de Defesa. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/>

encanada, tivemos que escovar os dentes fazendo uso de um copo e tomar banho em banheiro público. Jovens cheios de entusiasmo e motivados pela aventura de “descobrir o Nordeste”, se por um lado estranhávamos tanta novidade, ainda ingênuos quanto ao nosso potencial e capacidade de trabalho sentíamos-nos valorizados pela população local curiosa e desejosa de que pudéssemos contribuir para o “desenvolvimento” da região.

Para completar aquela que havia sido minha primeira passagem por Aracaju, um namoro com o agrônomo cearense recém-chegado e responsável pelo escritório local da empresa estadual de Extensão Rural oportunizaria ligeiros passeios à capital e aos municípios vizinhos. Lembro-me da cidade pequenina e pitoresca cujos atrativos preenchiam os sonhos e as fantasias românticas da jovem curitibana então apaixonada. Depois do retorno ao Paraná, acolhida por uma família sergipana acabei por vir pelo menos mais duas ou três vezes a Aracaju, até casar-me e passar a residir na cidade em julho de 1976, quando fiz a grande ruptura da minha vida, deixando para trás família, emprego estável e amigos de toda uma infância e juventude.

Desde esse datado momento, já se vão mais de 30 anos permeados de inúmeras passagens cuja retrospectiva estritamente pessoal não caberia aqui alongar, exceto para dizer que durante esse período testemunhei a vinda de muitos migrantes que também para aqui vieram e se estabeleceram nas mais variadas circunstâncias. Na minha vivência em particular, acompanhei histórias similares de pessoas que chegaram por oferta de trabalho em áreas de formação ainda não existentes na Universidade local ou para assumir cargos em que haviam sido aprovados através de concurso público nacional. Na sua maioria eram nordestinos de outros estados ou procedentes de outras regiões, em geral homens jovens, solteiros senão casados, trazendo suas mulheres e filhos quando já os possuíam, quase sempre ansiosos por iniciar a vida profissional<sup>3</sup>.

Final da década de 70, início dos anos 80... Para aqueles que provinham de centros maiores, Aracaju era tida como uma cidade pequena, de reduzidas opções culturais e de lazer. Comigo muitos viriam a acompanhar as transformações da cidade e aqui permanecem até hoje. Outros, por razões de ordem diversa incluindo o que alegavam como dificuldades de adaptação, acabariam por retornar à terra natal ou migrar ainda para outros lugares.

---

<sup>3</sup> Ao ingressar em 1978 na Escola Técnica Federal de Sergipe (atualmente Centro Federal de Educação Tecnológica) onde trabalhei durante 20 anos, presenciei a admissão da maior parte dos professores de Educação Física procedente do Paraná. Também acompanhei mais tarde, por ocasião da construção do Porto de Sergipe, a vinda através da Petrobrás de muitos profissionais de fora.

No jogo dos que vinham e ficavam, partiam ou retornavam, e a partir da minha própria vivência pessoal – ao escolher ficar - duas coisas sempre instigaram minha atenção: de um lado, a migração nas suas particularidades, de outro, a fricção cultural dela advinda, considerado um cenário específico: a cidade de Aracaju.

Motivada pelo tema, na vastidão dos estudos migratórios, busquei fazer um recorte específico. Afinal ao longo desses anos, voz geral, tem crescido o número de pessoas de fora na cidade. No meu caso, o convívio particular e mais freqüente com profissionais do meio acadêmico universitário, através de eventos ou encontros informais e reuniões com novos amigos fizeram-me constatar o que vem se tornando freqüente. De repente, numa roda alguém resolve contar os “forasteiros” e via-de-regra o número se mostra expressivo e sobressai em relação aos “nativos”.

Foi assim que, na condição de professora substituta na Universidade Federal de Sergipe de 2003 a 2005 e mais recentemente, como aluna do Mestrado nessa Universidade e professora da Universidade Tiradentes, passei a observar empiricamente que as duas principais instituições de ensino superior do estado vinham atraindo muitos professores de outras regiões do país e mesmo do exterior. Procurei verificar o fato através de números os quais vim a obter junto às duas universidades quando, em meados de 2006, pude constatar: 51,5% e 42,5% dos professores, respectivamente, da universidade pública e privada, eram naturais de outros lugares que não Sergipe atestando que, em princípio, seriam migrantes “em potencial”.

Reconhecendo que o fato de haver nascido fora de Sergipe não define o migrante enquanto tal, mas também não dispondo de informação mais precisa, considerei os dados quantitativos obtidos como ponto de partida para verificação através da pesquisa<sup>4</sup>. Tais dados, assim considerados, apontavam para a população que viria a compor o objeto de estudo. Ciente de que a escolha restringiria as possibilidades de análise, resolvi pesquisar aqueles que me estavam mais próximos e mais acessíveis à investigação uma vez que, convenientemente, favoreciam as possibilidades metodológicas requeridas à execução da pesquisa.

Utilizando a analogia de Goffman<sup>5</sup>, dispunha do cenário – Aracaju - e contava também com os personagens-atores: professores universitários migrantes. Instigava-me não

---

<sup>4</sup> Importante lembrar que pela PNAD existem pelo menos três diferentes maneiras de identificar a origem do migrante: pela UF de nascimento; pela UF de residência anterior; pela UF de residência cinco anos antes. Assim, considerar, como faremos neste estudo, apenas o lugar de nascimento para caracterizar o indivíduo como migrante certamente não dá conta da amplitude dessa complexa categoria. Acreditamos que essa opção, sendo relevante no estudo dos processos migratórios propriamente ditos, não traz implicações para a análise que nos propomos a fazer.

<sup>5</sup> Goffman, 1985, p. 230-232.

apenas compreender que razões poderiam estar motivando essa migração, porém, mais que isso, analisar de que modo esses migrantes em particular vivem e convivem na cidade, como a representam no seu imaginário.

De minha parte, compartilhando da mesma comunidade de destino<sup>6</sup>, não poderia desconsiderar a minha própria vivência do processo de aculturação. Tendo a condição de estrangeira tatuada no biótipo físico volto, por exemplo, os olhos para os hábitos do dia-a-dia e constato como é bom tomar café com cuscuz ou tapioca feito pela minha filha sergipana que, por sua vez, adora pepino azedo em conserva da feira de Curitiba, que até hoje não chegou por aqui. Constato que incorporei o “Vixe Maria!”, em meio a um falar mais rápido e cantado que ainda hoje traz aos meus ouvidos a voz da minha mãe há mais de dez anos atrás dizendo: “- Credo! Barbaridade, Marisa! Você nem parece mais curitibana!”.

Por outro lado, guardo alguns estranhamentos dos tempos de outrora em que vivi a dificuldade de encontrar determinadas frutas, legumes e verduras nas feiras e supermercados locais, ou a completa escassez de produtos típicos de festas sazonais como Páscoa e Natal que, na época, me faziam tanta falta. E até hoje, embora muito sergipano me chame de “forrozeira”, acho graça ao ouvir alguém dizer “Feliz São João!”, como se fora “Feliz Natal!”. Enquanto isso, continuo tendo que soletrar meu sobrenome e responder àquelas usuais perguntas de quem é nativo: “- Você não é daqui, é?”. Ou de quem é de fora, muitas vezes acabando de chegar: “- Foi difícil se adaptar? Gosta mesmo daqui?”. E de uns e outros: “- Puxa! Você é de Curitiba? Como foi que você veio parar aqui? Não tem saudade da sua terra? Não pretende voltar para lá?”.

Num processo de aproximação e afastamento, mediado pelas relações entre pessoas e coisas que expressam a interação espaço-sociedade, observo como o movimento migratório contribui para alterar a fisionomia de uma cidade e os hábitos do seu povo, ainda que tais transformações venham sofrendo hoje influências muito mais intensas com a tão propalada globalização. E retomando o olhar sociológico que me coloca na condição de agente individual nos contextos referidos, não posso furtar-me a reconhecer que identidades pessoais não constituem uma realidade que possa ser abstraída de um mundo social. Ao

---

<sup>6</sup> Segundo Meihy (2005, p. 72) “comunidade de destino é o resultado de uma experiência que qualifica um grupo, dando-lhe princípios que orientam suas atitudes de maneira a configurar uma coletividade com base identitária”. Na introdução ao seu estudo sobre memória de velhos, Ecléa Bosi por sua vez comenta sua condição enquanto sujeito e objeto da pesquisa, lembrando Jacquel Loew para quem pertencer à mesma comunidade de destino “significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados” (BOSI, 1998, p. 38).

contrário, tomam forma, se constroem e reconstroem em relação a um determinado contexto e situação, o que as faz serem assim permanentemente “traduzidas”<sup>7</sup>.

Nessa dinâmica processual, duas dimensões se conjugam: a da cognição (no plano da razão) e a dos afetos (simbólica e imaginativa), de onde emerge a categoria central de análise no campo das ciências sociais: a das representações sociais que permeiam, conforme se percebe neste relato, o meu próprio discurso.

Pergunto: Afinal, o que significa esse mundo social para mim? Mas, especialmente: O que significa esse mundo social para os demais atores com os quais dele compartilho e aos quais posso observar, ou pelo menos provocar com meu questionamento?

Lembrando que a concepção que os atores fazem desse mundo para si constitui objeto essencial da pesquisa sociológica, entendo que aquele ao qual me refiro representa o “mundo da vida” a que se refere Schutz como sendo:

Toda a esfera de experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos<sup>8</sup>.

Nessa perspectiva, seria muito mais o mundo particular vivenciado e compartilhado ainda que através de um agrupamento abstrato<sup>9</sup>, no âmbito do que se considera fenomenologicamente como “província finita do significado”<sup>10</sup>.

Cenário e personagens-atores escolhidos, eis que me deparava com o risco de produzir de maneira coadjuvante o enredo a partir de um único olhar: o meu, na certeza de que o olhar ainda que acadêmico, ou seja, apoiado no conhecimento dito científico, constitui apenas um entre tantos olhares que se projetam sobre a realidade social<sup>11</sup>.

Nesse compasso percebi-me - de repente e a um só tempo - como sujeito e objeto do estudo que viria a empreender e, num movimento de vaivém, surpreendi-me por diversas vezes transitando entre a excessiva familiaridade e o meu próprio estranhamento. Isso fez com

---

<sup>7</sup> Nos termos de Robins (apud HALL, 2003, p. 87-89), pessoas “traduzidas” seriam aquelas “que foram dispersadas para sempre de sua terra natal (...) obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades”, caracterizando as chamadas “culturas híbridas”.

<sup>8</sup> Schutz, 1979, p. 16.

<sup>9</sup> Um agrupamento abstrato é construído no plano simbólico, segundo o que seus membros possuem em comum, ainda que individualmente não tenham consciência de constituí-lo. Vide a respeito: Strauss, 1999, p. 154-162. “aqueles que partilham conceitos partilham, com isso, o potencial de “algum dia, em algum lugar” formar um grupo com base nesses conceitos”

<sup>10</sup> Schutz, 1979, p. 248-249.

<sup>11</sup> Referindo-se a essa multiplicidade de olhares possíveis, Cunha justifica título de livro que organizou, lembrando Margaret Mead ao postular que “o antropólogo escreve e explica a expressão ‘de onde eu sento’, que indica a visão relativa do observador nas ciências sociais” (CUNHA, 2007, p. 24).

que me defrontasse com a tradicional problemática da Sociologia Clássica no que diz respeito à objetividade científica, de modo a considerar as lições de Weber ao postular que não há ciência sem pressupostos valorativos, uma vez que:

O conceito de cultura é um conceito de valor. A realidade empírica é ‘cultura’ para nós porque e na medida em que a relacionamos com idéias de valor. Ela abrange aqueles e somente aqueles componentes da realidade que através desta relação tornam-se significativos para nós. Uma parcela ínfima da realidade individual que observamos em cada caso é matizada pela ação do nosso interesse condicionado por essas idéias de valor, apenas ela tem significado para nós, precisamente porque revela relações tornadas importantes graças à sua vinculação a idéias de valor. Exatamente por isso, e na medida em que isso ocorre, interessa-nos conhecer a sua característica individual. Entretanto, o que se reveste de significado não poderá ser deduzido de um estudo ‘isento de pressupostos’ do empiricamente dado. Pelo contrário, é a comprovação desta significação que constitui a premissa para que algo se converta em objeto de análise<sup>12</sup>.

Daí porque Becker provavelmente tem razão ao dizer que “o trabalho que um sociólogo faz origina-se no contexto da totalidade de sua vida<sup>13</sup>”. Vi-me instada a reconhecer que o objeto de conhecimento social não existe como dado, mas é constituído através de procedimentos metódicos adotados pelo pesquisador, atestando, no dizer de Florestan Fernandes, que “o sujeito-investigador não procede de forma arbitrária ou ‘livre’, mesmo nas fases exploratórias da investigação<sup>14</sup>”.

Na tentativa de ordenar o caos da realidade social e, assim, captar um fenômeno singular sabendo que não conseguiria esgotar a sua significação<sup>15</sup>, senti que esse encaminhamento me conduzia a um recorte que poderia favorecer abordagens instigantes quanto à inserção e sociabilidades de um grupo especial de migrantes de classe média e, por conseqüência, sobre a identidade da cidade de Aracaju aos olhos dessa classe.

A questão que me interessava, portanto, não era a migração propriamente dita ainda que essa pudesse constituir pano de fundo necessário à minha abordagem, mas interessava-me muito mais compreender uma categoria particular de migrante na condição de estrangeiro no esforço ou não de se inserir na vida social local e, mais que isso, a sua própria representação sobre a cidade de acolhimento.

---

<sup>12</sup> Weber, 2001, p. 127.

<sup>13</sup> Becker, 1977, p. 11.

<sup>14</sup> Fernandes, 1972, p. 17.

<sup>15</sup> Conforme Simmel, o real é inesgotável e na pluralidade da vida há sempre uma nova perspectiva a ser olhada, de modo que a partir da interação singular se tenta entrar na teia do todo. Vide a respeito: Vandenbergue, 2005, p. 45-46 e 87-90.

Nesse aspecto, inspirava-me de certo modo na proposta de Flusser ao estudar o que chamou de a “Fenomenologia do Brasileiro”. Partindo da sua situação de intelectual brasileiro imigrado da Europa<sup>16</sup>, num exercício de distância e afastamento, produziu um ensaio que assim apresentou:

Vários setores da cena brasileira serão escolhidos sucessivamente, a fim de serem iluminados. A escolha será puramente subjetiva, no sentido de obedecer ao interesse e à vivência de quem escreve este ensaio. Mas está na dialética da coisa que a escolha subjetiva provoca a coisa para ser objetiva, isto é: coisa<sup>17</sup>.

Assim, ciente desde o início de que a subjetividade da minha escolha representava o risco de tangenciar permanentemente a via do senso comum, apresento o resultado do meu trabalho esperando ter conseguido inspirar-me também nas palavras de Serge Moscovici na sua assertiva de que “as teorias recentes consideram o senso comum como um protótipo dos fenômenos sociais em geral<sup>18</sup>”. Ou de Boaventura Sousa Santos para quem esse (o senso comum) quando “interpenetrado pelo conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade<sup>19</sup>”.

Reconhecendo, por fim e segundo esse último autor, que o senso comum produz-se colado às trajetórias e experiências de vida de um determinado grupo social e reproduz-se espontaneamente no devir cotidiano do mundo da vida de forma transparente e evidente, acredito como ele que na sua aparente superficialidade seja possível captar a profundidade das relações entre pessoas e entre pessoas e coisas<sup>20</sup>.

A tentativa aqui empreendida de produzir o diálogo entre ambos (senso comum e conhecimento científico) me leva, antes de prosseguir, a lembrar o desafio contido na frase de Santos:

A ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo<sup>21</sup>.

---

<sup>16</sup> O filósofo Vilém Flusser nasceu em Praga, na Tchecoslováquia, em 1920, de onde foi forçado a migrar, após a invasão nazista. Veio para o Brasil com a mulher em 1940, país onde nasceram seus três filhos e onde viveu até 1972 e que visitou regularmente até 1991, ano em que, nas proximidades da cidade onde nascera, veio a falecer em acidente de automóvel. Vide: Flusser, 1998.

<sup>17</sup> Flusser, 1998, p. 38.

<sup>18</sup> Moscovici, 2003, p. 10.

<sup>19</sup> Santos, 2003, p. 90.

<sup>20</sup> Santos, 2003, p. 88-92.

<sup>21</sup> Santos, 2003, p. 88-89.

Creio como ele que “A nudez total, que será sempre a de quem se vê no que vê, resultará das configurações de analogias que soubermos imaginar: afinal, o jogo pressupõe um palco, o palco exercita-se com um texto e o texto é a autobiografia do seu autor<sup>22</sup>”.

## 1.2 Construção e metodologia da pesquisa

Consideremos de um lado a realidade social que reconhecemos enquanto seres humanos na vivência do nosso cotidiano e, de outro, as múltiplas senão infinitas possibilidades de compreendê-la e explicá-la no campo da Teoria Social. Como nos ensina Weber, há que fazer escolhas, há que construir significantes e significados, uma vez que existe uma escala infinita de significações possíveis que variam no contexto histórico-cultural dominante em cada época, determinando o interesse pelo objeto de estudo segundo abordagens diferentes<sup>23</sup>.

A escolha do objeto de estudo – professores universitários migrantes em Aracaju – poderia apontar, portanto, para diferentes caminhos teórico-metodológicos, não fosse a problemática surgir no contexto da própria vivência da condição de migrante, conforme já explicitamos. Afinal o tema emerge, de um lado das minhas próprias impressões na experiência de conviver com “nativos” (moradores nascidos em Sergipe) e “estrangeiros” (migrantes estabelecidos em Aracaju, porém nascidos em outros locais fora do estado ou mesmo do país) ao longo de mais de trinta anos e, de outro, da vontade de tomar essa experiência como referência para um estudo à luz da teoria sociológica com olhar focado no grupo dos dito “estrangeiros”.

As primeiras reflexões, motivadas por essa experiência e vontade, desafiavam-nos a buscar desvelar o sentido de relações sociais específicas no contexto de uma cidade típica – Aracaju – e a partir das representações de uma categoria típica – professores universitários migrantes na cidade. Nesse aspecto, o grupo por nós selecionado constitui um agrupamento abstrato por entendermos que os indivíduos que dele fazem parte, ainda que não mediante um ato coletivamente coordenado e consciente, mas em verdade complexo e difuso,

---

<sup>22</sup> Santos, 2003, p. 73.

<sup>23</sup> Vide a respeito: Weber, 2001, especialmente p. 124-133.

compartilham uma vivência comum na qual consideramos ser possível adentrar, no plano simbólico, através da linguagem<sup>24</sup>.

Na dinâmica das relações entre biografias individuais e processos interativos próprios da vida em sociedade, é sabido que a linguagem adquire papel central no discurso das identidades pessoais, na medida em que é por meio dela que se atribuem valores a objetos através de operações de nomeação e classificação. Depreende-se, portanto, que os valores atribuídos não estão nos objetos propriamente ditos, mas na relação que estabelecemos com eles a partir da nossa própria avaliação<sup>25</sup>.

No contexto da pesquisa aqui empreendida, a cidade de Aracaju constitui o objeto considerado e, conforme a avaliação de cada migrante em particular, passível de convergências e divergências, uma vez que o processo de aculturação<sup>26</sup> é vivido mediante uma sucessão de desequilíbrios e acomodações sincrônica e diacronicamente diferenciados. Assim, enquanto muda a cidade, mudam seus habitantes, se complicam e complexificam os mundos de referência e afiliação<sup>27</sup>.

O preâmbulo e a descrição a seguir se fazem necessários para enfatizar o propósito deste estudo eminentemente exploratório, em que conjugamos métodos quantitativos e qualitativos, contando com 220 questionários respondidos e 10 entrevistas realizadas<sup>28</sup>, num total de cerca de 15 horas de gravação. A amostra intencional, segundo o critério da naturalidade, contemplou professores que se reconheceram na condição de migrantes, sendo 120 da Universidade Federal de Sergipe e 100 da Universidade Tiradentes, o que corresponde a 35,54% de um universo de 619 professores.

A Tabela 1 apresenta os números da amostra pesquisada, mediante a aplicação de questionários.

---

<sup>24</sup> A respeito de agrupamento abstrato, vide: Strauss, 1999, p. 154-162.

<sup>25</sup> Vide as abordagens de Schutz, referente à linguagem como meio social de orientação e interpretação (apud WAGNER, 1970, p. 96-120), e de Strauss (1999, p. 35-48), a respeito da importância fundamental da linguagem para a ação e identidade humanas.

<sup>26</sup> No âmbito dos processos sociais, a aculturação - entendida como “o processo pelo qual os indivíduos educados em determinada cultura, quando transferidos para outra, adotam os padrões de comportamento da segunda sociedade”, se confunde com assimilação que pressupõe um “processo de interpenetração e fusão” mais estreito. Nesse sentido, assimilar implica em se assemelhar, quando “pessoas e grupos adquirem as lembranças, os sentimentos e atitudes das outras pessoas ou grupos e, partilhando de suas experiências e de sua história, incorporam-se a eles numa vida cultural”. (OGBURN e NIMKOFF, 1984, p. 277).

<sup>27</sup> A polêmica distinção entre mundos de referência e afiliação no campo da Sociologia é discutida por Strauss, com ênfase no seu caráter simbólico, segundo múltiplas perspectivas (STRAUSS, 1999, p. 151-153).

<sup>28</sup> Os questionários foram aplicados em abril e maio de 2007. As entrevistas foram realizadas no período compreendido entre agosto de 2006 e dezembro de 2007. A identificação geral dos entrevistados, com nomes fictícios, consta no Apêndice A. Ao longo do trabalho, os mesmos serão identificados apenas pelo nome que lhes foi atribuído.

TABELA 1 - Questionários respondidos, segundo a instituição de atuação.

Instituição	Total de professores	Nascidos fora de Sergipe	%	Pesquisados	%
Universidade Tiradentes	687	292	42,50	100	34,25
Universidade Federal de Sergipe (*)	615	317	51,54	120	37,85
<b>Total</b>	<b>1.302</b>	<b>619</b>	<b>47,54</b>	<b>220</b>	<b>35,54</b>

Fonte: UNIT. Pró-Reitoria Acadêmica, março/2007. UFS. CPD, 2006.

(\*) Não inclui professores substitutos.

Mediante roteiro semi-estruturado, centrado no evento – migração para Aracaju – entrevista e questionário<sup>29</sup> incluíram os seguintes tópicos: identificação (naturalidade, sexo, idade, estado civil,...); migração e instalação (motivos, expectativas, primeiras impressões e experiências), inserção e sociabilidades (com nativos, com outros imigrantes, aspectos relativos à aculturação), ligação com “raízes” (laços com a terra natal), imaginário e representação (da cidade de acolhimento e da terra natal), avaliação e planos (expectativa e realidade, planos de permanência ou retorno).

Para aplicação do questionário, foi considerado o conjunto dos professores não naturais de Sergipe, sendo que 619 instrumentos foram encaminhados de maneira indireta via departamentos e órgãos de lotação funcional<sup>30</sup>. A escolha dos entrevistados por sua vez deu-se de modo intencional, “por conveniência”, procurando contemplar professores de diferente naturalidade residentes há pelo menos um ano em Aracaju sendo, aleatoriamente, homens ou mulheres, solteiros ou casados, com ou sem filhos.

Todas as entrevistas foram agendadas previamente de modo a garantir a disponibilidade dos entrevistados por um período não superior a duas horas, sendo realizadas em horário e local por eles escolhido, em geral a própria residência e poucas vezes o local de trabalho. Um único informante preferiu conceder a entrevista na casa da pesquisadora. Depois de esclarecer quanto aos objetivos e natureza do trabalho contamos com o aval de todos para a gravação, com a ressalva de que preservássemos o anonimato no relato final.

<sup>29</sup> Modelo nos Apêndices B e C.

<sup>30</sup> Não foi possível saber com precisão quantos dos 619 instrumentos encaminhados chegaram efetivamente aos destinatários, dado o encaminhamento ter sido feito via terceiros. É de se supor que o retorno em branco de aproximadamente % dos questionários ( na UFS e na UNIT) deva-se a duas razões: ou não foram entregues, ou os destinatários os devolveram em branco, talvez por não se incluírem na categoria migrante.

Embora tenham sido realizadas em pequeno número, as entrevistas constituíram rico momento de pesquisa, propiciando o encontro de duas pessoas partícipes de uma mesma comunidade de destino o que, ao nosso ver, favoreceu o clima de confiança, espontaneidade e franqueza, permitindo uma mais estreita relação entre pesquisadora e pesquisados. Partindo de informações mais gerais de identificação do entrevistado a proposta foi a de chegar, num crescendo, a aspectos mais particulares da sua percepção de mundo, através de opiniões e atitudes relativas ao seu próprio processo de migração, à sua inserção e relações sociais com os nativos ou com outros também estrangeiros em Aracaju. Perguntas objetivas e instigantes - *Como foi que você veio parar aqui? Já se enturmou? Aracaju é uma cidade hospitaleira?* - contribuíram na obtenção de relatos nas próprias palavras do entrevistado interessado em falar sobre suas experiências e livre para aprofundar os aspectos que desejasse, mediante “entrevista guiada<sup>31</sup>”.

Acreditamos que a narrativa obtida nos contatos pessoais favoreceu, no conjunto, uma análise substantiva sobre a vivência de um grupo determinado de migrantes na cidade de Aracaju, permitindo cotejar diferentes trajetórias de vida e nelas encontrar pontos em comum que procuramos analisar à luz da teoria sociológica. Mais que os motivos impulsionadores da migração das pessoas pesquisadas, buscamos compreender de que modo esse deslocamento repercutiu em cada uma delas. Cabe observar por fim que essa busca foi uma constante nas nossas relações cotidianas ao longo de pelo menos dois anos em que dedicamos maior atenção ao nosso objeto de pesquisa, fazendo da escuta uma necessidade permanente para os registros de campo cujo conteúdo permeia este trabalho.

Nosso caminho investigativo pautou-se, portanto, nas correntes da Sociologia que consideram a relevância do indivíduo como perspectiva legítima de investigação, resgatando a representatividade do sujeito narrador que constitui sua identidade no ato de narrar, demonstrando que “a vida social é construída na prática da narração e a narração adquire vida e sentido na vida social”<sup>32</sup>. Inspirada nos estudos multiculturais, nossa crença é de que vivemos numa narrativa, dando sentido à nossa própria história, num jogo permanente de reconstrução, em que o passado só existe em relação ao presente através do diálogo que estabelecemos com a sociedade na qual estamos inseridos e da forma pela qual nos inserimos. O propósito que nos guiou foi o de encontrar o indivíduo na trama das relações sociais,

---

<sup>31</sup> Nas palavras de Richardson, “a entrevista guiada permite, ao entrevistador, utilizar um guia de temas a ser explorado durante o transcurso da entrevista” e “é utilizada particularmente para descobrir que aspectos de determinada experiência produzem mudanças nas pessoas expostas a ela” (RICHARDSON, 1999, p. 212-219).

<sup>32</sup> Rapchan, 2001, p. 54.

capturando através da sua fala o processo de construção, desconstrução e reconstrução de identidades.

Exaustivamente estudada no campo das ciências sociais, a identidade a que nos referimos inspira-se nas considerações bastante elucidativas de Cunha:

Identidade é um termo que tem sido tradicionalmente usado para descrever ou interpretar o indivíduo, tal como ele se revela e se conhece ou como ele se vê representado em sua própria consciência. Enquanto que sob uma perspectiva psicológica, a identidade produz um sentido de ordem na vida do indivíduo, sob uma perspectiva sociológica ela situa o indivíduo em um grupo. Ambas as perspectivas se completam ao considerarmos que, para sabermos quem somos, temos que reconhecer a posição em que nos colocamos<sup>33</sup>.

Nesse contexto, a entrevista representou o encontro de duas subjetividades: a nossa, na condição de entrevistadora, e a do entrevistado. Se a este coube criar sua própria “gestalt”, dando significado às partes num conjunto de sua autoria, coube-nos recortar seu texto, reelaborá-lo e traduzi-lo para a forma escrita. Esse trabalho “artesanal” requereu cuidados metodológicos, de modo que a busca permanente da objetividade científica sugeria sempre que nos afastássemos do risco de confundir nossa própria experiência com a do sujeito pesquisado, sabendo que:

Para chegar à compreensão é necessário um conhecimento empático/simpático das atitudes, sentimentos, intenções, motivos do outro. (...) Isso é muito difícil, porque a empatia/simpatia comporta uma projeção (de si no outro) e uma identificação (do outro em si)<sup>34</sup>.

Assim, reconhecendo a complexidade da abordagem qualitativa que viríamos a fazer partindo de dados preponderantemente quantitativos, privilegiamos as palavras textuais referentes às perguntas abertas, protagonizando a construção das categorias mediante afinidades analógicas que explicitamos ao longo da análise, sempre que necessário.

Entendendo ter descrito suficientemente os procedimentos metodológicos que nortearam o trabalho, passamos a discorrer sobre a seqüência dos capítulos através dos quais percorremos um certo caminho investigativo. Iniciando por uma abordagem contextual e temática, em que procuramos esclarecer o caráter sociológico do estudo, buscamos, de forma mais extensiva, focar a análise no grupo pesquisado, intercambiando os resultados obtidos nos questionários e entrevistas.

---

<sup>33</sup> Cunha, 2007b, p. 34.

<sup>34</sup> Morin, p. 144.

### 1.3 Roteiro do trabalho

Levando em conta o cenário e os atores escolhidos para este estudo, julgamos relevante começar com o capítulo intitulado *Aracaju: cenário de migração no século XXI*, fazendo uma caracterização geral da cidade no contexto do novo padrão migratório que vem se definindo no Brasil e no mundo.

Com a desconcentração do processo de urbanização e alteração na origem-destino das migrações internas, tem se revelado uma tendência para o crescimento das cidades de médio porte, a exemplo do que vem ocorrendo com a capital do menor estado federativo, localizada no nordeste brasileiro e nascida a 153 anos de um movimento migratório. Consideramos na caracterização o modo como, numa mutualidade permanente, a cidade demandou e resultou em transformações através de novos fluxos migratórios, até destacar a relevância atual da migração qualificada em vários campos, especialmente no âmbito da expansão recente do ensino superior na cidade.

Feita essa contextualização inicial, passamos a uma ligeira discussão do fenômeno migratório como objeto de estudo sociológico, desde o surgimento da ciência da sociedade, enfatizando sua importância crescente para a ciência social contemporânea, muito especialmente com o advento da globalização. Enfatizando que, mais do que um fato, a migração constitui um processo que opera na dupla dimensão dialética – indivíduo e sociedade, ou seja, na perspectiva da construção social da realidade, a partir da intersubjetividade mediadora das interações sociais originadas do contato e do choque cultural, sugerimos alguns dos autores e teorias que compõem o pano de fundo do nosso cenário.

Os três capítulos subseqüentes constituem o corpo principal do trabalho, quando apresentamos os resultados da pesquisa por nós empreendida, perseguindo sempre a permuta entre empiria e teoria sociológica. Neles, procuramos dar conta do movimento diacrônico e sincrônico das vivências dos atores escolhidos, desde os motivos relativos à decisão de migrar, passando pelos estranhamentos na instalação e pelas estratégias de inserção social, até a sua própria percepção subjetiva quanto aos efeitos do deslocamento espacial.

Observamos que a seqüência da apresentação temática tem caráter tão somente didático, uma vez que muitas vezes, ao longo do texto, a análise tangenciará pelos demais tópicos, revelando a complexidade da dinâmica social e do objeto pesquisado.

Num primeiro momento – *O enredo dos atores: necessidade ou escolha?*- o professor migrante será apresentado a partir da sua desterritorialização da terra de origem, conforme o seu próprio enredo marcado por demandas estruturais e escolhas pessoais. Tomando-se as duas variáveis fundamentais - trabalho e qualidade de vida, buscamos captar de que modo especialmente ambas interferem na escolha e decisão de migrar, segundo mediações de ordem emocional, seja no plano mais pessoal, familiar e profissional.

Desterritorializado e, portanto, deslocado o professor migrante, analisamos no terceiro capítulo – *Aracaju estranhada: representações plurais* - como se constrói a sua condição de estrangeiro na cidade de Aracaju e, principalmente, como essa condição se manifesta nos seus estranhamentos com relação à cidade e povo nativo. Constatando que há estranhamentos comuns a todos como cidadãos da cidade, logramos ter encontrado alguns estranhamentos muito próprios da categoria - elite acadêmica, relativos à cultura e sociabilidades. Caracterizando o papel do intelectual, e o modo como se coloca nas relações com a cidade, provavelmente mais crítico que outros tantos migrantes, buscamos explicar de que modo essa diferença afeta suas sociabilidades desde a decisão de vir, a chegada, a instalação e a permanência, sempre na provisoriedade da possibilidade de escolher.

Considerados os estranhamentos e as dificuldades de inserção social deles decorrentes, encerramos o trabalho com a seção intitulada: *Professores migrantes: fazendo de Aracaju o seu lugar* - por analisar como o migrante territorializa o lugar de modo a poder se identificar com ele. Referimo-nos às estratégias de aculturação e suas implicações na transformação das identidades sociais – cada vez mais híbridas, discutindo o conteúdo ambivalente da relação de novos moradores com a cidade que adotaram para viver.

## 2 ARACAJU: CENÁRIO DE MIGRAÇÃO NO SÉCULO XXI

Sergipe acolhe 220 mil imigrantes – Estado é o primeiro do Nordeste em número de habitantes oriundos de outras unidades da federação<sup>1</sup>.

Com base nos resultados do PNAD<sup>2</sup>/2006, a matéria referente à manchete em epígrafe, publicada em setembro de 2006 num jornal local de Aracaju, revelava a presença expressiva da migração, inclusive estrangeira, o que representaria na época 11,2% da população total do estado de Sergipe.

Num país em que mais da metade da população não mora no município onde nasceu<sup>3</sup>, esse número ainda que inédito no estado poderia ser pouco relevante, não fosse por caracterizar uma notória transformação no padrão migratório brasileiro, entendido como

O modo como se dá a articulação entre as trajetórias migratórias e o contexto histórico no qual elas estão estruturadas para atender as necessidades da dinâmica demográfica, econômica, social e política<sup>4</sup>.

É o que atestam aqueles que vêm se dedicando aos estudos no campo da migração, estudos esses que têm crescido em número e importância<sup>5</sup>.

Abstendo-nos de considerar aqui as implicações desse novo padrão no campo das relações internacionais, em que se configura a intensificação recente de trajetórias migratórias de brasileiros para o exterior, objeto de interesse particular de alguns autores<sup>6</sup>, deteremos

<sup>1</sup> Garcia, 2006.

<sup>2</sup> Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio.

<sup>3</sup> Estudos apontam que quase um terço da população brasileira vive em município diferente do de nascimento (PEREIRA, 2000, apud SABBADINI e AZZONI, 2006) e quase 20% em um estado diferente do natal (SANTOS JÚNIOR, 2002, apud SABBADINI e AZZONI, 2006).

<sup>4</sup> Brito, 2000, p. 36.

<sup>5</sup> No Brasil, merece destaque a Associação Brasileira de Estudos Populacionais, criada em 1977, que reúne estudiosos da população buscando favorecer o intercâmbio científico na área de demografia e o conhecimento da realidade demográfica nacional. A entidade promove o Encontro Nacional sobre Migrações e o Encontro Nacional de Estudos Populacionais, de forma intercalada, a cada dois anos. Vide a respeito o *site* da Associação ([www.abep.org.br](http://www.abep.org.br)), onde é disponibilizado vasto número de publicações, incluindo a Revista Brasileira de Estudos de População e os Anais dos Encontros com os trabalhos apresentados. Igual relevo pode ser atribuído a instituições como o Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/UNICAMP), o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM-RJ) e o Centro de Estudos Migratórios, que publica a Revista Travessia, de periodicidade quadrimestral, desde 1988.

<sup>6</sup> Considerado durante quase um século como país de recepção de imigrantes estrangeiros, a emigração nacional, sobretudo para países dos EUA, passou a chamar a atenção dos pesquisadores em meados dos anos 80, na chamada “década perdida”, estimando-se que 1,9 milhões de brasileiros (mais de 1% de um total de 170 milhões) vivam hoje fora do país (SALES, 2005). Em meio a muitos autores que vêm estudando o assunto, podemos citar: Sales (1999), Ramos (2003), Assis (1999; 2004), Meihy (2004), DeBiaggi (2004).

nossa atenção no âmbito das migrações internas a partir das transformações recentes do fenômeno da urbanização no mundo, sobretudo no continente latino-americano, de modo a situar o Brasil, nele a Região Nordeste, o estado de Sergipe e, por fim, Aracaju.

## 2.1. O novo padrão migratório brasileiro

Estudos recentes têm apontado alterações relevantes no padrão migratório mundial. Relatório lançado em junho de 2007 pelo Fundo de População das Nações Unidas afirma que, ao longo dos próximos 30 anos, a população das cidades africanas e asiáticas dobrará, com um acréscimo de 1,7 bilhão de pessoas - mais do que as populações da China e dos Estados Unidos juntas - e que, a partir de 2008, mais da metade dos atuais 6,7 bilhões de habitantes do planeta viverá nas cidades. O relatório ainda alerta que embora as mega-cidades (com mais de 10 milhões de habitantes) continuem a crescer, a maioria das pessoas tenderá a viver nas cidades de 500.000 habitantes ou menos. Nesse aspecto, a urbanização mundial constitui fenômeno irreversível prevendo-se que, até 2030, a população urbana aumentará para 5 bilhões, representando 60% da população do mundo. Globalmente, todo o crescimento futuro da população ocorrerá nas cidades, quase todo na Ásia, na África e na América Latina<sup>7</sup>.

Outros trabalhos enfatizam o fenômeno especificamente na América Latina, constatando que sua população urbana saltou de 69 milhões para 391 milhões entre 1950 e 2000, sendo que nos últimos 30 anos essa proporção passou de 57,4% a 75,5%. Dados de 2006 registram que América Latina e Caribe constituem as regiões mais urbanizadas do mundo em desenvolvimento, sendo que três em cada quatro latino-americanos e caribenhos residem em localidades urbanas, e um em cada três, em cidades com mais de um milhão de habitantes, representando parte dos 60% que habitam em cidades de mais de 20 mil pessoas, o que demonstra que as cidades de tamanho médio vêm tendo crescimento mais acelerado<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> O Relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), sob o título “Situação da população mundial 2007: desencadeando o potencial do crescimento urbano”, alerta que a velocidade e a escala do crescimento urbano exigirão uma ‘revolução do pensamento’. Disponível em: [http://www.unfpa.org.br/relatorio2007/swp\\_pressrelease.htm](http://www.unfpa.org.br/relatorio2007/swp_pressrelease.htm).

<sup>8</sup> Migración interna muestra signos de transformación. Temas de población y desarrollo. CELADE – División de Población de la CEPAL, Número 6, 2006. Disponível em: [www.eclac.cl/ceclade/noticias/noticias/4/26404/PyDMI\\_6.pdf](http://www.eclac.cl/ceclade/noticias/noticias/4/26404/PyDMI_6.pdf). Vale conferir as palestras realizadas durante o taller nacional sobre “Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas”, realizado no Brasil em 30 de abril de 2007, ocorrido também no Chile e México, organizado por la Comisión Económica para América Latina y el Caribe, CELADE – División de Población, com el apoyo y auspicio Del Banco Interamericano de Desarrollo (BID). Vide programação em: [www.eclac.org/ceclade/agenda/6/27086/AgendaBrasil.pdf](http://www.eclac.org/ceclade/agenda/6/27086/AgendaBrasil.pdf)

Entendendo que tais transformações se devem cada vez menos ao crescimento vegetativo da população, e cada vez mais ao movimento das migrações internas que caracteriza o novo padrão migratório, é possível encontrar aí uma certa revolução nos padrões de comportamento social. Referindo-se, por exemplo, à tendência atual da população em se deslocar para centros urbanos menores o que justifica, citando as facilidades de comunicação via Internet que vêm viabilizando condições de trabalho em qualquer lugar onde se possa dialogar com o mundo, o sociólogo Domenico de Masi faz o seu prognóstico: “Calcula-se que, entre os anos 2000 e 2015, o número de residentes em cidades com menos de 500 mil habitantes crescerá 23%<sup>9</sup>”.

Nesse contexto, a recente transformação do padrão migratório brasileiro que parece afetar a capital de Sergipe, cujo índice de urbanização tem se mostrado sintomaticamente crescente, nos parece emblemática<sup>10</sup>. Conforme ponderam Brito e Marques:

A grande novidade no caso brasileiro, semelhante a alguns outros países em desenvolvimento, foi a velocidade do processo de urbanização, muito superior à dos países capitalistas mais avançados. Somente, na segunda metade do século XX, a população urbana passou de 19 milhões para 138 milhões, multiplicando-se 7,3 vezes, com uma taxa média anual de crescimento de 4,1%. Ou seja, a cada ano, em média, nessa última metade de século, 2.378.291 habitantes eram acrescentados à população urbana<sup>11</sup>.

Sem deixar de enfatizar o que chamam da “irreversível hegemonia do urbano”, os mesmos autores assim analisam as novas configurações dos grandes aglomerados urbanos:

A redução da sua participação relativa no total da população urbana, resultante do redirecionamento de parte das migrações internas, depois de 1980, para as cidades médias não metropolitanas, abrem perspectivas para novas territorialidades, espaços sociais que se integraram ao novo padrão migratório da sociedade brasileira<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> De Masi, 2006.

<sup>10</sup> Em estudo realizado no início do século, cuja hipótese central do estudo foi a de que as tendências da urbanização brasileira e o sistema urbano do país incorporam as transformações espaciais da economia, Motta e Ajara (2001) apresentaram a hierarquia da rede urbana, incluindo os sistemas urbano-regionais e as aglomerações urbanas do Brasil que, num total de 49, são classificadas segundo as seguintes categorias: metrópoles globais, metrópoles nacionais, metrópoles regionais, centros regionais e centros sub-regionais - 1 e 2. No período 1991-96, todas apresentaram taxas de crescimento da população total acima da média nacional (1,36%). Entre elas, Aracaju, na categoria de centro regional, alcançou a taxa de 2,7 %, ao lado de outras aglomerações que chegaram a alcançar taxas três a quatro vezes maiores que a nacional, a exemplo de Macapá (5,8%). Segundo os autores, a conformação da rede urbana brasileira vem se definindo sob a forma de eixos de desenvolvimento, o que pode privilegiar espaços dinâmicos e desconhecer áreas de baixo dinamismo ou estagnadas economicamente, acentuando tendências de concentração da população nas aglomerações urbanas do país, agravando problemas sociais, urbanos e ambientais. Vide: Motta e Ajara, 2001.

<sup>11</sup> Brito e Marques, 2006, p. 3.

<sup>12</sup> Brito e Marques, 2006, p. 13. Lembramos que, no campo demográfico, são consideradas cidades médias aquelas com população de 100 a 500 mil habitantes.

A análise dos autores citados se coaduna com igual análise feita por uma plêiade de estudiosos da migração que vem considerando a nova performance na distribuição espacial da população brasileira, iniciada nos anos 80 do século XX, mas intensificada especialmente na passagem deste século. A especificidade da urbanização que se dera no Brasil de modo associado à metropolização começa a adquirir novos contornos, delineando a chamada “interiorização das aglomerações urbanas<sup>13</sup>”, com a diversificação dos fluxos migratórios destinando-se à periferia das grandes metrópoles ou a cidades de porte médio mais atrativas, sejam elas capitais estaduais ou não.

Contribuindo para fazer acontecer o acelerado processo de urbanização que durante muito tempo atraiu a população campesina para as cidades, os brasileiros acostumaram-se a associar a mobilidade social à mobilidade espacial, até que a agudização das desigualdades - através do esgotamento dos recursos urbanos e a falta de expansão das políticas públicas, produziu novo direcionamento dos fluxos migratórios. E a migração que até o início dos anos 70 do século XX se fazia do campo para a cidade cedeu ante a migração que passou a se fazer entre cidades, refletindo as transformações na economia, nas relações de trabalho e as novas configurações espaciais, através de deslocamentos em contextos regionais cada vez menores, de curta distância<sup>14</sup>.

Embora a base de migrantes, em potencial, contida no contingente populacional do Brasil, tenha aumentado de 135,8 milhões de habitantes em 1986, para 149,1 e 158,9 milhões, respectivamente, em 1995 e 1999, o número de migrantes inter-regionais através de deslocamentos de grandes distâncias vem proporcionalmente se reduzindo, ainda que em números absolutos um número maior de pessoas declare ter mudado de estado pelo menos uma vez, em cada década do século passado: 9,5 milhões no período de 1970-1980, 10,6 milhões entre 1981-1991 e 12,5 milhões nos anos 90<sup>15</sup>.

No balanço das trocas inter-regionais, começa a se tornar notória a mudança de performance, quando as migrações tradicionais do Nordeste para o Sudeste dão lugar a uma migração “inesperada” do Sudeste para o Nordeste. Segundo Hakkert e Martine,

---

<sup>13</sup> Baeninger (2004, p. 5) atribui tal denominação ao fenômeno que acompanha a redução do crescimento populacional das metrópoles nacionais nos últimos trinta anos, quando se registra a formação de novas aglomerações urbanas de caráter metropolitano e não-metropolitano.

<sup>14</sup> Vide análise a respeito em Baeninger, 2005, p. 35-39.

<sup>15</sup> Baeninger, 2005, p. 35.

O fluxo de migrantes (em parte, de retorno) do Sudeste para o Nordeste era o segundo fluxo migratório inter-regional mais importante do período de 1995-2000, superado apenas pelo fluxo no sentido contrário<sup>16</sup>.

Nesse sentido, embora pareça que um grande número de pessoas naturais de outras regiões, muito especialmente do Sudeste, venha optando por residir no Nordeste, o conceito de migrante para os censos do IBGE, entendido como a pessoa residente em outra unidade da federação (UF) cinco anos antes do levantamento, implica em considerar que os fluxos migratórios inter-regionais incluem também a migração de retorno que parece vir se acentuando quando se trata de deixar São Paulo para voltar ao Nordeste. Calcula-se que ainda no século passado a migração de retorno saltou de 1,1 milhão de pessoas nos anos 70 para 3,8 milhões nos anos 90<sup>17</sup>.

A Tabela 2 nos permite verificar como vem se operando a transformação nos saldos migratórios<sup>18</sup> desde 1986, obtidos através das trocas de entrada e saída populacional nas diferentes regiões brasileiras. É possível constatar uma relevante alteração na tendência para saldos positivos na Região Nordeste em relação à negatização do saldo na Região Sudeste.

---

<sup>16</sup> Hakkert e Martine, 2007, p. 5.

<sup>17</sup> Baeninger, 2005, p. 38.

<sup>18</sup> Componente muito importante da dinâmica demográfica e no estudo das migrações. Uma região com saldo migratório positivo é aquela que, no período considerado, obteve ganho populacional devido à migração. Se o saldo for negativo, teve perda populacional.

TABELA 2 - Saldos migratórios internos na migração inter-regional.  
1986-1991, 1995-2000 e 1999-2004.

Regiões	Saldos migratórios internos		
	1986-1991	1995-2000	1999-2004
<b>Norte</b>	131.224	62.691	63.741
<b>Nordeste</b>	-876.534	-764.048	-86.587
<b>Sudeste</b>	640.128	458.587	-215.236
<b>Sul</b>	-185.370	-19.200	34.586
<b>Centro-Oeste</b>	290.553	261.970	203.496

Fontes: Dados para 1986-91 de Oliveira e Simões, 2004. Dados para 1995-2000 e 1999-2004 obtidos de: IBGE, Censo Demográfico 2000 e PNAD 2004.

Fonte da Tabela: Hakkert e Martine, 2007, p. 7.

Tendo em vista nosso interesse para o presente estudo, cabe ressaltar que embora a Região Nordeste apresente, nos dois primeiros períodos, expressivo saldo negativo, os estados do Rio Grande do Norte e Sergipe foram os únicos que, no período compreendido entre 1986 e 2000, não seguiram o comportamento da região, apresentando saldos positivos de 4.033 e 15.562 migrantes, respectivamente.

Na Tabela 3, apresentada a seguir, é possível verificar a variação estado por estado, com destaque para Sergipe que ocupa o 5º lugar em saldos migratórios positivos, no período de 1999 a 2004, depois da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

TABELA 3 - Saldos migratórios internos das UF, 1995-2000 e 1999-2004.

<b>Unidade da Federação</b>	<b>1995-2000</b>	<b>1999-2004</b>
<b>Rondônia</b>	10.591	-6.193
<b>Acre</b>	-2.434	1.565
<b>Amazonas</b>	30.968	11.073
<b>Roraima</b>	33.370	25.059
<b>Pará</b>	-52.190	47.685
<b>Amapá</b>	29.469	14.244
<b>Tocantins</b>	12.917	-29.692
<b>Maranhão</b>	-173.650	-77.092
<b>Piauí</b>	-52.079	5.694
<b>Ceará</b>	-23.783	21.106
<b>Rio Grande do Norte</b>	6.631	36.210
<b>Paraíba</b>	-61.480	42.471
<b>Pernambuco</b>	-115.417	-24.936
<b>Alagoas</b>	-71.982	-4.350
<b>Sergipe</b>	-4.822	2.585
<b>Bahia</b>	-267.466	-88.275
<b>Minas Gerais</b>	39.122	30.978
<b>Espírito Santo</b>	34.003	-1.537
<b>Rio de Janeiro</b>	45.537	-89.617
<b>São Paulo</b>	339.925	-155.132
<b>Paraná</b>	-39.690	-10.704
<b>Santa Catarina</b>	59.986	75.019
<b>Rio Grande do Sul</b>	-39.496	-29.729
<b>Mato Grosso do Sul</b>	-11.029	-7.200
<b>Mato Grosso</b>	42.571	111.680
<b>Goiás</b>	202.804	146.997
<b>Distrito Federal</b>	27.624	-47.909

Fonte: Calculado com base nos micro-dados da PNAD 2004.

Fonte da Tabela: Hakkert e Martine, 2007, p. 11.

Os saldos migratórios apresentados na Tabela 3 apontam para os fluxos migratórios intra-regionais, objeto da análise de Baeninger ao afirmar:

Quanto à Região Nordeste, quase a metade da imigração registrada no Piauí, no Ceará, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco e Alagoas tem como origem estados da mesma região. O maior destaque é Sergipe, estado em que 60% dos imigrantes vêm do próprio nordeste, indicando que seu poder de recuperação populacional vincula-se ao contexto regional. Por outro lado, mais de 80% do volume de emigração dos estados nordestinos direcionam-se a outras regiões do país. A exceção é Sergipe, já que 42% de seus emigrantes destinam-se a outros estados da região. No Nordeste, portanto, os estados perdem população principalmente para estados de outras regiões, mas é possível identificar, no interior da própria região, áreas de absorção de migrantes, como Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia, que apresentam trocas populacionais intra-regionais positivas<sup>19</sup>.

Ainda assim, os volumes e fluxos estabelecidos nas intensas trocas entre Pernambuco e Paraíba e Alagoas e Pernambuco, na migração do Piauí para o Maranhão, da Bahia para Sergipe, de Pernambuco para Bahia, do Piauí para Ceará etc., mostram que não é possível estabelecer com muita propriedade qual ou quais os principais estados de atração demográfica de região, muito embora alguns estados como Pernambuco e Maranhão pareçam constituir áreas de evasão, enquanto Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia e Sergipe, de atração regional. No período de 1991 a 2000, por exemplo, Sergipe apresentou a maior taxa média geométrica de incremento anual da população residente (2,03%) em relação a todos os estados da Região Nordeste, cuja taxa média foi de 1,31%<sup>20</sup>. A migração de retorno não pode ser desconsiderada nesse crescimento. De 1999 a 2004, o estado de Sergipe registrou uma migração total de 45.843 pessoas, sendo que a migração de retorno em números absolutos foi de 18.072 pessoas, correspondendo a 39,4% do total de migrantes.

Os números indicam que o processo de urbanização no Brasil, iniciado em meados do século XX, vai adquirindo nova conformação a partir dos anos 80 do mesmo século, quando tem início a mudança do seu padrão migratório.

De um lado, as crises de recessão econômica vão obrigar pela vez primeira levas de brasileiros a emigrarem para o estrangeiro<sup>21</sup>, enquanto a maior metrópole do país, ainda que continue constituindo destino primaz das migrações internas, passa a perder população para os municípios metropolitanos periféricos, para o interior e para os demais estados do

---

<sup>19</sup> Baeninger, 2005, p. 39.

<sup>20</sup> Taxas dos demais estados da região: Maranhão (1,54%), Piauí (1,09%), Ceará (1,75%), Rio Grande do Norte (1,58%), Paraíba (0,82%), Pernambuco (1,19%), Alagoas (1,31%) e Bahia (1,09%). Vide tabela com todos as taxas de todos os estados brasileiros em Oliveira, 2005, p. 33.

<sup>21</sup> A esse respeito, vide: Sales e Baeninger (2000, p. 33-44) e Sales (2005, p. 40-44).

Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Nesse aspecto, a redistribuição espacial da população brasileira vai trazer como destaque a migração intermunicipal, nem sempre qualificada pelos levantamentos do IBGE, focados na migração a partir das unidades federativas.

De outro lado, considerando que os grandes centros urbanos passam a não mais comportar o aumento do volume de pessoas, a “cultura migratória” do brasileiro vai levá-lo a se dirigir primeiro a municípios vizinhos e depois a municípios mais distantes, desde que promissores, de modo que outras áreas começam a desenvolver o seu potencial produtivo, tornando-se áreas de atração populacional. Esse fenômeno relevante pode ser observado na Região Nordeste, cuja sangria populacional histórica traz novidades a partir da década de 90. Conforme Patarra: “A rede urbana do Nordeste passou por um processo de adensamento populacional, incorporando 263 novas localidades urbanas de mais de 20.000 habitantes no conjunto existente entre 1960 e 1996<sup>22</sup>”.

Municípios que, entre 1986–1991 eram preponderantemente área de emigração, em 1995–2000 passam a ser áreas de ganho líquido populacional. É o caso daqueles municípios com população entre 50 mil e 100 mil habitantes e entre 100 mil e 500 mil habitantes. Segundo Oliveira:

São estas duas classes as que congregam os municípios que mais cresceram no Brasil entre os dois últimos Censos. Nessa faixa de municípios médios – chamemo-los assim – encontram-se principalmente aqueles que lideram determinadas aglomerações urbanas, assim como municípios de periferias novas das regiões metropolitanas. (...). Outros são capitais de estados da Região ou são municípios situados nas circunvizinhanças dessas capitais<sup>23</sup>.

Oliveira cita como exemplo o município de Nossa Senhora do Socorro, em Sergipe. De fato, é notório o progressivo incremento da população desse município, no contexto dos demais municípios que fazem parte da Grande-Aracaju<sup>24</sup>, desde os anos 80 do século passado, como é possível constatar na Tabela 4.

---

<sup>22</sup> Patarra, 2005, p. 59.

<sup>23</sup> Oliveira, 2005, p. 35.

<sup>24</sup> Grande-Aracaju constitui a denominação mais usual à microrregião de Aracaju e compreende os municípios de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão.

TABELA 4 - População residente – Grande Aracaju – 1980-2007.

Município	1980	1991	2000	2007*	Varição absoluta 1980-2007	Varição relativa 1980-2007
Aracaju	293.119	402.341	461.534	520.207	227.076	77,47
Barra dos Coqueiros	7.952	12.727	17.807	19.218	11.279	142,07
Nossa Senhora do Socorro	13.710	67.574	131.679	148.325	134.637	983,61
São Cristóvão	24.129	47.558	64.647	71.931	47.797	198,05
<b>Total</b>	<b>338.910</b>	<b>530.200</b>	<b>675.667</b>	<b>759.681</b>	<b>420.771</b>	<b>124,15</b>

\* Estimativas

Fontes: IBGE. Censos Demográficos, 1980, 1991 e 2000. Contagem da População, 2007.

#### Conforme Oliveira:

Em Sergipe, as manchas de crescimento populacional estão no Litoral, principalmente, em Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão e, no interior, em algumas áreas do Sertão do São Francisco onde existe agricultura irrigada, como é o caso do projeto de Poço Redondo, nos limites com Alagoas<sup>25</sup>.

Nesse novo movimento, como se vê, a urbanização se amplia de modo a atingir áreas periféricas, constituindo as chamadas grandes áreas metropolitanas, mas também se difunde fazendo crescer outras cidades<sup>26</sup>. A chamada periferização das metrópoles, quando os municípios no entorno passam a registrar taxas de crescimento maiores em relação ao núcleo central, não deixa de expressar o empobrecimento da população em geral, especialmente quando se refere ao Nordeste, cujos indicadores sociais de renda, alfabetização e acesso aos serviços urbanos se apresentam como os mais críticos de toda a rede urbana nacional.

O fenômeno é explicado por Baeninger como a “desconcentração polarizada da urbanização” em que, somando as redes metropolitanas antigas e recentes aos aglomerados urbanos não-metropolitanos, há uma população total que chega a representar 62% da

<sup>25</sup> Oliveira, 2005, p. 36-37.

<sup>26</sup> Estudo do IPEA/NESUR-IE/UNICAMP/IBGE identificou 13 metrópoles nacionais, incluindo além das nove regiões metropolitanas tradicionais (Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre), mais quatro aglomerados metropolitanos recentes: Vitória, Florianópolis, Entorno de Brasília e Natal. (p. 5-6).

população urbana nacional no ano 2000<sup>27</sup>. Esses aglomerados urbanos não-metropolitanos, segundo o IBGE, correspondem a 11 aglomerações sediadas por capitais estaduais e outras 24 aglomerações localizadas em áreas interioranas. No caso dos aglomerados urbanos de capitais, nota-se taxas de crescimento superiores (4,7% a.a, nos anos 80, e 2,9% a.a., nos 90) às verificadas para as aglomerações urbanas do interior (2,5% a.a. e 2,0% a.a., respectivamente). Nesse meio, dada a proximidade com duas metrópoles tradicionais (Recife e Salvador), Aracaju consta como aglomerado urbano não-metropolitano, ao lado de João Pessoa e Teresina.

No contexto da redistribuição espacial, o fenômeno migratório passa a apresentar outras facetas, através de migrações inter-regionais, intra-regionais, sazonais e pendulares, quando parece que ganham importância análises qualitativas que dêem conta de explicar mais do que o fenômeno puramente demográfico como reflexo de reestruturação econômica, os processos sociais que lhe são inerentes, compondo um novo mosaico de interações sociais<sup>28</sup>.

Nessa perspectiva, Baeninger associa os novos deslocamentos aos mecanismos de desencaixe da modernidade radicalizada, conforme Giddens<sup>29</sup>, às novas territorialidades no contexto de uma sociedade de riscos, cuja característica de destaque reside nos sistemas peritos<sup>30</sup>. E ilustra, por exemplo, com a facilidade de transporte que contribui para a formação dessas territorialidades, impondo desafios para a gestão de novos espaços, de modo a contemplar também novas configurações devidas às migrações pendulares: casa-escola, casa-trabalho, casa-compras, casa-lazer. Baeninger identifica aí o fenômeno da conurbação a intensificar as ligações funcionais entre cidades e periferia. Espaços compartilhados da sociedade de risco passam a demandar arranjos institucionais que contemplem as novas territorialidades. A questão emergente é: - Quais os riscos de se migrar numa sociedade de risco?

---

<sup>27</sup> Considerando a definição sociológica de área metropolitana que implica numa complexa interação entre os espaços que a compõem e uma intensa circulação de capital e população, Baeninger (2004) caracteriza o fenômeno (“desconcentração polarizada da urbanização”), em que se redefine a rede urbana a partir de novos recortes associados ao espraiamento populacional, distinguindo configurações urbano-metropolitanas recentes das antigas metrópoles.

<sup>28</sup> Brito (2000) considera migrações não como fenômeno demográfico, mas como processo social, ao lembrar que não é um indivíduo que migra, mas conjuntos de indivíduos.

<sup>29</sup> Giddens, 1991.

<sup>30</sup> Giddens, apud Baeninger, 2004.

Como se viu, o descolamento da mobilidade espacial como promessa de mobilidade social dá novo sentido à ação de quem decide migrar. Conforme Brito:

A tradição migratória não desapareceu, até porque as características de grande parte da sociedade brasileira não se alteraram, e a rigidez da estrutura social ainda impõe a migração como a única alternativa para se “melhorar de vida” ou “ascender socialmente”. Entretanto, a ampliação das telecomunicações, hoje mais abrangente do que antes, assim como as redes de interação social, têm tido um efeito contrário: as grandes virtudes das grandes cidades desapareceram diante da violência urbana, do desemprego, das dificuldades de acesso aos serviços públicos básicos e à moradia. As externalidades positivas das grandes cidades, das regiões metropolitanas, em particular, que tanto atraíam os migrantes, foram superadas pelas externalidades negativas, comprometendo a “ilusão migratória”<sup>31</sup>.

É o que Brito chama de “avesso da ilusão migratória”, cuja evidência mais sintomática se expressa nas migrações de retorno e na alteração dos saldos migratórios. Assim, pode-se dizer que as crises vivenciadas pelo brasileiro a partir dos anos 80 não resultaram no desaparecimento da tradição migratória, mas no progressivo descolamento da mobilidade espacial e social, mediante um mercado de trabalho cada vez mais excludente. Ou seja, nem sempre migrar traz bom resultado. Está caracterizado o novo padrão, em que se impõe novo conteúdo à migração, ainda que se verifique a força da inércia nas trajetórias que insistem em se fazer na mesma direção. Afinal, a Síntese dos Indicadores Sociais 2007, divulgada recentemente pelo IBGE, mostra que, de 1996 a 2006, o Sudeste continua a ser o maior pólo de atração dos emigrantes de todas as regiões brasileiras, inclusive dos nordestinos, uma vez que 67,5% se dirigiram para esta região<sup>32</sup>.

De qualquer modo, considerando a redução do incremento vegetativo (com a adoção das práticas de controle da natalidade) cada vez mais superado por aquele advindo da migração, as grandes metrópoles passam a registrar crescimentos declinantes, sofrendo uma progressiva sangria populacional devido à falta de oportunidades de emprego e à precariedade das condições de vida dos seus habitantes. A conurbação, ampliando a dimensão territorial ao reunir num conjunto unitário municípios circunvizinhos, e o fenômeno da “rururbanização”, em que as pessoas passam a morar no entorno embora trabalhem na metrópole, transformam o cotidiano das grandes cidades.

É no contexto desse novo padrão migratório que acabamos de descrever que se enquadra a cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe, situada na Região Nordeste do Brasil, cujos índices de crescimento, já referidos, vêm sendo cada vez mais expressivos,

---

<sup>31</sup> Brito, 2000, p. 38-39.

<sup>32</sup> IBGE. Síntese dos Indicadores Sociais 2007.

especialmente quando se leva em conta os municípios circunvizinhos que formam a Grande-Aracaju. De reduzida dimensão territorial – é o menor estado do país, os ganhos populacionais de Sergipe adquirem destaque e se expressam na metropolização da capital, uma vez que, no interior do estado com 22.050,4 km<sup>2</sup>, apenas três cidades contam com mais de 60 mil habitantes<sup>33</sup>.

Concentrando o crescimento nessa região, é que a população de Aracaju e da Grande Aracaju salta, como já vimos, respectivamente, de 293.131 e 338.892 habitantes em 1980, para 520.207 e 759.681 habitantes em 2007.

Vale a pena traçar um ligeiro histórico da construção dessa tendência que, na dinâmica migratória brasileira, acabou por atingir a cidade de Aracaju, tida durante muito tempo como uma capital sem expressão no nordeste brasileiro.

## **2.2 Nascida da migração, Aracaju continua atraindo migrantes**

Aos 153 anos de vida, a capital do menor estado brasileiro é a mais jovem entre as capitais do Nordeste, embora tal fato se deva tão somente a uma decisão do Presidente da Província de Sergipe Del Rey Joaquim Ignácio Barbosa<sup>34</sup> que, em 17 de março de 1855, sancionou a lei que provocaria a transferência da capital localizada até então a 26 km, em São Cristóvão, por sua vez a 4<sup>a</sup> cidade mais antiga do Brasil.

Fazendo parte da Capitania de Sergipe subordinada originalmente à Capitania da Baía de Todos os Santos, e nascida por volta dos anos 1600 sem constituir um povoado localizado, mas mediante a distribuição de povoados esparsos de pescadores ao longo de 160 km de costa, o local em que viria a ser efetivamente construída a cidade remete-nos ao ano de 1699, quando se tem notícia da existência do lugar chamado Santo Antonio de Aracaju às margens do Rio Sergipe.

De acordo com o projeto de elevação do povoado à categoria de cidade, simultaneamente à promoção como capital, a intenção era de que a nova localização viesse a beneficiar o escoamento da produção açucareira da época, além de representar um local mais

---

<sup>33</sup> São elas: Estância, Itabaiana e Lagarto. As duas outras - Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, embora sejam entendidas como “cidades de interior” compõem, como vimos, a chamada Grande-Aracaju.

<sup>34</sup> Nascido em 1821 no Rio de Janeiro, Ignácio Joaquim Barbosa presidiu a província de Sergipe de 1853 a 1855, ano em que viria a falecer vítima da epidemia de cólera que assolou a capital no ano em que foi instalada.

adequado para a sede do governo visando seu desenvolvimento futuro. Tal intenção determinaria a ocupação territorial junto às regiões mais próximas do litoral, o que acabaria por requerer o aterro de pântanos e charcos situados abaixo do nível do mar, de modo a obedecer ao traçado de “construção” da cidade projetada pelo engenheiro Sebastião Basílio Pirro atendendo à encomenda de Ignácio Barbosa. É clássica a associação do desenho à forma de um “tabuleiro de xadrez”, a cujas “casas” correspondiam as trinta e duas quadras de 110 x 110 m cada, da “nova” cidade.

Poderíamos dizer então que Aracaju nasce de forma *sui generis* de um movimento particular de migração. O deslocamento da capital, de um lugar para outro, iria fazer com que as primeiras levas de pessoas oriundas do interior se movimentassem no sentido de ocupar a cidade, atraídas à época pelo interesse e/ou necessidade de residir na capital recém-criada, para o que contribuiu a forte presença mediadora do Estado como regulador do espaço urbano. Assim, a elite se instalaria nos locais centrais e mais privilegiados, enquanto a população pobre viria a se concentrar na zona periférica, fora do traçado planejado da cidade, onde as terras eram mais baratas e a oferta de emprego maior, com o estabelecimento das primeiras fábricas de tecidos<sup>35</sup>, na zona norte, no chamado Bairro Industrial.

Elevada por decreto à categoria de cidade e capital, Aracaju manteve as características de povoado, com lento desenvolvimento até o final do século XIX. Em 1856, 20% dos seus 1.484 habitantes eram escravos sendo que, ainda em 1872, os profissionais mais qualificados permaneciam atuando em São Cristóvão, conforme se verifica no Tabela 5.

Em 1860, com cinco mil habitantes, Aracaju ainda encontrava dificuldades para se manter como capital, sendo que o porto que determinara a necessidade da transferência funcionava em precárias condições. Os menos abastados continuavam se instalando em loteamentos clandestinos localizados ao norte da capital, junto aos primeiros estabelecimentos industriais, fora do “quadrado de Pirro”, uma vez que esse correspondia à zona nobre da cidade, privilégio de uma classe.

---

<sup>35</sup> A primeira, em 1884.

TABELA 5 - Trabalhadores em variadas ocupações, em 1872, para São Cristóvão e Aracaju.

<b>Atividades</b>	<b>Aracaju</b>	<b>São Cristóvão</b>
<b>Advogados</b>	2	5
<b>Médicos</b>	-	2
<b>Funcionários Públicos</b>	2	25
<b>Comerciantes, Caixeiro, Guarda-livros</b>	14	26
<b>Manufatureiros e Fabricantes</b>	9	16
<b>Professor e Homem de Letras</b>	4	7
<b>Militares</b>	319	4
<b>Marítimos</b>	206	4

Fonte: Diniz (1987, p.72)

Fonte da Tabela: Nogueira, 2004, p. 164.

A idéia de um arruamento pensado geometricamente como forma de organização, bastante inovador para a época, viria a comprometer a ocupação territorial de Aracaju ao longo da sua existência. Conforme Nogueira:

Trata-se de um *projeto*, mas não se pode falar de uma cidade *planejada*, pois o planejamento, de modo abrangente e sem definições complexas, requer além de um traçado urbano definido, uma projeção de onde poderiam ser localizadas as principais atividades e funções urbanas, de acordo com a importância econômica e social local, uma previsão de possíveis correntes migratórias, de diferentes classes sociais, reflexos de um contexto regional<sup>36</sup>.

Contando com 21.132 habitantes em 1900, Aracaju vai conhecer os primeiros sinais de crescimento urbano nas primeiras décadas do século XX, através da implantação de serviços públicos essenciais, como água encanada (1908), calçamento de ruas, iluminação elétrica (1913), rede de esgoto (1914), e do surgimento de novos meios de transporte, que permitiu a expansão dos bairros. A melhoria dos serviços públicos, associada ao aumento no número de edificações públicas no mesmo período, atestavam o interesse do poder governamental em dar ares de capital às transformações urbanas. Assim, ainda que durante

<sup>36</sup> Nogueira, 2004, p. 160. Em sua tese de Doutorado, sob o título “Análise sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju (1855 – 2003), Nogueira analisa a fragmentação e a má acessibilidade espacial da Grande-Aracaju de hoje, a partir desse traçado inicial.

algum tempo ridicularizada pelos ressentidos moradores de São Cristóvão<sup>37</sup>, a nova capital foi se estabelecendo e ganhando crédito, enquanto sua população crescia e se destacava em relação à das demais cidades do estado. A Tabela 6 registra esse crescimento desde 1872 até o ano em curso.

TABELA 6 - Aracaju – Evolução da população residente - 1872-2007.

Anos	População	Varição Absoluta	Varição Relativa
1872	9.559	-	-
1890	16.336	6.777	70,90
1900	21.132	4.796	29,36
1920	37.440	16.308	77,17
1940	59.031	21.591	57,67
1950	78.364	19.333	32,75
1960	114.162	35.798	45,68
1970	183.670	69.508	60,89
1980	293.119	109449	59,59
1991	402.341	109222	37,26
2000	461.534	59.193	14,71
2007	520.207	58.673	12,71

Fontes: De 1872 a 2000: França, 2005, p. 98. 2007: IBGE. Contagem da População 2007.

Durante as primeiras décadas de existência da capital, os fluxos migratórios no estado de Sergipe limitavam-se a migrações internas muito localizadas sendo que, a partir da década de 30 e até os anos 50 do século XX, o eixo Rio/São Paulo, ao lado dos estados do sul, predominaram como destino da emigração sergipana, a exemplo da nordestina de modo geral, mediante a motivação por melhores condições de vida, o que favoreceu a concentração da expansão urbana na região centro-sul do país. Enquanto lá já se faziam sentir as primeiras

<sup>37</sup> “Uma praia inóspita, deserta, terrenos cheios de mangues e lagoas, terras sem dono, e povoada de início pela gente pobre, sem tradição, dinheiro ou fidalguia, onde surgiam duas classes, ‘os novos ricos e os senhores de engenho’, que edificavam casas luxuosas e de gritante mau gosto, procurando por este meio, chamar atenção da sociedade” (CABRAL, 1955, p. 41, apud NOGUEIRA, 2004, p. 180).

políticas públicas voltadas para a classe operária, o crescimento de Aracaju prosseguia atendendo prioritariamente aos interesses privados dos grupos industriais estabelecidos, sem que se aliasse o desenvolvimento urbano ao crescimento industrial.

Chegando à década de 50 do século passado com uma população de 78.364 habitantes, com densidade demográfica de 339,7 habitantes por quilômetro quadrado, Aracaju enfrentava os primeiros problemas de ordenamento espacial por falta de ações de governo. Sofrendo intervenções do setor privado que fortaleciam o núcleo de integração central, a estrutura urbana da capital continuou requerendo a iniciativa do setor governamental até a década de 60, enquanto recebia um grande número de pessoas do interior que, fugindo das condições materiais precárias para enfrentamento do fenômeno da seca, deixavam o campo e procuravam aquele centro em busca de trabalho nas indústrias, moradia e condições melhores de vida.

É na década de 60 que Aracaju viverá um dos momentos mais marcantes na história da economia regional, quando a descoberta de petróleo, no município de Carmópolis, a 47 km, e depois no litoral, em frente à cidade, repercutirão na ocupação territorial e no crescimento urbano da capital. A partir da descoberta, a instalação da Petrobrás revitalizará a economia local, provocando a oferta de emprego e atraindo pessoas de outros lugares para Aracaju, determinando a acentuada variação relativa que é possível verificar no crescimento da população local de 1960 a 1980.

Entre as características essenciais da dinâmica da sociedade, da economia e da política brasileiras nesse período, Fausto Brito destaca a gestão da economia e da sociedade civil mediante políticas estatais e a expansão na geração de emprego através do crescimento do setor industrial, da construção civil e do setor terciário da economia, que favoreceram o êxodo rural e as trajetórias migratórias para as áreas urbanas, além da implementação de políticas públicas de transporte e telecomunicações, que contribuíram para o desenvolvimento de uma cultura migratória<sup>38</sup>.

No caso particular de Sergipe, a partir dos anos 70,

A intensificação das atividades da Petrobrás, na prospecção de petróleo, marca o desenvolvimento da indústria da transformação e mineral no estado, ao mesmo tempo em que a indústria têxtil se amplia e moderniza<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Vide em detalhe: Brito, 2000, p. 9-11.

<sup>39</sup> Oliveira, 2003, p. 121-122.

Pela primeira vez, ações direcionadas por parte administração estatal vão delinear as primeiras transformações efetivamente relevantes na configuração urbana das cidades. Contemplada pela política habitacional federal que repercutiria em todas as capitais brasileiras, através da promoção de moradias para a população de baixa renda, Aracaju assiste à expansão de loteamentos e conjuntos habitacionais, no que foi acompanhada pelo município circunvizinho de Nossa Senhora do Socorro, o que acabou por atrair muitos migrantes de outros estados em busca do sonho da casa própria<sup>40</sup>.

Nas palavras de Oliveira, no seu estudo sobre a dinâmica migratória em Sergipe:

Motivados principalmente pela perspectiva industrializante dos anos 80, o volume migratório verificado no Leste Sergipano soma 117,5 mil pessoas, sendo 104,3 mil originadas dentro da própria região. Além desse aspecto quantitativo, ressalte-se que os fluxos migratórios do Leste mantêm o movimento do interior para a capital, embora determinados grupos desta sejam instados a mudar para a cidade vizinha de Nossa Senhora do Socorro, que recebe um volume de imigrantes superior ao de Aracaju na referida década<sup>41</sup>.

Atravessando os anos 80 do século XX como a “ilha de prosperidade” a que se refere Pacheco, quando o estado de Sergipe beneficiou-se do processo de instalação da “nova indústria” nordestina<sup>42</sup>, sua capital Aracaju toma novo impulso, registrando nos últimos quarenta anos uma variação relativa no crescimento populacional da ordem de 330,87% . Conforme afirma França, por ocasião dos 150º aniversário de Aracaju, em 2005:

Ao longo desses 150 anos de existência a cidade tem uma trajetória de crescimento urbano acentuado, sobretudo, ao longo dos últimos 40 anos, em função das transformações econômicas que o estado de Sergipe tem atravessado, mais fortemente pela exploração dos recursos minerais, notadamente o petróleo, gás natural, calcáreo, salgema e o potássio, entre outros. Além disso, não se pode negar que a criação da Universidade Federal de Sergipe, a instalação do Distrito Industrial, dentro do Plano Nacional de Industrialização, e as políticas habitacionais, desenvolvidas pela COHAB transformaram a capital em forte ponto de atração para a migração<sup>43</sup>.

<sup>40</sup> Segundo Oliveira, entre 1970 e 2000, somente a Companhia Estadual de Habitação e Obras Públicas (CEHOP) entrega 41.225 unidades habitacionais na capital sergipana, cerca de 17,4 mil em Nossa Senhora do Socorro, 3,8 mil em São Cristóvão e 913 na Barra dos Coqueiros (OLIVEIRA, 2003, p. 128).

<sup>41</sup> Oliveira, 2003, p. 123. O Leste sergipano corresponde à “faixa de terra que se estende da divisa com Alagoas, ao norte, onde se destacam as planícies marginais do Rio São Francisco, passando pelos tabuleiros costeiros de solo massapé, recortados pelos Rios Sergipe, Vaza-Barris e Japarutuba, até o sul, na Barra do Rio Real, fronteira com a Bahia. A sua área corresponde a 40% do território sergipano, onde os atuais 42 municípios somam aproximadamente 1,18 milhão de pessoas, ou seja, 66% da população do estado, em 2000. Apesar de sua extensão, 57% da população total regional apresentam-se concentrados na microrregião de Aracaju, evidenciando a importância econômica dessa área frente aos outros municípios” (OLIVEIRA, 2003, p. 117).

<sup>42</sup> Pacheco, apud Baeninger, 2000, p. 17.

<sup>43</sup> França, 2005, p. 97.

Seguindo essa linha de raciocínio, há que ressaltar a importância da transformação das Faculdades Integradas Tiradentes em Universidade no ano de 1994, quando foi instalado o Campus II, no bairro da Farolândia. Contando hoje com cerca de 15.000 alunos somente nos dois Campi de Aracaju<sup>44</sup>, muitos dos quais migrantes do interior, e de estados fronteiriços, é notória a transformação na configuração urbana daquela zona da cidade desde então.

É assim que a partir de 1990, no espaço de uma década, a cidade de Aracaju se transforma na Grande-Aracaju. A partir de iniciativas governamentais, passa a reunir um grande aglomerado urbano que vai além de seus limites, abrangendo conjuntos habitacionais e loteamentos localizados nos territórios de Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, mas que estão diretamente ligados à vida espacial e à vida socioeconômica aracajuana, caracterizando a chamada conurbação através da migração pendular. Segundo Oliveira, nos últimos cinco anos da década de 90:

Imigram de outras regiões para Aracaju cerca de 9,6 mil pessoas, confirmando a importância da imigração interestadual, principalmente a originada da Bahia. Entretanto, para o município de Nossa Senhora do Socorro, imigram 23,3 mil pessoas, volume que excede a população de 60 dos 75 municípios sergipanos em 2000. Ressalte-se que a tendência verificada nos anos 80, que situa Aracaju como a principal área de origem desses fluxos para Nossa Senhora do Socorro mantém-se nos anos 90 já que, do total, 19,1 mil pessoas se originam dessa capital. Na região da Grande Aracaju, a intensa dinâmica migratória é justificada pelo conjunto de investimentos destinados à industrialização, acompanhada da expansão urbana que se estende desde a capital até os municípios vizinhos. Nesse sentido, o ímpeto desenvolvimentista por que passa a capital sergipana movimentava importantes fluxos originados no interior do estado, principalmente nos municípios do Leste<sup>45</sup>.

O autor aponta que esse movimento, embora imprima certo dinamismo à economia, com a frustração do projeto de industrialização estadual, traz resultados desastrosos, contribuindo para o processo de favelização e desemprego da capital e seus arredores<sup>46</sup>. No entanto, é inegável que, paradoxalmente, o mesmo movimento favoreça a especulação imobiliária protagonizada pelo setor privado e direcionada a uma classe – a classe média. Desde meados dos anos 80, vem se efetivando a verticalização da zona sul aracajuana, através da crescente proliferação de edifícios residenciais, sendo criados os primeiros centros comerciais modernos: os dois maiores supermercados e os dois únicos shoppings da cidade<sup>47</sup>.

---

<sup>44</sup> Dados fornecidos pela Pró-Reitoria Acadêmica da Universidade Tiradentes.

<sup>45</sup> Oliveira, 2003, p. 131.

<sup>46</sup> Oliveira, 2003, p. 134.

<sup>47</sup> Diniz (2005, p. 109-131) descreve como se deu o processo de verticalização de Aracaju desde a década de 50, intensificado a partir de meados dos anos 70, quando se deu uma maior expansão econômica da cidade, o que favoreceu a especulação imobiliária e a construção de grandes edifícios e condomínios residenciais.

Feito o ligeiro relato da dinâmica migratória de Sergipe, mas muito especialmente de Aracaju, desde a sua criação como capital do estado de Sergipe, retomamos a referência que abriu o presente capítulo a partir da qual nos propusemos a apresentar esta cidade como cenário de migração.

Levando em conta os 220 mil habitantes de Sergipe procedentes de outras unidades da federação e de países estrangeiros, nosso propósito é considerar a sua possível concentração na cidade de Aracaju propriamente dita. A Tabela 7 indica que, em relação a 11,2% de migrantes existentes no conjunto da população total do estado de Sergipe, todos os municípios da Grande-Aracaju têm representatividade maior, sendo que em Aracaju essa proporção é de 15,84%, dos quais sabe-se que 41% residiam em Aracaju há menos de 10 anos, ininterruptos.

TABELA 7 - População residente não natural de Sergipe – Grande Aracaju – 2000.

Município	População Total	Nascidos fora de SE	%
Aracaju	461.534	73.097	15,84
Barra dos Coqueiros	17.807	2.864	16,08
Nossa Senhora do Socorro	131.679	21.658	16,45
São Cristóvão	64.647	7.380	11,42
<b>Total</b>	<b>675.667</b>	<b>104.999</b>	<b>15,54</b>

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000.

Esperamos ter demonstrado, até aqui, como o dinamismo dos fluxos migratórios tem sido condicionado pela relação entre os excedentes populacionais e reservatórios de força de trabalho e a expansão da economia. Historicamente - e aqui Sergipe funcionou como caso ilustrativo, enquanto os fluxos se realinham em função da expansão e retração da capacidade de absorção de mão de obra, as trajetórias migratórias refletem os obstáculos impostos à mobilidade social ascendente pela dinâmica econômica e social.

No caso brasileiro, a rigidez da estratificação social é tão grande que “melhorar de vida” ou “ascender socialmente”, para uma grande maioria da população, sempre esteve associado à migração ou, melhor, só era possível com a migração. Segundo Durhan, as trajetórias migratórias se fundamentam nessa cultura<sup>48</sup>. Brito, por sua vez, considera que faz

<sup>48</sup> Durhan, 1978.

parte da socialização do brasileiro, a socialização para emigrar, e que o risco e incerteza parecem não demovê-lo dessa motivação<sup>49</sup>. Além disso, na dinâmica da sociedade e economia brasileira, através de diversos meios institucionais se desenvolvem mecanismos para incentivar a migração, difundindo informações motivadoras através dos meios de comunicação e das redes de interação social. Ou seja, há toda uma ideologia que continua vinculando mobilidade espacial à mobilidade social, embora, ao que parece, contemporaneamente com novos contornos.

Objetivamente, quando se verifica a crescente migração para uma cidade como Aracaju, parece que o “sul maravilha” como lugar de trabalho vem sendo substituído pelo “paraíso do nordeste”, lugar de qualidade de vida. Pelo menos é o que transparece nos depoimentos dos entrevistados para a matéria que serviu de abertura a este capítulo<sup>50</sup>.

Entendendo que esse novo padrão migratório, sem deixar de caracterizar o já conhecido movimento de expulsão e atração, traz consigo oportunidades seletivas de êxito para alguns, especialmente para uma classe – a classe média, a questão é pesquisar que categorias profissionais poderiam estar sendo melhor contempladas nesse processo e no âmbito dessa classe.

Pensamos que, no contexto de uma cidade em franco crescimento urbano como Aracaju, quando se amplia a demanda na área de serviços em geral, várias categorias qualificadas poderiam ser objeto de estudo. Contudo, depois de constatar a notória expansão do ensino superior que se insere no âmbito dessas transformações, e o relativo destaque da proporção de professores migrantes que essa expansão acabou por demandar, optamos por selecionar essa categoria como objeto de estudo e análise.

Na seqüência, pretendemos demonstrar como um fato, enquanto “dado”, se desdobra e se revela processo, de modo a tornar-se relevante para uma pesquisa de caráter eminentemente sociológico.

---

<sup>49</sup> Brito, 2000.

<sup>50</sup> Garcia, 2006.

### 2.3 O fenômeno migratório como objeto de estudo sociológico

Na tradição que nos foi legada por Émile Durkheim o fenômeno migratório constitui em princípio um fato social e, como tal, é objeto da Sociologia uma vez que reúne, de forma facilmente observável conforme as regras metodológicas elencadas por ele, as três características necessárias a um fato para que se possa denominá-lo de social: 1) é exterior – independentemente do meu desejo, vontade ou ato individual de migrar, inúmeras pessoas migram, tanto que dificilmente conhecemos alguém nas nossas relações que não tenha e/imigrado; 2) é geral – é inegável que a migração se dá a um tempo bastante remoto, em todas as sociedades, sendo absolutamente visível na contemporaneidade, quando se intensificam os deslocamentos populacionais movidos pelas transformações do mundo globalizado; 3) é coercitiva – na medida em que os indivíduos se vêem, na maioria das vezes, contingencialmente “obrigados” a se deslocar de um lugar para outro, o que também é notório no contexto das relações de trabalho próprias do neoliberalismo<sup>51</sup>.

Entendido como o ato de se deslocar geograficamente de um lugar para outro, “mudar periodicamente, ou passar de uma região para outra, de um país para outro<sup>52</sup>”, migrar diz respeito a indivíduos ou grupos de indivíduos. Nessa acepção, qualquer mobilidade humana poderia ser entendida como migração quando, em verdade, o conceito usual de migração implica em mudança de local de residência durante um intervalo de tempo determinado. Tendo como referência a origem ou destino do movimento, é considerada no seu duplo (saída e entrada), de modo que emigrar é também imigrar, de um para outro país, região ou lugar, sendo comum se falar em migrações internas, referindo-se aos migrantes que se movem dentro de um mesmo país, e migrações internacionais, tratando-se dos movimentos de migrantes entre países, além de suas fronteiras.

Dessa classificação, tomada em geral como ponto de partida, decorre um sem-número de tipologias no estudo dos chamados fluxos migratórios, valendo considerar aqui a assertiva segundo Cunha de que “não existe a melhor definição de migrante, mas sim aquela que melhor se adequa aos objetivos do pesquisador<sup>53</sup>”, ponderação que nos conduz a este caminho reflexivo de modo a explicitar ainda mais o objeto de nosso estudo.

---

<sup>51</sup> Sobre as características de fato social vide Durkheim, 1968, p. 1-12.

<sup>52</sup> Dicionário Aurélio, 1988.

<sup>53</sup> Cunha, 2002, p. 4.

Os deslocamentos humanos têm raízes na pré-história, quando o esgotamento dos recursos naturais necessários à sobrevivência gerou o nomadismo dos nossos ancestrais. A incidência dos fluxos migratórios da forma como os conhecemos hoje, no entanto, encontra seu ápice no mundo ocidental, na Europa, por ocasião da Revolução Industrial, no final do século XIX, quando a substituição da ordem social feudal pelo capitalismo resultou no primeiro grande êxodo rural em direção às cidades. Vem daí o interesse pelos problemas sociais que, transformados em problemas sociológicos, engendraram a Sociologia enquanto ciência e, com ela, uma das explicações mais originais à época, e ainda hoje, para o fenômeno da urbanização.

Entendendo que o adensamento material das sociedades urbanas produzia um novo tipo de adensamento moral, Durkheim escreveu sua primeira grande obra para argumentar que a divisão do trabalho surgiu a partir da necessidade de sobrevivência da sociedade, de modo a produzir um novo tipo de solidariedade com base na diferenciação funcional: a solidariedade orgânica<sup>54</sup>. Dessa análise, depreendeu o que viria a ser a característica da modernidade que se instalava: “o culto do indivíduo”, também chamado “o individualismo moral”, como essência de uma moral social própria do mundo civilizado que, emanando das necessidades da vida coletiva, se impunha como algo superior e exterior a todos, e não relativamente a ninguém em particular.

A idéia aparentemente paradoxal, mas bem explicada por esse autor, de que a sociedade ao tempo em que instituiu o indivíduo dele “se tornou serva<sup>55</sup>” constitui a problemática da vida urbana, através das tensões latentes no confronto entre as necessidades e aspirações individuais e a possibilidade de serem satisfeitas pela ordem social - seja porque incompatíveis seja porque inviáveis para o conjunto coletivo. Nessa perspectiva, é possível considerar como o aumento crescente da densidade física ultrapassa as possibilidades da densidade moral e a capacidade de absorção do indivíduo enquanto tal na rede de relações pessoais<sup>56</sup>, fazendo com que os princípios do urbanismo moderno se diferenciem completamente daqueles das cidades pré-modernas<sup>57</sup>, tornando instigante estudar indivíduos no convívio social no início de um novo século.

A evocação dos dois cientistas sociais contemporâneos, nos quais se fundamenta o trecho precedente, serve-nos para introduzir o cenário da globalização como necessário à compreensão do fenômeno migratório que, embora esteja na raiz da produção da densidade

---

<sup>54</sup> Durkheim, 2004.

<sup>55</sup> Durkheim, 1970, p. 75.

<sup>56</sup> Vide Bauman, 1999, p. 115.

<sup>57</sup> Vide Giddens, 1991, p. 16.

material e moral a que se referiu Durkheim, tem características absolutamente singulares em relação ao fato social por ele então considerado, muito mais afim com a noção de “fato social total” conforme Lévi-Strauss<sup>58</sup>. Senão, vejamos.

Segundo Sayad:

Falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica(...) e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento<sup>59</sup>.

Falar de sociedade nos dias atuais requer falar de “globalização”. Os traços delineadores desse fenômeno, ainda antes de Durkheim, sob um enfoque diferenciado e muito mais contundente, já estavam presentes no Manifesto do Partido Comunista da autoria de Marx e Engels, cuja expressão “tudo o que é sólido se desmancha no ar<sup>60</sup>” tem ressonância na fluidez da “modernidade líquida” a que se refere o sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman, como a metáfora mais adequada à natureza da era moderna<sup>61</sup>.

A “fluidez”, entendida por Bauman como a relação cambiante entre espaço e tempo própria da ordem social em que vivemos, encontra eco na multiplicidade de abordagens dedicadas a compreender como as transformações da modernidade acabaram por extrapolar todas as promessas de progresso e civilização constantes do “enredo” das chamadas “grandes narrativas<sup>62</sup>”, afetando dialeticamente tanto as dimensões objetivas como as subjetivas da sociedade, em escalas que variam em extensão e intensidade, de forma diacrônica e sincrônica.

É por isso que basta uma ligeira incursão aos mais recentes estudos das ciências sociais para que encontremos sutilezas aparentemente infindáveis no campo conceitual e terminológico, quando se trata de estudar a pós-modernidade como uma ordem social para além da modernidade, conforme entendida na chamada Sociologia Clássica. Rompendo com qualquer possibilidade de uma análise evolutiva linear e apoiados no estudo das transformações das duas categorias fundamentais que integram o padrão civilizatório da humanidade - espaço e tempo, outros autores, além de Bauman com “sua ‘modernidade

<sup>58</sup> Reunindo todos os níveis de apreensão sincrônica e diacrônica de uma experiência concreta seja de uma sociedade ou indivíduo, o “fato social total” para ser compreendido precisa ser apreendido objetivamente, como uma coisa, e subjetivamente, na sua representação, como se o vivêssemos de maneira pessoal. Vide: Augé, 1999, p. 39 e Micelli, 1974, p. XXIII. Ambos os autores referem-se ao conceito na obra de Lévi-Strauss, intitulada “Introdução à obra de Marcel Mauss”.

<sup>59</sup> Sayad, 1998, p. 16.

<sup>60</sup> Marx e Engels, 1998, p. 11.

<sup>61</sup> Bauman, 2001.

<sup>62</sup> Giddens, 1991, 14-15.

líquida<sup>63</sup>”, constroem categorias como: “modernidade radicalizada<sup>64</sup>”, “supermodernidade<sup>65</sup>”, “desterritorialização do social<sup>66</sup>” e “multiterritorialidade<sup>67</sup>”.

No âmbito do que denomina “radicalização da modernidade”, Anthony Giddens enfatiza as discontinuidades relativas à transformação das instituições modernas em relação às tradicionais, tratando da dissociação entre tempo e espaço como a condição primeira para o chamado “desencaixe” e “deslocamento” das relações sociais, cujo requisito da co-presença deixa de lhes ser inerente, e de onde deriva uma nova definição de confiança em que o risco é uma constante<sup>68</sup>.

No campo da Antropologia, Marc Augé se refere às três figuras de excesso – a “superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização das referências” – para introduzir a noção dos “não-lugares” como o grande paradoxo da “supermodernidade” em que viver em trânsito é contingente à necessidade de sobrevivência, ou seja, “a sobrevivência tem esse preço<sup>69</sup>”.

Na interface da Antropologia com a Sociologia, tentando superar uma visão superada e obsoleta do modernismo que, segundo ele, não captou a descentralização das relações sociais, Renato Ortiz distingue o que chamou de “sobremodernidade” como uma nova configuração social, identificando a circulação e a mobilidade como princípios estruturantes do novo padrão de desterritorialização e “deslocalização do social”, exprimindo o “espírito de uma época” que desenraíza formas e homens, afetando e alterando os sentidos tradicionais que asseguravam os laços de uma cultura local<sup>70</sup>. Diagnosticando esse novo momento da humanidade, é Octávio Ianni quem afirma: “Tudo se desterritorializa. Coisas, gentes e idéias, assim como palavras, gestos, sons imagens, tudo se desloca pelo espaço, atravessa a duração, revelando-se flutuante, itinerante, volante<sup>71</sup>”.

Assim, pessoas viajam e com elas, viajam suas roupas, suas línguas, seus costumes e idéias, ou seja, viajam os fenômenos e manifestações culturais. São as “novas fronteiras da cultura”, abalando sentimentos de pertença e gerando conflitos que acabam

---

<sup>63</sup> Bauman, 2001.

<sup>64</sup> Giddens, 1991.

<sup>65</sup> Augé, 1994.

<sup>66</sup> Ortiz, 1994.

<sup>67</sup> Haesbaert, 2005a.

<sup>68</sup> Giddens, 1991.

<sup>69</sup> Augé, 1994, p. 147.

<sup>70</sup> Ortiz, 1994.

<sup>71</sup> Ianni. 1996, p. 169.

repondo a questão da tradição, da nação e da região, obrigando-nos a repensar a questão da diversidade cultural<sup>72</sup>.

Noções tão radicalizadas parecem ter abalado a tradição sociológica de estudar a ordem e a estabilidade, de modo que proliferam no campo institucional acadêmico grupos de estudos, eventos e publicações voltadas à análise das migrações sob novas abordagens, a ponto de havermos encontrado “Aportes para uma sociologia dos deslocamentos e das culturas móveis<sup>73</sup>”. Pautado na metáfora da sociedade “líquida” de Bauman e na mobilidade como categoria ontológica, Lopes Júnior considera a migração como temática decisiva para repensar o fazer sociológico no século XXI e pondera como esse campo potencializa a chamada Sociologia Reflexiva, de modo a romper com a epistemologia do “container social”, noção fragilizada após a erosão do estado-nação, inserindo-se num “‘novo movimento teórico’ que propõe a mobilidade como referência primeira da investigação social<sup>74</sup>”.

Assim, corroborando o pensamento desse autor, passamos à apresentação dos capítulos que trazem a parte substantiva de nossa pesquisa em que pensamos ter exercitado a assertiva de Giddens: “O conhecimento sociológico espirala dentro e fora do universo da vida social, reconstituindo tanto esse universo como a si mesmo como uma parte integral deste processo<sup>75</sup>.”

---

<sup>72</sup> Vide a respeito das “novas fronteiras da cultura”, interessante abordagem de Oliven em que, utilizando o exemplo paradigmático do Rio Grande do Sul, trata muito especialmente da dificuldade de aceitar a diversidade cultural no Brasil (OLIVEN, 2006, p. 201-211). Vide a respeito também: Velho, 2004.

<sup>73</sup> Lopes Júnior, 2002. Trata-se de artigo apresentado pelo autor no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais.

<sup>74</sup> Lopes Júnior se refere a autores como Zygmunt Bauman, Ulrich Beck, Manuel Castells e John Urry, entre aqueles que fariam parte desse novo movimento, sugerindo que “se deve levar ao centro da análise sociológica os atores, forças culturais e econômicas que se deslocam velozmente ao redor do planeta” (LOPES JÚNIOR, 2002, p. 6).

<sup>75</sup> Giddens, 1991, p. 24.

### 3 O ENREDO DOS ATORES: NECESSIDADE OU ESCOLHA?

Não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada<sup>1</sup>.

Com essa afirmação, o sociólogo Pierre Bourdieu quer dizer que é preciso “apanhar o invariante, a estrutura, na variante observada<sup>2</sup>”.

Identificando na migração uma variante, consideramos, no dizer de Rogério Haesbaert, o migrante como “uma espécie de protótipo do indivíduo desterritorializado”, “sujeito por excelência do movimento e da instabilidade<sup>3</sup>”. Afinal, enquanto numa dimensão geográfico-espacial tradicional, durante muito tempo, territorializar-se e desterritorializar-se representaram os dois movimentos inerentes ao direito de ir e vir dos seres humanos, na geografia contemporânea a idéia de desterritorialização ampliou-se e diz respeito à mobilidade de pessoas, coisas e idéias para além dos limites de um território<sup>4</sup>.

Assim, através da variante migração, buscamos apreender o invariante no modo como se constrói e reproduz o espaço social de diferenças, caracterizado pela interpenetração de campos, agentes e *habitus*<sup>5</sup>, na dinâmica incessante das interações sociais, movidas por interesses específicos relativos a posições e relações de poder. Sob esse ponto de vista, o meio acadêmico nos pareceu desde o início um rico campo de pesquisa.

Para a análise, pautamo-nos em Giddens de modo a considerar a reflexividade como característica definidora da ação humana, através do contato permanente que os indivíduos mantêm com as bases integrantes do seu fazer, no que denominou de “monitoração reflexiva da ação<sup>6</sup>”. Partindo dessa premissa, procuramos - junto aos indivíduos pesquisados, (re)construir o conhecimento sociológico inerente ao processo de migração que informou a decisão e a ação de migrar, desde a sua motivação até a sua realização e efeitos, controlados

---

<sup>1</sup> Bourdieu, 1996, p. 15.

<sup>2</sup> Bourdieu, 1996, p. 15

<sup>3</sup> Haesbaert, 2005b, p. 35.

<sup>4</sup> O sociólogo John Urry (2006) identifica cinco formas de mobilidade no mundo pós-moderno: 1) as viagens corporais de pessoas para o trabalho, o lazer, o prazer, os relacionamentos familiares, a migração e a fuga; 2) o movimento físico de objetos despachados através de serviços de entregas globais por produtores, consumidores e vendedores; 3) viagens virtuais ou imaginativas produzidas pelo acesso às imagens de lugares e pessoas através da TV; 4) viagens virtuais, algumas vezes em tempo real, que transcendem as distâncias físicas e sociais como aquelas possibilitadas pela Internet; 5) viagens comunicativas dirigidas pelas pessoas através de telefonemas, cartas e faxes.

<sup>5</sup> Vide Bourdieu, 1974 ; 1983;1989; 1990 e 1996. As categorias citadas serão desenvolvidas ao longo da análise.

<sup>6</sup> Giddens, 1991, p. 43.

ou não, esperados ou imprevistos, desejados ou indesejados. Vejamos, num primeiro momento, de que modo empreendemos esse trabalho.

### 3.1 Lugar de trabalho e oportunidade

*O motivo principal foi a grande possibilidade de sucesso profissional<sup>7</sup>.*

A frase com que um dos professores entrevistados, 40 anos, procedente da região sul e residente há seis anos em Aracaju<sup>8</sup>, prontamente respondeu à pergunta inicial da entrevista: “- *Por veio morar em Aracaju?*”, poderia ser emblemática em se tratando de um doutor que chegou solteiro a Aracaju e iniciou a vida profissional na Universidade Federal de Sergipe na condição de professor visitante para, em seguida, conquistar o 1º lugar como professor efetivo, no primeiro concurso prestado. Assim recorda a experiência:

*Eu tinha um colega meu lá na Universidade (...) que era professor visitante. Daí fez concurso aqui, passou. Veio antes. Ele sempre manteve contato e tal (...). Qualquer coisa... Deve surgir alguma coisa boa, e eu te falo. E aí surgiu esse concurso para visitante, eu vim, visitante temporário. Um ano, mais um ano, e depois surgiu para efetivo e aí foi o meu primeiro concurso. E aí eu rachei de estudar. O segundo colocado, era o sexto concurso dele, um cara bom também. Eu pensei... Não posso pensar que seja minha primeira nem a última, e sim a única chance. Graças a Deus, passei!<sup>9</sup>*

O desejo de sucesso perseguido pelo professor que, ao longo da conversa, retomou por diversas vezes sua motivação pelo trabalho, referindo-se a projetos pioneiros que vem desenvolvendo na sua área de atuação, nem sempre foi expresso tão explicitamente pelos pesquisados. Ainda assim, sintetiza o motivo mais presente na consciência de 163 (74%) dos 220 pesquisados que se instalaram na cidade nos últimos 20 anos, traduzindo a razão histórica das migrações – a necessidade de trabalho, ainda que no decorrer da análise tenhamos encontrado amplitude bem maior nessa motivação. Por ora, a fim de caracterizar o cenário específico dos nossos migrantes em Aracaju – o mundo acadêmico, dirijamos o olhar para o motivo considerado.

<sup>7</sup> Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

<sup>8</sup> Quando da entrevista, realizada em 9/08/06.

<sup>9</sup> Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

Observemos a Tabela 8, que conjuga o motivo da migração à época de chegada de nossos pesquisados.

TABELA 8 - Motivo da migração, segundo o período de chegada em Aracaju.

Motivo	NR	Até 1980	1981-1985	1986-1990	1991-1995	1996-2000	2001-2005	Pós 2006	Total	%
Concurso público	-	2	-	-	5	11	12	25	55	25,11
Oportunidade de trabalho	1	17	6	7	10	15	39	13	108	49,32
Qualidade de vida	-	-	-	1	3	-	6	1	11	5,02
Clima e proximidade do mar	-	1	-	-	-	-	1	3	5	2,28
Atração pelo Nordeste	-	-	-	-	1	2	3	1	7	3,20
Estudo	-	2	2	2	1	2	2	-	11	5,02
Casamento e/ou família	1	6	3	4	3	2	3	-	22	10,05
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>28</b>	<b>11</b>	<b>14</b>	<b>23</b>	<b>32</b>	<b>66</b>	<b>43</b>	<b>219</b>	<b>100,00</b>

As respostas se referem ao primeiro motivo apresentado, a partir de pergunta aberta.

Conforme é possível verificar, mais da metade dos pesquisados estabeleceu residência em Aracaju a partir do início deste século, embora um número também expressivo tenha se instalado na cidade na última década do século XX, alegando a oportunidade de trabalho ou emprego como motivo principal. Considerando a referência explícita ao concurso público pelos pesquisados da universidade pública (95% em relação ao total referenciado), optamos por destacar a especificidade desse motivo em relação a outros que reunimos sob a denominação de “oportunidade de trabalho”, esse presente nas duas instituições<sup>10</sup>, incluindo referências variadas tais como: prova seletiva, convite ou transferência voluntária.

Tratando-se de professores universitários, esses dados ilustram o *boom* de expansão do ensino superior em Sergipe que até 1996 contava com apenas uma instituição pública – a Universidade Federal de Sergipe - e duas de caráter privado, entre as quais a Universidade Tiradentes e, num período inferior a dez anos, passou a contar com 11

<sup>10</sup> Muitos dos professores concursados da UFS haviam ingressado antes, na condição de substitutos ou visitantes.

instituições, cuja maioria começou a funcionar nos primeiros anos do século XXI, das quais 10 com sede na capital<sup>11</sup>.

Ainda que esse número represente muito pouco em relação ao Brasil<sup>12</sup>, o crescimento do ensino superior da ordem de 266,7%<sup>13</sup> associado à expansão da oferta de cursos<sup>14</sup> no período de 1996 a 2004, no contexto das exigências da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), passando a condicionar a aprovação de cursos à qualificação dos seus professores, geraram uma demanda até então inexistente em Sergipe.

É o que parece indicar a ampliação das funções docentes em exercício no mesmo período, sobretudo no ensino privado<sup>15</sup> (158,8%), repercutindo nos dados relativos a 61 dos 100 professores pesquisados da UNIT que declararam residir em Aracaju desde 1996. Por outro lado, muito embora tenha ocorrido uma expressiva queda no incremento das funções docentes no que se refere ao ensino público (5,2%), tal fato não transparece na nossa amostra, muito provavelmente porque parte dos atuais professores efetivos da UFS teria vindo para Aracaju antes, na condição de professores substitutos ou visitantes. É o que sugere o montante de 63 professores da UFS, 53% dos ali 120 pesquisados, residentes em Aracaju desde 1999<sup>16</sup>.

Estima-se que novas variações venham sendo registradas nesse incremento, levando em conta a realização recente de concursos públicos na UFS, bem como a oferta de novos cursos de graduação e de pós-graduação, seja em nível de Especialização, Mestrado ou Doutorado tanto na UFS como na UNIT. Essa expansão já se revela na amostra pesquisada, dando conta que pelo menos 43 professores passaram a residir em Aracaju a partir de 2006, dos quais 32 pertencem ao corpo docente da UFS e 11 da UNIT, conforme se verifica na Tabela a seguir.

---

<sup>11</sup> Às duas primeiras - Universidade Federal de Sergipe (UFS), instituída em 1968, e Universidade Tiradentes (UNIT), criada em 1972 como Faculdades Integradas Tiradentes, e transformada em Universidade em 1994 - vieram se somar, até 2006, outras 8 instituições de caráter privado e mais o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) em 2001 que, a partir da transformação da Escola Técnica Federal, veio a se tornar a segunda instituição pública de ensino superior em Sergipe (INEP, 2006, p. 25-30).

<sup>12</sup> Em 2004, as 11 instituições representavam apenas 0,5% do total de instituições de ensino superior existente no país (INEP, 2006, p. 26).

<sup>13</sup> Crescimento esse superior ao do nordeste (254,6%) e ao do Brasil (118,3%) no mesmo período (INEP, 2006, p. 27).

<sup>14</sup> O número de cursos de graduação presenciais saltou de 22 em 1991 (UFS) para 67 em 1996 (41 na UFS e 26 na UNIT) e 125 em 2004 (79 na UFS e 46 na UNIT), sem contar aqueles oferecidos por faculdades, escolas e institutos do setor privado que, incluídos, levaram o registro de crescimento de cursos à ordem de 2.200% no período de 1998 a 2004 (INEP, 2006, p. 35-37).

<sup>15</sup> No período de 1991 a 1996, as funções docentes em exercício haviam crescido 28,2 % no ensino público, contra 19,7 % no ensino privado (INEP, 2006, p. 61).

<sup>16</sup> Ocasão em que a Lei 9.849/99 estabeleceu a contratação de professores substitutos por meio de processo seletivo simplificado.

TABELA 9 - Época de chegada dos pesquisados, segundo a instituição onde trabalham.

Época de chegada a Aracaju	UFS		UNIT		Total	
	Abs	%	Abs	%	Abs	%
Até 1980	13	10,83	15	15,00	28	12,73
1981-1985	3	2,50	8	8,00	11	5,00
1986-1990	5	4,17	9	9,00	14	6,36
1991-1995	18	15,00	5	5,00	23	10,45
1996-2000	23	19,17	10	10,00	33	15,00
2001-2005	26	21,67	40	40,00	66	30,00
Após 2005	32	26,67	11	11,00	43	19,55
NR	-	-	2	2,00	2	0,91
<b>Total</b>	<b>120</b>	<b>100,00</b>	<b>100</b>	<b>15,00</b>	<b>220</b>	<b>100,00</b>

Cabe observar que, do ponto de vista da qualificação, a maior parte dos professores recém-chegados aos quais tivemos acesso, em se tratando da universidade pública, são doutores ou pós-doutores enquanto, no caso da instituição privada, é expressivo o número daqueles que possuem Pós-Graduação em nível de Especialização e Mestrado, o que é possível conferir na Tabela 10.

TABELA 10 - Titulação dos pesquisados, segundo a instituição em que trabalham.

Titulação	UFS		UNIT		Total	
	Abs	%	Abs	%	Abs	%
Graduação	1	0,83	2	2,00	3	1,36
Especialização	10	8,33	39	39,00	49	22,27
Mestrado	17	14,17	49	49,00	66	30,00
Doutorado	79	65,83	8	8,00	87	39,55
Pós-doutorado	12	10,00	2	2,00	14	6,36
NR	1	0,83	-	-	1	0,45
<b>Total</b>	<b>120</b>	<b>100,00</b>	<b>100</b>	<b>100,00</b>	<b>220</b>	<b>100,00</b>

O retrato referente à titulação da amostra pesquisada em Sergipe é bastante revelador da realidade mais recente do ensino superior brasileiro devendo-se, sobretudo, à necessidade de atender às exigências da Lei 9394/96 (LDB) que determina que um terço do corpo docente das universidades públicas e particulares tenha ao menos titulação de mestrado ou doutorado.

Levando em conta essa exigência, as reuniões anuais da SBPC (Sociedade Brasileira de Progresso para a Ciência) têm sido palco de análise e reflexão sobre a necessidade de desconcentração dos cursos de pós-graduação no Brasil, bem como de uma melhor distribuição e aproveitamento do crescente número de doutores formados a cada ano. Calcula-se que, de 10 mil doutores titulados anualmente, se alcance a casa dos 16 mil em 2011<sup>17</sup>. A idéia tem sido a de se combater a assimetria regional uma vez que, em 2004, o Sudeste concentrava 55% dos programas de pós-graduação e 66% dos doutores que atuavam na vida acadêmica universitária<sup>18</sup>, bem como a de elevar a relação doutor/matrícula e a taxa de escolarização bruta na educação superior bastante desiguais no Brasil.

Sergipe, por exemplo, em 2004 era o terceiro estado do Nordeste com o menor número de instituições de ensino superior legalmente registradas – depois do Acre e do Amapá, apresentando 264 doutores, numa relação de 1 para 118 alunos, enquanto a média para o Nordeste era de 1/87 e para o Sudeste, de 1/70<sup>19</sup>. Nesse aspecto, as universidades pesquisadas em Aracaju, que recentemente vêm estendendo suas atividades também para os municípios do interior, além de implementarem programas de educação à distância, parecem constituir interessante campo de trabalho, sobretudo para recém-doutores que disputam vagas nos concursos e provas seletivas em todo o país. A entrevistada, concursada há pouco tempo e ainda doutoranda na universidade de origem, explicita a mesma vontade de alcançar êxito profissional.

*Sempre quis sair de (...). Tinha essa meta, não que não pudesse ficar lá, mas achei que era interessante primeiro porque assim lá é (...). Tem os papas da área. Assim, sabe, quem quer seguir carreira acadêmica tem sonhos de chegar num lugar, construir um negócio, sabe? E aí tinha chance assim, no máximo, dar aula na Católica - não sei nem se vai virar PUC, não é? É uma boa universidade. Eram essas as perspectivas. Aí, por exemplo, trabalhar... não poderia fazer pesquisa aí(...). Já tem muita gente, muito mestre. Então você tem que começar a ampliar seus horizontes, se você quiser fazer o que você gosta<sup>20</sup>.*

<sup>17</sup> Vide: Capes apresenta avanços da pós-graduação, 09/07/2007. IN: <http://portal.mec.gov.br/>

<sup>18</sup> Vide a respeito: Doutor desempregado, 22/ 07/ 2004. IN: Assessoria de Comunicação da Universidade de Brasília - <http://www.secom.unb.br/>

<sup>19</sup> Vide a respeito: Brasil tem mais de 230 mil docentes na Educação Superior, 11/11/2005. IN: <http://www.inep.gov.br/>

<sup>20</sup> Flávia. Entrevista realizada em 17/12/07.

Aos 30 anos, ainda pouco experiente na carreira acadêmica, a jovem professora demonstra saber bem o que quer.

*Queria ser professora de uma universidade federal. Não gosto de dar aula em faculdade particular. Naquelas que eu dava, lá, tinha uma (...). É muito bom trabalhar lá. Meu coordenador, muito bom. Trabalhei noutras duas que eram... Porque venho de uma boa universidade. Chegava lá, o aluno queria só o diploma. Era muito difícil! Então falei, não! Pra fazer o que eu faço, direito, vou precisar entrar numa federal. Ai onde tivesse vaga, e conseguisse me adaptar...<sup>21</sup>.*

Na mesma idade e com pouca experiência, também doutoranda, outra entrevistada parece refletir, ao tempo em que fala sobre a sua disposição de migrar:

*Eu tinha uma boa referência da universidade, no Nordeste... Enquanto a UNIT, inserida no âmbito nordeste, não só local... Sergipe. Mas no âmbito um pouco mais geral. Então foi essa estrutura que eu racionalizei, que eu... A minha função era essa. Vir pra universidade... Trabalhar... Na universidade... E produzir... E ganhar... Ter a experiência no ensino superior, que até então não tinha<sup>22</sup>.*

Outra professora migrante, doutora como o marido, ambos professores da mesma instituição, vem disposta, mas ainda assim se surpreende.

*Imaginava encontrar uma estrutura bem mais precária porque, como exemplo de universidade particular, as universidades no interior não são tão bem estruturadas. Achei a Universidade Tiradentes muito bem estruturada, com uma estrutura física maravilhosa. E com possibilidades de pesquisa que eu não conhecia nas universidades do sul, exceto dentro da cidade de São Paulo, onde existem mesmo universidades maravilhosas, particulares. Mas no interior não existe isso... Oportunidade de pesquisa que eu vi aqui, e lá não vi<sup>23</sup>.*

A ênfase na dificuldade de fazer qualquer diferença na terra natal, presente na fala dos entrevistados, consta também nas palavras de outra professora da mesma universidade, solteira, porém com mais idade em relação às demais e, em tese, com menores chances de inserção profissional em locais de maior competitividade como a região de onde procede.

*Com o título na mão, mestre numa área que é bem requisitada (...) fiquei sem alternativa de emprego. Assim como tem mais oferta no sul, também tem mais gente titulada e aí a disputa é muito mais forte. Eu tinha contra mim, em relação aos meus colegas, o fato de ter só dois anos de experiência docente na universidade. Embora fosse numa universidade pública, eram só dois anos. Enfim, não consegui. Não tinha contato<sup>24</sup>.*

<sup>21</sup> Flávia. Entrevista realizada em 17/12/07.

<sup>22</sup> Luana. Entrevista realizada em 11/09/06.

<sup>23</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>24</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06.

Fica evidenciado que as vagas cada vez mais competitivas nos grandes centros - de onde provêm muitos dos pesquisados, acabam por resultar em novos destinos para a chamada “evasão de cérebros<sup>25</sup>”. Pesquisas empreendidas mais recentemente têm apontado a oportunidade de avanço e realização profissional, como bastante relevante na decisão de migrar por parte de professores universitários mais qualificados<sup>26</sup>.

Na 56ª reunião anual da SBPC em 2004, por ocasião de painel sobre “Mercado de trabalho para jovens doutores”, Reinaldo Guimarães, então diretor do Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde, apresentou os resultados de trabalho que coordenou com o objetivo de medir esse êxodo. Segundo seu relato, de 3.300 pesquisadores que migraram no período compreendido entre 1993 e 1999, 2.300 apenas mudaram de Estado, portanto sem sair do país, e menos de mil foram efetivamente para o exterior. Nesse contexto, o Nordeste aparece, ao lado da região Sul, como novo destino dos doutores migrantes<sup>27</sup>.

Na amostra que pesquisamos se verifica a atração presente no universo total dos professores que atuam em cada uma das instituições, conforme demonstram os gráficos.

Deslocando a atenção da população geral para o conjunto dos pesquisados se constata que, embora absorvam um grande número de doutores e pós-doutores naturais da própria região (42%), as duas instituições de ensino superior de Aracaju vêm recebendo outros tantos da região Sudeste (35%), sendo reduzida a representatividade das demais regiões. A identificação quanto ao local de titulação dos pesquisados, ausente nos dados pesquisados, talvez indicasse que muitos deles teriam se titulado na região onde se concentra a maior parte dos cursos de pós-graduação do país.

Na reunião da SBPC, Guimarães destacou ainda que, além do interesse de integrar-se a novos núcleos regionais de atividades científico-tecnológicas, os recém-doutores buscam um adicional: "Não basta, agora, ter apenas tradição científica, é preciso oferecer algo mais, nesse caso, qualidade de vida", disse ele na oportunidade<sup>28</sup>.

No que diz respeito à tradição científica, é preciso considerar a fala do estatístico e representante da Coordenação de Capacitação de Pessoal de Nível Superior (Capes) Ricardo Lourenço que, no mesmo evento, enfatizou as áreas de maior absorção de doutores na

---

<sup>25</sup> Também conhecida como fuga de cérebros (“brain drain”), constitui um tipo específico de movimento migratório, caracterizada como emigração de pessoal altamente qualificado que, formado em uma dada localidade, se desloca para outra, em geral para o exterior.

<sup>26</sup> Vide: Guimarães, 2002 e Sabbadini e Azzoni, 2006.

<sup>27</sup> Vide a respeito: Qualidade de vida influencia na opção do pesquisador, 22/07/2004. IN: <http://agenciact.mct.gov.br/>

<sup>28</sup> Qualidade de vida influencia na opção do pesquisador, 22/07/2004. IN: <http://agenciact.mct.gov.br/>

atualidade: nanotecnologia, microeletrônica, biotecnologia, biomassa, semicondutores, softwares e fármacos, consideradas prioritárias na Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior do governo<sup>29</sup>. É preciso reconhecer que tais áreas não constituem o forte no espaço acadêmico do menor estado brasileiro, ainda de reduzida expressão na região de que faz parte. Afinal, elas parecem pouco representativas na formação dos doutores pesquisados. Conforme se observa na Tabela 11, há uma reduzida proporcionalidade no que diz respeito às áreas citadas.

TABELA 11 - Área de formação dos pesquisados, segundo a instituição em que trabalham.

Área de Formação	UFS		UNIT		Total	
	Abs	%	Abs	%	Abs	%
Educação e Ciências Humanas	35	29,17	33	33,00	<b>68</b>	<b>30,91</b>
Ciências Biológicas e da Saúde	41	34,17	19	19,00	<b>60</b>	<b>27,27</b>
Ciências Exatas e Tecnologia	28	23,33	19	19,00	<b>47</b>	<b>21,36</b>
Ciências Sociais e Aplicadas	9	7,50	26	26,00	<b>35</b>	<b>15,91</b>
NR	7	5,83	3	3,00	<b>10</b>	<b>4,55</b>
<b>Total</b>	<b>120</b>	<b>100,00</b>	<b>100</b>	<b>100,00</b>	<b>220</b>	<b>100,00</b>

A referência por sua vez à qualidade de vida - feita por Guimarães no painel da SBPC<sup>30</sup>, como um algo a mais que estaria motivando a atração de pesquisadores por determinados lugares, poderia ser apontada como um dos atrativos da cidade de Aracaju. Embora a referência seja pouco significativa quando se tratara de justificar o motivo da vinda, se revela bastante representativa no momento em que se indaga sobre o que gostam na cidade que escolheram para morar e trabalhar. Acreditamos que isso justifica o porquê de estudos no campo da migração estarem a investigar as razões do novo padrão migratório em que se verifica a crescente atração por cidades de porte médio, tal qual a capital de Sergipe.

Em recente trabalho publicado pelo IPEA, Da Mata e outros autores averiguaram quais características das cidades seriam determinantes para a atração de uma parcela

<sup>29</sup> Vide a respeito: Doutor desempregado, 22/ 07/ 2004. IN: Assessoria de Comunicação da Universidade de Brasília - <http://www.secom.unb.br/>

<sup>30</sup> Vide: Qualidade de vida influencia na opção do pesquisador, 22/07/2004. IN: <http://agenciact.mct.gov.br/>. Conceito de difícil mensuração, “qualidade no âmbito da cidade é o resultado que combina determinadas características gerais, entre elas segurança, qualidade ambiental, mobilidade e oportunidade de lazer, com sensibilização para as diferenças da população, especialmente as de faixa etária e limitações físicas” (MATHEUS, 2002, p. 65).

estratégica da população: a mão-de-obra qualificada, englobando pessoas com escolaridade equivalente ao ensino superior completo ou incompleto. Embora Aracaju não conste do *ranking* de dez municípios brasileiros que lideram esse tipo de “migração qualificada líquida”, as características encontradas sugerem aproximações interessantes<sup>31</sup>.

Dinamismo do mercado de trabalho com maiores salários, menor desigualdade social, menor nível de violência, proximidade do litoral e variações climáticas pouco rigorosas estariam entre alguns condicionantes importantes considerados por aqueles migrantes de maior poder aquisitivo que têm a opção de escolher, ou seja, cuja migração é determinada mais pela atração da cidade de destino do que pela expulsão da cidade de origem. A tese diz respeito à explicação teórica mais conhecida no campo da migração - *push-pull theory*, que procura conjugar fatores de repulsão (*push*) e atração (*pull*) na decisão de migrar. Assim, tem se reconhecido que o perfil do migrante determina qual fator seria o mais significativo, demonstrando que fatores de repulsão são mais relevantes para o caso de migrantes de menor escolaridade e poder aquisitivo, enquanto fatores de atração o são para aqueles com mais anos de estudo e melhor condição econômico-financeira<sup>32</sup>.

Essa conjugação de determinantes estruturais e de razões individuais sugere a síntese das duas interpretações clássicas do ato migratório – a abordagem neoclássica contemporânea e a histórico-estrutural, identificadas por Oliveira na dupla dimensão de análise:

O ato migratório pode resultar de uma decisão individual e racional onde o migrante, conhecedor da realidade, pesa os custos e benefícios desse movimento. Outra interpretação é aquela que entende a migração como um fenômeno social por envolver de forma distinta as diferentes classes sociais e que, não obstante a liberdade individual para oferecer a sua força de trabalho em qualquer lugar, ainda assim o indivíduo é submisso ao capital e, por ele, deve vendê-la<sup>33</sup>.

Ainda que nossos pesquisados possam ser considerados como desterritorializados voluntários, senhores do seu destino, livres para exercer o direito de ir e vir e, portanto, protagonistas de suas próprias histórias, o fato de considerarem, a exemplo do entrevistado, “*a grande possibilidade de sucesso profissional*” como motivo principal de sua vinda para

<sup>31</sup> Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, 2007. O índice de migração qualificada líquida utilizado no trabalho foi construído a partir da comparação entre imigrantes qualificados e emigrantes qualificados do município, índice esse confrontado com modelos empíricos construídos com base na investigação das principais características das cidades no que concerne à atração de migrantes qualificados.

<sup>32</sup> Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, 2007. No ranking dos 10 municípios, independentemente do tamanho da população, a liderança é de Águas de São Pedro (SP), seguida por dois municípios nordestinos: Cabedelo (PB) e Fernando de Noronha (PE). Quando se considera a população maior que 100 mil habitantes, Salvador, Recife e Fortaleza ocupam os 3 últimos lugares do ranking protagonizado por São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Vide ainda a respeito da temática: Soares, Weber, 2002; Golgher, Rosa e Araújo, 2005 e Sabbadini e Azzoni, 2006.

<sup>33</sup> Oliveira, 2003, p. 1.

Aracaju, não deixa de fazer deles sujeitos sujeitados a uma organização econômica e social que determina suas ações e comportamentos<sup>34</sup>. No contexto das estratégias de acumulação capitalista, conforme análise de Oliveira,

Esses deslocamentos espaciais não podem ser justificados essencialmente como uma decisão individual de buscar alhures melhores condições de vida e salário, mas sim, como uma estratégia do capital que busca a valorização através da geração de excedentes populacionais, 'dispostos forçosamente' a vender a sua força de trabalho<sup>35</sup>.

No jogo entre fatores de coerção e escolha de indivíduos ou grupos de indivíduos, afetado pela crescente mercantilização da educação e proletarização dos trabalhadores intelectuais, a decisão de migrar - aqui considerada como uma ação racional no sentido weberiano, implica em cotejar o que se deixou para trás com o que se espera encontrar, na tensão de abandonar o familiar para enfrentar o "estranho".

Para cada migrante, a viagem simboliza renunciar ao conhecido e aventurar-se no desconhecido, de modo a reorganizar todo um mundo interior. Por isso, nosso professor migrante pode ser considerado um aventureiro nos termos de Simmel, quando esse relaciona o aventureiro ao jogador que conta com o acaso a seu favor<sup>36</sup>.

Assim, aqueles pesquisados aos quais foi perguntado de maneira mais coloquial - "*Como você veio parar em Aracaju?*" - tiveram a oportunidade de parar por um momento e acionar esquemas de percepção e modelos culturais subjacentes à ação já realizada de modo a, retrospectivamente, justificar as razões da migração de uma forma bastante processual à qual gostaríamos de dar relativo destaque.,

### **3.2. O complexo processo de escolha e suas mediações emocionais**

O ato de migrar enquanto expressão ativa e objetiva, gerada a partir de uma conduta motivacional subjetiva, não constitui um ato isolado, mas se insere no âmbito de um sistema de atos racionais, mediados pelo estoque de conhecimento de que dispõe cada indivíduo num momento da sua trajetória pessoal. Daí a noção fenomenológica de "projeto" dentro de um campo de possibilidades num dado contexto cultural, como expressão da

---

<sup>34</sup> A respeito da condição dialética do migrante da racionalização global do novo milênio, vide: Heidemann, 1998, p. 15-18.

<sup>35</sup> Oliveira, 2003, p. 16.

<sup>36</sup> Simmel, 1998, p. 174-175.

sociedade individualista em que vivemos. Os seja, em meio a uma multiplicidade de instituições e da necessidade de soluções individuais, “a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto<sup>37</sup>”.

Nesse sentido, cada indivíduo se situa sempre a reconstituir etapas anteriores e projetar as futuras, definindo sua situação<sup>38</sup>, condicionado pelas possibilidades problemáticas que residem nos fatores determinantes que lhe são exteriores. A “liberdade” de escolha estaria, portanto, sempre no limite da possibilidade de fazer ou na contra-possibilidade de fazer algo, de modo que qualquer alteração no sistema de relevâncias do estoque de conhecimento de que se dispõe pode alterar conduta e ato<sup>39</sup>.

Em se tratando da nossa pesquisa, como já vimos, a escolha representa para o migrante a opção de se afastar do lugar onde muitas vezes gostaria de ficar, mas onde muito provavelmente não encontraria igual oportunidade de trabalho.

*A gente queria ir embora de (cidade do interior de São Paulo). A gente não estava satisfeito lá... A gente tinha comércio, meu marido tinha uma pizzaria. A gente não estava satisfeito com a cidade O negócio não estava indo bem. A gente queria ir embora<sup>40</sup>.*

Outras vezes, a escolha representa a chance de sair dos problemas, fugir das dificuldades da terra de origem e buscar a satisfação de desejos e a possibilidade de fazer uma nova história. É o que revela a fala entrecortada da professora de muita “garra”, que deixou uma região ainda mais carente de pessoal qualificado onde, de certo modo, poderia encontrar maiores possibilidades de crescimento profissional.

*Motivos familiares (...). Eu não estava muito bem, assim, por conta da minha família ascendente, muitos problemas... Então eu resolvi assim, que talvez para manter uma relação, talvez fosse necessário um período de afastamento, para que a gente consiga não se machucar tanto. (...). Então eu resolvi que precisava sair e foi a oportunidade que apareceu.(...). Fuga, não sei te falar se...<sup>41</sup>*

Constatando, conforme Schutz, que “de acordo com a Sociologia moderna, o ator tem ‘de definir a situação’<sup>42</sup>”, ou seja, “projetar” e, ainda, conforme Velho, que “uma

<sup>37</sup> Velho, 2004, p. 24.

<sup>38</sup> A “definição de situação” constitui categoria importante na Fenomenologia. O termo, apropriado por Schutz, foi criado por W. I. Thomas. Vide Schutz, 1979, p. 92 e p. 155.

<sup>39</sup> Vide a respeito: Schutz, 1979, p. 143-156.

<sup>40</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>41</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07.

<sup>42</sup> Schutz, 1979, p. 155.

sociologia dos projetos tem de ser, em alguma medida, sociologia das emoções<sup>43</sup>”, não há como não fazer uma primeira incursão no campo disciplinar específico das ciências sociais bastante debatido na contemporaneidade, partindo do princípio que “As experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade<sup>44</sup>.”

O conteúdo emocional presente na avaliação de uma realidade adversa e no ideal imaginado de esperança, seja no contexto das próprias experiências, seja no das experiências alheias conforme compartilhadas subjetivamente, transparece na fala de muitos dos entrevistados, patenteando sua abertura para o novo.

*Eu acho que é uma cidade que está crescendo. E a gente pode crescer junto. Fazer uma história... Essa perspectiva é a que mais me encanta aqui, porque aí vai de encontro ao que eu desejava quando eu vim. Que é você crescer e fazer a diferença. Participar, tomar parte desse mundo<sup>45</sup>.*

A lembrança de um passado hostil e a referência do que ficou para trás vem acompanhada do projeto para o futuro, agora tornado presente, demonstrando que os projetos dos indivíduos se fazem dentro de um campo de possibilidades, do repertório sociocultural que lhes é conhecido.

No discurso permeado de emoções em que a diferença é palavra-chave, a entrevistada procura justificar a necessidade que a obrigou a sair de junto da família ascendente, grande referência da sua vida: “*Vimos aqui pra fazer diferença. Eu acho que a gente está fazendo diferença, não é? A gente veio pra acrescentar, inclusive dentro da universidade<sup>46</sup>.*”

Enquanto migrantes menos qualificados participam de códigos mais restritos, outros mais qualificados contam com códigos universalizantes, acumulando não somente o “capital cultural” que lhes é imprescindível, como o “capital social” que lhes oportuniza um

---

<sup>43</sup> Velho, 2004, p. 28-29.

<sup>44</sup> Koury, 2006, p. 129. Tendo a emoção como categoria de análise e a intersubjetividade como problemática central, a Sociologia da Emoção teria raízes na Sociologia Clássica. Segundo Mauro G. P. Koury, antropólogo, docente na UFPB e coordenador de grupo pioneiro em Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção no Brasil, a importância desse campo das ciências sociais cresceu a partir de meados dos anos 70 do século passado quando, tendência mais recente passou a defender a necessidade de se aprofundar a pesquisa sobre emoções específicas.

<sup>45</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>46</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

leque maior de chances de inserção profissional<sup>47</sup>, a partir de *habitus* incorporados, feito “pele”. Eis porque é preciso entender:

*Habitus* seria um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar, e constantemente repostos e reatualizados, ao longo da trajetória social restante, que demarcam os limites à consciência possível de ser mobilizada pelos grupos e/ou classes, sendo assim responsáveis, em última instância, pelo campo de sentido em que operam as relações de força. Para além da ‘comunicação das consciências’, os grupos e/ou as classes compartilham das inúmeras competências que perfazem seu capital cultural, como uma espécie de princípio que rege as trajetórias possíveis e potenciais das práticas<sup>48</sup>.

Há que se considerar, sob esse ponto de vista, as experiências individuais de mobilidade, ascensão ou descenso, o contato com outros grupos ou círculos, a interação com redes mais amplas e novas socializações através de múltiplas experiências existenciais. Tratando da diversidade de projetos individuais possíveis daí decorrente, Velho argumenta que as elites não se emocionam mais que o povo, mas que desenvolvem vocabulário cheio de matizes e meio-tons para enfatizar suas experiências biográficas individuais<sup>49</sup>. Tal fato se verifica nos depoimentos dos nossos entrevistados, em geral bastante versados na linguagem acadêmica, o que lhes favoreceu a objetivação de suas trajetórias pessoais.

O cotejamento entre passado, presente e projeto futuro nos remete à teoria motivacional de Schutz, quando considera que as ações voluntárias ocorrem a partir de impulsos subjetivos: motivos “a fim de” (objetivos) e “porque” (razões). Observemos, por exemplo, como os motivos alegados vêm logo acompanhados do esclarecimento quanto aos objetivos por parte dos pesquisados, esperançosos de encontrar realidade mais promissora no campo profissional.

A entrevistada fala em nome do casal de doutores que chegou à cidade quando seu ramo de atuação, na área da Saúde, era menos competitivo. Passados três anos em Aracaju, ambos já se estabeleceram na vida acadêmica<sup>50</sup> e dispõem de consultório particular com boa clientela. A “diferença” que dissera perseguir lhes permitiu, até então, adquirir um apartamento próximo ao local de trabalho, criar o filho menor com mais tranquilidade, além

<sup>47</sup> As duas categorias conferem ao professor universitário um estilo de vida mais valorizado no mercado de trocas simbólicas - o da elite acadêmica, seja pela posse de um capital incorporado (conhecimentos imateriais), objetivado (propriedade materializada de artigos e livros, de sua autoria ou não) e institucionalizado (diplomas e títulos); seja pela disponibilidade de um capital social que pode ser medido mediante recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento, à vinculação a grupos de agentes com propriedades comuns. Vide: Bourdieu, 2001a ; e 2001b.

<sup>48</sup> Miceli, 1989, p. XLII. Optamos pelo conceito que consideramos mais completo, conforme apropriação pelo autor em introdução à obra de Bourdieu.

<sup>49</sup> Velho, 2004, p. 22.

<sup>50</sup> Recentemente, o marido foi admitido como professor substituto na UFS.

de possibilitar-lhes regularmente passar as férias de fim de ano com os familiares, na terra natal.

*Tudo começou com um desejo íntimo de fazer diferença profissionalmente e isso não estava acontecendo no estado de São Paulo, na cidade onde a gente morava. (...) Aí meu marido veio conhecer a Universidade (...) que estava necessitando de professores com essa titulação: no mínimo Mestrado (...). Ele veio conhecer e saber da proposta. Deu tudo certo. A Universidade nos deu condição de vir com uma carga horária boa, razoável para poder trocar o valor do salário que nos tínhamos lá pelo valor de salário que teríamos aqui, para fazer essa mudança em termos de ganho financeiro. Não foi o que nos motivou realmente porque é como se você trocasse seis por meia dúzia. Porém, a possibilidade de você de fato estar fazendo essa diferença, foi nosso motivo maior, o que nos levou a querer, a desejar sair do lugar onde a gente estava<sup>51</sup>.*

Embora a (re)construção biográfica particular a cada um seja feita em escala muito pequena em relação ao mundo da vida, entendido na amplitude da esfera de experiências cotidianas<sup>52</sup>, pode-se constatar a intersubjetividade que permeia os discursos no que diz respeito à avaliação de experiências muito singulares. Assim, no mundo social interpretado individualmente por ocasião da tomada da decisão de migrar pudemos encontrar, entre os pesquisados, aproximações e afastamentos.

A análise da sociedade de indivíduos realizada por Norbert Elias, colocando a idéia de que a sociedade segue um curso não pretendido ou planejado por qualquer indivíduo singularmente considerado – sem que isso o torne menos importante, favorece a compreensão de como repercute a decisão e ação de migrar na vida de uma pessoa, seja no contexto de relações do seu entorno mais próximo ou mais distante. Diz o autor:

*Toda sociedade grande e complexa tem, na verdade, as duas qualidades: é muito firme e muito elástica. Em seu interior, constantemente se abre um espaço para as decisões individuais. Apresentam-se oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas. Aparecem encruzilhadas em que as pessoas têm que fazer escolhas, e de suas escolhas, conforme sua posição social, pode depender seu destino pessoal imediato, ou o de uma família inteira, ou ainda, em certas situações, de nações inteiras ou de grupos dentro delas<sup>53</sup>.*

Consideremos, por exemplo, a fala típica – a exemplo da que encontramos na entrevistada anterior, de membros de casais jovens de mesma naturalidade que acabaram de construir família e migraram de comum acordo, interessados em começar ou, ainda em tempo, recomeçar a vida deixando a terra natal.

<sup>51</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>52</sup> Schutz, 1979, p. 16.

<sup>53</sup> Elias, 1994, p. 48.

*Conheci a Marília... Ela estava no terceiro ano de faculdade. Começamos a namorar, tal... Ah! Vamos embora?! Ela estava se formando já.. Ai me chamaram pra fazer um curso de Especialização. Marília estava fazendo o Mestrado... Ah! Quando terminar o Mestrado, nós vamos. Ai começou o Doutorado... Ah! Quando terminar o Doutorado, nós vamos... Não vamos embora e voltar. Vamos com título. Negócio de fazer como caranguejo e voltar? Então vamos fazer tudo. Ela estava entrando no Doutorado, eu estava terminando a faculdade. Quando ela estava terminando o Doutorado, uma amiga dela que sabia que a gente tinha vontade de mudar pra cá [inaudível]... Ai nos casamos. Namoramos seis anos. Uma amiga dela colocou o currículo na Internet. (...). Fazia Doutorado com ela. Um professor daqui da UNIT ligou pra ela: - Olha, "eu" não! Mas tem uma amiga minha, um casal de amigo meu, que tem vontade de ir para o Nordeste<sup>54</sup>.*

Pudemos constatar, na fala dos entrevistados, evidências de uma intersubjetividade compartilhada que poderiam indicar até mesmo a construção de um possível tipo<sup>55</sup>. Tais evidências expressam a busca de reconhecimento profissional que uma cidade como Aracaju ainda favorece, quando confrontada com a cidade de origem de muitos desses casais onde, em geral, a identidade de cada um se vê diluída na multidão de existências<sup>56</sup>. Afinal, a incompletude permanente do ser humano que o faz “precipitar-se na sociedade” na busca de encontrar o sentido da existência é muito mais angustiante nas grandes metrópoles onde a luta pelo sucesso é excessivamente competitiva. Por outro lado, o fato do estrangeiro não ter história perante a sociedade onde se estabelece parece representar maior desafio e requerer mais investimento no sentido de conquistar o reconhecimento de distinção na acepção de Todorov<sup>57</sup>. A conquista do sucesso profissional, na fala de muitos dos pesquisados, é medida pelo respeito dos pares nem sempre migrantes também. Nesse aspecto, a falta de reconhecimento através da negação é muito mais sofrida do que a rejeição da falta de confirmação<sup>58</sup>. Como afirma Elias: “A necessidade de se destacar caminha de mãos dadas com a necessidade de fazer parte<sup>59</sup>”.

O desejo de inserção e sucesso profissional de uma pequena amostra de professores universitários, migrantes numa capital nordestina de médio porte, sugere pistas interessantes quanto ao novo perfil da migração qualificada no mundo globalizado. Senão, vejamos.

<sup>54</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

<sup>55</sup> A construção de um “tipo de migrante”, nos moldes do tipo ideal weberiano, sugere traços tais como: aventura, ambição, empreendedorismo, peculiares a alguns professores pesquisados, em relação a outros, mais reticentes e temerosos quanto ao “novo”.

<sup>56</sup> O velho ditado “em terra de cego, quem tem olho é rei” parece ainda confirmar-se, nesse caso.

<sup>57</sup> A essência social do “existir” humano, para além do “ser” e do “viver”, através da necessidade de reconhecimento é objeto de estudo aprofundado do autor (Todorov, 1996) para quem “o reconhecimento de nossa existência é o oxigênio do homem” (Op. Cit., p. 70).

<sup>58</sup> Vide as duas modalidades de reconhecimento - de conformidade e de distinção - em Todorov, 1996, p. 89-100.

<sup>59</sup> Elias, 1994, p. 124.

### 3.3. Um novo perfil da migração qualificada

Carências, necessidades, desejos permeando a fala dos entrevistados matizam a ação que em princípio parecia tão racional e, muitas vezes, expressam o enfrentamento solitário do risco da migração principalmente entre os mais jovens, os solteiros e, sobretudo, as mulheres. Como não constatá-lo na coragem e autonomia tão presentes na fala daquelas que se dispuseram a enfrentar o desconhecido?

*Sai fazendo concurso. Eu não conhecia Aracaju, como também não conhecia Petrolina, mas comprei a passagem, entrei no ônibus... Entrei no ônibus com uma caixa de papelão, dessas de embalar coisas de supermercado, cheia de livros para concorrer nos concursos que ia fazer fora (...). Passei um mês fora de casa fazendo concursos.(...). Fui para Petrolina, fui pra Feira de Santana, vim para cá. Aqui foi o último<sup>60</sup>.*

*Eles me avisaram com uma semana de antecedência. Uma semana depois eu estava aqui, para trabalhar com algumas disciplinas que a (...) iria trabalhar. Então vim pra cá. Fui convidada mesmo<sup>61</sup>.*

*Aqui, o coordenador de curso começou a me chamar: vem, vem, vem, as aulas são tuas. E aí voltei em julho... Em agosto comecei a dar aula. Estou aqui desde então. Até quando, não sei<sup>62</sup>.*

Compondo 45,5% da amostra pesquisada, e distribuídas na sua maioria na universidade pública (54%), a motivação dessas mulheres talvez se expresse na disposição das 54% que migraram com menos de 40 anos, das quais 52% delas solteiras, de um total de 54% que migraram nessa condição, procedentes na sua maioria da Região Nordeste (51%) e Sudeste (34%) do país, predominantemente dos estados de São Paulo (19%), Bahia (14%), Rio de Janeiro (11%) e Ceará.(10%).

Apesar da amostra reduzida, é curioso observar a proporção de mulheres que, jovens e solteiras ao chegar, se estabeleceram em cada uma das duas instituições pesquisadas, e sua expressiva representação na universidade particular, o que parece indicar que a estabilidade no emprego não teria condicionado a migração. Nesse aspecto, autores como Lopes Junior vêm se reportando a estudos que apontam para novas dimensões no fenômeno

<sup>60</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07. A caixa de papelão cheia de livros de Rosa, nas suas idas e vindas nos ônibus interestaduais atrás de fazer concursos, se de um lado atesta a proletarização da categoria, de outro constitui a viva expressão do capital cultural, conforme Bourdieu (2001b, p. 77-78).

<sup>61</sup> Luana. Entrevista realizada em 11/09/06.

<sup>62</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06. Cabe observar que os depoimentos de Luana e Emília, professoras da universidade particular, atestam uma seleção diferenciada em relação à instituição pública, na maioria das vezes a partir do currículo, referendado por possível indicação de colegas migrantes anteriormente admitidos. No caso de Emília, já havia tido experiência pregressa na mesma universidade.

da migração, atribuindo papel relevante ao empoderamento das mulheres a partir do movimento feminista<sup>63</sup>. De fato, os novos papéis da mulher na sociedade, a intensidade crescente de sua inserção no mercado de trabalho, a busca de maior independência e o afloramento de diversos tipos de arranjos familiares são fatores que não se coadunam com a idéia de qualquer restrição quanto à relevância da participação feminina no processo de migração<sup>64</sup>.

De certo modo, os resultados confirmam que a transformação do padrão migratório, através da desconcentração dos grandes centros urbanos e do redirecionamento dos fluxos para as cidades médias, se expressa também na nova face dos migrantes, na sua maior parte em idade jovem, do sexo feminino, com maior nível de escolaridade, e mais propensos à aventura de enfrentar o desconhecido. Estudos recentes voltados para a relevância das migrações internas na América Latina atestam que, do contingente populacional de migrantes nesse continente, em sua maioria em idade produtiva, a idade média é de 28,5 anos, sendo que apenas 10,4% têm mais de 50 anos. Ou seja,

El rostro de los migrantes internos latinoamericanos e caribeños es joven, femenino y más educado que el promedio. Es en la juventud cuando se toman decisiones vitales relacionadas con el cambio de residencia, el ingreso a la universidad, la incorporación al mercado de trabajo y el matrimonio. De ahí que entre los migrantes predominem las personas em edad laboral<sup>65</sup>.

De fato, a categoria que pesquisamos parece ilustrar essa tendência. Dos 54,5% de pesquisados do sexo masculino, os resultados são também expressivos: 60% têm menos de 40 anos e 46% migraram solteiros, procedentes igualmente na sua maioria da Região Nordeste (46%) e Sudeste (31%) do país. Entre os homens, a procedência por estado se altera um pouco em relação às mulheres, predominando o estado da Bahia (17%), seguido de São Paulo (16%), Rio de Janeiro (12%) e Pernambuco (10%), com registro de apenas um representante cearense.

No cômputo geral, na faixa de até 40 anos, 43% dos homens e mulheres pesquisados detêm o título de Doutorado ou Pós-Doutorado, 33% são Mestres e 21% têm Especialização. A expressiva participação feminina se revela na Tabela de titulação segundo o sexo, conforme disposto a seguir.

---

<sup>63</sup> Lopes Júnior, 2002.

<sup>64</sup> Pesquisas recentes estariam a indicar que a probabilidade de um indivíduo ser migrante aumenta quando este é mulher e é de cor amarela, seguida de branca e parda (Pereira, apud Sabbadini e Azzoni, 2006).

<sup>65</sup> CELADE, 2006.

TABELA 12 - Titulação dos pesquisados, segundo o sexo

Titulação	Masculino		Feminino		Total	
	Abs	%	Abs	%	Abs	%
Graduação	1	0,83	2	2,00	3	1,36
Especialização	24	20,00	25	25,00	49	22,27
Mestrado	36	30,00	30	30,00	66	30,00
Doutorado	51	42,50	36	36,00	87	39,55
Pós-doutorado	7	5,83	7	7,00	14	6,36
NR	1	0,83	-	-	1	0,45
<b>Total</b>	<b>120</b>	<b>100,00</b>	<b>100</b>	<b>100,00</b>	<b>220</b>	<b>100,00</b>

A aventura como a essência da experiência do mundo moderno, conforme Simmel, pode ser compreendida aqui como a encruzilhada entre o momento de segurança e o de insegurança, quando o aventureiro confia na sua própria força e sorte<sup>66</sup>. Ainda assim, o desejo de mudar, a inquietude e a disposição para a aventura, ou a curiosidade de ver coisas novas e de entrar em contato com gente diferente parecem ser nutridos muitas vezes por uma certa familiaridade com os deslocamentos geográficos que, em geral, fazem parte da trajetória de vida dos professores universitários. É comum, no processo de formação acadêmica, que esses se obriguem a buscar os grandes centros a fim de conquistar a titulação necessária ao ingresso ou permanência em qualquer universidade, sobretudo em tempos correntes.

O tema foi objeto de estudo da socióloga e pesquisadora brasileira Ângela Xavier de Brito que forjou a categoria bourdieusiana “*habitus* de migrante” para qualificar professores que herdaram o *habitus* de migrar da família, através da experiência pregressa dos pais ou parentes próximos, ou aqueles que o adquirem no decorrer do processo de escolarização e vida no meio universitário<sup>67</sup>.

Considerando a afinidade da categoria pesquisada no que tange a ser também migrante, ainda que, na sua maioria, num mesmo país de origem natal, boa parte dos depoimentos obtidos através dos questionários e entrevistas realizadas atesta histórias de

<sup>66</sup> Simmel, 1998, p. 177-179.

<sup>67</sup> Sediada na França, Xavier de Brito construiu a referida categoria a partir de pesquisa desenvolvida junto a professores universitários brasileiros migrantes naquele país. Entendendo, conforme Bourdieu que “a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo” (Bourdieu, 1996, p. 21), haveria uma prática distinta e distintiva de migrar na categoria de professores universitários. Vide: Xavier de Brito, 2004.

muitas andanças. O caso de um dos professores entrevistados ilustra a migração da terra natal com fins de estudo e a peregrinação efetuada até a obtenção do título de Doutor e a realização do concurso, em Aracaju:

*Fiz tudo fora... Tudo... Estudo, curso de graduação, estágio, Mestrado, Doutorado. (...). Tudo foi motivado pela formação. (...). Vir pra cá foi uma situação diferente porque até então era a oitava cidade que eu ia morar. Só que era a primeira vez que ia sem conhecer, sem nunca ter estado antes. Acho que nem escala, eu tinha feito. (...). Nunca tinha estado aqui. Vim mesmo de mala e cuia, como diz o gaúcho, para ficar. (...) Alguns colegas falavam que tinham estado aqui, tinham gostado, mas para mim tinha uma importância um pouco secundária. (...) eu sabia que eu ia começar a minha vida literalmente, minha vida profissional, então eu não tinha que ficar olhando se era realmente bom ou não. Eu tinha que ficar aqui, por questões da perspectiva profissional<sup>68</sup>.*

A fala pragmática do professor nos permite inferir que a motivação pela oportunidade de trabalho em muitos casos prescindiu de um conhecimento prévio da cidade, de modo que, segundo os resultados encontrados, mais da metade dos pesquisados conheceu Aracaju ao tempo em passou a nela residir. A jovem entrevistada também deixa claro que conhecer a cidade previamente foi absolutamente irrelevante quanto à sua decisão de migrar.

*Sinceramente eu não tive tempo pra imaginar. Se a cidade ia ser boa ou não, não pensei, também não penso muito nisso, não. Acredito que quem faz a coisa ficar boa é o nosso estado de espírito, como você vai, como você está no local que a coisa acontece. Então não pensei muito no local especificamente<sup>69</sup>.*

Isso denota que a categoria pesquisada está entre aquelas que ainda podem escolher e mudar a escolha a qualquer tempo, uma vez que faz parte de uma população privilegiadamente qualificada em face da demanda existente ainda em diversos lugares, especialmente quando se considera a expansão cada vez mais competitiva do ensino superior privado.

Dentre os entrevistados, apenas uma, - cuja família se estabelecera previamente na cidade, declarou ter visitado Aracaju regularmente, sobretudo em período de férias, até resolver se estabelecer, num processo de idas e vindas em que concluiu o Mestrado e retornou com o título que, na sua terra natal, não fazia muita diferença. “*Meus amigos me chamam de garota norte-sul porque essa é a terceira vez que eu venho para Aracaju para ficar*<sup>70</sup>.”

<sup>68</sup> Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

<sup>69</sup> Luana. Entrevista realizada em 11/09/06.

<sup>70</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06.

Dos depoimentos depreende-se que a mobilidade, muito mais do que uma característica da sociedade industrial moderna - aliás, como sempre foi tratada, parece constituir uma “categoria ontológica” da nova ordem social a ponto de Bauman considerá-la um novo fator de estratificação social, se referindo à hierarquia sociocultural em escala planetária em que vivemos hoje. Bauman trata da liberdade (ou não) dos indivíduos se moverem e agirem mediante o que denominou: a mobilidade dos “turistas” e a imobilidade dos “vagabundos”<sup>71</sup>. Para esse autor, na era da compressão espaço-temporal somente os que se movem estão incluídos, isto é,

A “boa vida” é a vida em movimento, mais precisamente o conforto de ter confiança na facilidade com que é possível mover-se caso ficar não mais satisfaça. Liberdade nesse sentido veio a significar acima de tudo liberdade de opção, e a opção adquiriu notoriamente uma dimensão espacial<sup>72</sup>.

Desse modo, “a extensão ao longo da qual os de “classe alta” e os de “classe baixa” se situam numa sociedade de consumo é o seu grau de mobilidade – sua liberdade de escolher onde estar”<sup>73</sup>.

O depoimento da professora que realizou um *tour* de concursos pelo Nordeste brasileiro, antes de optar por Aracaju, é bastante ilustrativo a respeito.

*Se fosse para ser seria lá, seria aqui, seria em algum lugar. Sei que em todos os concursos eu passei. (...). Só faltava definir onde eu queria ficar. Estava naquela condição excelente que... Agora posso escolher! (...). Se eu pudesse ser funcionária pública e a sociedade ser meu patrão seria mais interessante do que voltar para iniciativa privada (...). Até então só tinha conhecido Aracaju de ter vindo fazer o concurso. Vim, passei só uma semana que foi pra fazer as provas e pra me preparar.(...). Quando soube que passei aqui, eu vim<sup>74</sup>.*

Fica evidenciado como, no contexto da “modernidade líquida” de Bauman<sup>75</sup>, seja na viagem de trabalho ou lazer, os chamados “turistas” escolhem enquanto os “vagabundos” se movem porque não têm outra opção. Zygmunt Bauman considera a sociedade moderna como a sociedade dos viajantes, defendendo a idéia de que – na globalização - todos somos nômades e consumidores<sup>76</sup>.

<sup>71</sup> Vide a respeito: Bauman, 1999, p. 85-110.

<sup>72</sup> Bauman, 1999, p. 129.

<sup>73</sup> Bauman, 1999, p. 94.

<sup>74</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07.

<sup>75</sup> Bauman, 2001.

<sup>76</sup> Vide a respeito: Bauman, 1999, p. 85-110.

Assim, no mundo globalizado o capital comanda a mobilidade, de modo que para se integrar é necessário produzir e consumir, o que faz do migrante mais do que um protagonista da sua história, um sujeito valorizado pela única propriedade que possui - sua força de trabalho.

É no contexto das formas perversas de inclusão do ser humano, devido ao processo de reprodução ampliada do capital o qual se expandiu no mundo global, que se constitui, por exemplo, a categoria de imigrantes “ruins” ou “menos vantajosos” a que se refere Abdelmalek Sayad<sup>77</sup>. Tais imigrantes nem sempre constam das estatísticas oficiais, uma vez que compõem a chamada de migração temporária, a qual vem gerando polêmicos debates no que diz respeito à necessidade de se traçar políticas migratórias, sobretudo nos países ricos<sup>78</sup>.

Ao lado desses migrantes “problemáticos” encontram-se aqueles das estatísticas oficiais porque legalmente estabelecidos e inseridos na economia formal, os quais em geral são tanto mais valorizados quanto mais contribuem na produção da riqueza local.

Cabe observar que a categoria de professores universitários objeto deste estudo integra esse último grupo, uma vez que se encontra engajada no mercado de trabalho, dentro de condições econômico-financeiras privilegiadas relativamente à maioria da população brasileira. Tendo seu trabalho regulamentado e protegido contratual ou estatutariamente, esses profissionais contam com o apoio institucional privado ou estatal dos serviços de assistência à saúde, têm seus direitos políticos e civis garantidos, além de serem donos de uma consciência soberana que lhes confere a condição de sujeitos livres e igualitários no mundo da mercadoria.

No que se refere à mobilidade de pesquisadores brasileiros, estudos recentes têm apontado diferenças quanto aos dois tipos de deslocamento, para o exterior e para outras unidades da federação.

Conforme pesquisa realizada no período de 1993 a 1999, as migrações internacionais têm visado predominantemente complementar a formação, enquanto as que se dão internamente têm por justificativa o exercício profissional. Também se verificou que o risco de não haver retorno tem sido maior no segundo caso, entre os que se afastam do lugar de origem para trabalhar<sup>79</sup>. O depoimento da entrevistada revela o discurso do “novo” retirante que, se agora foge do grande centro, tem a certeza de que não quer voltar.

---

<sup>77</sup> Sayad, 1998, p. 65-66.

<sup>78</sup> Um dos exemplos mais recentes que poderia ser aventado é o muro que o governo americano vem construindo entre os Estados Unidos e o México a fim de evitar a imigração clandestina dos mexicanos para aquele país.

<sup>79</sup> Guimarães, 2002.

*Os alunos querem muito ir pra São Paulo. Como é lá? Não vai, não. Aqui é tão melhor. Lá é tão... Ainda se tem uma visão de que São Paulo é muito bom, mas na verdade não é. Uma cidade feia. Grande demais, com muita violência, muita miséria. Uma cidade triste, eu acho. (...). Quando me perguntam, eu falo: Não, gente! Vocês têm que ficar aqui, trabalhar pelo Nordeste, crescer desenvolver... Lá já desenvolveu, lá tá sobrando gente. Lá a gente está vindo pra cá porque não tem espaço mais lá. (...). Tento convencer do contrário: que o lugar é aqui, não lá. Não tem mercado pra... Ninguém se deu bem. (...). Sinto que lá é a terra natal. (...) eu vim de lá, mas (...) não tenho vontade de voltar<sup>80</sup>.*

De modo geral, aqueles que vêm pela primeira vez com a intenção de ficar falam num misto de sensações e sentimentos sucessivos - dúvida, curiosidade, surpresa, encantamento ou desencantamento - que acompanharam as etapas de decisão, escolha, chegada e instalação na cidade: *“Nós havíamos vindo pra cá como turistas, uma única vez, e não foi em Sergipe, foi no Rio Grande do Norte. Não havíamos conhecido não, nem ele nem eu, tanto é que quando eu vim pra residir, eu nunca havia estado aqui<sup>81</sup>”*.

Comum à grande maioria dos pesquisados, a representação de que Sergipe é um estado esquecido do roteiro turístico do Nordeste e, portanto, desconhecido nos seus atrativos, adquire dimensão especial no depoimento do profissional engajado na área de turismo e hospitalidade que, agora instalado e confiante nas perspectivas de crescimento profissional, vem abrindo portas para muitos conterrâneos. Seguindo a escolha feita em princípio pela esposa, também professora que viera previamente conhecer a cidade e acertar o emprego, na sua fala atropelada, o professor revela os passos que precederam a decisão em comum:

*Resolvi fazer uma viagem em 1990 para Porto Seguro. Pensei: acho que por aqui mesmo que eu vou morar... Tava tendo muito assalto lá... Era comerciante. Já tinha sido assaltado três vezes. Não agüentava mais lá. (...). Marília veio conhecer aqui... Eu vim... Não conhecia... Conhecia Fortaleza. Ninguém falava de Sergipe, não é? No turismo. Nada. Nós pulamos o estado... Estava chovendo. Fomos de Salvador direto a Maceió. Aí quando ela veio pra cá, em 2002, ela veio pra cá sem conhecer, sem nada, mas como a gente já queria vir pra cá. (...) Ah! Vamos sim! Pelo menos, é um grande passo já estar no Nordeste<sup>82</sup>.*

A escolha específica pela capital do menor estado da federação sugere, como se vê, uma gama mais diluída de motivos, na sua maioria lembrados secundariamente em relação à razão principal – trabalho, apontada por 68,16% dos pesquisados.

<sup>80</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>81</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>82</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

Entre os demais motivos apontados, aquele que ocupa o segundo lugar tem destaque entre 14% das mulheres relativamente a 7% dos homens, correspondendo a demandas de caráter familiar, seja no sentido de acompanhar cônjuge ou de reunir-se aos familiares, como foi o caso de duas das entrevistadas. A Tabela 13 contempla todos os motivos apresentados, levando em conta a ocorrência de mais de uma resposta à questão aberta – “*Por que veio morar em Aracaju?*”.

TABELA 13 - Motivo da migração dos pesquisados.

<b>Motivo</b>	<b>Motivo 1</b>	<b>Motivo 2</b>	<b>Motivo 3</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Concurso público	55	2	1	<b>54</b>	<b>22,04</b>
Oportunidade de trabalho	108	4	1	<b>113</b>	<b>46,12</b>
Qualidade de vida	11	11	2	<b>24</b>	<b>9,80</b>
Beleza da cidade	-	2	-	<b>2</b>	<b>0,82</b>
Clima e proximidade do mar	5	3	-	<b>8</b>	<b>3,27</b>
Atração pelo Nordeste	7	2	-	<b>9</b>	<b>3,67</b>
Estudo	11	-	-	<b>11</b>	<b>4,49</b>
Casamento e/ou família	22	2	-	<b>24</b>	<b>9,80</b>
<b>Total</b>	<b>219</b>	<b>26</b>	<b>4</b>	<b>245</b>	<b>100,00</b>

Obs: As respostas contemplam todos os motivos apresentados, a partir da pergunta aberta.

Sem maior destaque como motivos de migração, fatores tais como clima e proximidade do mar, beleza local e atração pelo Nordeste, além da referência à qualidade de vida propriamente dita, levemente ensaiados nesse primeiro momento, surgem de maneira mais efetiva quando o foco da pergunta incide sobre a valorização do que se considera positivo na cidade.

### 3.4. Em busca de qualidade de vida

Se a cidade ideal é mesmo “aquela que realiza nossos sonhos, concretiza nossos desejos” como diz Silva<sup>83</sup>, depreende-se dos motivos apresentados na Tabela anterior que a Aracaju que até então existia para nossos pesquisados como a cidade boa para trabalhar se torna também, para a maioria deles, a cidade boa para viver. Afora aqueles que resumidamente dizem gostar “*de tudo*”, as palavras do mesmo entrevistado que associara a cidade escolhida à “*grande possibilidade de sucesso profissional*” nos permitem introduzir a representação mais comum encontrada:

*Junta as vantagens de ser capital, com uma cidade de porte médio. Então, tudo muito fácil (...). Uma cidade moderna comparativamente com outras, o trânsito bem organizado, flui bem, a questão de diversidade de serviços... Tem aí dois shoppings centers. (...). Bem estruturada. (...). Nós realizamos (na universidade) um evento de nível nacional (...). Havia aproximadamente 700 pessoas de todo país. Muitos ficaram surpresos porque Aracaju não é muito divulgada no país. (...). Vamos lá, Rio de Janeiro! Rio de Janeiro, muita gente conhece, já tem uma idéia bem formulada, isso e aquilo. E Aracaju, não. O pessoal se surpreende no sentido bom, ao conhecer a cidade. (...). Cidade boa pra se viver, eu acho assim. Qualidade de vida. Pra quem quer trabalhar, eu sempre digo, pra quem quer trabalhar é um local ótimo! (...) pra viver é excelente! Eu não sairia daqui não e falo muito bem dela<sup>84</sup>.*

Na perspectiva da cidade singular/plural de várias facetas e múltiplas funcionalidades de Silva<sup>85</sup>, captada por Silva analogamente a um caleidoscópio sob a forma de diferentes leituras e interpretações<sup>86</sup>, às vezes contraditórias<sup>87</sup>, o termo qualidade de vida que emerge da fala do entrevistado nos remete à “consciência ecológica” a que se referiu

---

<sup>83</sup> Silva, 2002, p. 26.

<sup>84</sup> Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

<sup>85</sup> Silva, 2002, p. 26.

<sup>86</sup> Silva, 2003, p. 183. Em estudo sobre Brasília como “a cidade do silêncio”, de que resultou sua tese de Doutorado, a autora utiliza a metáfora para exemplificar a mutabilidade de imagens que permeiam a representação dominante sobre a cidade.

<sup>87</sup> Curioso observar que qualidades enaltecidas por Arnaldo são apontadas como defeitos por outros pesquisados, a exemplo da (pouca)diversidade e (má) qualidade dos serviços e da (des)organização do trânsito. Vide adiante em: “Aracaju estranhada”.

Velho<sup>88</sup>, muito presente no discurso das camadas médias da população em que se inclui a categoria pesquisada.

Nesse aspecto, conforme já referido e segundo possíveis características de Aracaju - além da oportunidade de trabalho, migrantes qualificados se veriam atraídos também pelas amenidades associadas ao prazer gerado por viver na capital sergipana. A chamada “infra-estrutura social” abrangeria desde as condições e qualidade dos postos de trabalho em termos de segurança e salubridade, facilidade de moradia, expectativa de vida, como também a existência de um ambiente cultural favorável através de hábitos e costumes similares entre as regiões de destino e origem, e a presença de outros indivíduos procedentes de uma mesma região<sup>89</sup>.

Sob tais aspectos, ao longo dos seus quase 153 anos de história, Aracaju parece nunca ter se mostrado tão atrativa para migrantes de classe média, de modo que a matéria, referida no início do primeiro capítulo deste trabalho, é assim introduzida:

O menor Estado brasileiro, também é o mais acolhedor do Nordeste, pois em Sergipe, entre os pouco mais de dois milhões de habitantes, 11,2% deles, ou seja, 220 mil são oriundos de outras unidades da federação e de outros países, que escolheram viver aqui<sup>90</sup>.

Conforme o teor do conteúdo jornalístico, o “aqui” é entendido como a capital do estado. Quando se analisa, por exemplo, os depoimentos dos seis migrantes apresentados - de outros estados do Brasil e até do exterior, se verifica que todos estão instalados em Aracaju e valorizam as qualidades dessa cidade: *“muito acolhedora, organizada”, “local tranqüilo, com uma qualidade de vida muito boa... uma capital que oferece tudo de bom”, cidade maravilhosa, acolhedora”, “melhor cidade do Brasil... tranqüila, limpa, maravilhosa”*<sup>91</sup>.

Entrevistado para a mesma reportagem, o economista do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos de Sergipe (DIEESE), Luiz Moura, ele também baiano radicado desde 1994 em Aracaju, referindo-se aos motivos que levam as pessoas a deixarem seu lugar de origem, afirma: *“A busca de uma oportunidade coincide com*

---

<sup>88</sup> Segundo Gilberto Velho: “Essa preocupação com a preservação da natureza e com a ‘qualidade de vida’ tem tido como um de seus temas centrais as precárias condições das grandes metrópoles modernas – falta de áreas verdes, transporte difícil e desgastante, concentrações demográficas excessivas, altos índices de criminalidade, violência em geral, poluição sonora, visual, envenenamento do ar pelas indústrias, incineradores, automóveis, etc.” (Velho, 1975, 11-12). O texto, de 1975, já retratava a precariedade das condições de vida urbana que só viria a se intensificar.

<sup>89</sup> Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, 2007.

<sup>90</sup> Garcia, 2006.

<sup>91</sup> Garcia, 2006.

*o fato de gostar do local que escolheu para residir*". E, lembrando a tradicional migração do Nordeste em direção ao sul do país, o economista acaba por corroborar a tese à qual vimos nos referindo ao afirmar: *"Hoje as pessoas procuram lugares mais calmos, onde possam ter qualidade de vida"*<sup>92</sup>.

Assim, enquanto se quantifica 11,2% da população sergipana como sendo oriunda de outros lugares, já pudemos constatar a relativa elevação desse percentual no que diz respeito aos municípios que compõem a micro-região de Aracaju: a chamada Grande-Aracaju<sup>93</sup>.

Considerando a capital em particular, onde estão concentrados os nossos professores migrantes, lembramos que 15,84% dos seus habitantes nasceram em outros locais que não o estado de Sergipe. De um total estimado de 73.097 pessoas que nasceram em outras unidades da federação ou outros países, calcula-se que 29.917 pessoas residiam em Aracaju há menos de 10 anos ininterruptos<sup>94</sup>.

Levando em conta que esses quantitativos incluem uma gama variada de classes de renda e ocupação, ainda assim é sugestivo que o percentual de professores naturais de outros lugares que não Sergipe, nas duas instituições de ensino superior, represente quase a metade em relação ao total, conforme já apresentamos. Ou seja, ainda que sabidamente o número dos autênticos migrantes seja inferior a esse percentual, nos parece significativa a representação numa mesma classe e categoria.

É inegável que o crescimento demográfico advindo desses deslocamentos migratórios e a notória transformação urbana de Aracaju estão associados. Entre outros fatores, políticas públicas de incentivo à indústria e turismo através de toda uma rede de obras de infra-estrutura e serviços vêm agregando benefícios à cidade e ao estado, atraindo investimentos e gerando emprego.

No contexto nacional, por exemplo, a cidade vem sendo massivamente divulgada como a capital com melhor qualidade de vida da região Norte-Nordeste, 8,62% acima da média nacional, conforme recente pesquisa divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), embora numa colocação relativamente distante comparada às onze primeiras capitais de

---

<sup>92</sup> Garcia, 2006.

<sup>93</sup> Vide Tabela 4, pág. 34.

<sup>94</sup> IBGE, Censo 2000.

outras regiões, ainda que logo depois de São Paulo e antes da metrópole de Salvador<sup>95</sup>. Tal resultado, obtido a partir de estudo realizado pela FGV com base nos dados de pesquisa de orçamento familiar de 2002/2003, estaria a demonstrar a média de satisfação da população com relação a quesitos como a oferta de serviços públicos, alimentação, moradia, renda e problemas com a violência.

Os quesitos considerados dão conta da amplitude com que vem sendo empregado o termo “qualidade de vida” na sociedade moderna<sup>96</sup> de modo que, em nossa pesquisa, pudemos encontrá-lo no conteúdo de 100% das respostas à questão – “*O que mais gosta em Aracaju?*” - onde apareceu recorrentemente, seja de maneira expressa ou através de atributos afins<sup>97</sup>.

Na Tabela 14, listamos esses atributos no âmbito de algumas categorias que construímos a partir de uma certa “essência” que identificamos nos itens valorizados. No campo que denominamos de “infra-estrutura urbana”, por exemplo, reunimos elementos que ao nosso ver diziam respeito a condições ambientais referentes ao grau de urbanização material e recursos existentes na cidade.

Em “capital geográfico”, juntamos qualidades voltadas à natureza mais singular do local. Intitulamos “cultura e sociabilidade” à categoria que pudesse retratar aspectos relativos à vida social e cultural, ou seja, ao lugar enquanto “praticado”, como produto da complexa trama tecida nas relações cotidianas, de acordo com os usos e sentidos vivenciados localmente pelos migrantes pesquisados<sup>98</sup>.

Por fim, denominamos de “economia e finanças” à categoria que contemplou atributos relativos à avaliação quanto a condições e perspectivas de melhoria de vida material. Em “diversos”, agregamos aspectos apontados muito secundariamente, cuja incidência foi relativamente maior quanto à negatividade, ou seja, aquilo de que os pesquisados não gostam ou sentem falta (opções de lazer, tais como shopping e cinema, e culinária local”).

---

<sup>95</sup> FGV, 2005. No ranking, estão – pela ordem e com os respectivos índices (enquanto positivos) – até o 14º lugar: Brasília (DF): 113,52%; Vitória (ES): 62,74%; Curitiba (PR): 42,48%; Belo Horizonte (MG): 39,59%; Palmas (TO): 36,30%; Goiânia (GO): 36,14%; Florianópolis (SC): 34,84%; Porto Alegre (RS): 34,52%; Campo Grande (MS): 32,12%; Rio de Janeiro (RJ): 20,50%; São Paulo (SP): 18,91%; Aracaju (SE): 8,62%; Salvador (BA): 1,09%; Natal (RN): 0,65%.

<sup>96</sup> Em artigo no qual constrói a idéia de uma cidade hospitaleira, Matheus considera que o conceito de qualidade de vida, como um conceito qualitativo de expressão quantitativa, é de difícil mensuração. No âmbito da cidade, resulta da combinação de “determinadas características gerais, entre elas segurança, qualidade ambiental, mobilidade e oportunidade de lazer, com sensibilização para as diferenças da população, especialmente as de faixa etária e limitações físicas” (MATHEUS, 2002, p. 65).

<sup>97</sup> Cabe observar que consideramos até três registros diferentes em cada resposta, a partir da pergunta aberta, o que justifica a menção aos 100% de ocorrência.

<sup>98</sup> Cerateau, 1994.

TABELA 14 - De que os pesquisados mais gostam em Aracaju.

<b>Categorias</b>	<b>Atributos</b>	<b>Gosta 1</b>	<b>Gosta 2</b>	<b>Gosta 3</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>%</b>
Infra-Estrutura Urbana	Qualidade de vida	16	7	4	27	7,94	51,76
	Segurança e tranquilidade	80	16	5	92	27,06	
	Tamanho e facilidade de deslocamento	7	18	7	32	9,41	
	Limpeza e organização	12	6	-	18	5,29	
	Arborização	4	2	1	7	2,06	
Capital Geográfico	Beleza local	41	16	9	66	19,41	31,17
	Clima e proximidade do mar	28	9	3	40	11,76	
Cultura e Sociabilidade	Cultura regional	3	-	-	3	0,88	4,99
	Povo hospitaleiro e acolhedor	3	4	1	8	2,35	
	Amigos	1	2	3	6	1,76	
Economia e Finanças	Perspectivas de crescimento	7	3	1	11	3,24	4,42
	Baixo custo de vida	-	3	1	4	1,18	
Diversos	Tudo	6	-	-	6	1,76	7,64
	Outros	7	8	5	20	5,88	
<b>Total</b>		<b>215</b>	<b>94</b>	<b>40</b>	<b>340</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Foram consideradas apenas as respostas válidas em cada opção: Gosta 1, Gosta 2 e Gosta 3. Considerando múltiplas respostas à pergunta aberta, os percentuais totais foram calculados em relação aos 215 pesquisados que responderam à questão.

Observando os resultados obtidos a partir das palavras textuais, seja nos questionários ou através das entrevistas depreende-se que, não se reduzindo tão somente a indicadores de condições de vida ou a possibilidades de acesso a bens de consumo e serviços, qualidade de vida parece ter mais a ver com o sentido atribuído pelos migrantes a esses elementos, quando cotejados com o modo como poderiam satisfazer as mesmas necessidades no local de onde vieram.

As representações da cidade são condicionadas, então, por características pessoais tais como sexo, idade, local de nascimento, condição civil, bem como pelo repertório de experiências e valores dos professores migrantes.

Constatamos, por exemplo, que segurança e tranquilidade constituem aspectos notadamente mais valorizados em relação aos demais itens na mesma categoria, tendo sido lembrados em primeira mão pela maior parte dos pesquisados, com maior ênfase por aqueles procedentes da mesma região (Nordeste) e do Sudeste, onde tem se destacado o crescimento dos índices de violência e criminalidade urbana.

*Olha! Aracaju, comparada a outras capitais, é uma capital tranqüila, não tem um alto índice de criminalidade, como se tem, por exemplo, em Salvador. (...) uma cidade onde você anda de forma mais tensa, você tem que se preocupar... Aqui eu mando a Norma [a empregada] pagar contas. Tudo bem que eu tomo cuidado. Como sulista estressada, eu a levo até a porta do banco: - Agora você vai lá e faz isso. Mas, conta pequena... Ela vai sozinha e nunca ocorreu nada<sup>99</sup>.*

Por outro lado, essa valorização tem a ver também com a vivência específica de uma classe de maior poder aquisitivo no cotidiano da cidade. Nesse particular, a ênfase em tais atributos, por parte dos pesquisados, remete-nos à análise de Nogueira ao tratar da configuração urbana de Aracaju<sup>100</sup>. A segregação sócio-espacial da sede municipal, concentrando bens de moradia e serviços voltados de modo prioritário para grupos de renda mais elevada em alguns espaços delimitados, afasta essas classes do convívio mais direto com a periferia e com os problemas sociais advindos do crescimento da cidade, cada vez mais marcada pela crescente marginalização e exclusão dos despossuídos que não têm o mesmo direito à cidade

Considerando que o último Censo confirmou a tendência apontada, já em 1991, de que as cidades médias (entre 100.000 e 500.000 habitantes) cresceriam a taxas mais altas do que as regiões metropolitanas, era de se esperar que os problemas das metrópoles comessem a surgir nas cidades de porte intermediário, a exemplo do que se presencia hoje em Aracaju. “Invasões” e favelas, moradores de rua e crianças abandonadas, congestionamento de veículos e mortes no trânsito, problemas com o destino do lixo e poluição da água e, em especial, a chamada violência urbana são alguns dos indicadores que constituem amostra da tendência que hoje é geral.

O novo padrão migratório parece estar impactando a distribuição geográfica da violência no país. Segundo o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, “se até 1999 os pólos dinâmicos da violência localizavam-se nas grandes capitais e metrópoles, a partir dessa data observou-se o deslocamento da dinâmica para o interior dos estados<sup>101</sup>”. Pelo menos, é o que expressa a segunda edição do mapa da violência dos municípios brasileiros resultante de estudo realizado sob a coordenação do pesquisador, analisando a evolução das taxas de óbitos nos 5.564 municípios do Brasil entre 2004 e 2006. O trabalho fornece subsídios estatísticos para um diagnóstico local e focalizado da realidade da violência letal, tendo em vista a mortalidade causada por homicídios em geral, com foco especial nos homicídios juvenis, por acidentes de transporte e por armas de fogo.

---

<sup>99</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>100</sup> Nogueira, 2004.

<sup>101</sup> Waiselfisz, 2008.

No ranking geral, Aracaju que notoriamente não constitui uma grande capital ou metrópole consta como a 9ª capital mais tranqüila do país, sendo a 2ª entre as capitais do Nordeste, onde só perde para a cidade de Natal. Ainda assim, no conjunto dos 556 municípios brasileiros com maiores taxas de homicídio, Aracaju é um dos nove localizados em Sergipe, figurando como a 8ª capital mais violenta e a 3ª entre as capitais do Nordeste, e aí só perde para Recife e Maceió. Nesse rol, ocupa a 212ª colocação, com uma taxa média de 46 homicídios para 100 mil habitantes. Com relação ao número de homicídios juvenis, ocupa o 32º lugar, com 84,7 assassinatos para 100 mil jovens na faixa de 15 a 24 anos, o 21º lugar em número de óbitos por acidentes de transporte e o 34º em número de óbitos por armas de fogo<sup>102</sup>.

Em 2005, segundo pesquisadores do IPEA<sup>103</sup>, embora não constasse do ranking das 20 cidades mais violentas do país Aracaju já ocupava o 11º lugar no risco de homicídios entre as capitais brasileiras, registrando taxa de 35,69% para 100 mil habitantes<sup>104</sup>. Nesse contexto, se considerarmos a escala relativamente elevada do número de homicídios no município de Aracaju desde 2002 a 2006, conforme consta no referido mapa, ainda há que considerar o alerta de pesquisadores locais naquele mesmo ano:

Foram registrados 216 homicídios dolosos no município de Aracaju no ano 2000, o que representa uma taxa de 46,8 por cem mil habitantes. Nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo esta taxa era de 37,8 e 51,1, respectivamente, naquele ano. Ou seja, Aracaju tinha uma taxa superior à do Rio de Janeiro. No ano seguinte, o número de homicídios dolosos caiu para 120, o que representa uma taxa de 25,6 por cem mil habitantes. A despeito dessa queda expressiva, Aracaju foi a quarta capital mais violenta da Região Nordeste em 2001<sup>105</sup>.

Assim, não há como contestar os números, que se mantêm significativos na Grande-Aracaju, o que pode ser atribuído ao forte processo de migração que constatamos na microrregião e ao crescente número de turistas que têm sido atraídos pela cidade, o que acaba tendo influência negativa na segurança pública.

Apesar desses dados desmistificarem de certo modo a tranqüilidade recorrentemente apontada pelos pesquisados, esse quesito continua compondo a qualidade de vida presente no imaginário dos que decidem migrar para Aracaju, corroborando a análise de Da Mata, Oliveira, Pin e Resende. Muito embora os resultados da pesquisa empírica por eles

---

<sup>102</sup> Waiselfisz, 2008.

<sup>103</sup> Cerqueira, Lobão e Carvalho, 2005.

<sup>104</sup> Ipeadata ([www.ipeadata.gov.br](http://www.ipeadata.gov.br)).

<sup>105</sup> Lemos, Filho e Jorge, 2005.

realizada não tenham contemplado a capital sergipana nesse atributo, segundo esses autores o fator menor instabilidade social constitui variável importante na escolha de uma localidade por parte de migrantes qualificados<sup>106</sup>.

Assim, ainda que os indicadores de violência que efetivamente vêm se apresentando em Aracaju sejam sintomáticos de uma grande desigualdade social, o que se expressa por exemplo num Coeficiente de Gini de 0,64 na distribuição de renda<sup>107</sup>, o índice de desenvolvimento humano municipal (IDH-M) relativo ao ano 2000 em Aracaju, ao passar de 0,733 em 1991 a 0,794 em 2000 (8,3% de crescimento), ainda considerado como médio, aproxima-se dos parâmetros relativos a um IDH alto<sup>108</sup>.

Apresentando crescimento de 1991 a 2000 em todos os componentes, o IDH mantém Aracaju na terceira posição com relação aos demais estados da Região Nordeste, em que perde apenas para Salvador e Recife.

As Tabelas 15 e 16 permitem uma ligeira análise desses resultados de modo a comparar Aracaju em relação às demais capitais do Nordeste e, em seguida, a evolução no município propriamente dito.

---

<sup>106</sup> Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, 2007.

<sup>107</sup> Desenvolvido pelo estatístico italiano Corrado Gini, o índice consiste em um número entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade de renda (onde todos têm a mesma renda) e 1 corresponde à completa desigualdade (onde uma pessoa tem toda a renda, e as demais nada têm). Assim, quanto mais próximo de 1, mais desigual e quanto mais próximo de 0, menos desigual.

<sup>108</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) vem sendo calculado no Brasil desde 1998 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), pela Fundação João Pinheiro (FJP) e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Leva em conta: esperança de vida ao nascer, taxa de alfabetização de adultos, taxa de escolaridade bruta e PIB real per capitã. O IDH é distribuído em 3 níveis: até 0,499 corresponde a um DH baixo, de 0,500 a 0,799, médio, e de 0,799 a 1,0, alto. Vide: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: [www.pnud.org.br/](http://www.pnud.org.br/). Os dados referentes a salários, escolaridade, população, saúde (médicos por mil habitantes), altitude e desigualdade de renda (índice de Gini) advêm do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (IPEA, PNUD e FJP, 2003). O Atlas fornece os dados do Censo de 1991 tabulados para 5.507 municípios, em vez dos 4.491 municípios existentes em 1991.

TABELA 15 - Indicadores do índice de desenvolvimento humano municipal.

Capitais da região Nordeste – 1991 e 2000.

Municípios	Esperança de vida ao nascer (em anos)		Taxa de alfabetização de adultos		Taxa bruta de frequência à escola		Renda per capita (em R\$ de 2000)	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
<b>Aracaju</b>	<b>64,96</b>	<b>68,72</b>	<b>85,58</b>	<b>89,40</b>	<b>78,31</b>	<b>91,36</b>	<b>262,42</b>	<b>352,74</b>
Fortaleza	65,95	69,63	83,23	88,79	68,88	87,71	232,41	306,70
João Pessoa	64,60	68,22	81,64	87,67	77,55	90,21	245,76	334,69
Maceió	63,16	65,03	77,83	83,13	67,33	83,96	229,77	282,99
Natal	66,59	68,78	82,93	87,84	76,61	90,33	252,97	339,92
Recife	65,57	68,62	85,04	89,45	75,44	89,24	301,39	392,46
Salvador	65,73	69,64	90,16	93,72	76,57	89,78	287,25	341,32
São Luiz	65,18	69,19	89,05	92,69	75,37	84,95	187,65	252,13
Salvador	67,45	69,06	79,85	85,89	78,15	89,33	176,09	250,69

Fonte: Novo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – PNUD/IPEA. Disponível em: [www.undp.org.br](http://www.undp.org.br)

TABELA 16 - Índice de desenvolvimento humano municipal.

Aracaju – 1991 e 2000.

Indicadores	1991	2000
Esperança de vida ao nascer	64,96	68,72
Taxa de alfabetização de adultos	0,856	0,894
Taxa bruta de frequência escolar	0,783	0,914
Renda per capita	262,42	352,73
Índice de esperança de vida	0,666	0,729
Índice de educação	0,832	0,901
Índice de PIB	0,702	0,752
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,733	0,794

Fonte: Novo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – PNUD/IPEA. Disponível em: [www.undp.org.br](http://www.undp.org.br)

A divulgação de tais índices, mais alvissareiros, e a conquista do Prêmio da Gazeta Mercantil, em março de 2005, quando foi considerada como a cidade brasileira mais favorável à implantação de investimentos produtivos, têm sido capitalizados pelo poder público municipal, de modo a promover a cidade<sup>109</sup> que parece estar se constituindo em alvo preferencial de migração voluntária em relação a outras opções na Região Nordeste.

Em estudo recente sobre “Quem são e como vivem os ricos de Sergipe”, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) de 2006, Kleber Oliveira constatou que o estado de Sergipe ocupa o primeiro lugar em renda domiciliar *per capita* no contexto da Região Nordeste - R\$ 404,24, apresentando a segunda menor dispersão em relação aos demais estados o que significa que, ainda que revele concentração de renda, Sergipe tem a melhor posição quando comparado aos outros estados nordestinos. Os 10% das pessoas situadas acima desse estrato de renda – os denominados “ricos”, segundo o autor - possuem acima de 11 anos de estudo e exercem as melhores ocupações, sendo que nesse estrato se inclui a maioria dos funcionários públicos, o que estaria a demonstrar que o acesso ao emprego público é altamente seletivo quanto à classe social, onde a renda do trabalho se apresenta quatro vezes maior que a dos não-ricos.

Entre esses 10%, 152,8 mil pessoas (7,7% da população do estado) têm renda superior a R\$ 786,00. Nesse estrato, entre as diversas ocupações, Oliveira destaca a renda mensal de R\$ 1.775,14 dos 27,3% ricos que exercem trabalho mediante carteira assinada, e de R\$ 2.942,55 dos 29,5% funcionários públicos estatutários. Referindo-se ao domicílio como “unidade solidária de consumo e renda” o autor lembra que, segundo os resultados da PNAD, as famílias ricas são em geral menores (em média de três pessoas) e com todos os filhos maiores de 14 anos, de onde depreende que a composição familiar apresenta diferenciais quanto à condição de riqueza<sup>110</sup>.

O trabalho de Oliveira, resultante na verdade de pesquisa que vem realizando sobre migração e pobreza em Sergipe, acaba por nos remeter novamente ao estudo realizado por Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, onde sugerem relação entre o maior salário do município e a migração qualificada, inferindo que o desempenho do mercado de trabalho detém papel primordial para o desempenho migratório da cidade<sup>111</sup>.

---

<sup>109</sup> Falcón, 2005, p. 23.

<sup>110</sup> Oliveira, 2007. O trabalho de Oliveira foi objeto de matéria recente no Jornal da Cidade. Aracaju: 4 e 5/11/2007.

<sup>111</sup> Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, 2007.

Buscando igualmente encontrar fatores que poderiam estar contribuindo para as alterações no padrão migratório brasileiro, Hakkert e Martine por sua vez também sugerem que variações positivas embora modestas, na renda domiciliar *per capita* e no PIB regional, poderiam estar apontando de um lado para uma maior oferta de oportunidades de trabalho no Nordeste e, de outro, para a deterioração nas condições de emprego no Sudeste. Segundo os mesmos autores, é possível observar, por exemplo, uma ligeira expansão do emprego formal em determinados estados da região, ainda que abaixo da média nacional<sup>112</sup>.

Tendo em vista a costumeira associação entre renda e poder aquisitivo, o estudo de Kleber Oliveira oferece informação ainda quanto às condições de vida da população “rica” em Sergipe, muito mais bem servida de infra-estrutura através de serviços básicos de água, esgotamento sanitário e energia elétrica, bem como da posse e acesso a bens eletroeletrônicos, tais como televisão (99,8%), telefone celular (95,0%) e fixo (81,9%). Segundo ele, o uso de computadores está presente para 70,3% dos ricos e para apenas 8,6% dos não-ricos, dos quais 86,5% e 59,1%, respectivamente, acessam a Internet<sup>113</sup>.

Desses dados, é possível inferir que boa parte dos “ricos” de Sergipe vive na capital, entre os quais estão os migrantes que foram objeto desta pesquisa, cuja ocupação ou é de empregado com carteira assinada, especialmente os que atuam na universidade particular, ou é de funcionário público estatutário, no caso dos admitidos mediante concurso na universidade pública federal. A renda familiar, declarada por 88,3% dos pesquisados, efetivamente revela a condição dos “ricos” de Oliveira, uma vez que 74% dos professores afirmam ser ela superior a 10 salários-mínimos, com incidência mais representativa na UFS (82%) relativamente à UNIT (64%). Não há dúvida de que nossos pesquisados estão entre os habitantes mais bem servidos de recursos urbanos, em Aracaju, como também se inserem numa estrutura familiar mais compacta, o que lhes garante uma vida, ainda que de bastante trabalho, mais confortável do que a da maioria da população local.

Buscando a lógica do crescimento populacional de municípios situados no litoral nordestino em relação a outros mais interioranos, marcados por um progressivo esvaziamento, cabe lembrar que Luís Antonio de Oliveira, em estudo anterior, já agregara os mesmos dados apontados pelo autor sergipano: rendimento mensal acima da média dos responsáveis por domicílios particulares, maior nível de instrução e mais anos de escolaridade da população residente, como também a presença de infra-estrutura e oferta de serviços básicos, incluindo

---

<sup>112</sup> Hakkert e Martine, 2007.

<sup>113</sup> Hakkert e Martine, 2007.

água, esgoto e coleta de lixo<sup>114</sup>. Tais recursos são inerentes a cidades de maior porte da faixa litorânea onde se concentra mais oferta no setor de serviços, principalmente aqueles relativos ao turismo. Assim, não é à toa que circula hoje no país uma nova visão do Nordeste. Como diz Albuquerque Júnior:

Nas propagandas institucionais dos governos dos estados e de algumas cidades nordestinas ou na propaganda de empresas ligadas às atividades turísticas, o Nordeste é vendido como uma espécie de paraíso a ser descoberto pelas laboriosas populações de outras áreas do país ou do exterior<sup>115</sup>.

No caso da capital sergipana em particular, conforme já referido, a recente e massiva divulgação sobre os dados de qualidade de vida por parte do governo parecem vir atraindo muitos migrantes para a cidade. Fica claro que uma nova imagem, valorizando a região como lugar de oportunidade e trabalho, vem se contrapondo à construção histórica que por muito tempo determinou uma forma de ver e dizer o Nordeste e o povo nordestino a partir de uma abordagem etnocêntrica que sempre considerou o sul-sudeste como “moderno e civilizado”, e o norte-nordeste como “tradicional e atrasado”<sup>116</sup>.

*Ah! Uma surpresa! A gente tem uma visão meio deturpada do nordeste, não é? A gente imagina que é muito mais pobreza, assim... Muito mais visível do que a gente encontrou aqui em Aracaju. Claro que tem pobreza... Tem tudo... Mas não como a gente imagina... Como todo lugar tem. Então, a gente não sente falta de nada. Eu não tenho a menor vontade de voltar, ir embora daqui. Eu só vou embora daqui pra outro lugar do Nordeste. Voltar pra São Paulo, não sinto a menor vontade de voltar*<sup>117</sup>.

Como dissemos em outro momento, na representação de muitos dos pesquisados a imagem do “paraíso do nordeste” parece vir substituindo aquela do “sul maravilha” que por muito tempo predominou no imaginário nacional.

Nesse caso, o elogio à tranqüilidade muitas vezes vem associado ao tamanho da cidade que, segundo alguns, favorece o deslocamento rápido e a vida mais funcional, sem perda de tempo, sobretudo para os que têm filhos para levar e apanhar na escola e em atividades complementares.

<sup>114</sup> Oliveira, 2005, p. 38.

<sup>115</sup> Albuquerque Júnior, 2007. A propósito, encontramos curiosa alusão ao assunto em *site* bastante consultado na Internet por quem quer viajar e conhecer novos lugares: “A qualidade de vida é a mais alta entre as capitais de seu porte no Nordeste; Aracaju chega a ser chamada de ‘a Suíça nordestina’”. Vide: <http://www.freires.com.br/>

<sup>116</sup> Segundo afirma Albuquerque Júnior (2007, p. 106): “Esta imagem (terra árida e gretada) é tão poderosa que, muitas vezes, presenciei visitantes do Sul do país, ao chegarem pela primeira vez ao Nordeste, se espantarem por encontrar a vegetação verde”.

<sup>117</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

A localização de Aracaju, no eixo que liga duas grandes metrópoles nordestinas – Recife e Salvador, embora não tenha sido evocada pela maioria dos pesquisados, provavelmente está entre as razões que trouxeram tantos baianos, alagoanos e pernambucanos para a cidade. De qualquer modo, com as limitações do transporte aéreo, essa localização, para alguns privilegiada, tem dificultado o deslocamento rápido para outros locais mais distantes do país, a ponto de um pesquisado sugerir que o ônibus Aracaju-Salvador fizesse seu percurso passando pelo Aeroporto da capital baiana. De qualquer modo, a capital aracajuana, ainda assim, parece agregar o custo de transporte como variável relevante no acolhimento de migrantes interessados em morar numa capital litorânea, relativamente próxima de outras capitais também litorâneas, conforme aponta o estudo de Da Mata e outros autores.

O migrante qualificado pondera, em maior magnitude, o efeito congestionamento da cidade em relação às economias de aglomerações oferecidas por ela (...). A variável custo de transporte até a capital mais próxima é também significativa nos diversos modelos, mas com sinal negativo. Ou seja, as demais capitais estaduais ainda possuem força atrativa para a maior parte dos migrantes qualificados. A referida variável age, também, como *proxy* para a distância do litoral – grande parte das capitais encontra-se no litoral-, um fenômeno tradicional de atração no processo migratório brasileiro<sup>118</sup>.

Afora os itens considerados no âmbito do que se convencionou chamar de qualidade de vida, aspectos relativos ao que denominamos “capital geográfico” da cidade, incluindo a beleza local, clima, mar e praias também foram bastante valorizados pelos pesquisados, resumindo o gosto de muitos daqueles que se sentiam antes, ou se descobriram depois, atraídos pelo Nordeste e mais especialmente por Aracaju. Lembrados por 50% dos pesquisados, a beleza local própria de uma cidade litorânea associada à estabilidade climática parecem agradar a muitos, de modo que cerca de 10% alegaram o clima saudável como um dos motivos da sua vida ter melhorado com a migração para Aracaju, sendo raras as referências à umidade como um elemento desagradável.

*Maravilhosa qualidade de vida! Calma, tranqüila, clima muito favorável. Lá, a gente tem muito frio. Aqui, a gente não tem frio. Isso é muito bom. Calor aqui é diferente do de lá. Apesar do sol ser mais ardido, você tem a brisa sempre. Lá você tem o ar parado. Basicamente o clima e qualidade de vida que foi o que a gente veio pra cá buscando, a gente conseguiu<sup>119</sup>.*

Nesse aspecto, fatores climáticos também aparecem como atrativos no estudo de Da Mata, Oliveira, Pin e Resende. Dizem eles: “Variáveis climáticas tais como invernos e

<sup>118</sup> Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, 2007, p. 14.

<sup>119</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

verões menos rigorosos também foram significativos para o desempenho das cidades na atração de mão-de-obra qualificada. Igualmente, os migrantes qualificados visam regiões próximas ao litoral<sup>120</sup>.”

Embora as praias não estejam entre os atributos mais valorizados quando indagados sobre de que gostam em Aracaju<sup>121</sup>, os pesquisados na sua maioria (mais de 80%) lembraram de citá-las quando se perguntou sobre que lugares costumam freqüentar. Ainda assim, é curioso observar o modo como a imagem do Nordeste enquanto lugar de praia e, por isso, pouco trabalho, se faz presente nas palavras de uma entrevistada nascida na região Sul e com forte ascendência européia<sup>122</sup>.

*Imaginava encontrar uma estrutura bem mais precária. (...). Tinha idéia de uma cidade um pouquinho menos evoluída. Pensa que cidade praiana, vai ter uma cidade voltada para o turismo, e não foi isso que encontrei. Encontrei uma cidade totalmente independente do turismo, inclusive até a estrutura física dela afastada da orla. A orla é um local só de ir passear, enquanto o comum da maioria das praianas é tudo concentrado na orla, e aqui não. Parece que o turismo é algo à parte. Eu estava esperando tudo voltado para o turismo, e é bem o inverso disso<sup>123</sup>.*

A fala da entrevistada de certo modo registra uma verdade e sugere um primeiro estranhamento. Embora a topografia da capital sergipana se desenhe à margem do rio e do mar, a vida da cidade propriamente dita acontece de forma afastada da orla oceânica de modo que muitas pessoas no seu dia-a-dia sequer parecem lembrar que moram num lugar de praia.

Tudo indica que esse fato tem raízes na formação de Aracaju quando originalmente, em 1855 por ocasião da transferência da capital de São Cristóvão, ficou situada longe da orla, o que fez com que a praia viesse a representar, sobretudo para as classes mais abastadas, apenas um local de veraneio nos feriados, fins-de-semana e no período de férias escolares. Assim é que, reconstituindo a memória da Atalaia principalmente a partir de fontes de história oral, Silva demonstra como durante muito tempo toda região praiana foi considerada como um “povoado de Aracaju”, passando pela condição de zona agrícola e balneário de veraneio até se integrar à cidade com a criação e desdobramento nos bairros

<sup>120</sup> Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, 2007, p. 18.

<sup>121</sup> Foi comum encontrar, entre os pesquisados, a comparação com outras praias do Nordeste quando se tratava de criticar a beleza natural e a cor do mar.

<sup>122</sup> Considerando a ênfase atribuída pela entrevistada, ao se colocar durante a entrevista como descendente de imigrantes europeus, a vocação pelo trabalho parece ter sido apreendida relacionada à origem étnica que teria trazido o progresso para as regiões sul e sudeste do Brasil. Nesse sentido “o passado pioneiro dos imigrantes europeus é ainda utilizado como parâmetro para a construção de uma identidade idealizada” (Costa, 1994, p. 12). Traços como a dedicação e amor ao trabalho, eficiência e habilidade seriam atributos decorrentes da condição de descendentes de povos europeus. Vide: Costa, 1994, p. 10-12.

<sup>123</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

atuais, através de legislação específica em 1982, embora isso não tenha favorecido grandes melhorias urbanas até o momento, de modo que a região da praia continua deslocada em relação à “cidade”<sup>124</sup>.

Tais origens históricas parecem contribuir para que se atribua a Aracaju ares mais interioranos do que praianos, fato que tem levado migrantes de outras localidades da Região Nordeste a enfatizarem essa diferença em relação à sua vivência em particular, como o faz um dos entrevistados, natural de outra capital nordestina:

*Aqui as pessoas não vão muito à praia. (...) Faz muito tempo que eu não vejo a praia cheia(...). Ainda que tenha praia aqui, as pessoas não têm o mar como momento importante de relação. Acho que as pessoas vão mais à piscina, ou não vão. Penso que reflete a idéia do condomínio ou do tipo de vida. Parece que as pessoas vão muito mais - como em outras cidades, a shopping. Mas aqui acho que as pessoas ficam mais em casa. A impressão (...) que no fim de semana está todo mundo em casa. (...) praias não são cheias como numa cidade de praia. (...) pessoas em casa, com a família ou amigos do condomínio. À noite, naquela parte dos Caranguejos ali. Mas o que significa a praia ali? Dali para cá não tem mais ninguém. Para lá, não tem mais ninguém. É só aquele quadrado ali. Até com essa inovação que fizeram (...) Lago com calçada para caminhar (...). Pelo que significaria isso numa cidade junto do litoral, pra mim é muito inferior à potencialidade que haveria a desenvolver. Atividade ali, aproximação, contato, acho que não existe isso aqui, não<sup>125</sup>.*

À leitura de Aracaju como “uma cidade de praia ‘sem praia’” feita pelos entrevistados, na sua condição de classe média, pode-se acrescentar as palavras encontradas num dos questionários sobre o que falta em Aracaju. “*Mais ‘vida’ no calçadão da Atalaia! Movimentação diurna!*”<sup>126</sup>.

A reivindicação exclamativa do professor migrante parece exemplificar a recente discussão que se tem travado no campo da Sociologia Urbana sobre “lugares e não-lugares”<sup>127</sup>, e sobre “espaços vazios” ou ainda não colonizados<sup>128</sup>, para dar conta da relação entre espaço e sociabilidades de modo a definir um lugar não tão somente pelos fluxos humanos, mas pelos vínculos relacionais que consegue promover e abrigar no dia-a-dia da cidade, a exemplo do que tem sido denominado de “lugar praticado”<sup>129</sup> – o tal lugar com “vida” a que se refere o nosso pesquisado.

<sup>124</sup> Vide: Memórias da Praia de Atalaia, em Silva, 1997, p. 27-48.

<sup>125</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>126</sup> Pesquisado solteiro, residente há um ano em Aracaju. Questionário aplicado em abril de 2007.

<sup>127</sup> Auge, 1994.

<sup>128</sup> Bauman, 2001.

<sup>129</sup> Certeau, 1994.

De qualquer modo, a leitura do lugar ou do “não-lugar<sup>130</sup>” pelos migrantes pesquisados reflete a territorialização<sup>131</sup> própria de uma classe – a classe média – que circula num espaço delimitado e freqüenta lugares determinados, ou seja, manifesta a segregação espacial própria da cidade que embora no slogan seja “de todos<sup>132</sup>” é de todos, cada um no seu lugar<sup>133</sup>.

Eis porque, conforme postula Haesbaert, definir o indivíduo como migrante requer qualificar o tipo de processo migratório em que está inserido, levando em conta a classe ou grupo a que pertence e o nível de desvinculação com o território de origem. Se a desterritorialização, como já vimos, é completamente diversa quando se trata das elites e das classes subalternas, assim também o é a re/territorialização que dela decorre, uma vez que é de se esperar que migrantes qualificados não circulem na cidade toda, se instalando em bairros e condomínios seguros e vivendo suas sociabilidades predominantemente nos espaços privados<sup>134</sup>.

Essa re/territorialização, mediante a segregação espacial em que se inserem os migrantes se observa, por exemplo, nos bairros onde escolhem morar e nos locais que dizem freqüentar na cidade. A Tabela 17 demonstra a distribuição dos pesquisados nos bairros de Aracaju, conforme as regiões orçamentárias definidas pela prefeitura da cidade.

---

<sup>130</sup> Augé, 1994.

<sup>131</sup> O processo de desterritorialização é inseparável do processo da territorialização uma vez que sair de um território implica sempre em construir outro. A territorialização tem sido ser compreendida como “multiterritorialidade” na medida em que, cada vez mais, habitamos vários territórios e vivemos multipertencimentos. Vide a respeito: Haesbaert, 2005a e 2005b.

<sup>132</sup> Merece registro a sutil transformação do slogan da administração municipal do PT: de “Aracaju, uma cidade para todos” para “Aracaju, uma cidade *de* todos”.

<sup>133</sup> Entre os autores que têm se dedicado a estudar as transformações de Aracaju há unanimidade quanto à notória segregação espacial-social que caracteriza a cidade, desde a sua estruturação original, como um tabuleiro de xadrez. Ao longo do seu processo de urbanização e metropolização, com forte intervenção do estado como agente modelador do espaço o que favoreceu a especulação imobiliária, sobretudo a partir dos anos 90 do século XX, vem se definindo o padrão urbano desigual e injusto da cidade, acentuando a segregação socioeconômica através da localização diferenciada das classes no território urbano (Nogueira, 2005). Vide também: França, 2005 e Souza, 2005.

<sup>134</sup> Haesbaert, 2005b, p. 38.

TABELA 17 - Bairros onde moram os pesquisados, segundo as regiões orçamentárias da administração municipal.

<b>Distritos</b>	<b>Bairros</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>
1	Santa Maria	-	-	45	20,64
	Zona de Expansão	11	5,05		
	Atalaia/Aeroporto	34	15,60		
2	São Conrado/Jabotiana/Inácio Barbosa	11	5,05	54	24,77
	Farolândia	30	13,76		
	Coroa do Meio	13	5,96		
3	Ponto Novo/Luzia/Grageru	55	25,23	111	50,92
	Jardins/Salgado Filho/São José/ Treze de Julho	35	16,06		
	Pereira Lobo/Suissa/Getúlio Vargas/Cirurgia	21	9,63		
4	América/Novo Paraíso/Capucho/Olaria	2	0,92	3	1,38
	Siqueira Campos/José Conrado de Araújo	1	0,46		
5	Jardim Centenário/Bugio	1	0,46	1	0,46
	Santos Dumont	-	-		
	Soledade/Lamarão	-	-		
	Cidade Nova	-	-		
6	Centro/Bairro Industrial/Santo Antonio	4	1,83	4	1,83
	18 do Forte/Palestina	-	-		
	Porto Dantas	-	-		
<b>Total</b>		<b>218</b>	<b>100,00</b>	<b>218</b>	<b>100,00</b>

O total corresponde a 218 respostas válidas, sendo que 2 pesquisados não identificaram o bairro onde moram.

Conforme os números da Tabela 17, é possível verificar a notória concentração dos professores migrantes nos bairros mais “nobres” da cidade, localizados na zona sul (Distritos 1,2 e 3), com significativa representação daqueles mais próximos da praia e arredores do chamado “Jardins”, propalado como bairro da elite<sup>135</sup>.

<sup>135</sup> Estudando a formação do bairro Jardins, criado através de Lei em 1998, Souza reconhece a dinâmica do processo de *gentrification* em Aracaju, historicizando a construção do espaço enobrecido a partir de meados dos anos 90, através da política de expansão imobiliária de empreendimento privado com apoio do poder público estadual e municipal (SOUZA, 2005, p. 145-158). A respeito do processo de *gentrification*, vide análise mais detalhada em Leite, 2004, p. 18-33; p. 61-79.

Em que pese a atração demonstrada pela proximidade do mar, registrada pelos cerca de 25% que optaram por residir nessa região, merece destaque a moradia de boa parte dos professores da UNIT no seu entorno, especialmente no próprio bairro da Farolândia<sup>136</sup> o que, de certo modo, atesta que muitos preferem uma moradia mais funcional em relação ao trabalho.

Ainda que os aspectos valorizados na cidade que escolheram para viver revelem a dimensão subjetiva dessa escolha através do grau de coincidência entre expectativas/necessidades e a vida real, expressando um certo nível de satisfação quanto às condições de vida e acesso a bens e serviços de consumo, a falta de relevância no que diz respeito aos conteúdos relativos à sociabilidade e convívio social sugere que, do ponto de vista dessa categoria migrante, Aracaju não constitui o “lugar antropológico” conforme definido por Augé<sup>137</sup>. Ou seja, o olhar do estrangeiro não parece favorecer o sentimento de pertencimento peculiar a quem estabelece uma relação de cumplicidade com a cidade como morador. A relação aqui é muito mais singular de cada migrante pesquisado com a cidade enquanto tal.

Assim, ainda que gostar da cidade implique no usufruto dos mesmos atributos da segurança e tranquilidade, isso pode significar de um lado a possibilidade de criar os filhos mais despreocupadamente<sup>138</sup> e, de outro, a possibilidade de viver no anonimato como parece indicar a fala professor migrante, demonstrando que “a hospitalidade urbana repousa mais sobre o direito à tranquilidade e ao anonimato que sobre o direito ao reconhecimento e à identidade<sup>139</sup>”.

*O que me atrai em Aracaju? A tranquilidade... A falta ... A não necessidade de me preocupar com uma série de coisas com que teria que me preocupar se morasse em outro tipo de cidade: questões de segurança, abastecimento, outros problemas que teria. Vantagem da casa, tempo para me dedicar as coisas que interessam<sup>140</sup>.*

Um mesmo atributo valorizado diferentemente por dois dos nossos entrevistados remete-nos à lembrança da metáfora do “caleidoscópio” de Silva, “no sentido de que cada

<sup>136</sup> A área circundante à Universidade Tiradentes – Farolândia - congrega hoje expressivo número de prédios e condomínios residenciais, cuja transformação sugere a nosso ver amplo campo de pesquisa.

<sup>137</sup> Segundo Augé o lugar antropológico que é “simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa” tem três características comuns, sendo identitário, relacional e histórico, representando o lugar em que existe uma identidade partilhada. Vide: Augé, 1994, p. 43-70.

<sup>138</sup> Como comenta Rosa, cuja filha, aos 15 anos, agora pode andar sozinha e até mesmo ir a shows com as amigas, voltando de madrugada.

<sup>139</sup> Grinover, 2002, p. 33.

<sup>140</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

olhar, cada leitura, cada investidura poder conter sempre uma visão particular de uma realidade<sup>141</sup>”. A menção favorece a introdução da temática dos estranhamentos quando, provocados, os pesquisados desenham as imagens do seu próprio caleidoscópio sobre a cidade e o povo da cidade que escolheram para morar e trabalhar.

---

<sup>141</sup> Silva, 2003, p. 183.

## 4 ARACAJU ESTRANHADA: REPRESENTAÇÕES PLURAIS

Retomemos o nosso professor migrante enquanto “uma espécie de protótipo do indivíduo desterritorializado” e “sujeito por excelência do movimento e da instabilidade<sup>1</sup>”, para compreendê-lo na perspectiva ainda mais instigante da deslocalização das relações sociais em que, de um entorno físico, determinado e familiar, se passa a outro, até então desconhecido.

### 4.1. A construção social do “estrangeiro”

O conteúdo das formas sociais advindas da deslocalização das relações sociais já havia chamado a atenção de Durkheim de modo a levá-lo a forjar os conceitos de solidariedade orgânica e de anomia para caracterizar, de um lado, o surgimento do “culto do indivíduo” e, de outro, os abalos da consciência coletiva quando da transformação das sociedades tradicionais em sociedades modernas<sup>2</sup>. Nas primeiras, menos populosas e de reduzida diferenciação social, o interconhecimento forte e mais controlado mutuamente através de reduzidos espaços de sociabilidade favorecia a ordem e estabilidade social, garantindo a abrangência integrativa dos costumes e tradições. Nas modernas, muito mais extensas do ponto de vista espacial e mais intensivamente povoadas, a complexificação da vida social passou a requerer forte diferenciação individual e institucional de modo a gerar uma grande heterogeneidade de experiências socializadoras.

O projeto, majoritariamente societário, deu lugar aos projetos individuais na busca do *self* para sua realização, conforme discutimos ao tratar da decisão de migrar no contexto do campo de possibilidades que se apresentam, no mundo globalizado, para uma categoria notoriamente qualificada.

---

<sup>1</sup> Haesbaert, 2005b, p. 35.

<sup>2</sup> Durkheim, 2004.

Na lógica que advém do entendimento do culto do indivíduo como resultante da solidariedade orgânica<sup>3</sup>, Louis Wirth entende a cidade como o cadinho das raças, dos povos e das culturas e o mais favorável campo de criação de novos híbridos biológicos e culturais, reunindo as pessoas justamente porque são diferentes e por isso úteis umas às outras, e não porque têm a mesma mentalidade<sup>4</sup>.

Nessa perspectiva, estudando o fenômeno da urbanização ainda na segunda década do século passado, Robert Park caracterizaria a cidade moderna como o “habitat natural do homem civilizado”, referindo-se à “mobilização do homem individual” facilitada tanto pelos meios de transporte e comunicação como pela possibilidade de segregação no ambiente urbano. Desse modo, cada um pode viver mais livremente e constituir “regiões morais” de acordo com similaridade de interesses, gostos e temperamentos.

Essa liberdade e autonomia individual embora favoreçam as oportunidades de contato efêmero e transitório acabam por revelar diferenças complicadoras nas relações sociais, ao aproximarem indivíduos cujos mundos “se tocam, mas não se interpenetram”, caracterizando o chamado “choque cultural” usualmente estudado no contraste com o mundo exótico, mas aqui vivenciado como o familiar que se descobre desconhecido<sup>5</sup>.

Assim mudamos de lugar, mas também passamos a viver com outras pessoas, numa mutualidade de aproximação e estranhamento. A mobilidade traz à tona a essência da experiência da vida moderna na figura ambivalente do “estrangeiro” que nasce da cultura objetiva que fragiliza as identidades pessoais<sup>6</sup>.

Construído como tipo ideal por Simmel<sup>7</sup> e Schutz<sup>8</sup>, o estrangeiro não se define pelo deslocamento puramente geográfico-espacial, mas circunscreve-se muito especialmente no âmbito das relações sociais que mediam movimentos de proximidade e distância, de envolvimento e indiferença. Nesse sentido, ambos os autores atribuem à condição de estrangeiro um caráter simbólico-cultural bastante afinado que ousamos aqui resumir: estrangeiro é aquele que, ao chegar de repente, resolve ficar e, em ficando, está sempre no limiar, na fronteira, no “lugar-entre<sup>9</sup>”, nem dentro nem fora da comunidade local; e, assim, é

---

<sup>3</sup> Durkheim, 2004.

<sup>4</sup> Wirth, 1976, p. 98.

<sup>5</sup> Park, 1976, p. 62-65. Vide também: Berger e Luckmann, 1996, especialmente p. 146-148.

<sup>6</sup> Vide o conceito de tragédia da cultura moderna em Simmel, 1998a, p. 79-108.

<sup>7</sup> Simmel, 1983

<sup>8</sup> Schutz, 1979, p. 87-95.

<sup>9</sup> Expressão empregada por Bernardo (1998, p. 20) para situar o lugar de onde Flusser desenha a sua “Fenomenologia do Brasileiro”.

aquele que é, não sendo, e que está, não estando, o que lhe confere a inevitável objetividade de um permanente observador da comunidade de acolhimento<sup>10</sup>. Como diz Wagner em introdução a obra de Schutz,

Se o desligamento é característico do “estranho”, ele se transforma naquele que, como observador, é capaz de oferecer uma visão “objetiva” da comunidade hospedeira: não existe significado objetivo de participação num grupo, a não ser o que é estabelecido por uma pessoa que vê a comunidade cultural a partir de fora<sup>11</sup>.

Ao prefaciar livro de autoria de Flusser<sup>12</sup>, Bernardo, por sua vez, assim descreve o modo como o autor adota o postulado fenomenológico:

(Flusser) vê o Brasil, e o brasileiro, como um europeu que viveu entre nós por mais de 30 anos, e portanto não é europeu, e como um brasileiro que não nasceu nem morreu no Brasil, e portanto não é brasileiro. Esta condição ambivalente, somada à condição naturalmente ambivalente de todo filósofo, deixa-o num lugar raro, de onde pode observar o que nós outros não observaríamos<sup>13</sup>.

O padrão cultural local cujo passado não pode compartilhar é, portanto, sempre campo de aventura para o estrangeiro. Ou seja, há códigos que são genuínos somente para o grupo que os originou e que nunca serão compreendidos por ele segundo a mesma interpretação, ou, que só serão compreendidos segundo o seu próprio código.

Contando com dificuldades intransponíveis no campo da intersubjetividade, que pressupõe a possibilidade de indivíduos compartilharem um ambiente de comunicação comum, o estrangeiro jamais viverá completamente a experiência do “nós” sentindo-se como se fosse num “labirinto” em que, perdido quanto ao sentido das coisas, não deixa de se ver ameaçado nos seus valores e crenças<sup>14</sup>.

A metáfora da língua estrangeira que se tem de aprender primeiro através da compreensão passiva para chegar, depois, ao domínio ativo, constitui uma boa ilustração da aposta duvidosa que representa a condição de estrangeiro para Schutz.

---

<sup>10</sup> A propósito da condição do estrangeiro segundo os autores citados, vide Tavares, 2001, p. 78-90.

<sup>11</sup> Wagner, 1979, p. 19.

<sup>12</sup> Flusser, 1998.

<sup>13</sup> Bernardo, 1998, p. 24-25.

<sup>14</sup> Schutz, 1979, p. 87-95.

Na tentativa de sentir-se seguro e confiante no lugar de acolhimento, a professora migrante se vê na necessidade de empregar termos e vocábulos que desconhece, buscando traduzir seu próprio código nos termos do código local<sup>15</sup>.

*No começo eu não entendia nada o que as pessoas falavam. Estava na sala de aula... Os alunos... Ahnn? O quê? Sabe, não entendia o que as pessoas falavam. Agora já acostumei, acostumei com a gíria, que nem: Ah, você quer uma bolsa? Bolsa, pra gente, lá, é 'sacolinha'. Bolsa, bolsa é bolsa de levar... Termos assim que você vai pegando. A Vânia (empregada da casa) ajudou muito também: - Vânia, o que significa isso? Ela explica o que é. Agora sei o que é. No começo, tinha dificuldade. Agora me acostumei!<sup>16</sup>*

E assim o “estrangeiro” vai enfrentando cotidianamente o inevitável fato de que para o grupo de acolhimento não tem história e, até mesmo, o de que ninguém parece interessado na “sua” história, ainda que as referências do seu grupo de origem permaneçam na sua memória como se tivessem parado no tempo<sup>17</sup>.

*De vez em quando me lembro da rua... Não de um acontecimento. Das ruas, calçadas, meus amigos... Da iluminação nesse momento, como é que estava. Lá escurece mais tarde do que aqui. Cinco horas está começando a empalidecer as coisas. Voltar pra casa, tomar café com leite. Lembro... Não são fatos ou acontecimentos. São passagens... Caminho da universidade (...) Muito mato, mato, mato, até chegar na universidade. Cheiro mais, assim, de chuva no ar. Lembranças (...). Incrível como essas coisas que me fazem falta. Saudade desse momento que já passou (...). Parece que faz tanto tempo. Só um ano!<sup>18</sup>*

Enquanto Schutz enfatiza o caráter tensional da condição de estrangeiro, Simmel a vê com mais positividade. Tomando o conflito como mola propulsora da interação e da mudança social, capta o paradoxo das relações sociais cujo jogo de sociação coloca necessariamente os indivíduos “com, para com e contra” os outros<sup>19</sup>. O estrangeiro que tem no migrante o seu protótipo, como expressão do desenraizamento do homem moderno, parece sintetizar em si mesmo a metáfora simmeliana da “porta” que separa e da “ponte” que une dois mundos, o interno e o externo, seja no plano do indivíduo seja no do grupo a que simbolicamente pertence, integrando num mesmo processo os sentimentos de confiança e desconfiança.

<sup>15</sup> Vide Schutz, 1979, especialmente p. 85-95.

<sup>16</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>17</sup> Schutz, 1979, especialmente p. 87-95.

<sup>18</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07.

<sup>19</sup> Simmel designa por formas sociais aquelas “que afetam os grupos de homens unidos por viverem uns ao lado dos outros, uns para os outros ou uns com os outros”

## 4.2. A lógica dialética<sup>20</sup> dos estranhamentos

Ainda que em escala diferenciada quando se trata da migração de um país para o outro, como foi o caso de Flusser<sup>21</sup>, a emoção da perda é uma constante na migração, podendo acumular perdas de referência territorial, valores culturais e pessoas conhecidas de maneira mais ou menos intensa.

A afirmação de Menezes segundo a qual “reconhecer a identidade do outro grupo é quebrar o muro<sup>22</sup>” sugere alguns depoimentos que ilustram, em princípio, maior ou menor abertura no enfrentamento das perdas por parte dos pesquisados, quando se vêem jogados num mundo de estranhezas:

*Gosto de ir no centro, de andar lá, de ver o comércio, as pessoas... A diferença, mesmo. Gosto de ver a diferença e me acostumar com elas<sup>23</sup>.*

*Prefiro ficar sozinho sentado num lugar que eu possa observar bem, observar tudo. (...). Às vezes vou pra rua só pra observar.(...). A minha atitude é contemplativa<sup>24</sup>.*

A atitude contemplativa denota a condição de estrangeiro peculiar ao migrante, conferindo-lhe uma inevitável objetividade que lhe permite, ao observar os modos de vida da comunidade que o recebe, confrontar-se permanentemente com seus valores, crenças e costumes.<sup>25</sup> Assim,

*A descoberta de que as coisas em seu novo ambiente parecem ser bastante diferentes do que ele esperava que fossem, no lugar de origem, é, freqüentemente, o primeiro choque do estranho com relação à sua confiança na validade do seu “pensar como sempre”<sup>26</sup>.*

<sup>20</sup> A lógica dialética é uma possibilidade de compreensão da realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação (KONDER, 1981).

<sup>21</sup> Flusser, 1998. O filósofo Vilém Flusser nasceu em Praga, na Tchecoslováquia, em 1920, tendo migrado para o Brasil em 1940, onde viveu até 1972.

<sup>22</sup> Menezes, 2007, p. 121. Discutindo o preconceito numa perspectiva psicanalítica, o autor analisa no artigo a viagem interna que se opera no indivíduo no processo migratório.

<sup>23</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>24</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>25</sup> Na Sociologia Clássica, “assimilação é o processo pelo qual os indivíduos ou grupos, que antes apresentavam dissimilaridades, se tornam similares; isto é, identificam-se em seus interesses e pontos de vista. É um ‘processo de interpenetração e fusão’, em que pessoas e grupos adquirem as lembranças, os sentimentos e atitudes das outras pessoas ou grupos e, partilhando de suas experiências e de sua história, incorporam-se a eles numa vida cultural”. No campo da assimilação, “aculturação é o processo pelo qual os indivíduos educados em determinada cultura, quando transferidos para outra, adotam os padrões de comportamento da segunda sociedade” (OGBURN e NIMKOFF, 1984, p. 277).

<sup>26</sup> Schutz, 1979, p. 89.

Essa consciência se manifesta de forma bastante explicativa na reflexão de uma das entrevistadas, ao confrontar-se com os estranhamentos vividos por ela em Aracaju.

*Eu acho que a gente carrega dentro da gente o local onde você foi criado até um período da sua vida, até a adolescência e a idade adulta, acho que o adulto jovem, não é? Período em que a gente faz a universidade. Esse período de criação você carrega dentro de você. Então, você **mudar essa essência é difícil**, então tem certas coisas que eu não consigo me adaptar ainda <sup>27</sup>.*

A migrante se refere empiricamente ao processo de socialização, fartamente estudado na teoria sociológica, através do qual se interioriza o mundo objetivo e se forma o chamado “eu social”, mais correntemente entendido como “identidade social”, aqui se referindo a uma possível identidade de caráter regional vinculada ao local de nascimento<sup>28</sup>.

No campo das idéias e representações, a identidade regional a partir de uma origem territorial é simbólica, existe no imaginário, a partir de uma “comunidade imaginada”, abrangendo *ethos* – estilo de vida, através de códigos de emoções e padrões de afetividade e *eidos* – visão de mundo, através da padronização de aspectos cognitivos da personalidade dos indivíduos. Nesse sentido, é possível falar de uma cultura nacional e de subculturas regionais.

Na fala da entrevistada transparecem os dois principais tipos de socialização: a primária em que percebe ter apreendido a matriz do universo simbólico da qual se encarregaram os “outros significativos” no lugar de origem familiar e a secundária, muito mais ampliada com a vivência da experiência de migração, no qual inseriu a certeza de novas possibilidades de “metamorfose” pessoal<sup>29</sup>.

Ao atribuir a si própria uma “essência difícil de mudar”, a professora, sulista, está demarcando simbolicamente a diferença que conseguiu enxergar em si mesma nas suas relações com os nativos da cidade, a partir de elementos que lhe são significantes com base numa comunidade imaginada: aquela onde nasceu e cresceu<sup>30</sup>. O que demonstra, conforme Halbwachs, que a memória afetiva como parte de uma comunidade imaginada só tem sentido

<sup>27</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06. Grifo nosso.

<sup>28</sup> A respeito do “eu social”, conceito desenvolvido na Sociologia Clássica por George Mead, vide Berger e Luckmann, 1996, especialmente capítulo sobre a sociedade como realidade subjetiva, p. 173-241. Vide também Strauss, 1999 e Goffman, 1988, p.116-117.

<sup>29</sup> A respeito do processo de socialização e do “outro significativo”, termo forjado por George Mead, vide: Berger e Luckmann, 1996, p. 173-241. Sobre o conceito de “metamorfose” vide Op. Cit., p. 195-215; Strauss, 1999 e Velho, 1994.

<sup>30</sup> Essa noção corresponde ao grupo de referência, entendido no seu caráter simbólico, como o coração do grupo de afiliação. Vide a respeito: Strauss, 1999, p. 149-171.

a partir de um quadro de referências que implica sempre em relações sociais<sup>31</sup>. Vejamos como isso transparece na fala de outro migrante, também sulista, quando perguntado sobre “*as coisas de que sente falta em Aracaju*”.

*Alguns pratos... Culinária, claro. Mesmo o que não tinha na época a devida importância. Tudo que está na nossa memória quando a gente tem uma formação, uma personalidade, isso acaba tendo um valor quase que automático, não é? Por exemplo, as comidas da minha mãe, o estilo que se encontra lá nos restaurantes, aqui não tem<sup>32</sup>.*

Do universo de configurações possíveis que se expressam através dos “campos” como microcosmos sociais de “essência” relacional, depreende-se a importância fundamental atribuída à noção bourdieusiana de *habitus*.

Funcionando como matriz geradora de disposições adquiridas pela prática e orientadas para funções práticas, os *habitus* atuam tanto numa dimensão diacrônica, ao longo do percurso biográfico dos indivíduos, quanto numa dimensão sincrônica, considerada a diversidade de contextos de que participam e em que são socializados.

Revelando na origem, conforme Bourdieu, a força da herança cultural relativa à primeira instância de socialização, é notório que o processo de construção dos *habitus* tem se ampliado através da multiplicação de instâncias socializadoras na coexistência de uma diversidade de contextos, situações e vivências dos indivíduos na condição de agentes sociais, o que abre cada vez mais espaço para contradições e conflitos.

Ainda assim, na pluralidade de campos possíveis há matrizes socializadoras fundamentais que repercutem nas trajetórias individuais por toda uma vida, através de uma memória coletiva compartilhada ainda que no plano da abstração, sendo um equívoco pensar que disposições, atitudes ou relações gerais com o mundo sejam absolutamente transferíveis de um contexto a outro ou de que códigos culturais sejam naturalmente redutíveis uns aos outros.

---

<sup>31</sup> Vide a respeito do “eu” enquanto parte de uma comunidade afetiva, cujas lembranças são permanentemente reconstruídas em função de novos momentos vividos pelos agentes sociais: Halbwachs, 2004. De acordo com a Sociologia “disposicionalista” de Bourdieu, nem tudo se reduz ao cognitivo, de modo que os patrimônios individuais de disposições raramente são muito coerentes e homogêneos.

<sup>32</sup> Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

Nos moldes da teoria estrutural-construtivista de Pierre Bourdieu<sup>33</sup>, a objetivação da vida social se faz numa dupla e dialética dinâmica exteriorização-interiorização<sup>34</sup>, na qual é preciso considerar a noção dialógica do *habitus* como expressão da troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades.

Nos parece oportuno atualizar o conceito, transcrevendo-o segundo seu autor e, na seqüência, conforme ampliado por Setton:

A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo<sup>35</sup>.

*Habitus* é, então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência) constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano<sup>36</sup>.

É possível, por fim, indagar: - Que experiência prática seria tão rica (em *habitus*) na condição social específica de existência de um indivíduo quanto a migração de um lugar para outro?

Levando em conta que o contexto situacional funciona como gatilho do potencial gerador do *habitus* na sua acepção plástica, inventiva e criativa, o deslocamento espacial implica numa definição de situação que favorece a sua realização<sup>37</sup>, a partir do contraste vivido pelo confronto entre os *habitus* do grupo de pertença e os *habitus* do grupo externo, de acolhimento<sup>38</sup>.. “O estranho mede os padrões que dominam no grupo em questão

<sup>33</sup> Reconhecendo não ser adepto das rotulações acadêmicas, Pierre Bourdieu caracterizou seu trabalho como estruturalismo construtivista ou construtivismo estruturalista, e argumentou: “Por estruturalismo (...) quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos (...) estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e de grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais” (BOURDIEU, 1990, p. 149).

<sup>34</sup> Vide também, a respeito da construção da ordem social através da atividade humana: Berger e Luckmann, 1996.

<sup>35</sup> Bourdieu, 1996, p. 21

<sup>36</sup> Setton, 2002, p. 63.

<sup>37</sup> Segundo Wacquant (2007), o *habitus* não é um mecanismo auto-suficiente para a geração da ação, mas opera como uma mola que necessita de um gatilho externo, não podendo ser considerado isoladamente dos mundos sociais particulares, ou campos no interior dos quais evolui. Sobre “definição de situação”, vide Schutz, 1979, especialmente p. 155.

<sup>38</sup> A temática foi objeto de estudo etnográfico sobre estudantes brasileiros na França realizado por Xavier de Brito (2002), que forjou a categoria “*habitus* de migrante” centrada “nas experiências cotidianas semelhantes vividas pela maior parte dos indivíduos que se vêem submetidos a situações de deslocamento no espaço ao longo de sua trajetória”, estudo esse que lhe permitiu captar uma certa homogeneidade de disposições, gostos e preferências de atores provocadas pela afinidade no movimento migratório.

de acordo com o sistema de relevâncias que predomina no “aspecto natural do mundo” segundo o seu grupo de origem<sup>39</sup>.”

Cabe aqui considerar a idéia do ator plural conforme Lahire<sup>40</sup> e a interpretação segundo Norbert Elias de que, nas sociedades complexas, o *habitus* de uma pessoa tem tanto mais camadas quanto mais interligados forem os planos da sociedade em que atua, entre as quais uma costuma ter proeminência: a camada de filiação a um determinado grupo social<sup>41</sup>. Embora Elias, tratando da integração europeia, refira-se à crescente dissipação das diferenças regionais quando comparadas às diferenças nacionais, seria possível retomar sua relevância no que diz respeito às regiões brasileiras em relação ao contexto nacional? De algum modo o estudo que ora apresentamos parece sugerir que a questão ainda é relevante<sup>42</sup>.

Assim, funcionando como princípio de sociação ao favorecer o compartilhamento de mundos sociais similares, o “*habitus* de migrante” não deixa de funcionar como princípio de individuação ao revelar trajetórias singulares de vida, nessa dinâmica de dualidade estrutural-constructivista, da qual emergem as referências identitárias<sup>43</sup>.

A interpretação segundo Lash de que o *habitus* (bourdieusiano) “supõe um certo arremessar-se em uma rede de práticas e significados existentes”<sup>44</sup> nos permite introduzi-lo no contexto da experiência migratória, de modo a compreendê-lo como processo, em permanente mutação. E se campo e *habitus* devem andar afinados<sup>45</sup>, a desterritorialização e a deslocalização social acabam por produzir invariavelmente algum choque cultural. Afinal

Entre pessoas de um mesmo grupo, dotadas de um mesmo *habitus*, logo, espontaneamente orquestradas, tudo é evidente, mesmo os conflitos: elas se compreendem com meias palavras, etc. Mas com *habitus* diferentes, surge a possibilidade do acidente, da colisão, do conflito<sup>46</sup>,

De modo que a migração, tomada como

(A) situação é, de certa maneira, a condição que permite a realização do *habitus*. Quando as condições objetivas de realização não são dadas, o *habitus*, contrariado, e de forma contínua, pela situação, não pode ser o lugar de forças explosivas (ressentimento) que podem esperar (ou melhor espreitar) a ocasião para se exercerem e que se exprimem no momento em que as condições objetivas (...) se apresentam<sup>47</sup>.

<sup>39</sup> Schutz, 1979, p. 85.

<sup>40</sup> Lahire, 2002.

<sup>41</sup> Elias, 1994, p. 151.

<sup>42</sup> Em seu estudo sobre o forte sentimento de nacionalidade que acompanha o gaúcho para onde quer que vá, Oliven (2006, p. 58) considera que, no Brasil, “o nacional passa primeiro pelo regional”

<sup>43</sup> Sobre os princípios de sociação e de individuação presentes no *habitus*, vide Wacquant, 2007.

<sup>44</sup> Lash, 1997, p. 187

<sup>45</sup> Segundo Bourdieu (1990, p. 131), “enquanto o *habitus* e o campo estiverem afinados, o *habitus* ‘cai bem’”.

<sup>46</sup> Bourdieu, 1990, p. 101.

<sup>47</sup> Bourdieu, 1983, p. 106.

Bastante completo e ilustrativo o relato do conflito vivido por uma das entrevistadas, na condição de estrangeira, no contexto das relações sociais, no seu cotidiano de cidadã e como profissional. Sobretudo, quando interpretado por ela mediante o uso da analogia com o conhecimento de uma língua estrangeira, diferenciando “compreensão passiva” e “domínio ativo”, ao modo de Schutz<sup>48</sup>

Vejamos como a entrevistada, ao falar da “bagunça” que estranha em Aracaju, expressa sucessivos sentimentos de incômodo, irritação e revolta<sup>49</sup>, inclusive quando se percebe na iminência de passar de observadora a membro do novo grupo.

*Essa bagunça... Os serviços são ruins. Não consigo prever nada(...). Eu detesto... Sou muito exigente (...). Porque não tem nada nessa cidade que funcione... Organizadamente. (...).As pessoas não cumprem prazo. Não é que elas não fazem direito. Não é a qualidade. É profissionalismo, cumprir prazo, te avisar, sabe? Na universidade (...).fiz meu horário desse semestre. (...). Deixei tudo pronto, antes de viajar(...). Ia chegar num dia e dar aula no outro. (...) não quero stress quando chegar. E o Reitor me muda o calendário inteiro e deu férias coletivas até dia 16. (...). Ai toda hora sou pega de surpresa, entende? Não consigo planejar as coisas. (...). Lá dei aula no Mestrado. Nossa! Muito bom! Tudo organizado, controle absurdo. (...). Porque se a gente pensar assim, psicologicamente como é que funciona. Você consome um tempo da sua história, em termos do contexto onde está (...) E quando (esse contexto) não dá suporte a certas coisas da sua história, é como falar uma língua. Você aprende. Eu sou fluente no francês. Agora, não tem mais ninguém pra falar. Eu esqueço (...) É a mesma coisa. Às vezes eu fico desesperada com isso, assim, sabe? Será que eu vou esquecer? (risos).*

Jogando com dois sistemas de referência, os migrantes são expostos a lógicas diferentes e, às vezes, opostas. Nesse caso, aproximar-se dos nativos pode significar abrir mão de seus próprios princípios. Apropriando-nos das palavras de Schutz. “Passando da platéia a palco, por assim dizer, o antigo observador torna-se um membro do elenco, entra como parceiro nas relações sociais com outros atores e participa, a partir daí, da ação em curso<sup>50</sup>.

Nessa perspectiva, é possível compreender porque Setton associa a noção de *habitus* à provisoriedade inerente ao mundo contemporâneo cuja transitoriedade do conhecimento, bem demonstrada no conceito de “sistemas peritos” de Giddens, permite conferir-lhe a característica da reflexividade<sup>51</sup>.

Diferenciados e diferenciadores, os *habitus* funcionam como operadores de distinção, em consonância com a posição ocupada pelos indivíduos nos diferentes campos sociais os quais constituem, portanto, campos de forças, espaços de jogo em que cada agente

<sup>48</sup> Schutz se refere ao código de orientação necessário ao indivíduo para se localizar e se movimentar num grupo social. Vide Schutz, 1979, p. 90-91.

<sup>49</sup> Sentimentos semelhantes aos que foram captados por Rezende (2006) num estudo sobre acadêmicos cariocas que cursavam pós-graduação no exterior.

<sup>50</sup> Schutz, 1979, p. 88.

<sup>51</sup> Setton, 2002.

reconhece sua legitimidade na medida em que pode ou não jogar, ou seja, compartilhar com outros agentes do volume de capital econômico e cultural daquela sociedade.

O espaço social é assim, sempre, o espaço das diferenças,

O espaço social no qual as distâncias se medem em quantidade de capital, define proximidades e afinidades, afastamentos e incompatibilidades, em suma, probabilidades de pertencer a grupos realmente unificados, famílias, clubes ou classes mobilizadas, mas é na luta das classificações, luta por impor esta ou aquela maneira de recortar esse espaço, para unificar ou dividir, etc., que se definem as aproximações reais<sup>52</sup>.

Para além das relações puramente intersubjetivas, no âmbito do que Bourdieu denominou de “economia das trocas simbólicas”, os agentes têm tanto mais em comum quanto mais próximos estejam nas duas dimensões (econômica e cultural), e tanto menos quanto mais distantes estejam nelas<sup>53</sup>, sendo que as diferenças só são percebidas quando estabelecidas por alguém capaz de estabelecê-las, de modo a adquirirem o caráter simbólico de uma verdadeira linguagem – a linguagem da cultura. Com diz Elias:

O problema é saber como e porque os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer ‘nós’, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como ‘eles’<sup>54</sup>.

#### 4.2.1 A comida, fazendo “diferença”

Um dos elementos bastante presente nessa marcação da diferença por parte de quem vem especialmente de outras regiões que não a Nordeste parece ser a comida como expressão de uma certa identidade cultural, confirmando a tese de Woodward de que “a cozinha é também uma linguagem por meio da qual ‘falamos’ sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo” e de que “a comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias<sup>55</sup>”.

Um pequeno relato que testemunhamos ilustra essa afirmação de maneira radical. Um professor, carioca e de origem judaica, recém-chegado a Aracaju, comenta a dificuldade que enfrentou ao ser convidado para comer caranguejo por sergipanos ansiosos por lhe

<sup>52</sup> Bourdieu, 1990, p. 95.

<sup>53</sup> Bourdieu, 1996, p. 19.

<sup>54</sup> Elias, 2000, p. 37-38.

<sup>55</sup> Woodward, 2005, p. 42-43. Embora nem sempre lembrado nos questionários, o estranhamento da comida local e a saudade da comida de casa foram uma constante na fala dos entrevistados.

mostrar as coisas da terra, o que detestou: “*Achei nojentto!*” Em retribuição, como ainda não estava instalado, se propôs a fazer um almoço na casa dos anfitriões, tendo se esmerado no preparo de um salmão regado a molho de cerejas e damasco, o que não foi degustado como esperava: “*Peixe rosa e adocicado! Isso é coisa de viado!*” Disseram os nativos. A forma como a história de contraste culinário aqui temperada de forte conteúdo emocional foi contada, num grupo de professores também migrantes, demonstra como o tipo preferido de comida se reveste de importância num sistema classificatório em que se constrói a identidade compartilhada de uma comunidade imaginada mediante a dicotomia nós/eles<sup>56</sup>. No campo da alimentação, por exemplo, é notória a reclamação quanto ao hábito sergipano de temperar a comida com coentro e cominho, abominados pela grande maioria daqueles que tivemos a oportunidade de entrevistar, especialmente “sulistas<sup>57</sup>”.

*Da alimentação. Pra mim foi muito problemática no começo, porque essa diferença de alimentação (...). Meu estômago é bastante sensível. Tive muita dificuldade nessa adaptação. Não gosto de coentro. Até hoje não consigo me adaptar ao coentro. Difícil!!!<sup>58</sup>.*

*Não consigo me acostumar? Comida (risos). Sinto muita falta da comida de lá. Churrascaria, aqui tem também, não é a mesma coisa. O tempero não é igual. Meu marido já tá acostumando, mas eu não tolero coentro. Então, pra eu sair e comer fora é complicado porque tudo... Cominho também, não gosto de cominho. Meu marido gosta dessas coisas todas. Às vezes, a gente é chamado, pra almoçar. Eu vou meio com medo. (...). Como é que você vai falar que você não vai comer?<sup>59</sup>*

Contudo, não é raro encontrar atitudes mais receptivas aos costumes locais no momento em que os pesquisados se referem a novidades que conheceram e integraram ao cardápio: “*Caldinho de sururu que é uma grande coisa descoberta!* <sup>60</sup>”; “*aprendi a comer sarapatel, rabada, dobradinha, acarajé,... Aprendi a gostar da comida* <sup>61</sup>”.

O discurso sobre gostar ou não gostar da comida retrata de um lado a desestabilização das identidades resultante do processo migratório e, de outro, a necessidade de rearranjar as identidades desestabilizadas a partir de ações individuais, seja buscando a identificação com o outro migrante que também não gosta da comida seja aproximando-se do

<sup>56</sup> No grupo não havia outros cariocas, mas todos eram migrantes.

<sup>57</sup> Um dos bares mais frequentados pela elite da cidade, na praia da Av. Sarney, cujos proprietários são gaúchos, é valorizado pelos migrantes porque oferece a possibilidade de escolha de pratos sem coentro e sem cominho.

<sup>58</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>59</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>60</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>61</sup> Luana. Entrevista realizada em 11/09/06.

nativo através da valorização da comida regional<sup>62</sup>. Em ambos os casos, ficam evidentes o caráter relacional e processual da identidade que se faz e refaz de acordo com cada indivíduo, evento, contexto e circunstâncias.

Nesse aspecto, captando a transformação das relações sociais no que denominou de “modernidade radicalizada”, Anthony Giddens parece ter incorporado o sentido da metáfora da porta e da ponte de Simmel quando forjou as categorias de “desencaixe” e “reencaixe” buscando dar conta da grande transformação advinda do completo e inexorável deslocamento de espaço, lugar e tempo no mundo atual. Diz ele: “Por desencaixe me refiro ao ‘deslocamento’ das relações sociais de contexto locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço<sup>63</sup>”.

E, explicando o termo reencaixe: “Me refiro à reapropriação ou remodelação de relações sociais desencaixadas de forma a comprometê-las (embora parcial ou transitoriamente) a condições locais de tempo e lugar<sup>64</sup>”.

Giddens está tratando de algumas das estruturas de vivência dialeticamente relacionadas que identificou na sociedade pós-moderna, entre as quais deslocamento e reencaixe (intersecção de estranhamento e familiaridade) e intimidade e impessoalidade (intersecção de confiança pessoal e laços impessoais) produzindo a ambivalência das identidades, em que se conjugam concomitantemente proximidade e distância<sup>65</sup>.

Assim, o “choque cultural” considerado no relato conflituoso “do caranguejo e do salmão” pode ser estendido a inúmeras outras situações que venham a caracterizar o confronto provocado entre universos simbólicos diferentes, quando da relação face-a-face que o migrante se vê obrigado a estabelecer num local cujos valores e costumes lhe eram desconhecidos.

---

<sup>62</sup> É pertinente lembrar que, na tradição das ciências sociais, a comensalidade está associada à reflexão sobre hospitalidade, nas considerações sobre o estabelecimento e a manutenção de relações sociais mais simétricas ou assimétricas, impregnadas de significados simbólicos.

<sup>63</sup> Giddens, 1991, p. 29

<sup>64</sup> Giddens, 1991, p. 83

<sup>65</sup> Giddens, 1991, p. 140.

#### 4.2.2 Outros estranhamentos

Partindo do exemplo ilustrativo da “comida”, um estudo sociológico que se propõe a investigar como um lugar – Aracaju – é praticado por migrantes que escolheram voluntariamente nele morar deve levar em conta a premissa de que “todo universo simbólico e incipientemente problemático” e que “a questão consiste, portanto, em saber em que *grau* tornou-se problemático<sup>66</sup>”. Desse universo simbólico, e por isso problemático, emerge a condição de estrangeiro, categoria sociológica singular que nos propusemos a analisar na pessoa do professor universitário migrante em Aracaju. Cabe lembrar que essa condição se reveste de uma amplitude muito maior na pós-modernidade quando, na dinâmica da “desterritorialização e da multiterritorialidade<sup>67</sup>”, cada vez mais os atores são plurais<sup>68</sup>, atuam em espaços plurais<sup>69</sup> e se tornam os “estranhos parciais”, senão o “estranho universal” de que fala Bauman<sup>70</sup>. Num mundo em que a estranheza virou rotina<sup>71</sup>, as representações em nosso imaginário são cada vez mais plurais.

Nesse aspecto, é bastante sugestiva a metáfora da dobra ou da dobradura do social mediante a qual Lahire compara cada indivíduo a uma folha amassada ou a um tecido amarrotado nas suas dobras singulares, em relação a uma folha ou tecido considerados no seu todo como as estruturas planas da totalidade social, incluindo as variadas formas de vida social, instituições, grupos e processos de modo que “estamos demasiado multissocializados e por demais multideterminados para podermos perceber nossos determinismos<sup>72</sup>”.

Novamente, a metáfora do caleidoscópio<sup>73</sup> favorece nossa análise quando, apresentando o desenho mais coletivo ou singular dos pesquisados, revelamos muito especialmente os seus estranhamentos.

<sup>66</sup> Berger e Luckmann, 2005, p. 144.

<sup>67</sup> Vide: Haesbaert, 2005a e 2005b.

<sup>68</sup> Considerando a multiplicidade e heterogeneidade dos contextos de socialização na modernidade, concorrendo inclusive com aqueles tradicionalmente considerados no campo da socialização primária (LAHIRE, 2002, p. 36).

<sup>69</sup> Entendidos como “campos sociais”, conforme Bourdieu, entre os quais que é possível identificar o campo “acadêmico”, objeto de obra do autor. O estudo trata das regras de organização e de hierarquia social presentes no meio universitário docente o que, não constituindo temática específica desta pesquisa, se revela nas ponderações professorais de alguns entrevistados, ao fazerem uso dos conhecimentos científico-acadêmicos nas respostas às perguntas que lhes foram feitas.

<sup>70</sup> Num mundo de inúmeros subsistemas funcionais, o indivíduo é uma “pessoa deslocada por definição”. Em relação a cada um dos subsistemas, um “estranho parcial”. Habitando simultaneamente vários mundos, divergentes, senão contraditórios, acaba por constituir um “estranho universal”, de modo que, finalmente, nem consigo mesmo o indivíduo está à vontade. Vide a respeito: Bauman, 1999b, p. 106-109.

<sup>71</sup> Bauman, 1999b, p. 106.

<sup>72</sup> Lahire, 2002, p. 200.

<sup>73</sup> Silva, 2003, p. 183.

Perguntados sobre o que não gostam em Aracaju, afora os 19 que não responderam e 4 que disseram “gostar de tudo”, 197 evidenciaram condições estruturais da cidade e práticas locais que lhes provocam maior estranhamento, conforme disposto na Tabela 20. Observamos que foi mantida a estrutura da Tabela equivalente (De que os pesquisados mais gostam em Aracaju)<sup>74</sup>, exceto na categoria intitulada “infra-estrutura” em que sentimos a necessidade de distinguir aspectos materiais de outros mais afins com as relações sociais, especialmente no campo dos serviços. Cabe notar a sutil diferença na tipificação dos pesquisados quanto ao que lhes agrada e ao que lhes desagradam na cidade.

TABELA 18 - De que os pesquisados menos gostam em Aracaju.

<b>Categorias</b>	<b>Atributos</b>	<b>Menos Gosta 1</b>	<b>Menos Gosta 2</b>	<b>Menos Gosta 3</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>%</b>
Infra-Estrutura (Material)	Precariedade da infra-estrutura urbana	29	6	3	38	13,97	31,62
	Desorganização do trânsito	30	5	-	35	12,87	
	Pouca diversidade na área de comércio e serviços	11	2	-	13	4,78	
Infra-Estrutura (Serviços)	Deficiência dos serviços públicos	9	5	1	15	5,51	15,44
	Mau atendimento e má qualidade nos serviços	17	8	2	27	9,93	
Cultura e Sociabilidade	Falta de opções culturais e de lazer	26	2	3	31	11,40	41,18
	Provincianismo	23	4	3	30	11,03	
	Falta de trato social do povo	20	12	2	34	12,50	
	Discriminação com quem é de fora	7	1	1	9	3,31	
	Barulho e/ou tipo de música local	4	4	-	8	2,94	
Capital Geográfico	Clima	5	-	-	5	1,84	4,78
	Praias e cor do mar	7	1	-	8	2,94	
Diversos	Gosta de tudo	4	-	-	4	1,47	6,99
	Outros	9	3	3	15	5,51	
<b>Total</b>		<b>201</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>275</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Foram consideradas apenas as respostas válidas em cada opção: Menos gosta 1, Menos gosta 2 e Menos gosta 3. Considerando múltiplas respostas à pergunta aberta, os percentuais totais foram calculados em relação aos 201 pesquisados que responderam à questão.

<sup>74</sup> Vide Tabela 14, na pág. 79.

Quem sai do seu nicho social e cultural em viagem, como turista ou migrante, busca em princípio encontrar um lugar aprazível onde se sinta bem e, nesse aspecto, a cidade como espaço receptivo difere na ótica do estrangeiro em relação à população local.

Ingressamos na seara da hospitalidade, entendida fundamentalmente como “o ato de acolher e prestar serviços a alguém que por qualquer motivo esteja fora de seu local de domicílio”, e aqui considerada como uma relação social e como dispositivo material que interessa à organização e ao funcionamento das cidades<sup>75</sup>.

Na interação entre o estranho e a cidade que escolheu para viver, as primeiras experiências muitas vezes são fundamentais para sua inserção e adaptação futura. Basta lembrarmos do que significa conhecer uma cidade onde se espera encontrar sol, num dia de chuva.

O estranho que chega a cidade para se estabelecer confronta-se, de imediato, com o rol de elementos básicos e essenciais à hospitalidade de um lugar, incluindo sistema viário e de transporte, abastecimento de água, rede de coleta e tratamento de esgotos, energia elétrica e telefonia, serviços de limpeza urbana e proteção do patrimônio ambiental e cultural.

Essa “hospitalidade imediata<sup>76</sup>” se refere aqui a uma hospitalidade centrada em elementos da estrutura urbana de Aracaju com os quais o migrante vai lidar desde o primeiro contato, sobretudo na instalação, e que o fazem registrar queixas quanto à precariedade da infra-estrutura material da cidade, incluindo aspectos relativos à falta de saneamento básico, deficiência de pavimentação e iluminação, além da ineficiência do transporte coletivo.

Reconhecendo a singularidade da experiência dos pesquisados, através de operações fundamentais de percepção, leitura e interpretação geradas no campo das três unidades básicas interdependentes, quais sejam as características físicas, uso e transformação do ambiente urbano, é possível identificar como, na condição de observadores, os pesquisados selecionaram elementos de modo a compor a sua própria imagem da cidade em que “há cores, odores, hábitos e costumes, história e memória<sup>77</sup>”.

---

<sup>75</sup> Gotman, apud Grinover, 2002, p. 27.

<sup>76</sup> O conceito de hospitalidade imediata de Claude Raffestin, a partir da primeira relação do recém-chegado com a cidade com que se confronta, é evocado por Grinover em artigo no qual trata das transformações da hospitalidade no mundo globalizado. Vide: Grinover, 2002, p. 34.

<sup>77</sup> Grinover, 2002, p. 35.

Sugestiva, por exemplo, a maneira como a entrevistada faz uso da percepção no campo dos sentidos para construir sua leitura da cidade, ora positiva, ora negativamente:

*Gosto da comida. Adoro! Aprendi a comer sarapatel, rabada, dobradinha, acarajé,... Eu gosto muito de tempero, de cor, não é? Aprendi a gostar da comida. Da praia, eu não gosto muito, não. Acho muito sem árvore, uma praia sem cor mesmo<sup>78</sup>.*

Uso urbano e imagem física da cidade se conjugam na representação que os migrantes fazem de Aracaju, como no caso da professora brasiliense que disse ter escolhido o melhor lugar para morar: junto da praia e que, em pouco tempo, vai aprendendo a nomenclatura das ruas do seu percurso diário em direção ao trabalho.

*Gosto muito da praia, gosto de andar nos lagos, adoro o Oceanário. (...). Gosto de onde eu moro. (...). Acho lindo ali, linda é a Rua da Frente! Adoro essa árvore de Natal! Adoro! Às vezes, mudo o trajeto. Passo pela Francisco Porto pra vir pra cá. Às vezes, passo pela Rua da Frente, pego a Desembargador, que antes é outro nome, Barão de Maruim, depois a Desembargador. Passo ali só pra ver o rio. Gosto do jeito da cidade, tanto interiorano quanto a praia. É o que eu mais gosto aqui!<sup>79</sup>.*

Conforme Bauman, a cidade tem muitos habitantes e cada um tem um mapa da cidade em sua cabeça, sendo que nesse mapa há espaços vazios ou cheios de significado. Excluindo lugares, outros se enchem de brilho e simbologia, uma vez que “o vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou rodas de quem anda<sup>80</sup>”. É interessante o modo como um dos entrevistados conjuga duas leituras e interpretações que ele próprio distingue já na introdução:

*Eu gostei de imediato do clima, por exemplo. (...). Essa coisa da geografia, o modo como Aracaju está, com rio e mar junto ali, circundando a cidade. (...). Peguei a Rua da Frente e fui até o centro, vendo o rio. Isso me deu uma imagem da cidade ser... Acolhedora! Agradável! Uma cidade agradável! E outra coisa foi essa verticalidade, apesar de Natal ser também uma cidade muito vertical. (...). Como vim de um bairro de casas, o que me impressionou foi a concentração de condomínios(...). Fiquei num condomínio quando vim fazer o concurso, conheci um professor que vivia noutro, e terminei vindo morar num condomínio. (...) Ao mesmo tempo aberta, porque parecia uma cidade acolhedora. Mas, por outro lado muito fechada pelo modo de vida que as pessoas tinham nas suas casas. (...) Um paradoxo. Por um lado, você tem a coisa mais pública que aparenta ser bem aberta e livre. E outra, uma coisa mais privada, das pessoas mesmo, nas suas casas. Esse aspecto fechado<sup>81</sup>.*

<sup>78</sup> Luana. Entrevista realizada em 11/09/06.

<sup>79</sup> Flávia. Entrevista realizada em 17/12/07. A entrevistada se refere ao Oceanário, espaço do Projeto Tamar, mantido pela Petrobrás; e à árvore de Natal da ENERGIPE que anualmente é instalada no Rio Sergipe nas proximidades do Shopping Riomar. Como tantos pesquisados, Flávia elogia a imagem física que tem da cidade e crítica a organização no âmbito das relações sociais. Vide outros depoimentos da entrevistada.

<sup>80</sup> Bauman, 2001, p. 121-122.

<sup>81</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

### 4.2.3 A leitura da “hospitalidade”

Como “escritura”, a cidade apresenta diferentes graus de legibilidade, ou seja, quanto mais é lida com facilidade, mais se torna hospitaleira<sup>82</sup>. Nas palavras de Grinover:

A cidade torna-se mais hospitaleira na medida em que o usuário a “lê” com mais facilidade e seus elementos constitutivos são percebidos e interpretados sem grandes esforços. O espaço urbano não é construído para uma única pessoa, e sim para muitas, que apresentam diferenças de temperamento, formação, ocupação profissional, origem étnica, diversidade de interesses<sup>83</sup>.

A inteligibilidade de uma cidade pode ser aferida, por exemplo, através da identificação e domínio da sua configuração urbana por parte da população. Nesse aspecto, para o migrante, significa poder deslocar-se facilmente no traçado urbano e ter com ele uma forma de interação que lhe favoreça movimentar-se. Significa o quanto a cidade lhe é reconhecível. Nesse contexto, a hospitalidade é “um dom do espaço, espaço de habitação, espaço para percorrer a pé ou para contemplação, sendo suas qualidades a superfície, a acessibilidade, o conforto, a estética, a historicidade”. O que implica “doação de proteção e segurança, abrigo e alimentação<sup>84</sup>”.

Nos primeiros contatos, de âmbito público, referidos pelos pesquisados quando se vêem movidos pela necessidade de moradia, de abastecimento e serviços em geral, as observações iniciais próprias de um turista se intensificam na condição do migrante que veio para ficar e precisa se localizar e se instalar com o mínimo conforto.

Na análise sintático-espacial que faz das transformações urbanas de Aracaju desde 1855 até 2003, Nogueira considera que a cidade ao longo do tempo tem perdido identidade e referência para seus cidadãos<sup>85</sup>. Referindo-se à grande intervenção do estado como agente modelador do espaço até os anos 90 e à intensificação da especulação imobiliária, especialmente a partir de 1995, Nogueira demonstra como a cidade tem perdido inteligibilidade, através da fraca correlação entre a configuração espacial e a cognição espacial, decisiva na experiência cotidiana das pessoas<sup>86</sup>. Entendendo que “o espaço possui

---

<sup>82</sup> Vide a respeito Grinover (2002, p. 35) ao lembrar Ferrara para quem as cidades são “escrituras” e, por isso, mais ou menos legíveis.

<sup>83</sup> Grinover, 2002, p. 35-36.

<sup>84</sup> Goudbout, apud Grinover, 2002, p. 29

<sup>85</sup> Nogueira, 2004. É curiosa a leitura, de alguns pesquisados quanto à falta de identidade que atribuem à cidade, e o modo como se “incomodam” com o que consideram “bairrismo local”, onde “tudo” parece ter que ser “o melhor”, “o maior”, a exemplo da divulgação por ocasião da inauguração da “orla mais bonita do Brasil”.

<sup>86</sup> Quanto maior a inteligibilidade, maior a relação existente entre configuração e cognição, o que aumenta a inteligibilidade – a orientação em relação a sistemas de referência, para os moradores de um lugar. Vide: Nogueira, 2004; Id., 2005.

uma socialidade intrínseca assim como a sociedade possui uma espacialidade”, Nogueira analisa a fragmentação e má acessibilidade inerentes à cidade de Aracaju, a partir da dificuldade que as pessoas têm de circular, considerando o acesso de qualquer ponto para qualquer outro da cidade<sup>87</sup>.

Essa má acessibilidade é reconhecida quando os pesquisados se referem, por exemplo, ao modo como é organizado o trânsito na cidade. Embora seja sintomática a crítica dos pesquisados quanto ao modo de dirigir, de estacionar e o uso da buzina pelos “nativos”, uma das entrevistadas traz uma vivência bastante ilustrativa de quem, instalada em um bairro mais popular<sup>88</sup>, ainda sem carro próprio, precisa fazer uso do transporte coletivo:

*Desde o começo, estranhei a coisa da cidade ser interligada por terminais. Me dava impressão de que a cidade era imensa. (...) morava na Farolândia, pegava o ônibus, ia parar lá no DIA. Do DIA pegava um ônibus, ia parar na UFS. Nossa! Tinha impressão que Aracaju era um mundo! Porque da Farolândia até o DIA o ônibus fazia uma volta, passava no Augusto Franco... (...) impressão não de que estivesse no mesmo lugar, mas que estivesse indo para lugares diferentes. De repente, chegava no DIA, depois de uma meia hora rodando. Depois de um tempo é que fui entender que o que estava fazendo era tipo espirais, alguma coisa assim. Mas na verdade não estava indo daqui para outro lugar, estava sempre no mesmo lugar. E assim estranhei muito essa coisa de trânsito. (...). Ainda hoje preciso programar minha vida em função dos ônibus. Isso é péssimo! É muito complicado!<sup>89</sup>*

Lembrando que “oferecer e receber informação é um mecanismo de hospitalidade<sup>90</sup>”, o relato a seguir nos devolve ao conceito de acessibilidade segundo Nogueira<sup>91</sup>. E, mais uma vez, expressa a condição do estrangeiro que acaba tendo que se apropriar dos códigos locais.

*Essas coisinhas básicas de saber onde você compra o quê, onde se localiza. Aqui é muito endereço assim: - Você sabe onde é o Augusto Franco? Aquela escola? Assim, não te dá o endereço, rua tal, número tal. Dá-se a referência: perto do colégio tal, sabe a praça tal, sabe a clínica ta. Você pega um táxi: - Onde é? Qual o nome da clínica? Pelo nome da clínica que ele identifica o local, e não pelo endereço, não é? Então isso dificultou saber onde é o quê. E aí, quando me adaptei nisso, foi ótimo. E eu falo: - Sabe a clínica tal? Me localizei e adquiri o hábito de falar dessa forma<sup>92</sup>.*

<sup>87</sup> A autora se refere à organização geométrica da cidade, cujos fluxos intra-urbanos não são facilitados pela forma como se dá a conexão entre linhas axiais do sistema viário. Nogueira, 2004; Id., 2005.

<sup>88</sup> O bairro Orlando Dantas.

<sup>89</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07.

<sup>90</sup> Raffestin, apud Grinover, 2002, p. 34.

<sup>91</sup> Nogueira, 2005.

<sup>92</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

#### 4.2.4 Um mosaico de “reclamações” sobre serviços

Com relativo destaque como é possível verificar na Tabela 18, já apresentada, um dos estranhamentos bastante citado nos questionários, além de ter merecido referências minuciosamente descritivas por parte dos entrevistados, diz respeito à prestação de serviços de modo geral, embora a queixa se confunda muitas vezes com a crítica quanto à falta de trato social do povo<sup>93</sup>.

Referindo-se tanto à pouca diversidade como à falta de qualidade no atendimento, são enfatizados aspectos tais como: falta de interesse e iniciativa, descompromisso e amadorismo. O sentido atribuído aos aspectos considerados fica mais claro através de alguns depoimentos bastante ilustrativos quanto a vivências ainda que singulares. Assim, a partir de mais alguns recortes da fala específica dos entrevistados, prosseguimos na construção do que consideramos um mosaico de representação de Aracaju conforme “estranhada”. A exemplo de um verdadeiro mosaico, cabe considerar que as peças diferem em tamanho e proporção o que, neste estudo, implica em lembrar que muitas representações são bastante particulares não havendo generalização possível a se fazer. Ou seja,

Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros<sup>94</sup>.

Coloquemos algumas peças que selecionamos para construir esse quadro, especialmente por que, no conteúdo, foram recorrentemente “escolhidas” pelos entrevistados.

*No estado de São Paulo, as lojas, tudo funciona das 8 às 18 ou das 9 às 19, ininterrupto. Aqui fecha pro almoço. Então eu ia num local que eu precisava, na hora do almoço - lá a gente tem o hábito de atropelar o almoço, não é? (...). Eu chegava: - Mas, como!? Está fechado!? Costumava dizer que restaurante fechava no almoço. (...). Achava muito engraçado, quando eu morava (...) a padaria fechava na hora do almoço. Cheguei a comentar com a dona : - Mas, como? A padaria vai fechar na hora do almoço?<sup>95</sup>.*

*Às vezes, você vai ao comércio... Alguma coisa, você pede... As pessoas meio acomodadas. (...). Tem uma blusa vermelha? Não tem... Mas não te oferece uma rosa, uma amarela, uma laranja, sabe? Não te dá essa opção. (...). Você vai à*

<sup>93</sup> Considerada, por alguns, como “falta de educação do povo”.

<sup>94</sup> Becker, 1994, 104.

<sup>95</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

*Bahia, Deus me livre! Tem que pedir pelo amor de Deus pra ele parar, que você não quer comprar. Aqui você tem que pedir pra comprar*<sup>96</sup>.

*Geral... Das pessoas aqui... O que acho é que as pessoas aqui não têm um comprometimento... Sabe um compromisso? Horário. Nunca chegam... Não existe. (...).Comprometimento, comprometimento. Assim, acho muito complicado. Na Universidade você se programa. Assim, uma reunião dentro de 15 dias. Fazem um cronograma, marca reunião. Ai você chega, os professores não vão. (...). O dia não rende, as pessoas têm dificuldade, essas coisas assim. Não aparecem. Acho muito complicado isso*<sup>97</sup>.

*Serviços... Assistência... É moroso. Eles te dão um prazo e não cumprem. Não te ligam pra dizer quando é que vão poder te entregar. Você tem que ficar ligando, ligando... (...). Serviços em geral. (...). Serviços de turismo, também é complicado. (...). Vieram os padrinhos da minha filha. Ficaram aqui em casa. Fomos na Orla e o tio dela queria tomar uma cervejinha. Trouxeram a cerveja quente num copo de plástico! Isso lá na Orla! Lá na Orla, que é um ponto turístico!*<sup>98</sup>.

O mosaico nos parecerá mais completo se convidarmos o entrevistado conhecedor do assunto em questão para colocar a “última” peça:

*Turismo aqui, muito difícil... Muito difícil... Uma porque você tem que tentar mudar as pessoas. (...). Às vezes você fala de serviço, a forma de hospitalidade, de atender, de atendimento... Qualquer coisinha melhor, pra eles aqui. Porque a única referência que eles tem aqui do Nordeste, é de Aracaju em que o atendimento é... É complicado. (...). Área de hotelaria e tal... (...). Pra você treinar... O maior problema, na verdade, de turismo aqui é nessa área de atendimento, serviço, parte de higiene. Assim, o maior problema de turismo aqui é essa área (...) oferecer segurança alimentar. A pessoa pode passar mal, acabar com a viagem. Vai ter uma imagem negativa do estado*<sup>99</sup>.

Conforme vimos, a questão dos serviços - tônica repetidamente presente tanto nas entrevistas como nos questionários, parece ter um peso razoável no “universo simbólico problemático” - a que se referiram Berger e Luckmann<sup>100</sup>, quando se trata dos migrantes pesquisados, especialmente quando provêm da Região Sudeste<sup>101</sup>. Nosso entrevistado que, acompanhando a mulher, encontrou muita dificuldade em se estabelecer no ramo, reclama veementemente quanto à procedência e qualidade dos alimentos, sobretudo a carne clandestina, nem sempre fiscalizada.

<sup>96</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>97</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

<sup>98</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07.

<sup>99</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

<sup>100</sup> Berger e Luckmann, 2005, p. 144.

<sup>101</sup> Em relação aos 27 pesquisados que apontaram o mau atendimento e má qualidade dos serviços como algo frequente na cidade, 57% eram dessa região contra 32% do Nordeste. Dos 69 pesquisados especificamente dessa Região, 23% reclamaram da mesma questão, em relação a 9% dos nordestinos que o fizeram. Cabe registrar a reduzida representatividade de migrantes procedentes das Regiões Norte, Sul e Centro- Oeste, na amostra pesquisada.

Fazem coro com ele alguns pesquisados que dizem preferir fazer suas compras na rede de supermercados do que enfrentar os riscos de adquirir determinados alimentos no mercado local. Outros ainda estranham o costume de fazer e vender churrasco nas calçadas da cidade.

Por outro lado, houve certa dificuldade em separar o que diz respeito à pouca diversidade de serviços e à deficiência ou má qualidade dos mesmos - o mau atendimento propriamente dito. Vejamos o depoimento de uma entrevistada, profissional do ramo que, na sua crítica à área da saúde em Aracaju, ilustra essa dificuldade.

*A qualidade da área médico-odontológica me surpreendeu. Achei que seria pior. Os hospitais agora é que estão se adequando a uma qualidade de prestação de serviços no sentido hoteleiro (...). Não a estrutura física de ter os equipamentos, de ter unidade de terapia intensiva, não! Nisso está muito bom. (...) Agora, o quarto de hospital tem aquela cara de quarto de hospital antigo. Você vai, no Paraná, no estado de São Paulo, parece um hotel cinco estrelas (...). Aqui eu encontrei isso numa maternidade, no primeiro quarto que eu vi. Falei, poxa! Que quarto legal! Não parece hospital. Uma maternidade pequena aqui em Sergipe. (...). Outros quartos na mesma maternidade têm a cara de hospital antigo. Então, eu acho que falta muito desse burilamento da prestação de serviços daqui<sup>102</sup>.*

No caso pontual, se manifesta a contradição de alguém que, se na condição de professor vivencia a realidade concreta do mau serviço de saúde pública, na condição de consumidora de classe média exige a sofisticação de quem pode pagar um plano privado de saúde. O depoimento, nessa área específica, se dilui em meio à falta de referência por parte dos demais entrevistados, provavelmente por não atingi-los diretamente. Ainda assim, a queixa pouco significativa (8 em 201 pesquisados), destacando a precariedade dos serviços de saúde e educação denota, senão a vivência de alguma experiência particular<sup>103</sup>, a preocupação com os tantos outros, excluídos.

Considerando a probabilidade de múltiplas respostas à pergunta aberta, sem um direcionamento quanto ao tema, há de se considerar a probabilidade de confirmação dos resultados do estudo de Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, onde não se encontrou significância estatística na qualidade do sistema de saúde - medida empiricamente através da

<sup>102</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>103</sup> Apenas para ilustrar. Uma das experiências mais traumáticas que pessoalmente vivi em Aracaju, nesses mais de 30 anos, deu-se em dezembro de 2005 quando, numa confraternização com os colegas de Mestrado, sofri uma queda que resultou em grave fratura do rádio distal. Na época, não pude contar com um único cirurgião de mão na cidade, o que me obrigou a buscar tratamento em Salvador, após uma cirurgia mal sucedida. Atualmente Aracaju dispõe de três especialistas na área, sendo um sergipano que se qualificou no exterior e dois outros procedentes de São Paulo, recém-concursados em órgãos da saúde pública. Cabe lembrar, no entanto, a queixa de alguns pesquisados quanto à falta, até hoje, de um hospital especializado em clínica infantil.

variável médico por mil habitantes, entre as cidades com maior índice de migração qualificada<sup>104</sup>.

Em meio aos estranhamentos relativos à prestação de serviços já referidos, consideramos que é possível estender a queixa quanto à falta de qualificação e profissionalismo, apontada por muitos dos pesquisados na mão-de-obra local, a alguns padrões de comportamento adotados rotineiramente que contribuiriam com essa “realidade”. Questões como a exploração do trabalho doméstico, a adoção do serviço diuturno de babás e a utilização do “carrego” na feira seriam práticas pouco usuais no repertório cultural de muitos migrantes, especialmente “sulistas”.

*Aqui o pessoal tem o hábito de ter a pessoa dormindo em casa, trabalhar em período integral. (...) um conforto maravilhoso (...). No Sul isso não existe quase (...) porque o ônus é muito caro. E aqui paga-se muito pouco para o funcionário doméstico. E aí a qualidade desse funcionário doméstico cai bastante, muitas vezes não tem sequer... É analfabeto mesmo. Senti muita dificuldade, porque na hora de ensinar muita coisa, na hora de marcar um recado, um telefonema... Tive dificuldade em ter doméstica. Eu exigia demais delas (...). E elas eram simples empregadas, só pra fazer o trabalho mais braçal<sup>105</sup>.*

*Uma coisa também é sair com os filhos. A gente não tem o hábito de sair sem os filhos. Eu vejo muito, as pessoas saindo com os filhos levarem babá junto. (...) lá a gente não tem esse hábito. É difícil alguém que você vê que vai, no final de semana, na praia e não leva a babá. Vai numa festa, leva a babá, junto. Enfim, isso eventualmente lá acontece, mas não é regra. Vejo aqui como regra<sup>106</sup>.*

#### 4.2.5 Uma cidade “machista”?

No campo das relações afetivas e familiares, merece destaque o modo como valores, atitudes e crenças trazidas de um processo de socialização anterior são confrontadas com a cultura local. Adotando-se o conceito de gênero como uma categoria construída por atravessamentos sociais, históricos e culturais, em que se inscrevem as imagens de como homens e mulheres devem ser, mulheres brasileiras que parecem compartilhar de uma identidade nacional com relação aos homens brasileiros têm sua identidade fragmentada quando se dão conta que há diferenças no modo de ser nordestino em relação ao “sul” do Brasil.

<sup>104</sup> Da Mata, Oliveira, Pin e Resende, 2007, p. 14.

<sup>105</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>106</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

Percebendo papéis de gênero mais estereotipados na sociedade local, o que parece revelar estilos de comportamento mais tradicional conforme ditames patriarcais, alguns entrevistados descrevem os homens como donos da relação em que as mulheres se apresentam como mais reservadas, mais passivas, e mais submissas<sup>107</sup>.

Entre as mulheres entrevistadas, mais jovens e mais velhas, solteiras e casadas, há unanimidade na identificação de padrões relativos a uma sociedade de forte dominação masculina à qual o acesso e a igualitária participação feminina são dificultados.

Uma das entrevistadas, divorciada, se refere ao processo “doloroso” que tem sido para ela e outras mulheres em igual condição, ainda hoje, transitar e freqüentar locais da cidade, tendo que enfrentar forte censura a todo e qualquer tipo de comportamento que fuja aos padrões mais conservadores e que represente, no olhar dos “nativos”, afronta a valores estabelecidos como necessários à manutenção da família. Identificando uma forte presença da classe média na cidade, cujos padrões de consumo definem relações sociais de status e poder, Carmem retoma a observação do entrevistado que já enfatizara o modo de viver das famílias que se isolam em comunidades e agregados familiares.

E relata como, durante muito tempo, baiana casada com sergipano, ao abraçar a carreira universitária e a militância política teve que lutar contra a noção arraigada nos costumes locais de que “mulher era pra viver dentro de casa<sup>108</sup>”. A constatação está também no discurso da entrevistada que migrou com marido e dois filhos pequenos para Aracaju e encontra dificuldade no convívio com casais nativos:

*Sinto os homens meio machistas. (...) mulheres aparentemente são mais submissas aos maridos (...). Porque tem esse amigo nosso (...) mais sai sozinho do que com a mulher. Ele chamou meu marido (...). Era aniversário de namoro. -Espera aí, que eu vou pedir. Ele achou estranho (...). Na cabeça dele não tinha que pedir. Se ele quer ir, ele vai. (...). Eu disse: - Ah! Eu acho que você não devia ir. É aniversário de namoro, quero estar com você. Ele ligou: Ah! Não vai dar pra ir. Aí ele depois comentou. Ele achou estranho. Meu marido disse: - Lá é assim, não é estranho. Não se larga a mulher em casa pra sair não... Aqui é rotina<sup>109</sup>.*

<sup>107</sup> A respeito, vale a pena conferir estudo realizado por DeBiaggi (2002) referente a mudanças de papéis de gênero quando da migração de casais para os EUA e retorno depois para o Brasil, especialmente quanto ao modo como distribuíam as tarefas domésticas (marido-mulher) lá e cá. A autora afirma que a mudança para um outro país implica que os valores, as crenças e os costumes dos(as) imigrantes sejam desafiados. Como os papéis de gênero são um importante valor que os indivíduos colocam em cheque na experiência migratória, busca-se elucidar a ótica dos(as) participantes sobre as concepções de gênero que trazem do lugar de onde vieram.

<sup>108</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

<sup>109</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

Demonstrando muita revolta e indignação, na sua condição de mulher em terra sergipana, uma entrevistada relata situações que presenciou e no final, desabafa:

*Na praia... A mulher pediu um real para comprar um queijinho. O marido deu a nota de um real (...) o queijinho era um e cinquenta. Ele não deu os 50 centavos pra ela. - Cara! Ainda tem mulher dependente que não pode comer um queijinho porque o marido não dá os outros 50 centavos? Fiquei pasma, pasma! (...). No supermercado. (...). Um casal na seção de higiene (...). A mulher pegou um absorvente, botou no carrinho. Ele disse: - Não, esse aí é muito caro! Esse aqui é mais barato. Leva esse. E a mulher ficou quieta, como se ele usasse absorvente, como se soubesse (...). E a mulher calou. Não disse nada. - Cara! Isso ainda existe? Um pouco essa coisa do conservadorismo mesmo, muito recorrente nas falas dos homens. (...). Eu fico muito impressionada (...) mulheres que ainda se submetem a esse tipo de coisa?! (...). Os caras estão com a esposa, namorada do lado, noiva, sei lá, e ficam paquerando assim, ostensivamente (...). **Como é que eu vou pensar em querer ter uma relação com um sergipano, se ele faz isso?**<sup>110</sup>*

A observação parece proceder quando se ouve as impressões de entrevistados, cujos cônjuges são também “sulistas”, quanto às relações conjugais e à condição feminina na sociedade local.

*Aqui há um estímulo à traição. Homem tem que ter várias mulheres (...) não ajuda em casa (...) é coisa de mulher. Em São Paulo, é muito corrido. Homem arruma a casa... Se fica desempregado, em casa (...). Trabalha, cuida de casa... Normal! Lá é normal homem trocar fralda. Aqui não! Os homens são machistas! Os alunos chegam a falar pra minha mulher que ela é moderna, que nós somos modernos. E dizem: namorada minha não entra em casa de amigo meu... A idéia é que homem e mulher, juntos, têm que transar. Tem que rolar sexo<sup>111</sup>.*

*Patriarcalismo muito grande. (...) domínio masculino forte. (...) mulher relegada a segundo plano. (...) lutando por um espaço que lá já se conseguiu. (...). Não sei se é um atraso, mas uma diferença cultural. Não vou falar atraso, que parece que não evoluiu. Não é isso! Mas uma diferença cultural grande. (...) Lá (...) a mãe de família, mesmo tendo o homem dentro de casa, consegue espaço maior. Aqui é provedora para os filhos. (...). O Brasil inteiro tem uma desigualdade que a gente vê nas estatísticas. (...). Lá a mulher tem um pouquinho mais de igualdade. (...). Teve muitas situações que meu pai cuidava da gente. Minha mãe estava trabalhando, dando aula. (...). Ele trocava fralda, dava ‘mamã’, dava janta, provia como qualquer mulher faria. Aqui os homens não fazem nem por necessidade. Nem quando as mulheres trabalham. (...). Esse espaço dentro da família a mulher não adquiriu, apesar de já ter adquirido fora. (...) amigas que trabalham tanto quanto eu. (...) têm que ter em casa realmente uma babá 24 horas, porque o marido não deixa de assistir TV para limpar a bunda de um bebê. E jamais ele vai fazer isso. Ele foi criado assim<sup>112</sup>.*

<sup>110</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06. Grifo nosso.

<sup>111</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

<sup>112</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06

Curioso o modo como a mesma entrevistada se refere, na seqüência, aos encontros no convívio universitário - onde ela e o marido atuam juntos, com relação à diferença no trato da traição conjugal, no caso do homem e da mulher.

*Chega a ser irritante, às vezes, porque todo mundo fala. (...) Se ele está me traindo... Ah! Mas você na universidade, vai ter muita menininha, muito assédio. Eu **também** estou na universidade. Eu **também** sou professora. Nunca falam **pra mim!** Aqui é cultural isso. Os homens traem. Normal, tudo bem. Famílias aceitam (...) Na minha família a traição sempre foi rechaçada. Fui criada ouvindo... Isso é errado e não deve ser aceito como normal.(...). Você está sendo traída? (...) se quiser aceitar, aceita, mas tem família (...) que retorne, se não tiver condição financeira de se virar, entendeu? (...) A escolha é dela, mas a família deu suporte. Aqui, não. (...) Você está sendo traída? Cuidado, pra não perder isso. Veja sua culpa na traição do seu marido (...). O homem pode tudo. A mulher, não. Se a mulher trair, é muito vagabunda. Se o homem trair, aconteceu. Homem é assim mesmo. (...). Acho que **seria muito gritante dentro de mim, mudar**<sup>113</sup>.*

Ausente de forma explícita nos questionários, o tema foi recorrente entre os entrevistados de sexo masculino ou feminino, de diversas idades, casados ou solteiros, e também em nossos testemunhos ao longo do nosso laboratório permanente do cotidiano local. De certo modo se expressa nas palavras de migrantes solteiros, reclamando por autonomia e privacidade na sua vida em Aracaju.

*Tenho muita dificuldade de paquerar. (...) pessoa pode ser atraente no primeiro momento. (...) a primeira conversa (...) começa a falar (...). Na segunda conversa, o interesse acaba na mesma hora. Então é difícil se interessar pelas garotas (...) frustração (...) desistência. Minha vida amorosa aqui em Aracaju (...). Tenho uma certa expectativa negativa, digamos, em relação à mulher sergipana e um certo medo também. Mulheres são muito casaidoras. Por mais que digam que não, sabe, esse esquema da família, de casamento, está lá, a priori. (...). Padrão de casamento na cabeça da mulher sergipana muito forte, conservador<sup>114</sup>.*

*Não foi fácil estar em Aracaju. Pessoalmente, não foi fácil. (...) Aracaju tem características específicas. As pessoas são familiares. Elas trabalham e vivem, convivem no seu nicho familiar. E pra você adentrar, é super-complicado. (...). Sou solteira, não sou pareada. Então as pessoas saem de forma pareada. As pessoas namoram muitos anos, casam. Namoram por muito tempo, casam muito cedo. E eu não. **Não pretendo ser nenhum desses modelos.** Eu sou solteira, sou muito emancipada pra eles. Assim, a palavra-chave quando eles me olham é emancipação em excesso<sup>115</sup>.*

*Estava com uma amiga no Parati e passamos mais de quarenta minutos sem um isopor. Rogério chegou, sentou. Na mesma hora o cara chegou: Posso trazer o isopor? Que isopor? Olha, estou aqui há quarenta minutos! Isso aconteceu em outros momentos. Testei, cheguei a ponto de testar (...) Patriarcal, machista (...) **Imagino eu, solteira e mulher, numa cidade dessa!**<sup>116</sup>.*

<sup>113</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06. Grifo nosso.

<sup>114</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>115</sup> Luana. Entrevista realizada em 11/09/06. Grifo nosso.

<sup>116</sup> Luana. Entrevista realizada em 11/09/06. Grifo nosso.

*Gosto da cidade. Agora, povo machista. Sou síndica do meu prédio. (...)Muita dificuldade. Tenho essa cara e essa vozinha. Ai que o trem pega, não é? (...) tenho meu sotaque de fora. Então... É de fora, vamos ter mais paciência com ela. (...) de ter que chamar o zelador do meu prédio pra ir comigo na loja. (...) achou que eu não entendia da instalação elétrica (...) estava lá colocando a lâmpada errada<sup>117</sup>.*

*Gosto muito de sair sozinha. (...)Não tem ninguém pra te acompanhar às vezes.. Estou com vontade de comer uma comida mexicana. Não tem ninguém pra comer com você? Então vai lá e come, fica feliz e tal e não tem essa não. Mas aqui já fui, por exemplo, naquele Gralha Azul. Foi um terror! O povo fica te olhando! Sei que tem até uma questão de prostituição mesmo, chegar uma mulher sozinha, não sei o que. Não acho que uso alguma coisa extravagante. Não é isso! Sair sozinha aqui é pra passar raiva (risos) Meu Deus, é muito ruim! (...) Nunca passei por isso, não<sup>118</sup>.*

O tema sugere a reivindicação não tão somente da mulher, mas do indivíduo que luta para preservar sua privacidade numa cidade cujos valores e costumes tradicionais se alteram muito lentamente em relação às transformações urbanas relativas ao crescimento econômico e à globalização que atinge todos os lugares. A ponto de clamar: “*Preciso urgente (...). Cadeiras, mesas para almoçar, refeições individuais. Você vai para os lugares (...). Tem que dividir a mesa (...). Não gosta. (...). Sem ter onde almoçar. Só tem quatro lugares. (...). Aquela visão de família<sup>119</sup>”.*

#### 4.2.6 A cidade “provinciana” em cheque

Enfatizando as relações personalistas de um lugar onde o espaço público é tratado como se fosse um espaço privado, alguns professores colocam como parte de uma elite distinta para expressar sua preocupação como formadores de consciência de seus alunos.

*Digo a eles. Você só tem valor aqui dentro se ocupa um cargo ou no governo municipal, estadual (...). Não precisa ser competente intelectualmente para ter status. Basta que seja parente ou contra-parente de alguém importante do alto escalão (...). Compadrio muito forte (...). Onde mora, que carro possui (...). Cidade província (...). Pessoas te olham pelo (...) Consumo é mais forte aqui, no sentido do status<sup>120</sup>.*

<sup>117</sup> Flávia. Entrevista realizada em 17/12/07.

<sup>118</sup> Flávia. Entrevista realizada em 17/12/07.

<sup>119</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

<sup>120</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

*Elite totalmente estreita. Não freqüente (...). Ouço falar (...). É geral (...) elite brasileira. (...) corrupta, hipócrita, provinciana. (...). Sergipe (...) questão de grau. Me incomoda muito alunos se submeterem a alguém que queira mandar neles. A disposição para ser criado, para ser servil. (...) esperando que alguém chegue pra dar ordem neles. Me incomoda professores que abusam disso, abusam do sistema político (...). O modo como se abusa disso, aqui é mais gritante, me incomoda mais. Não que não tenha isso nos outros lugares, mas aqui não tem alternativa. A margem de manobra é muito estreita<sup>121</sup>.*

Até aqui, os padrões identificados pelos pesquisados no comportamento local parecem tipificar o provincianismo atribuído à cidade de Aracaju por 15% dos 201 pesquisados. Tendo sido citado igualmente (média de 10 a 15%) por homens e mulheres, na condição de solteiros ou casados, e procedentes de todas as regiões do Brasil, o caráter provinciano da cidade é criticado por uma parcela bastante representativa de 22% dos migrantes com mais de 41 anos de idade, dos quais 18% na faixa de 41 a 50 anos e 29%, entre 51 e 60 anos.

Focando o olhar nas relações sociais da cidade tida como provinciana, é interessante o modo como a análise de determinados entrevistados os faz enveredar pelo ramo de conhecimento ao qual se dedicam. Enquanto alguns migrantes atribuem o provincianismo de Aracaju ao fato de haver sido criada por decreto e povoada a partir do interior<sup>122</sup>, a migrante procedente da Bahia se refere à produção histórica que não caracteriza a capital sergipana como uma cidade secular de valores diferenciados, mas, ao mesmo tempo, enfatiza as suas limitações na condição de cidade eixo entre duas metrópoles - Recife e Salvador, que tiveram avanço econômico e cultural mais rápido.

Segundo as palavras de quem há 36 anos acompanha as transformações da cidade, a chegada dos migrantes que teriam trazido, num primeiro momento, crescimento econômico, vai resultando pouco a pouco na alteração dos costumes. A entrevistada enfatiza a importância da crescente hegemonia jovem que, de certo modo, transparece em nossa pesquisa.

*Uma das coisas que ajudou muito e que tem alterado as relações aqui (...) é a entrada de jovens nas duas universidades, de fora. (...). Acho que aí vêm outros valores. (...) Isso traz uma nova forma de ser que aqui não se estava acostumado. Não havia uma quantidade de jovens que estivesse no cotidiano do shopping, dos bares. Era muito mais fechado, muito mais família, nos finais de semana, ou à noite. A freqüência era menos agitada<sup>123</sup>.*

<sup>121</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>122</sup> “A grande maioria tem um pé no interior. Tem o pai, tem a família. Alguém veio de lá. A cidade é relativamente nova, né?” disse Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

<sup>123</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

A professora migrante prossegue de modo a justificar sua tese de que valores arraigados costumam a se transformar.

*Isso traz uma alteração do indivíduo.. As pessoas passam a poder habitar, com algumas reservas e direito de autonomia dentro de Aracaju. As pessoas sozinhas, isoladas. Gera uma melhoria de comportamento. **Melhoria Melhorou muito**, mas ainda, de forma geral, ela permanece fechada em termos de costumes e tradições, da negação desse sentido<sup>124</sup>.*

Retomando sua condição feminina, a mesma entrevistada sintetiza o que já ouvimos na voz de outras mulheres. De certo modo, seu depoimento parece ilustrar o resultado do “pingue-pongue” que fizemos com outra pesquisada que se dizia pouco adaptada aos costumes da cidade. Perguntada sobre o que lhe evocava a palavra Aracaju, desfilara: “Solidão... Cobrança... Muita cobrança... Identidade... Povo...”.

*Sou uma mulher solteira. Tenho amigas solteiras. E todas que têm um comportamento mais reservado têm uma dificuldade incrível! **Muito grande!** (...). Porque é cobrado de imediato um tipo de comportamento de uma mulher sozinha, separada. Se ela vai a qualquer lugar, desprovida de uma companhia, é considerada uma pessoa de não boa idoneidade moral. Essa visão moralista da cidade permanece. A não ser para pessoas mais jovens que têm uma determinada reação que não está ligada aos valores da cidade<sup>125</sup>.*

Perguntado sobre o tema das relações afetivas e familiares, o entrevistado cuja mulher nasceu e se criou no interior sergipano, ele também nordestino, mas de vivência bastante cosmopolita<sup>126</sup>, não adentra em possíveis diferenças que, segundo afirma, não seriam significativas, porém observa:

*Acho que aqui é muito difícil a aproximação (...). Ou você tem 18 anos. Ou você tem mais de 30 e fica à margem. Essa cidade, por ser muito nova, não sei, não há muitas opções mais voltadas para uma certa classe (...) que não seja em bares (...). É difícil. Não tem hábito de sair para tomar um chope. Acho difícil aqui (...) uma idade acima dos 35 em diante, por causa do contexto (...) de interior. (...) tipo de pessoa ou funcionário vieram trabalhar em Aracaju (...). Raízes ou pessoa com mentalidade arcaica, fechada. Descompasso entre dois pólos. Cidade tem mais programas de jovem shopping, cinema e boate. Não há outras interlocuções(...). Quando não era casado, achava difícil aproximação. Depois, não havia ambiente(...) para as pessoas saírem para a noite. Observo que as pessoas quando se separam, ou ficam só, ou... Terminam voltando para as antigas relações(...) Acho que é muito fechada para minha mentalidade<sup>127</sup>.*

<sup>124</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

<sup>125</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

<sup>126</sup> Entrevista realizada em 27/09/06. Anselmo se diz “migrante por natureza” ao contar da sua vivência no interior do Nordeste, onde nasceu, em duas capitais nordestinas, e numa cidade européia, onde cursou o Doutorado.

<sup>127</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

Na tentativa de caracterizar a ambigüidade da mentalidade local, contrastando hábitos de vida cosmopolita (aberta) impostos pela globalização com os hábitos de vida provinciana (fechada), fazendo uso dos seus estudos no campo da Fenomenologia, o professor migrante acabou por discorrer extensivamente de modo a dar interessante contribuição à análise do “provincianismo” aracajuano.

*Convivência (...) mentalidade pré-moderna com uma mentalidade pós-moderna, bombardeada pela globalização (...) Dois modos de ser (...) Modo de tratar o espaço e tempo, herança fenomenológica. Como se vivencia o espaço e o tempo na urbe aracajuana? Esse espaço político comum. Público, gerido por regras públicas modernas, democráticas (...) espaço de direito (...). Diferente do campo, da roça, relações sociais pré-modernas (...). Quanto eu sofri até aprender a não me irritar com o modo como o comércio trata a pessoa estranha, não conhecida. Você é amigo dele? Ele vai de tratar, vai dar toda a atenção pra você. Você não é amigo dele? Ele vai te olhar assim (...). Ele vai te tratar como se tivesse invadindo (...). O espaço que deveria ser público como o espaço privado. Cotidianamente, nas ruas, as pessoas que andam, param no meio da rua, param no meio da porta (...). E fica assim pensando. O que vai fazer? (...) Não se dá conta de que ela está no meio do caminho. Vive o espaço como o espaço orgânico dela. Onde estou, é o meu espaço. Ela não está no meio da casa dela. Está no meio de um caminho público. E se você passar, pedir licença e tal (...) vai se sentir incomodada, invadida (...). Mais curioso ainda é o modo de usar o tempo. (...). Tempo pra dar e vender. O seu tempo não vale nada. Pode ficar aí. Perde um tempo triplicado, quadruplicado, pra fazer uma coisa muito simples. (...) acho muito curioso também a tendência à redundância, à repetição no discurso (...) mesmas histórias repetidas cada vez que os grupos se encontram, como se fosse um ritual (...). Um circuito fechado sobre si mesmo (...) um espaço fechado sobre si mesmo. Próprio do mundo provincial (...) marca principal de Sergipe é esse fechamento sobre si. Presença absoluta de um horizonte no plano da natureza e uma ausência absoluta de horizonte no plano cultural intelectual<sup>128</sup>.*

O entrevistado, na sua crítica contumaz ao modo de ser provinciano com o qual não “consegue” conviver, levanta um tema melindroso no choque cultural entre os estabelecidos e os *outsiders* em Aracaju. No imaginário do coletivo pesquisado, trata-se da “civildade” como requisito necessário à convivência harmoniosa de tantos desconhecidos que se encontram e precisam compartilhar de um mesmo espaço público, transcendendo o mundo particular de cada um. Nesse aspecto, a civildade consiste na

Atividade que protege as pessoas umas das outras, permitindo, contudo, que possam estar juntas. Usar uma máscara é a essência da civildade. As máscaras permitem a sociabilidade pura, distante das circunstâncias do poder, do mal-estar e dos sentimentos privados das pessoas que as usam. A civildade tem como objetivo proteger os outros de serem sobrecarregados com nosso peso<sup>129</sup>.

<sup>128</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>129</sup> Sennett, apud Bauman, 1999a, p. 264.

Queixas no campo da civilidade urbana e da cidadania tiveram relativo destaque nos resultados obtidos e transparecem, mais especialmente, naquilo que os pesquisados dizem não gostar em Aracaju<sup>130</sup>.

Nesse contexto, é relevante o modo como alguns associam a desorganização do trânsito à falta de trato social com o outro, no espaço das vias públicas, quando aparece um rol de estranhamentos, tais como: mau serviço do transporte coletivo, imprudência dos motoristas, uso excessivo de buzina, estacionamento em fila dupla, carroças no centro da cidade.

Outras reclamações dizem respeito ao comportamento em salas de cinema e teatro, referindo-se ao uso inapropriado do celular e ao tom inconveniente e incomodativo das conversas. Alguns migrantes pesquisados se referem também a estranhamentos no campo da higiene, reclamando do esgoto a céu aberto, do lixo nas ruas e até do galeto e churrasco vendido nas calçadas, ocupando o espaço que deveria ser garantido ao transeunte.

Merece destaque a queixa incisiva de alguns quando ao “barulho” da cidade, em se tratando tanto do uso ostensivo do som em veículos, como da imposição de um estilo musical que não é necessariamente de agrado de todos. O fato é contestado pela entrevistada baiana<sup>131</sup> que diz não ver muita diferença da cidade em relação a outras do Nordeste, reservando o direito da crítica apenas aos migrantes sulistas, cujas cidades de origem considera mais “silenciosas”<sup>132</sup>.

Um dos entrevistados, por sua vez, chama a atenção para coisas que estranha no modo de ser local. Acostumado a fazer compras para a casa, reclama do modo como, displicentemente, as pessoas abandonam o carrinho do supermercado nas vagas do estacionamento. Habitado a participar da organização de eventos, se diz chocado com o comportamento compulsivo dos convidados:

*Parece que nunca viram comida! Têm que catar um monte! Comer logo porque vai acabar! (...) salgadinho tudo no chão. Não parece que é gente, assim. Que é professor (...) Com Doutorado, morou fora (...). Não sei o que acontece, mas jogam as coisas no chão*<sup>133</sup>

<sup>130</sup> Vide Tabela 18, pág. 108.

<sup>131</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

<sup>132</sup> Interessante o modo como, tentando captar a essência do brasileiro, o filósofo Flusser reconhece nele a condição básica e primitiva do “*homo ludens*”. Nesse contexto, se refere à total indiferença do brasileiro com relação ao barulho, interpretando-o de duas maneiras: de um lado, provaria a solidão do brasileiro, de outro, demonstraria que ele está acima do barulho e, aí, “brinca com o barulho, e brinca de fazer barulho” (Flusser, 1998, p.171-172).

<sup>133</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

Todos esses estranhamentos que nos remetem ao campo da civilidade, ou do que em geral chamamos de comportamento “civilizado”, vêm corroborar os estudos da Sociologia que, desde suas origens, analisam os efeitos sociais da concentração urbana, dando conta que a cidade que reúne tantas estranhezas resulta da reunião de cada vez mais estranhos.

*Me lembro que quando voltei uma vez das férias do Doutorado, no final da década de noventa (...) Uma amiga minha me perguntou, e aí, como foi Aracaju? Menina! Diferente de Maguila, eu vi que Aracaju cresceu. Não como Maguila disse, que Aracaju cresceu, está desenvolvida porque tem orelhão (...) Passei, consegui passar um mês em Aracaju, ir nos lugares e não conhecer ninguém. Isso pra mim é o sintoma de uma cidade que cresce. Ela deixa de ser fechada. Deixa de ser aquela cidade que se relaciona apenas com o outro que é um parceiro, que é conhecido, que tem uma relação muito íntima de comunidade E passa a ser exatamente uma cidade onde você pode ser ter liberdade e ser um indivíduo dentro da cidade. É isso que eu percebi. É nítido isso na segunda metade da década de noventa<sup>134</sup>.*

Assim, as relações sociais tradicionais vão sendo erodidas pelo mundo globalizado, através das novas relações de desencaixe e reencaixe de que fala Giddens<sup>135</sup>, dissolvendo pouco a pouco comunidades localizadas como Aracaju.

No momento em que ter raízes na cidade ainda confere aos “nativos” um prestígio no grupo ao qual pertencem e que o “estrangeiro” não possui, justificam-se as dificuldades vividas por muitos migrantes procedentes de centros maiores ao se estabelecerem na capital nordestina. É comum, por exemplo, que tenham de se debater com os preconceitos que atrofiam a cidade pequena, sem conseguir responder à pergunta usual naqueles segmentos mais tradicionais onde de maneira inevitável se busca mapear significativamente os indivíduos: - *Qual é a sua família? De que família você é?*<sup>136</sup>.

### 4.3 Uma primeira “privatização da estranheza”

O fato de ser um estranho é vivido em graus variados, por todos os membros da sociedade contemporânea, com sua extrema divisão do trabalho e a separação de esferas funcionalmente separadas. Se os membros da classe erudita passam por essa experiência, fazem-no em geral mais como membros da sociedade do que como cientistas, tecnólogos, pensadores ou artistas<sup>137</sup>.

Vivendo a situação existencial e “universal” da estranheza e por isso vivendo-a, paradoxalmente, na “parcialidade” dos diversos grupos de que faz parte como todo indivíduo

<sup>134</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

<sup>135</sup> Giddens, 1991.

<sup>136</sup> Vide a respeito: Velho, 2004, p. 26.

<sup>137</sup> Bauman, 1999, p. 106.

desse mundo pleno de mobilidades, o professor migrante busca pinçar no cotidiano o que lhe faz falta no seu entorno mais imediato. Nas estranhezas, há curiosas coincidências entre os pesquisados - todos professores universitários, o que os aproxima numa comunidade de interesses não satisfeitos na cidade de Aracaju. De certo modo, ainda que cada um maneje seu próprio caleidoscópio, parece que algumas vezes vêm exatamente as mesmas imagens<sup>138</sup>.

Persigamos novamente o caminho bourdieusiano. Para compreender o agente naquilo que ele diz é preciso saber “de onde ele fala<sup>139</sup>” uma vez que suas opiniões refletem a posição que ocupa no espaço social, expressando um conjunto coerente de gostos e práticas que definem, mais do que um gênero, um estilo de vida<sup>140</sup>. Os assim chamados *habitus*, paradoxalmente, só se tornam explícitos através do desajustamento a uma situação<sup>141</sup>. Quando as condições objetivas e costumeiras da sua realização não são dadas, o *habitus*, contrariado pela nova situação, acaba por se apresentar no momento em que as condições objetivas assim o requeiram ou permitam.

Pensamos que, ao provocar os pesquisados com a questão – “*Coisas de que sente falta em Aracaju*”, incorporamos as condições objetivas que lhes faltavam para expressar com autonomia e liberdade a sua opinião<sup>142</sup>. Na construção da Tabela 19, onde apresentamos os resultados obtidos, adotamos o mesmo procedimento da Tabela anterior<sup>143</sup>, procurando agrupar as carências apontadas em blocos, de modo a contemplar as mesmas categorias. No entanto, dada a grande concordância relativa à queixa quanto aos aspectos culturais propriamente ditos, optamos por redistribuir a categoria “Cultura e sociabilidades” em dois conjuntos, separadamente.

Postergando a análise do ponto que congregou mais de 50% dos pesquisados, passamos a considerar outros fatores em que a incidência, de menor proporção, não é menos significativa, registrando pouca divergência ou contradição. Ou seja, há uma certa unanimidade nos atributos reclamados, o que demonstra uma certa graduação no âmbito da “privatização da estranheza<sup>144</sup>”, peculiar a uma classe – média, a uma categoria – professores universitários e a uma condição – migrantes numa cidade em particular, Aracaju.

---

<sup>138</sup> Insistimos na utilização da metáfora de Silva, 2003, p. 183.

<sup>139</sup> Bourdieu, 2004, p. 22-29.

<sup>140</sup> Bourdieu, 1996, p. 21. Para esse autor, o que é observável no espaço social não é o gênero, mas o estilo de vida.

<sup>141</sup> Setton, 2002, p. 62.

<sup>142</sup> Como condições objetivas, nesse caso, entendemos a garantia do anonimato, mediante depósito do questionário em envelope lacrado, nosso comprometimento quanto ao anonimato dos entrevistados e, sobretudo, a certeza de que a interessada era também migrante.

<sup>143</sup> Tabela 18, p. 108.

<sup>144</sup> Bauman, 1999, p. 106.

Do ponto de vista da infra-estrutura material, era de se esperar que reaparecessem os itens assinalados quando se tratara de mencionar aquilo de que não se gosta em Aracaju. Na verdade, há uma certa repetição dos itens, no geral. Ou seja, “não gostamos” daquilo que “sentimos falta”, ou porque já vivenciamos, ou porque esperávamos encontrar. Afinal, campo e *habitus* têm que andar afinados, como disse Bourdieu<sup>145</sup>.

Antes que observemos a Tabela, façamos a leitura, sem intervalo, de alguns depoimentos mais curiosos ou expressivos encontrados nos questionários onde, embora se apresentem concisos, nos parecem ricos em conteúdo.

Dizem os pesquisados que “falta” em Aracaju:

*Árvores. Falta arborização na cidade*<sup>146</sup>;

*Uma melhor estrutura no bairro que moro (Atalaia), como mais farmácias, padarias, etc.*<sup>147</sup>;

*Alguns produtos de qualidade na minha área, como papéis especiais, material gráfico, etc.*<sup>148</sup>;

*Comida boa (sem coentro e cominho) e procedência confiável dos alimentos*<sup>149</sup>.

*Comércio, por exemplo. São as mesmas lojas, sem novidades. Fecha no meio do dia, essas coisas, costumes de cidade interiorana*<sup>150</sup>.

*Já fui convidada a me retirar de restaurantes por ser “tarde”. Que lugar é esse?*<sup>151</sup>

*Um bom jornal diário que realmente respeite o leitor*<sup>152</sup>.

*Mais cosmopolitismo sem perder o “clima” de interior*<sup>153</sup>.

*De um respeito maior à privacidade doméstica. Aqui o incômodo mais presente é o som alto, a perturbar os alheios*<sup>154</sup>.

*De poder fazer o Doutorado sem ter que “virar a vida do avesso”. Gostaria de poder estudar aqui*<sup>155</sup>.

*Transporte que ligue Aracaju direto ao aeroporto de Salvador, de onde se consegue vôos para todo o Brasil com preços menores*<sup>156</sup>.

*Do mar e da espontaneidade e leveza do povo da minha terra*<sup>157</sup>.

*Que saudade da minha família e dos meus amigos!!!!*<sup>158</sup>.

<sup>145</sup> Bourdieu, 1990, p. 131.

<sup>146</sup> Homem, 37, carioca, casado com mineira, há um ano na cidade. Área de Exatas

<sup>147</sup> Mulher, 36, maranhense, casada com argentino, há 2 anos em Aracaju. Ramo de Engenharia.

<sup>148</sup> Homem, 33, baiano, solteiro, residente há um ano em Aracaju. Professor de Design Gráfico.

<sup>149</sup> Mulher, 32, paulista, casada com conterrâneo, há 3 anos em Aracaju. Área da Saúde.

<sup>150</sup> Mulher, 48, alagoana, solteira. Olhar crítico de quem se criou em Aracaju, desde os 6 anos. Área de Ciências Humanas.

<sup>151</sup> Mulher, 30 anos, baiana, casada, residente há 3 anos em Aracaju.

<sup>152</sup> Mulher, 34, paulista, casada com sergipano, residente em Aracaju por duas vezes, de 1999 a 2001 e, depois, desde 2003, quando concluiu Doutorado em São Paulo, no ramo da Saúde.

<sup>153</sup> Homem, 41, paulista, casado com conterrânea, há um ano em Aracaju.

<sup>154</sup> Mulher, 41, paranaense, casada com gaúcho, há 14 anos em Aracaju. Área de Educação Física.

<sup>155</sup> Mulher, 37, paulista, casada com conterrâneo, há 14 anos em Aracaju. Ramo do Direito.

<sup>156</sup> Mulher, 46, cearense, casada com paulista, residente há 11 anos em Aracaju. Área de Exatas.

<sup>157</sup> Mulher, 52, baiana, divorciada, residente há 28 anos em Aracaju.

<sup>158</sup> Homem, 39, paulista, casado com paranaense, residente há 5 anos em Aracaju. Professor e profissional do ramo da Odontologia.

TABELA 19 - Coisas de que os pesquisados sentem falta em Aracaju.

<b>Categorias</b>	<b>Atributos</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>	<b>%</b>
Infra-Estrutura (Material)	Melhor infra-estrutura urbana	10	5,00	11,50
	Parques, praças e áreas verdes	8	4,00	
	Trânsito mais organizado	3	1,50	
	Limitação de transporte aéreo	2	1,00	
Infra-Estrutura (Serviços)	Diversidade de serviços em geral (saúde, bares, comércio...)	18	9,00	29,50
	Qualidade nos serviços (atendimento, compromisso...)	23	11,50	
	Bons serviços de saúde e assistência médica	5	2,50	
	Vida noturna (24 horas)	3	1,50	
	Qualidade e profissionalismo nos meios de comunicação	6	3,00	
	Mercado de trabalho	4	2,00	
Cultura	Espaços e opções culturais	86	43,00	51,00
	Cursos e eventos acadêmicos	9	4,50	
	Locais de acesso a cd, livros, música de qualidade	7	3,50	
Sociabilidades	Maior cordialidade do povo	24	12,00	28,00
	Civilidade	1	0,50	
	Família	24	12,00	
	Amigos	7	3,50	
Capital Geográfico	Boas praias	3	1,50	1,50
Diversos	Coisas da terra natal	10	5,00	12,50
	Clima da terra natal	2	1,00	
	Decência na política	1	0,50	
	Nada - Aracaju tem tudo de que gosto/preciso	12	6,00	
<b>Total</b>		<b>200</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Considerando múltiplas respostas à pergunta aberta, os percentuais foram calculados em relação a um total de 200 pesquisados que responderam à questão.

“*Que saudade da minha família e dos meus amigos!!!!*”<sup>159</sup> A expressão registrada na parte reservada aos comentários livres, ao final do questionário, seguida de tantos pontos de exclamação deixa claro que, para muitos dos pesquisados, a saudade de entes queridos constitui uma lacuna que dificilmente se pode preencher. Ao lado dela, estão as “coisas da terra natal”, as maiores lembranças que evocam o clima e a temperatura que deixaram de sentir na pele e “nos ossos”, a paisagem que fugiu dos seus olhos, a música que acostumara seus ouvidos, e a comida caseira cujo sabor buscam sem mais encontrar. Nesse ponto, a saudade singulariza as experiências, se apresentando mais intensa para quem acabou de chegar ou para quem insiste em querer “voltar”.

Referindo-se ao capital geográfico da cidade, é ainda digno de destaque o modo como migrantes, em geral do Nordeste, se queixam da cor do mar e da “qualidade” das praias que, comparativamente, deixam a desejar em relação às demais praias da região.

Curioso, por fim, o modo como uma única entrevistada, jovem e solteira, procedente de uma metrópole e guardando uma certa vivência cosmopolita, segreda-nos algo que diz não encontrar em terras sergipanas: gente bonita! O assunto surgiu de repente, em meio à entrevista. Referindo-se aos seus próprios estranhamentos, como se quisesse evitar, mas sem conseguir, entrecortando a fala com risos nervosos, a professora migrante acabou por falar das suas impressões sobre a beleza estética local:

*O povo é muito feio...(risos)... Muito feio (risos)... Não é preconceito, não... Eu sou bem tranqüila. (risos). Acho que me incomoda (...) É você olhar para o preconceito que você tem. E ver o que você faz disso. Eu não sei o que vou fazer... Mas às vezes eu... A última vez que fui a (...) fiquei lá sentada, vendo as pessoas. Aí falei.... É. O povo é diferente mesmo. E não é a cor, não. A cor perde. Mas é o biótipo mesmo... Pequininho... Assim... Muito feinho*<sup>160</sup>.

Opiniões, gostos e preferências dos pesquisados, ainda que de domínio subjetivo, refletem sua posição no espaço social e se traduzem num sistema de referência através do qual vêem o mundo e guiam seu comportamento e estilo de vida. Há que considerar o peso relativo do capital cultural em que a posse de bens, capacidades e títulos culturais determina um estilo de vida mais ou menos valorizado no mercado de trocas simbólicas da sociedade.

No espaço social entendido como o espaço das diferenças, os *habitus* funcionam como operadores de distinção, expressando as relações de sentido que se produzem simbolicamente numa conjuntura de relações de dominação, em que há toda uma

<sup>159</sup> Homem, 39, paulista, casado com paranaense, residente há 5 anos em Aracaju. Professor e profissional do ramo da Odontologia.

<sup>160</sup> Dado o conteúdo da fala da entrevistada nessa passagem, optamos por preservar aqui a sua identidade.

estratificação de consumo de acordo as posições sociais dos agentes. Nos parece que o diagrama construído por Bourdieu em sua obra “*La distinction*”, para representar o “o espaço das posições sociais e espaço dos estilos de vida” de acordo com o volume global de capital e com o peso relativo dos diferentes tipos de capital, econômico, e cultural<sup>161</sup> ilustra bem o que queremos dizer.

Como abordamos em outro momento, a noção original de *habitus* revela a força da herança relativa ao capital cultural da primeira instância de socialização dos indivíduos – a família, embora discípulos de Bourdieu tenham enfatizado, posteriormente, uma relevante carga no âmbito da experiência. É Loïc Wacquant quem esclarece:

*O habitus* fornece ao mesmo tempo um princípio de sociação e de individuação: sociação porque as nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim podemos falar de um *habitus* masculino, de um *habitus* nacional, de um *habitus* burguês, etc.); individuação porque cada pessoa, ao ter uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas. Porque é simultaneamente estruturado (por meios sociais passados) e estruturante (de ações e representações presentes), o *habitus* opera como o “princípio não escolhido de todas as escolhas” guiando ações que assumem o caráter sistemático de estratégias mesmo que não sejam o resultado de intenção estratégica e sejam objetivamente “orquestradas sem serem o produto da atividade organizadora de um maestro”<sup>162</sup>.

#### 4.4. Para se mostrar distinto, o que melhor do que falar de “cultura”?

Parece-nos que o princípio da sociação do *habitus* bourdieusiano pode ser encontrado na geração da “privatização da estranheza” a que se refere Bauman<sup>163</sup>, quando observamos que há uma certa orquestração nas opiniões dos professores migrantes, embora efetivamente essas não resultem de nenhuma ação nessa intenção. Reside aí uma das maiores coincidências nos estranhamentos: o que diz respeito à falta de uma vida e formação cultural em Aracaju.

Na “universalidade do desenraizamento” e “da estranheza”, o professor universitário constitui um “estranho universal” e parece insistir em permanecer estranho<sup>164</sup>, sem querer desligar-se da objetividade que essa estranheza lhe confere. Sob esse ponto de

<sup>161</sup> Bourdieu, 1996, p. 19-20.

<sup>162</sup> Bourdieu, apud Wacquant, 2007, p. 4.

<sup>163</sup> Bauman, 1999, p. 106-109.

<sup>164</sup> Vide a respeito: Bauman, 1999, p. 88-95.

vista, tudo que é nativo constitui um imenso campo de reflexão para o professor migrante que, no esforço de violar a cultura local, parece estar sempre em vigília. Na condição de deslocado por definição<sup>165</sup>, muitas vezes estigmatizado pelo símbolo de prestígio<sup>166</sup> que lhe conferem o título de “mestre” ou “doutor”, acaba por ser portador também de um olhar diferenciado. As fronteiras culturais ficam desguarnecidas frente a esse estrangeiro que está fisicamente próximo, mas espiritualmente distante<sup>167</sup>.

É preciso fazer a ressalva quanto à compreensão de cultura como produto da violência simbólica, no espaço de um jogo em que os agentes – *homo academicus* – estão em busca de prestígio e reconhecimento, ou seja, de distinção. Afinal, para se mostrar distinto, o que melhor do que “a cultura?” Envoltos no acesso desigual aos bens culturais, segundo condições de classe muito particulares à sociedade capitalista, os professores têm o privilégio de utilizar códigos e linguagens que lhes conferem a possibilidade de falar com uma certa propriedade.

Na lógica da distinção bourdieusiana, o que é distinto para alguém pode ser vulgar para outro. Nesse sentido, é possível compreender a rejeição de muitos pesquisados ao que consideram como o “barulho” incomodativo do estilo de música local, desqualificando determinadas festas do calendário sergipano, como o Précaju e o Forrócaju.

*Não é o meu estilo de música. O forró, eu gosto (...) pra dançar é divertido, mas não ponho pra tocar. (...) totalmente diferente meu gosto musical (...) gosto de MPB, de rock. Sou bastante eclética (...) não sou radical. O ritmo do Axé me irrita. Muito frenético. Já fui no Pré-caju. (...) brincadeira em si é divertida, mas música não me atrai. (...) muito pobre a musicalidade. Parece que todas as músicas são iguais. O forró tem um pouquinho mais de musicalidade (...) de história. (...) Axé tem apelo sexual irritante (...). Não é meu estilo de música. Não tenho esse hábito de ouvir<sup>168</sup>.*

*Nem observar de longe, eu vou. (...) festa absurda, empreendimento comercial, cultural, bastante triste. Piorada nessa época. É uma época desagradável para mim. Espero que passe o mais rápido possível. (...) graça nenhuma nesse barulho que fazem na praça do povo, nos forrós do interior. Não curto festas populares. Jogar terra nos outros, essas coisas assim. (...). Não gosto de show (...). Aquela montoeira de gente pra ficar vendo. Não vejo graça nessa coisa<sup>169</sup>.*

Segundo Bourdieu, os indivíduos de modo geral expressam suas opiniões sem se dar conta de que são prisioneiros do jogo social em que se produz a violência simbólica, aquém ou além do controle da consciência. Trata-se do “pensar como sempre<sup>170</sup>”.

<sup>165</sup> Bauman, 1999, p. 106.

<sup>166</sup> Vide diferença entre símbolo de status e prestígio e símbolo de estigma, propriamente dito, em Goffman, 1985, p. 53.

<sup>167</sup> Bauman, 1999, p. 69.

<sup>168</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>169</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>170</sup> Bourdieu, p. 22-23.

O campo cultural compartilhado pelos professores é apreendido através de *habitus* similares, inerentes à formação do “homem cultivado”<sup>171</sup>. Constitui um espaço de jogo, em que “ter o sentido do jogo é ter o jogo na pele; é perceber no estado prático o futuro do jogo; é ter o senso histórico do jogo”<sup>172</sup>. Está aí implícita a disposição incorporada para a ação, numa perspectiva inerente de antecipação, expressando a relação de cumplicidade ontológica entre o indivíduo e o mundo. É o que se pode constatar na crítica do entrevistado sobre a Universidade como espaço cultural.

*É. A Universidade ainda é um espaço. Mas reflete um pouco a cidade. Você não vê grandes projetos (...) um festival de arte (...) não vê oficinas. A Universidade teria uma responsabilidade dentro da cultura, de produzir cultura também. Crítica, não é? Mais do que objeto. Produzir pensamento crítico. E aí abre a questão do diálogo. Como é que você quer dialogar, se não tem uma formação? E a Universidade é ainda muito presa ao livro (...) muito amarrada ao conservadorismo. A Universidade reflete ainda esse aspecto conservador da sociedade de Aracaju*<sup>173</sup>

O “aspecto conservador da sociedade de Aracaju” expressa a conclusão do professor ao final de uma extensa abordagem crítica que faz à vida e à formação cultural de Aracaju, crítica essa que alternaremos com a que foi feita por três outros entrevistados. No conjunto das entrevistas, foram eles que discorreram mais detalhadamente sobre aspectos culturais da cidade e do povo local, muito embora a temática tenha sido uma constante nos resultados, tanto no que diz respeito a estranhamentos, como a carências em particular da capital sergipana, quando comparada a outras cidades, sobretudo a capitais.

Recordemos aqui o modo perspicaz como Flusser estabelece a analogia do arquipélago à massa urbana amorfa que identifica no Brasil, como se fosse possível universalizar a heterogeneidade a partir de um único modelo: São Paulo, descaracterizando especificidades locais, por exemplo, como a da Bahia<sup>174</sup>. Levando em conta a formação histórica do Brasil, para ele - imigrante intelectual europeu - cada ilha (cidade ou estado brasileiro) corresponderia a uma sociedade européia, ou a alguma sociedade do Oriente, próximo ou extremo, sendo habitada por imigrantes dessas sociedades ou seus descendentes cada vez mais distantes temporalmente, de modo a se diluir ao longo dos anos, no todo ou em parte, enquanto irrigadas pelas correntes migratórias. A análise o leva a constatar:

<sup>171</sup> Bourdieu, 1982.

<sup>172</sup> Bourdieu, 1996, p. 144.

<sup>173</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>174</sup> Bastante pertinente parece ser a tese de Doutorado de que tivemos notícia - “O mito da preguiça baiana”, defendida pela antropóloga Elisete Zanlorenzi na Universidade de São Paulo (USP), em 1998, em que ela estuda a origem do estereótipo e o modo como se consolidou. Vide a respeito: Marques, Fabrício. A invenção da indolência. Disponível em: <http://www.universia.com.br/index.jsp>

O primeiro contato se dá com uma massa urbana heterogênea e quase amorfa. É verdade que a massa fala uma única língua (o português), e isto parece dar-lhe estrutura. Mas o ouvido atento descobre que essa língua não é infra-estrutura (como no caso das sociedades européias), mas que forma um teto a reunir a massa, qual esperanto ou *koiné*, debaixo do qual pulsam inúmeras outras línguas que se refletem no próprio português para poder penetrar a massa e integrar-se nela<sup>175</sup>.

Questionado sobre como teria vindo parar especificamente em Aracaju, diz um dos entrevistados:

*Não conhecia. Nunca tinha ouvido falar. Não tinha parente nenhum. Nunca tinha realizado que existia realmente Sergipe. O Nordeste era uma massa homogênea. Assim: paulista, que chama... Todo nordestino é baiano. Para o carioca, todo nordestino é Paraíba. Generalizações. Eu não tinha a mínima idéia de que o sergipano era diferente do alagoano e do baiano. Completamente diferente*<sup>176</sup>.

Segundo Flusser: “O imigrante descobre no arquipélago também aquela ilha que corresponde à sua própria origem, e vivencia o choque da decadência, da provincialização e da primitivização, o que facilita para ele a ruptura dos elos que o ligam à sua origem<sup>177</sup>”.

Partilhando da análise da situação existencial do migrante, nosso entrevistado, igualmente integrante dessa camada relativamente estreita da pequena e média burguesia, como se diz Flusser - a elite acadêmica, distingue natureza e cultura, na sua vivência.

*Esperava que a cultura correspondesse (...) fosse um lugar aberto. (...) analogia entre o cultural e o natural. (...) horizonte completamente aberto. Essa ausência de morro, de pedra. Uma praia absolutamente aberta. Parece que está tudo aberto, à disposição. (...). Certa empolgação inicial. Acreditar que no plano da cultura também seria assim. A duras penas fui percebendo que não. O espaço cultural é fechado, travado. Não está nada aberto. (...) Fui quebrando a cara (...). Primeiro momento, tudo muito peculiar. Modo das pessoas é diferente. Modo de falar, sotaque, as expressões (...). Tudo é curioso e peculiar. (...) um certo encanto pelo diferente. Depois, quando passa a ter que viver, entender, negociar cotidianamente essa vida, a tentar entender qual a regra que está funcionando, diferente daquelas de lá. (...) começa a surgir todo um estranhamento. Regras são muito personalistas, muito arbitrárias. Dependem do sujeito que estiver na posição de decisão, no momento. (...). Achava que estava todo um espaço aberto. Não entendia porque minhas iniciativas nunca viravam nada. Assim... Tentava fazer... Tudo muito simpático. Ah! Faça! Mas nada vira, nada acontece, muito travado... Por trás... Não dava conta (...) Pensava que ia convencer uma pessoa, virava inimigo de umas 200 que não conhecia. Não tinha idéia de que isso acontecia. Completamente ingênuo, assim. E foi muito lentamente assim. Ingenuidade ao modo como o espaço político está ocupado. Primeiro ano foi essa experiência de aclimação. (...) Primeiro momento de encantamento, depois, de estranhamento*<sup>178</sup>.

<sup>175</sup> Flusser, 1998, p. 40.

<sup>176</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>177</sup> Flusser, 1998, p. 41.

<sup>178</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

A ênfase na contraposição tradição x modernidade, provincianismo x cosmopolitismo, mediante o discurso etnocêntrico de uma categoria tão escolarizada sugere a oposição do “ ‘senhor da significação’ frente ao ‘outro-da-dependência’<sup>179</sup>”.

O modo como o professor migrante descreve as suas relações no ambiente acadêmico revela que no meio social há muito mais do que relações intersubjetivas. As relações de sentido que se estabelecem entre os grupos se assentam numa matriz de significações dominantes que compõem o arbitrário cultural mascarando o verdadeiro caráter de dominação político-cultural. Muito provavelmente, as diferenças no âmbito profissional refletem diferenças no âmbito da sociedade mais ampla.

Vejamos como o entrevistado que reclama do conservadorismo da cidade descreve sua sede insatisfeita de interlocução e desenvolvimento pessoal, tratando, num primeiro momento, da falta de efervescência cultural no cotidiano da cidade.

*Você não encontra pessoas para discutir coisas - não conheço. Que tenham um nível para discutir(...) de música ou de arte, ou de filosofia. Acho que não há interlocução(...). Pode discutir outras coisas (...) política local, aspectos ligados à estrutura da cidade (...) eventos que aconteceram, vão acontecer. (...) Sentar e conversar sobre um tema que necessita certo conhecimento, além do comum, do cotidiano, vejo uma barreira imensa. Não sei se seria prepotência, mas é difícil.*

Depois de enumerar e descrever espaços alternativos consolidados em outras capitais do nordeste, insistindo na importância de movimentos permanentes de produção cultural no campo do pensamento crítico e criativo, o professor reclama da concepção dominante que considera muito centrada na tradição do folclore local. Fazendo uso de uma forma bastante didática para expor suas idéias, o professor enfatiza como essa tendência compromete a formação de uma platéia mais aberta para espetáculos inovadores.

*Festival de dança (...). Todas as coreografias clássicas. Quando entrou uma contemporânea, houve uma certa reação. Num festival de arte deveria haver um certo respeito por parte do público (...). Grupo que vem de fora, tudo. A companhia jogou com novas tecnologias, dança distinta, muito mais expressionismo corporal do que balé. A platéia começou a sair do teatro. E os comentários que era o pior. Que aquilo ali não era dança. Que aquilo não tinha sentido. Essa mentalidade reflete um pouco esse pensamento geral do indivíduo.*

O entrevistado procura explicações no público que, para ele, não existe: “*Ou você é funcionário, ou comércio. Se diverte, assim (...) Tem a televisão aí, as novelas e os arrochas*

---

<sup>179</sup> Lins, 1997, p. 85-86. Interessante, por exemplo, o modo como o autor faz a crítica ao “direito à diferença”, referindo-se, entre outros, ao “intelectual ‘sulista’”, bem intencionado, elogiando o talento de seu colega ‘nordestino’, confinando-o, contudo segundo a lógica do ‘Fora do Texto’, na sua Diferença”.

*e o quer que seja para facilitar sua vida. Ou você é estudante, e não tem acesso,, não tem uma visão contemporânea da cultura<sup>180</sup>”.*

Sua crítica sugere mais do que os resultados obtidos através dos questionários, cujos depoimentos concisos, embora numerosos, reclamam mais precisamente da falta de “lugares” e opções culturais diferenciadas na cidade. Nesse aspecto, tentando interpretar a voz uníssona de tantos professores migrantes naquilo que pode nem sempre ter sido bem explicitado, nos parece que a queixa maior reside na falta de espaços alternativos tais como salas de cinema de arte, cafés culturais, bares tipo “papo cabeça”, como disse um dos pesquisados.

Entre eles, há quem reclame da oferta repentina e passageira de bons shows, comprometidos muitas vezes pela má divulgação ou pelo preço proibitivo dos ingressos que, inexplicavelmente, se esgotam rapidamente. Mas há também alguns que lembram da regularidade de eventos a preços módicos, tais como os patrocinados pela Petrobrás, a exemplo do Projeto Pixinguinha<sup>181</sup> que vem contemplando Aracaju com artistas de renome nacional. Por outro lado, há ainda aqueles que valorizam a existência de um teatro do nível do Tobias Barreto, especialmente quem conheceu Aracaju antes da sua inauguração, como é o caso da migrante sulista que diz não perder um espetáculo dos que ali se realizam.

*O que me deixa feliz são essas aparições completamente inusitadas de grande espetáculos de teatro, dança, orquestra, que vêm para cá. Digo: Meu Deus! Isso aqui é Aracaju? Vou correndo, antes que desistam! E certamente por conta do novo teatro, porque até não ter o Tobias Barreto... Grandes companhias nem passavam por Aracaju, porque não tinha aporte técnico para elas. Recentemente vi coisas fantásticas aqui, que provavelmente em (...) não teria tido condições de ver, porque lá esse nível de espetáculo é caríssimo. Esses espaços novos daqui de Aracaju têm me mantido aqui de uma forma mais legal(...). Assim... uma hora dessas, mesmo que passe um tempo, vai aparecer uma grande companhia, uma hora dessas aparece alguma coisa. Aí vou e fico deslumbrada. Me alimento. Me nutro. Saio do chão<sup>182</sup>!*

O entusiasmo da entrevistada parece ilustrar uma demanda que vem tendo resposta através de eventos antes inusitados, hoje cada vez mais frequentes na cidade. Diz a professora recém-chegada: “Esses dias eu fui lá no Parque da Sementeira ver a Orquestra Sinfônica. Eu até chamei (...), (...), chamei mais gente, todo mundo que eu conhecia. Achei tão legal! Foram comigo. Mas se ninguém quisesse ir, eu iria<sup>183</sup>”.

<sup>180</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>181</sup> Evento cultural que tem por objetivo difundir a música popular brasileira em todo o país. Criado em 1977 pela Funarte em parceria com as Secretarias de Cultura Municipais e Estaduais, foi interrompido desde 1997 por falta de verba e retomado em 2004. Favorecido pela Lei Rouanet, tem a multinacional Petrobrás como sua maior patrocinadora. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>

<sup>182</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06.

<sup>183</sup> Flávia. Entrevista realizada em 17/12/07.

Muito animada também com a possibilidade de assistir a shows com cantores nacionais de renome, a um custo que considera bastante acessível para o seu bolso, a entrevistada que antes já fizera crítica ao estilo musical dominante reclama e compara: “*Agora acho que falta divulgação, porque quando eu fui não estava lotado. Comprei perto de acontecer e não tinha se esgotado. Acho uma divulgação pequena ou, não sei, interesse pequeno. Porque o tipo de música que predomina aqui não é esse. É o Axé. O forró*”<sup>184</sup>.

Nas palavras de Cristina se constata o tenso jogo entre estabelecidos e *outsiders*<sup>185</sup> com relação à produção e consumo de bens culturais, em que um grupo estrangeiro questiona o tradicional estabelecido, que lhes é “imposto”, por um outro referencial que traz consigo e que defende como melhor, desconhecendo que “no que tange a sua identidade grupal e, num sentido mais amplo, a seu *habitus* social, as pessoas não têm liberdade de escolha. Essas coisas não podem ser simplesmente trocadas, como roupas”<sup>186</sup>.

Façamos uso da metáfora de Elias. Ciente de que há roupas que aderem ao corpo dos indivíduos de modo a se perenizarem, a não ser que haja alguma intempérie, o crítico migrante parece apropriar-se da teoria da reprodução de Bourdieu<sup>187</sup>. E, revelando a relação de cumplicidade ontológica entre o indivíduo e o mundo, antecipa-se no contexto do que caracterizou todo o tempo como o “aspecto conservador da sociedade de Aracaju”.

*Não adianta... É claro que tem uma ação pedagógica. Se você passar a assistir concerto, você vai passar a gostar. De repente você vai se interessar. Não adianta. É um aspecto. Não é suficiente, se não houver um trabalho na estrutura de base, se não houver uma política cultural. Pré-caju... Forró-caju. São os únicos projetos que o governo apóia em Sergipe. A Vila de Forró e o Pré-caju são os eventos culturais de Aracaju e não tem nada mais (...) Oficinas, cursos, livrarias criando espaço de discussão, livraria café como Poyesis (...). A Escariz não é um espaço de debate (...). Espaço aberto para se criar. Aracaju é um projeto. Está muito, ainda, se desenrolando*<sup>188</sup>.

<sup>184</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>185</sup> Elias; Scotson, 2000.

<sup>186</sup> Elias, 1994, p. 183. Ainda segundo Elias, *outsiders* são sempre vistos como anômicos. Produzem “infecção anômica” e geram “medo da poluição” nos estabelecidos. Vide a respeito: Elias e Scotson, 2000, p. 26. Para Bourdieu, a posição ocupada pelos agentes no espaço social comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição para conservá-lo ou transformá-lo. Os estabelecidos possuem estratégias de conservação e os *outsiders*, estratégias de subversão (BOURDIEU, 1983, p. 157).

<sup>187</sup> Segundo Bourdieu, a ação pedagógica (AP) implica o trabalho pedagógico (TP) como o “trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um *habitus* como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da AP e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado” (BOURDIEU E PASSERON, 1982, p. 44). Exemplificando, “a necessidade de freqüentar o museu ou a igreja tem por condição a freqüentação do museu ou da igreja” e “a freqüentação assídua supõe a necessidade de freqüentar” (Op. Cit., p. 50).

<sup>188</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06. O entrevistado se refere à Poyesis Livraria e Jazz Café, um dos raros espaços alternativos mais freqüentado pela classe acadêmica de Aracaju, e à Livraria Escariz, que ainda monopoliza o comércio de livros na cidade.

Reservaremos esse último trecho para introduzir, na seqüência, o próximo tópico da análise. Por ora, buscamos demonstrar como, no entrelaçamento entre histórias pessoais e discussões até mesmo teóricas de atores intelectuais e intelectualizados, se produz a crítica às instituições, aos costumes, valores e significados culturais locais em oposição a uma certa identidade de classe ou categoria personificada numa elite acadêmica migrante, objeto desta pesquisa, que clama, por exemplo: *“Uma coisa terrível! Não tem livraria. A única livraria daqui não sabe o que é uma livraria (...) É uma típica livraria de aeroporto<sup>189</sup>”*.

#### **4.5. Terra de poucos amigos ou poucos amigos nessa terra**

Ao gravar impressões e representações nos sujeitos migrantes, as vivências emergem como relevante categoria de análise, fazendo ver que a cidade imaginada como “de todos” revela seus espaços de distinção e provoca a intensificação das diferenças individuais, o que repercute nas sociabilidades seja com nativos ou estrangeiros. ]

O capital cultural próprio do mundo acadêmico parece ser ativado para proteger esses indivíduos de modo a poderem adotar uma atitude “blasé<sup>190</sup>”, de reserva e indiferença, mantendo sua privacidade e anonimato na cidade que os acolheu e que parece não se dar conta das dificuldades que enfrentam<sup>191</sup>. Talvez por isso 87 de 213 pesquisados tenham assinalado que seus amigos em Aracaju são conterrâneos ou também migrantes, enquanto outros 10, recém-chegados, ainda não possuem um círculo de amizade local, conforme se verifica na Tabela 20, na próxima página.

A Tabela 21, em seguida, apresenta esses resultados, segundo a região de procedência dos pesquisados. Considerando a pouca representatividade de pesquisados das regiões Norte e Centro-Oeste, consideramos que, nas demais, é possível constatar um círculo de amizade mais excludente com relação ao sergipano. Têm amigos predominantemente “de fora” aqueles que vieram do Sudeste (47,83); Sul (38,09) e Nordeste (32,99%).

<sup>189</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>190</sup> Simmel, apud Souza e Öelze, 1998.

<sup>191</sup> “A reserva, a indiferença e o ar blasé que os habitantes manifestam com suas relações podem, pois, ser encarados como instrumentos para se imunizarem contra exigências pessoais e expectativas dos outros” (Wirth, 1976, p. 101).

TABELA 20 – Círculo de amizade dos pesquisados.

<b>Tipo de amizade</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>
Predominantemente de conterrâneos	9	4,23
Predominantemente de migrantes como você	78	36,62
Predominantemente de sergipanos	42	19,72
Bem distribuído/não há diferença	71	33,33
Ainda não formamos um círculo íntimo	10	4,69
Família	2	0,94
Colegas de profissão	1	0,47
<b>Total</b>	<b>213</b>	<b>100,00</b>

TABELA 21- Círculo de amizade, segundo a região de procedência.

<b>Círculo de amizade</b>	<b>Nordeste</b>		<b>Sudeste</b>		<b>Norte</b>		<b>Sul</b>		<b>Centro-Oeste</b>		<b>Total</b>	
	<b>Abs</b>	<b>%</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>
Predominantemente de conterrâneos	4	4,12	3	4,35	1	11,11	1	4,76	-	-	9	4,35
Predominantemente de migrantes como você	28	28,87	30	43,48	5	55,56	7	33,33	6	54,55	76	36,71
Predominantemente de sergipanos	23	23,71	12	17,39	1	11,11	4	19,05	2	18,18	42	20,29
Bem distribuído /não há diferença	39	40,21	18	26,09	1	11,11	7	33,33	3	27,27	68	32,85
Ainda não formamos um círculo íntimo	2	2,06	5	7,24	1	11,11	1	4,76	-	-	9	4,35
Família	1	1,03	1	1,45	-	-	-	-	-	-	2	0,97
Colegas de profissão	-	-	-	-	-	-	1	4,76	-	-	1	0,48
<b>Total</b>	<b>97</b>	<b>100,00</b>	<b>69</b>	<b>100,00</b>	<b>9</b>	<b>100,00</b>	<b>21</b>	<b>100,00</b>	<b>11</b>	<b>100,00</b>	<b>207</b>	<b>100,00</b>

O total corresponde a 212 respostas válidas, sendo que 8 pesquisados não responderam à questão.

Os resultados obtidos demonstram ainda que, considerados separadamente, são as mulheres (44%) em relação aos homens (38%) que possuem maior número de amigos não sergipanos, sendo significativa, no conjunto da amostra, essa predominância entre os migrantes na faixa dos 31 a 40 anos de idade (49%).

Solteiros e casados se distribuem quanto a esse círculo mais restrito de amizade, sendo que, na condição de casados, isso ocorre quando o cônjuge é da mesma naturalidade,

especialmente entre os paulistas. Como era de se esperar, quando o cônjuge é sergipano, por sua vez, o círculo de amizades passa a ser predominantemente local.

Outro fato curioso a registrar é que a incidência de amizades não sergipanas é maior entre os professores pesquisados na UFS (44% do total na IFE) do que na UNIT (37% do total). Tal fato, ao nosso ver, poderia ser indício de hábitos mais cosmopolitas no primeiro grupo, o qual, mais estável profissionalmente, teria maiores chances de trânsito tanto na vida acadêmica, ao participar de eventos nacionais e internacionais; como na vida pessoal, ao se deslocar com mais facilidade para rever seus familiares, fortalecendo sua identidade, respectivamente, num grupo e noutro, sem depender da comunidade local.

No caso dos professores migrantes, localizados em Aracaju, a identidade grupal a que se refere Bauman parece bastante mediada pelas relações de uma comunidade conterrânea, em que as aproximações se dão pelo fato do outro ser não tão somente professor, mas “também de fora”. De certo modo, se conjugam as chamadas “províncias de significado” de Schutz<sup>192</sup> aos “círculos de sociação” segundo Simmel<sup>193</sup>. Nessa interação, parece notória a dificuldade de inserção social dos recém-chegados, cujo círculo de amizade com nativos é quantitativamente bem reduzido, conforme demonstra a Tabela 22.

TABELA 22 - Círculo de amizade, segundo o período de chegada em Aracaju.

<b>Círculo de amizade</b>	<b>NR</b>	<b>Até 1980</b>	<b>1981-1985</b>	<b>1986-1990</b>	<b>1991-1995</b>	<b>1996-2000</b>	<b>2001-2005</b>	<b>Após 2006</b>	<b>Total</b>
Predominantemente de conterrâneos	-	-	-	-	-	2	2	5	<b>9</b>
Predominantemente de imigrantes como você	-	1	3	6	8	11	32	17	<b>78</b>
Predominantemente de sergipanos	1	15	3	5	3	6	4	5	<b>42</b>
Bem distribuído/não há diferença	1	11	5	2	12	11	22	7	<b>71</b>
Ainda não formamos um círculo íntimo	-	-	-	-	-	-	4	6	<b>10</b>
Família	-	-	-	1	-	1	-	-	<b>2</b>
Colegas de profissão	-	-	-	-	-	-	1	-	<b>1</b>
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>28</b>	<b>11</b>	<b>14</b>	<b>23</b>	<b>33</b>	<b>66</b>	<b>43</b>	<b>213</b>

O total corresponde a 213 respostas válidas, sendo que 7 pesquisados não responderam a questão.

Consideremos, agora, os 97 (44%) dos 220 pesquisados que possuem tanto o grupo mais restrito de amizade, como aqueles que ainda não formaram um círculo social mais

<sup>192</sup> Schutz, 1979.

<sup>193</sup> Simmel, 1983b.

íntimo em Aracaju. Nesse conjunto, 32% se queixam do trato social do povo e da discriminação com quem é de fora e 14% reclamam do provincianismo de Aracaju<sup>194</sup>. Os resultados se revelam mais incisivos quando se considera o número de ocorrência das respostas: 72% dos pesquisados que declararam ter dificuldades com trato social e discriminação coincidem com os menos inseridos socialmente.

Torna-se relevante agregar os resultados relativos ao que faz falta em Aracaju. Tomando-se os mesmos 97 pesquisados, 23% dizem sentir falta da família e amigos, enquanto 12% gostariam de encontrar maior cordialidade no povo. Novamente, quando se considera o número de indicações, 71% dos que reclamam da falta da família e amigos, e 55% dos que criticam a pouca cordialidade do povo local, estão entre aqueles que têm mais amizade com conterrâneos, migrantes ou ainda não fizeram amigos em Aracaju<sup>195</sup>.

No cômputo geral dos pesquisados, 21% reclamaram quanto à falta de trato social do povo e à discriminação com quem é de fora. Em geral, a queixa é de que o povo sergipano é fechado, desconfiado e “cismado”. Difícil de fazer amizade. O depoimento parece esclarecer a queixa: *“As pessoas ... Um pouco no sentido de fechados. (...). Não entendi porque esse modo deles. Parece princípio. Você pega o elevador, a grande maioria te olha, mas não cumprimenta (e justificando:) Tem um pé no interior, tem alguém de lá”*<sup>196</sup>.

Contraponto interessante se encontra na fala da entrevistada, cujas experiências desde a chegada em Aracaju dão conta de uma realidade um tanto quanto diversa.

Relatando o processo que a trouxe a Aracaju, a professora migrante menciona uma rede que se estabeleceu sem nenhum conhecimento prévio, desde a inscrição no Concurso, realizada por uma família amiga de uma ex-colega de Mestrado que trabalhava no interior da Bahia, através dos laços de uma mesma congregação religiosa; à amizade que estabeleceu no ônibus na vinda para Sergipe que a fez instalar-se num apartamento na Farolândia, com estudantes da UNIT; e, depois, o contato com um moto-boy que fazia o seu transporte para a UFS e lhe indicou a casa de aluguel onde mora hoje no bairro Orlando Dantas. E, assim, teria feito amigos em Aracaju?

<sup>194</sup> A discriminação com quem é de fora é apontada, em alguns casos, explicitando o excesso de valorização e o “endeusamento” que lhe é atribuído. Seria o “estrangeiro” fazendo sua “auto-crítica”?

<sup>195</sup> Tomando a emoção como categoria sociológica – o que mereceria maior aprofundamento neste estudo, os resultados sugerem semelhança com aqueles encontrados por Rezende (2006) em pesquisa realizada junto a acadêmicos cariocas que viajaram para o exterior para fazer pós-graduação, quando sentimentos de incômodo, irritação e revolta relativos ao choque cultural estavam muito mais presentes do que uma saudade mais objetivada nas relações sociais e modo de vida de origem.

<sup>196</sup> Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

E ela responde: *“Poucas pessoas... Meu amigo mais próximo era o moto-boy que me levava e me trazia da UFS. Curioso, né? Não tem nada de ilustre ou de glamuroso nisso. Assim... Hoje eu vejo. Meu início, primeiros contatos... Pela cozinha<sup>197</sup>”*.

A expressão “pela cozinha” parece expressar a relação contraditória de nossa entrevistada que, embora tenha a intenção de valorizar quem lhe acolheu, não deixa de revelar “o lugar de onde fala”. Numa vivência bastante singular em relação a outros entrevistados, o fato de residir num bairro mais popular e de se locomover no dia-a-dia de moto ou transporte coletivo confere à professora recém-chegada um olhar diferenciado. Enquanto 15,81% reclamam da falta de trato social e discriminação com quem é de fora, ela se destaca em meio ao número pouco significativo (2,35%) dos pesquisados que citou o povo hospitaleiro e acolhedor como algo de que gostam em Aracaju. Enquanto uns falam de um povo aberto, dado e prestativo, outros rejeitam a excessiva curiosidade, a cordialidade que acham interesseira e um padrão de comportamento que consideram “invasivo”, a exemplo do entrevistado que explica: *“As amigas passavam, entravam em casa, assim, sabe? (...) Minha mulher mandou embora: Você vai me desculpar (...). É preciso ligar antes (...) eu não tava te esperando. Você vai ter que ir embora<sup>198</sup>”*.

Atribuindo calor humano, atenção e interesse pelo próximo aos sergipanos, a entrevistada faz referência às pessoas que lhe prestam informações na rua, ao modo como o motorista lhe aguarda quando se atrasa no ponto do ônibus e aos passageiros que se oferecem para segurar seus livros durante o percurso. A seu modo, tipifica os poucos laços de amizade que, nesse curto período em Aracaju, conseguiu estabelecer. Vamos ver como retoma e “valoriza” o primeiro contato com a “cozinha”, para falar de que modo se originam suas relações de aproximação e afastamento, que vai manter ou transformar. *“Meus contatos eram o motoboy, a pessoa da família humilde. Foram essas pessoas que abriram as portas para mim. Acho que teria muito mais dificuldade aqui sozinha se não tivesse essas pessoas, tão generosas, tão receptivas”*. E depois prossegue:

*É... Os meus colegas da UFS são colegas de trabalho. Poderia até ter esperado mais do que isso, mas hoje estou convencida de que não devo esperar mais do que uma relação de trabalho. Eles me receberam (...) me socializaram na medida do possível (...). Cheguei no primeiro dia, fui me apresentar. Já tive que ir para sala de aula. (...) Ah! Que bom que você chegou! Olha, pega disciplina tal, turma tal, tal horário... Vai! Hoje já conheço alguns, mais próximos. Pouco vou, na casa dos colegas, mas gosto de freqüentar a companhia deles em alguns lugares. Não diria que são amigos assim de: Ai meu Deus! Estou doente!<sup>199</sup>*

<sup>197</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07.

<sup>198</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

<sup>199</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07.

Entendendo o campo como “universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições”, como um espaço relativamente autônomo, mas que não escapa às imposições do macrocosmo, é possível qualificar cada um dos campos de que fazem parte os pesquisados, especialmente aqui, o profissional. Igual aos demais, o espaço acadêmico constitui um “campo de forças” que existe porque existem agentes e relações objetivas entre eles, envolvendo interesses, investimentos e estratégias. Nessa perspectiva, o campo acadêmico funciona como um jogo em que cada agente ocupa uma posição e reconhece a legitimidade de seus pares em função do volume de capital cultural e simbólico que possuem. Essa realidade transparece no discurso de alguns entrevistados, quando se referem ao seu ambiente de trabalho.

*O pior dia é o dia de reunião de Departamento. Meu Deus! Por que as coisas mais simples são tão complicadas de se resolver? (...). Monta-se uma comissão para discutir, não sei o quê (...) quando com um pouquinho de boa vontade teria resolvido ali. (...). Quando você tem uma vitória, tem que ser em surdina, com muito cuidado porque alguém pode querer te... São tensas as reuniões. É incrível como utilizam toda a verve para se atacar. (...). Quando é que vão começar a mexer no pouquinho que consegui conquistar (...) Não considero os colegas de trabalho meus amigos. Só mesmo (...) que está no mesmo barco (...), pensa da mesma forma (...)*<sup>200</sup>.

É interessante observar como o relato ilustra o campo de forças como um jogo de interesses em que a entrevistada, recém-chegada, busca um aliado no colega, também migrante e novato. Algumas entrevistas realizadas trazem a mesma tônica, referindo-se às dificuldades de relacionamento profissional bastante presentes no meio acadêmico, a ponto de ouvirmos o desabafo do entrevistado quando pondera se quer mesmo ficar em Aracaju, parecendo desconhecer que a competitividade e a luta por interesses não são singulares à universidade em que trabalha: “*À parte as brigas de departamento, quando dá vontade de ir embora*<sup>201</sup>!”.

Contudo, como já vimos anteriormente, é entre seus pares que os professores mais fazem amigos, senão onde têm seus “conhecidos” com quem costumam se reunir para programas mais informais. Responde o entrevistado: “*Se me ‘enturmei’ com o pessoal daqui? Acredito que não. A grande maioria é de fora, então é o contato da gente no dia a dia. Normalmente, com o pessoal do departamento*<sup>202</sup>”.

<sup>200</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07.a

<sup>201</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>202</sup> Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

Referindo-se à fluidez dos laços sociais<sup>203</sup> e ao tempo de laços fracos<sup>204</sup>, identificados por outros autores, Giddens por sua vez é contundente na análise: “A vasta extensão de sistemas abstratos (...) associada à modernidade transforma a natureza da amizade” (...) O oposto de ‘amigo’ já não é mais ‘inimigo’, nem mesmo ‘estranho’, ao invés disto é ‘conhecido’, ‘colega’, ou ‘alguém que não conheço<sup>205</sup>’”.

Nesse contexto é que se estabelecem as relações sociais dos migrantes, sobretudo os recém-chegados que ainda parecem “pisar em ovos”, enquanto procuram “conhecer o terreno” onde mal acabaram de chegar. Na certeza da provisoriedade efêmera da maior parte dos encontros que, embora se realizem face a face, não implicam em maior intimidade, sabem enfim que, no mundo do capital, são nômades e consumidores. A qualquer melhor oportunidade, migrarão novamente.

E lembram dos amigos que ficaram para trás. *“Amigos daqui? Não. Nenhum deles. Isso às vezes é duro. Em compensação tem telefone, e-mail...Falo sempre com meus amigos de lá<sup>206</sup>”*.

Ainda assim, muito especialmente em terra estranha, a doença parece ser um momento decisivo para se saber com quem contar e, embora as experiências sejam singulares no conjunto da pesquisa, ainda assim são bastante reveladoras da sensação de “ser estrangeiro” por parte de alguns pesquisados. Uma entrevistada conta como, ainda sozinha em Aracaju, enfrentou essa situação: *Tive que me internar recentemente (...) pequena cirurgia. A atendente do hospital falou. Em caso de acontecer alguma coisa, com quem devemos fazer contato? Não sei porque não tenho família. Eu sou responsável por alguém. Não existe alguém responsável por mim<sup>207</sup>*. Outra conta o “sufoco” que passou quando, já estabelecida em Aracaju, ao término de uma reunião na Universidade, encontrou inúmeras ligações perdidas no celular dando conta que seu marido havia se acidentado, quebrado o pé num jogo de bola e já estava no hospital para onde vai sido levado pelo amigo de todas as horas<sup>208</sup>: *Foram seis meses pra se recuperar (...) três meses sem por o pé no chão. Até pedir ajuda à mãe (...) 48 horas para chegar. Meu menino nunca havia dormido sem o pai (...). Nesse momento a gente fala que precisa mais de amigos, do que da família<sup>209</sup>*.

<sup>203</sup> Bauman, 2001.

<sup>204</sup> Granoveter, apud Baechler, 1995.

<sup>205</sup> Giddens, 1991, p.121.

<sup>206</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06.

<sup>207</sup> Rosa. Entrevista realizada em 7/11/07.

<sup>208</sup> Trata-se de Rubens, um dos entrevistados, elo importante na rede de conterrâneos constituída a partir da Universidade aonde muitos vieram trabalhar.

<sup>209</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

## 5 PROFESSORES MIGRANTES FAZENDO DE ARACAJU O SEU LUGAR

*Aracaju é um projeto. Está muito, ainda, se desenrolando. (...) Em aberto. Não consigo ver a cidade fechada. Com um tipo de pensamento cultura, arte, música. Vejo como um projeto. As pessoas fazendo coisas, as coisas acontecendo (...) Espero que um dia... Não tenho essa imagem da cidade concreta(...). Algo a ser construído, um projeto de vida... Matéria-prima para muita coisa. Nada concreto. Uma névoa ainda<sup>1</sup>.*

Deslocado e deslocalizado na cidade que escolheu para viver e trabalhar, e na qual curiosamente não vê uma identidade<sup>2</sup> mas procura coisas com que possa se identificar, o entrevistado, em princípio, parece expressar o sentimento de muitos pesquisados que se dizem “parcialmente adaptados” (37,28%) ou “completamente inadaptados” (2,34%) a Aracaju.

TABELA 23 - Como os pesquisados se sentem em relação a morar em Aracaju.

Sentimento	Abs	%
<b>Completamente adaptados</b>	126	58,88
<b>Parcialmente adaptados</b>	80	37,38
<b>Completamente inadaptados</b>	5	2,34
<b>Outro</b>	3	1,40
<b>Total</b>	<b>214</b>	<b>100,00</b>

O total corresponde a 214 respostas válidas, sendo que 6 pesquisados não responderam à questão.

Examinando melhor, o entrevistado personifica também a noção de que pertencimento e identidade não têm a solidez de uma rocha: “Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a quem possam pedir acesso<sup>3</sup>.”.

Daí porque tem se tornado mais adequado falar de identificações, ao invés de identidades<sup>4</sup>, entendendo a “crise da identidade”, no mundo pós-moderno, como “parte de um

<sup>1</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>2</sup> Como dissera em outro momento da sua entrevista: “Não formei uma idéia da cidade. Eu digo que na minha idéia, na minha concepção, assim, Aracaju não tem identidade”.

<sup>3</sup> Bauman, 2005, p. 30.

<sup>4</sup> Hall, 2003. Vide também a respeito: Bauman, 2005; Woodward, 2005 e Silva, 2005.

processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social<sup>5</sup>”.

Trata-se de um processo complexo. A condição do estranho universal, de estar total ou parcialmente deslocado em toda a parte, ou não estar em lugar algum, é caracterizada por Bauman como uma experiência bastante perturbadora. De um lado, desfaz a idéia de que pertencimento e identidade tenham qualquer raiz; de outro, faz com que as identidades flutuem no ar, algumas de nossa própria escolha, outras infladas e lançadas pelos que nos rodeiam<sup>6</sup>.

É inegável que nossos pesquisados vivem essa desconfortável experiência. Enquanto admitem ter “raízes aéreas<sup>7</sup>” ou “raízes de vento<sup>8</sup>”, em Aracaju, sentem-se “incomodados” com o fato de serem lembrados de que são estrangeiros. O “incômodo” parece mais intenso quando o migrante procede do chamado “sul do Brasil”, embora de acordo com os resultados da nossa pesquisa, o “sul” corresponda propriamente à Região Sudeste, de onde procedem cerca de 50% dos que se dizem menos adaptados, como é possível constatar na Tabela 26. A inadaptação dos pesquisados das regiões Norte e Centro-Oeste, embora quantitativamente expressiva, ao nosso ver novamente não merece maior análise, devido à pouca representatividade da amostra.

TABELA 24 - Como os pesquisados se sentem em relação a morar em Aracaju, segundo as regiões de procedência.

Sentimento	Nordeste		Sudeste		Norte		Sul		Centro-Oeste		Total	
	Abs	%	Abs	%	Abs	%	Abs	%	Abs	%	Abs	%
Completamente adaptado	66	66,67	34	49,28	3	33,33	13	68,42	4	40,00	120	58,25
Parcialmente adaptado	32	32,32	31	44,93	5	55,56	4	21,05	6	60,00	78	37,86
Inadaptado	-	-	3	4,35	1	11,11	1	5,26	-	-	5	2,43
Outro	1	1,01	1	1,45	-	-	1	5,26	-	-	3	1,46
<b>Total</b>	<b>99</b>	<b>100,00</b>	<b>69</b>	<b>100,00</b>	<b>9</b>	<b>100,00</b>	<b>19</b>	<b>100,00</b>	<b>10</b>	<b>100,00</b>	<b>206</b>	<b>100,00</b>

<sup>5</sup> Hall, 2003, p. 7.

<sup>6</sup> Vide a respeito: Bauman, 2005, p. 15-38.

<sup>7</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>8</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06.

Dois depoimentos ilustram a fricção cultural dos primeiros contatos face a face de tipo “categórico” em que o migrante, cujo fenótipo ou sotaque é muito diferenciado do padrão local, se vê na iminência de enfrentar possíveis estereótipos que possam comprometer os próximos contatos, mais ou menos “simpáticos”, dos quais poderá resultar maior atração, aversão ou mesmo repulsão<sup>9</sup>.

Diz uma das entrevistadas: “*Eles me vêem como estrangeira. Primeiro pelo fato de eu ter um metro e oitenta. Então quando me vêem, independente de falar comigo ... Não sou daqui... E se sou daqui, sou daqui meio esquisita*”<sup>10</sup>. Enquanto isso, outra desabafa:

*Chega a ser desconfortável(...). Eu abro a boca, pronto! Às vezes nem preciso abrir a boca. Ao olharem para mim, já vêem a diferença, fisicamente, o padrão de altura. (...) O padrão lá, branco e alto. Meu marido sofre muito mais (...). Chegam a se virar: Nossa! Que diferença! Às vezes perguntam se é estrangeiro.(...) E pra mim Ah! Você não é daqui, não é? Não!!! Agora sou daqui, faço questão de falar, porque você tem que procurar se adaptar ao local. Incorporar esse local. Faço muito esforço para que isso aconteça e me irrito quando as pessoas falam Porque essa coisa de ser chamada de... Uma palavra que me incomoda bastante: “forasteira”. Tem quem fale de forma até maldosa, já observei. Ah! Vocês são os “forasteiros”?!? Essa palavra denota que você veio roubar algo e levar algo embora. Não. Eu vim fazer uma troca. Tiro a minha subsistência. Mas quero em troca de dar, de oferecer,... Vim com uma proposta de me instalar, criar meu espaço, criar meu ninho, não é? Não consigo criar meu ninho com esse sentimento coletivo de que sou de fora(...). Falam até querendo até elogiar. Muita gente fala Ah! Você não é daqui. Já se vê pelo seu jeito de falar, pela sua educação*<sup>11</sup>.

Interessante observar como, instigado a falar sobre sua experiência de migrante, o sujeito se (re)conhece através de suas condutas, e de que modo as legitima tornando-as racionais e dando-lhes significado no plano simbólico-discursivo. Numa variação diacrônica e sincrônica, o depoimento da migrante sulista - na sua quase fidedigna inteireza, dá conta do processo de desalojamento de identidades locais que, concebidas a partir de um sentimento de pertencimento em relação a determinadas origens, se vêem de repente abaladas.

O incômodo com o rótulo de “forasteira”, vivenciado por Cristina ao lado do marido também migrante, pode ser ilustrado mediante um fato que recentemente marcou o contexto político local. Nas eleições para governador do estado de Sergipe, em 2002, aflorou como “defeito” de um dos candidatos o fato de não ser sergipano, a ponto de se utilizar exaustivamente, através de adesivos e em pichações nos muros das cidades, frases tais como: “A América para os americanos, Sergipe para os sergipanos” ou “Fora, forasteiro! Sergipe

<sup>9</sup> A respeito da tipologia de contatos, entendidos como o primeiro passo das relações de aproximação e afastamento, vide: Wiese e Becker, 1984. Vale lembrar que um dos estereótipos mais empregados em Sergipe para rotular alguns “estrangeiros” pela sua cor, quando muito branca, e pelos cabelos louros, é a denominação de “galego” que, a depender do caso, pode carregar conteúdo positivo ou negativo.

<sup>10</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06.

<sup>11</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

vota em sergipano”. À época, era comum no discurso dos cabos eleitorais o argumento persuasivo de que sergipano não vota em quem é “de fora”.

O candidato nascido no Rio de Janeiro, funcionário de uma estatal durante muito tempo em Sergipe, tendo concorrido ao governo estadual em 2002 e ao Senado da República em 2006, e derrotado em ambas as ocasiões, viria a estampar, depois, sua reação em *outdoors* espalhados pela cidade em que sutilmente agradecia o voto dos “conterrâneos”. A denominação pejorativa – “forasteiro” - presente no discurso verbal e nos slogans de campanha, bem como a excessiva valorização dos nativos como sendo os melhores candidatos, a exemplo da cantilena: “Sou sergipano, eu não me engano, voto em Albano<sup>12</sup>”, podem ser compreendidas como atitudes de intolerância e xenofobia no campo da política, conforme análise de Lopes<sup>13</sup>. Por outro lado, a presença material do migrante parece revigorar o orgulho de ser sergipano, demandando a necessidade da auto-referência que vem sendo estampada nas camisas adotadas contemporaneamente: “Orgulho de ser ‘isso ou aquilo””.

Na representação construída no imaginário de sulistas e nordestinos transparecem as dificuldades de convivência entre dois grupos com relativas diferenças culturais. Segundo Oliven, o Brasil se debate com o problema comum a tantas outras nações na atualidade: o de aceitar a diversidade cultural. Fazendo uma retrospectiva histórica e adotando o Rio Grande do Sul como modelo paradigmático para estudar o problema, o autor analisa o modo como as tradições florescem em situações de modernização, de modo a demonstrar que no Brasil o nacional passa primeiro pelo regional<sup>14</sup>.

O embaralhamento de fronteiras, em vez de fazer o sentimento de nacionalidade diminuir, o faz crescer. Há uma série de conflitos étnicos e nacionais que mostram como o território continua sendo uma força mobilizadora de sentimentos intensos. A criação de manifestações culturais mundializadas não significa que as questões locais estão desaparecendo. Ao contrário, a globalização torna o local mais importante do que nunca. Como podemos nos situar no mundo, a não ser a partir de nosso próprio território, por mais difícil que seja defini-lo?<sup>15</sup>

Interessante o modo como uma das entrevistadas envereda pelo seu conhecimento de Sociolinguística para situar-se em Aracaju, a partir do sotaque que a identifica como

<sup>12</sup> Albano Franco, empresário natural de Sergipe, integrante de tradicional oligarquia da política sergipana, foi senador por duas vezes (1983-1995) e governador por dois mandatos consecutivos (1005-2003). Atualmente ocupa o cargo de deputado federal, com mandato até 2011.

<sup>13</sup> Vide a respeito: Lopes, 2001. Cabe a referência à mesma animosidade que marcou o processo eleitoral para o cargo de Diretor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe em 2004. O candidato eleito, residente em Aracaju e professor naquela instituição há mais de 20 anos, enfrentou forte oposição, especialmente por ser nascido no “sul”.

<sup>14</sup> Oliven, 2006, p. 201-211. Segundo Agier (2001): “os regionalismos se colocam aquém da indústria cultural globalizada e além das culturas nacionais cujo epicentro é o Estado-nação”.

<sup>15</sup> Oliven, 2006, p. 206. Estudos similares sobre a forte identidade regional do gaúcho quando em processo de migração foram desenvolvidos também por Haesbaert, 1994.

estrangeira. E conta histórias bem ilustrativas desse contraste, relatando o modo como foi abordada, por um motorista de táxi que a levava regularmente para a Universidade e por um garoto de sete anos, filho da pessoa que trabalha em sua casa, ambos impressionados com seu sotaque sulista:

*Lá pelas tantas, já com um mês, dois, de transporte, de lá pra cá, ele me perguntou um dia o que eu ensinava na Universidade? Ah! Eu ensino Língua Portuguesa. Ensina essa língua aí que a senhora fala?(...) Eu achei que seus alunos tinham que saber várias línguas, inclusive essa que a senhora fala. (...) O filho dessa moça que me atende aqui. Ele estava por ali e tal: - O que você ensina? (...). Eu ensino Língua Portuguesa. E ele: - Fala um pouco dessa língua. (...). Não, é a mesma língua. Ele falou: Nããão! Fez assim com o dedinho (sinal de não). A língua que a gente fala é brasileiro. Eu sou **brasileiro**. Eu nasci **no Brasil**. Eu falo **brasileiro**, não essa língua aí que você diz que ensina<sup>16</sup>.*

A entrevistada demonstra se sentir satisfeita quando a percebem como “estrangeira<sup>17</sup>”: “- *Eu acho isso bacana, porque me preserva... não sei se me preserva. Eu acho que é uma espécie de manter minha identidade, de onde eu vim, como foi a minha formação cultural*”. Pergunto-lhe: - Talvez lhe devolva às raízes? “- *É. É um espelho assim que me devolve pra mim mesma. Eu acho isso bacana. Acho isso bem bacana<sup>18</sup>*”.

Na perspectiva relacional, em que a identidade se define através da representação do pertencimento de um “eu” associado ao pertencimento de um “outro”, fica evidente que a identidade é inseparável de uma diferença. Assim, por exemplo: “Se ‘sou’ curitibana, ‘não sou’ aracajuana”. O fato de adotar essa classificação resulta de uma representação simbólica de base cultural regional que afeta nossas relações, na condição de alguém “de fora”, com os “da terra”. Essa marcação simbólica é produzida no contexto das relações sociais, em que dizer “o que somos” implica em dizer “o que não somos”, e isso se dá reciprocamente também com “o outro”, ou seja, há sempre uma identidade arbitrariamente eleita como parâmetro na relação<sup>19</sup>. Nela nos inserimos por meio de uma representação do que significa ser de qualquer outro lugar geográfica e culturalmente delimitado, com referência a uma identidade hegemônica: a de ser aracajuano(a).

No campo dos estudos multiculturais mais recentes, categorias como desterritorialização e deslocalização social geralmente são associadas aos sentimentos de

<sup>16</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06.

<sup>17</sup> Trata-se aqui da identidade do “eu” ou “experimentada”, entendida como “o sentido subjetivo de sua própria situação e sua própria continuidade e caráter que um indivíduo vem a obter como resultado de suas várias experiências sociais” (GOFFMAN, 1985, p. 116-117). O autor trata da diferença sutil entre essa identidade do “eu” – em relação à identidade pessoal e à identidade social, para explicar como o indivíduo experimenta a estigmatização.

<sup>18</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06.

<sup>19</sup> Vide: Silva, 2005, p. 81-84.

pertencimento e estranhamento que permeiam a construção da identidade dos indivíduos numa perspectiva relacional, em que o eu/nós só existe em relação ao(s) outro(s); e processual, uma vez que a identidade não é senão um devir permanente, o que supõe uma narrativa. Ou seja, a identidade não representa o que somos, mas “como” nos tornamos<sup>20</sup>. Assim a teoria acaba por nos remeter ao plano empírico onde nossos pesquisados provavelmente se perguntam: “*De onde sou? Quem eu sou? Quem de fato ‘quero ser’?*”.

Desse questionamento existencial emerge a noção de sujeito sociológico de Hall:

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem(...). O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural<sup>21</sup>.

Na subjetividade da sua narrativa discursiva, os entrevistados - cada qual a seu modo, tangenciam uma análise interessante.

Referindo-se à condição de estrangeiro segundo Simmel, Cunha considera a diferença aparentemente sutil entre o que é “sentir-se estrangeiro” e “ser um estrangeiro” no lugar de acolhimento, expressando o conflito carregado de conteúdo simbólico de “estar dentro ou fora”, segundo a representação do migrante. Enquanto “ser estrangeiro” é um “fato” inerente à trajetória de migração, “sentir-se estrangeiro” denota mais um “estado”, uma certa dificuldade em colocar-se positivamente no grupo, fazendo valer seus bens simbólicos em relação aos locais.

Sentir-se “menos estrangeiro” implica, portanto, em introduzir qualidades de estrangeiro ao grupo hospedeiro, mas também em manifestar a vontade de conhecer e aprender sobre o lugar em que se está vivendo<sup>22</sup>. Na aventura da migração, nossos pesquisados, homens e mulheres, procedentes de diversos lugares, se deparam com uma realidade diferente e constroem sua própria percepção do que é sentir-se estrangeiro, do que é sentir-se ou não bem-vindo, lembrando sempre que o ato de acolher e ser acolhido é um ato social de mão-dupla, culturalmente construído.

---

<sup>20</sup> Vide: Giddens, 2002, p. 55-56.

<sup>21</sup> Hall, 2003, p. 11-12.

<sup>22</sup> A partir de um estudo etnográfico com brasileiros residentes na ilha de Trinidad, no Caribe, Cunha identifica diferenças interessantes nas escolhas identitárias de três migrantes brasileiros, apontando de que modo essas escolhas entrelaçam diferentes vivências linguísticas e experiências de gênero (CUNHA, 2007).

Ilustramos essa diferença até aqui mediante a forte representação do que é “ser estrangeiro” a partir de uma interpretação bastante pessoal, na qual o indivíduo tenta se ver pelo que supõe seja o olhar do “outro”. Outras representações revelam uma certa dificuldade em flexibilizar os estranhamentos face ao grupo nativo, deixando clara a demanda pelo pertencimento a uma unidade sócio-político-cultural mais valorizada.

*Aí toda hora eu sou pega de surpresa, entende? Não consigo planejar as coisas. Não sei se não peguei o esquema, o ritmo da cidade, porque (...) é uma cidade de trabalho. Então o povo lá é muito exigente. Então isso me incomoda muito, muito mesmo. Aqui as condições de trabalho que eu tenho são assim... São desrespeitosas. Se a universidade federal já é ruim, uma universidade no Nordeste é pior ainda. Porque vem menos dinheiro, com certeza.<sup>23</sup>.*

Um certo “orgulho” de ser e de sentir-se estrangeira pode ser captado no discurso que revela a posição muitas vezes etnocêntrica que encontramos também no migrante nordestino, bastante “viajado”. Por outro lado, o discurso da brasiliense e do paulista que decidiram migrar para o nordeste, ao revelar seus estranhamentos, não deixa de trazer implícita uma construção social sobre a idéia de nordeste que é colocada em xeque logo no primeiro contato, indicando toda uma demarcação simbólica do que é “ser nordestino”.

A demarcação de fronteiras a partir do território geográfico-material faz parte da história dos seres humanos e, sendo esses seres culturais, tal demarcação desde logo traz consigo todo um sentido simbólico de pertencimento e exclusão, de dominação e marginalização. Ou seja, demarcar fronteiras requer nomear e classificar grupos a partir de critérios relacionais em que uns se consideram superiores a outros.

A construção da identidade de grupos de indivíduos resulta de relações de emulação, disputa e competição, em que uns são os estabelecidos e outros os *outsiders*<sup>24</sup>. Dessas relações nascem os preconceitos, como indica a própria denominação, como conceitos prévios construídos antes que se estabeleça o conhecimento.

Entendendo que o preconceito como um *a priori* é inevitável uma vez que “sem ponto de partida não há partida<sup>25</sup>”, Menezes reconhece que, na trajetória da migração, sempre temos idéias originais sobre o que podemos ou não gostar, sendo que a cada experiência é possível rever os pré-conceitos, seja no plano intelectual ou emocional. O percurso migratório é compreendido como uma tarefa em que as opções de preconceito se mantêm abertas, de modo que é possível revê-las a cada momento da viagem. É “necessário” que tenhamos idéias

<sup>23</sup> Flávia. Entrevista realizada em 17/12/06.

<sup>24</sup> Elias; Scotson, 2000.

<sup>25</sup> Menezes, 2007, p. 106.

pré-concebidas uma vez que só é possível entender o outro a partir de uma referência inicial que somos nós, e que vai determinar a aceitação da diversidade ou a intolerância<sup>26</sup>.

Esse esforço de alteridade é contemplado no conceito de cultura da antropologia ao reconhecer que cada um tem a sua verdade cultural, de modo que a migração favorece o choque cultural entre indivíduos com verdades culturais diferentes. A marcação da diferença, nesse aspecto, é base da cultura porque as coisas e pessoas ganham sentido por meio da classificação. Assim mesmo quando voluntária, a migração implica em tensão.

Um mesmo espaço pode ser interpretado de diferentes maneiras por diferentes atores sociais de acordo com valores fundadores e vivências carregadas de conteúdos simbólicos. A forma como vivo minha identidade de sulista é mediada pelos significados culturais sobre o que entendo como ser do sul, entendimento esse produzido pelos sistemas dominantes de representação.

Analisando o preconceito quanto à origem geográfica, Albuquerque Júnior explica:

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. Estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso e nos campos dos costumes e das idéias<sup>27</sup>.

O mesmo autor associa o preconceito ao discurso da estereotipia como sendo uma visão reducionista e negativa do outro, visão essa que, segundo ele, vem emergindo e recrudescendo paradoxalmente em tempos de globalização, quando os intensos processos migratórios favorecem o contato mais estreito entre povos procedentes dos mais diversos lugares. Esse fato amplia, por exemplo, as oportunidades de se experimentar sentimentos de estranheza, hostilidade, agressividade e intolerância.

Uma das razões pelas quais a problemática da nação e da tradição permanece sendo extremamente atual num mundo que tende a se tornar um 'aldeia global' se deve ao fato de as pessoas continuarem a nascer num determinado país e região, a falar sua língua, a adquirir seus costumes, a se identificar com seus símbolos e valores, a

<sup>26</sup> Vide a respeito: Menezes, 2007, p. 105-110.

<sup>27</sup> Albuquerque Júnior, 2007, p. 11. O livro integra a Coleção Preconceitos que busca, numa série de livros de diferentes autores, "desnaturalizar" as desigualdades sociais, construídas socialmente através da lógica da preterição.

torcer por sua seleção nacional de esporte, a respeitar sua bandeira, e a serem convocados para defender as fronteiras da pátria e morrer pela honra nacional<sup>28</sup>.

Tratando especificamente da construção do que chama de idéia de nordeste e de nordestino, a partir da historiografia e da produção literária e artística nacional, Albuquerque Júnior traça a construção histórica que determinou uma forma de ver e dizer o espaço e o povo dessa região e que se impregnou na cultura brasileira, a partir de uma abordagem etnocêntrica que privilegiou o sul-sudeste como o moderno e civilizado e o norte-nordeste como o tradicional e atrasado. Entender que preconceitos e estereótipos marcam a história das relações entre nordestinos e sulistas, no Brasil, nos permite compreender, por exemplo, a construção social na qual:

Ser nordestino começa a ser visto como ser menor, dentro do concerto da economia e da política nacionais, é ter menos oportunidade, é ter menores esperanças, começando a se gestar o complexo de inferioridade que acompanha boa parte da população desta região, acompanhando no mesmo passo a gestação do complexo de superioridade tão presente entre sulistas<sup>29</sup>.

Bastante ilustrativo desse preconceito é o comentário final que encontramos em um dos questionários de uma migrante paulista<sup>30</sup> residente há cinco anos em Aracaju. Atuando na área de meio-ambiente, ao tempo em que reconhece que jamais teria igual oportunidade de trabalho no sudeste do país e manifesta o desejo de se aposentar e permanecer na região Nordeste, afirma textualmente: *“Vejo que o êxodo para Aracaju está em franco progresso. Enquanto o Nordeste enviou, na década de 60, mão de obra para o Sudeste, hoje, Sudeste e Sul estão enviando “cérebros” para o Nordeste<sup>31</sup>”*.

O preconceito nasce das relações sociais e o modo como o estrangeiro vê o nativo aponta os aspectos que podem desqualificá-lo, como a condição social e racial. É assim que se construiu, por exemplo, o estereótipo de que o nordestino é pouco afeito ao trabalho<sup>32</sup>. O entrevistado paulista se questiona por que ainda há tantas pessoas que, podendo ter uma ótima vida aqui, não “querem” trabalhar, deixam o Nordeste e vão para São Paulo, onde se “matam” de trabalhar e têm uma vida péssima? E emite sua crítica: *“Acho que aqui se vive com muito*

<sup>28</sup> Oliven, 2006, p. 35

<sup>29</sup> Albuquerque Júnior, 2007.

<sup>30</sup> Nascida no interior de São Paulo, 38 anos, solteira.

<sup>31</sup> Aspas, conforme o texto da pesquisada.

<sup>32</sup> O paulista adota para si estereótipo do sulista “trabalhador” em contraposição ao nordestino “preguiçoso”, provavelmente por haver apreendido que a vocação pelo trabalho está relacionada à origem étnica, na condição de descendente de imigrantes europeus que trouxeram o progresso para as regiões sul e sudeste do Brasil. Segundo Costa, “o passado pioneiro dos imigrantes europeus é ainda utilizado como parâmetro para a construção de uma identidade idealizada”, sendo que traços como a dedicação e amor ao trabalho, eficiência e habilidade seriam atributos decorrentes da condição de seus descendentes. Vide: Costa, 1994, p. 10-12.

*pouco, as pessoas se contentam com esse pouco. Ergue uma parede, compra uma rede, ganha um troco ali, cuida do carro ali,...<sup>33</sup>”.*

Precisamos retomar a palavra-chave da fala do entrevistado, com o qual introduzimos esse tópico, para prosseguir na análise, tentando perseguir o fio da meada que vai delineando diferentes trajetórias dos nossos pesquisados em Aracaju. Pensamos que não somente Aracaju “é um ‘projeto’”, e “está se desenrolando”, mas também a vida de um e tantos outros pesquisados e não pesquisados, residentes na urbe aracajuana, constitui projeto, e se desenrola junto com a cidade na busca de identificação. Como uma tarefa a desempenhar. “Identificar-se com” significa, portanto, “dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar<sup>34</sup>”.

Na tarefa de “identificar-se com” haveria uma produção incessante de *habitus* como disposições para a ação, deixando claro que *habitus* não é destino, mas antes processo, o que o afasta do caráter repetitivo do hábito enquanto tal. Nesse sentido, *habitus* implica inventividade, criatividade, plasticidade que o qualificam como uma noção geradora e ativa, vinculada ao agente sob o primado da razão prática<sup>35</sup>. A noção de *habitus* revela um potencial gerador em que o contexto situacional funciona como gatilho, revelando que os agentes fazem o mundo social e são feitos por ele. Imbuídos de *habitus*,

Os agentes podem parecer de certo modo ausentes de sua prática (...) no movimento espontâneo de sua existência (...) e apesar de serem produtos da estrutura, criam e recriam a estrutura constantemente e podem, até, sob certas condições estruturais, transformá-la mais ou menos radicalmente<sup>36</sup>.

No sentido processual performativo, prepondera a negociação permanente que estabelecemos entre nossas raízes e nossas novas rotas, em que a sensação de pertencimento se dá cada vez mais no imaginário simbólico, discursivamente, de modo que o indivíduo acaba por dizer:

*Acho que nem incorporei (...) perdi coisas. Chego lá: Nossa! Como você está sergipana no jeito de falar! (...) incorporei muita gíria, muita coisa coloquial, mas não consigo deixar de falar **porrrta**. Hoje não sou nem paranaense, nem paulista (...) fiquei muito tempo em São Paulo (...), nem sergipana, na forma de falar. Você*

<sup>33</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06. Curioso o modo como, no âmbito das migrações internacionais, Camargo se refere a uma certa plástica na personalidade do migrante e questiona a necessidade de migração caso o indivíduo fosse tão trabalhador no país de origem, quanto o é no país de destino (CAMARGO, 2003, p. 17-18).

<sup>34</sup> Bauman, 2005, p. 36. O autor se refere à fluidez das relações pessoais ou íntimas da modernidade “líquida” na qual se não há mais lugares para se investir num pertencimento duradouro, permanece a sede por convívio e o medo da solidão ou abandono. E coloca a provisoriabilidade das “comunidades guarda-roupa”, como recurso na exaustiva tarefa de identificar-se com algo dos indivíduos líquido-modernos (BAUMAN, 2005, p. 36-38).

<sup>35</sup> Bourdieu, 1996, p. 61.

<sup>36</sup> Bourdieu, 1996, p. 161.

*acaba se habituando (...). Por exemplo, a Rua da Frente é uma avenida de vários nomes [risos] e chamo de Rua da Frente. Lá, se fala o nome da rua (...) aqui, o nome do local. (...). Incorporei muita coisa (...) hábitos assim. Uma coisa, ainda não consegui. (...) pretendo (...) bem salutar. É o tipo de alimentação(...). À noite, aqui se toma café. (...) Lá no sul é janta: arroz, feijão, bife, mesma coisa do almoço. (...) Salutar. Ainda não consegui, mas estou quase conseguindo<sup>37</sup>.*

O exemplo, aparentemente trivial, demonstra a dinâmica do processo de aculturação<sup>38</sup>, através de relações de aproximação e afastamento que se originam a partir do primeiro contato do migrante com a terra que o acolhe<sup>39</sup>.

Afinal de contas, a essência da identidade – a resposta à pergunta “Quem sou eu?” e, mais importante ainda, a permanente credibilidade da resposta que lhe possa ser dada, qualquer que seja – não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo. **Precisamos de relacionamentos**, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos<sup>40</sup>.

## 5.1. Primeiros contatos são fundamentais

Já esboçamos na análise até aqui empreendida que, embora a decisão de migrar seja em última instância uma decisão individual, ocorre dentro de uma rede de relações que inclui informações através dos meios de comunicação ou por meio de pessoas seja de relacionamento profissional ou pessoal, o que acaba por funcionar como gatilho para a migração, acionando a disposição daqueles indivíduos mais propensos à aventura do desconhecido.

O relato de uns e outros, dentre os pesquisados, atesta que a inserção social em Aracaju começa com os laços sociais estabelecidos, muitas vezes ainda a partir da terra de origem.

<sup>37</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>38</sup> Vide a respeito: Ogburn e Nimkoff, 1984, p. 277.

<sup>39</sup> Segundo Wiese e Becker (1984, p. 136-137), “todas as reações de aproximação e afastamento se iniciam por meio de contatos, no sentido mais amplo do termo”, ou seja, “se os contatos constituem um pré-requisito para a associação, esta não lhes é um resultado inevitável”.

<sup>40</sup> Bauman, 2005, p. 74-75. Grifo nosso, para enfatizar a seqüência.

*A gente tinha um casal de amigos (...) morando já 2-3 anos (...) falava muito bem de Aracaju. (...) vivia entrando no site na Internet, vendo a cidade... que era pequena, capital pequena... E essas coisas foram atraindo mais a gente (...) tamanho da cidade. (...). O namorado da minha irmã veio passar férias, falou super-bem de Aracaju. A sogra da minha cunhada também. Todo mundo que a gente conversava falava bem de Aracaju. Ai foi crescendo a vontade de vir pra cá<sup>41</sup>.*

Em outros casos, é preciso conhecer e se fazer conhecer para conseguir a primeira oportunidade de trabalho, como foi o caso do entrevistado que, tendo migrado com a mulher a qual já veio “empregada”, levou dois anos para se colocar na sua área de formação. “*Como eu não conhecia ninguém... Quando você muda e não conhece ninguém, é meio complicado...*”, comenta o professor que chegou a desistir e resolveu encomendar produtos da sua terra natal para vender, até mesmo na rua.

*Aí me chamaram, para dar uma aula (...). Preparei, dei uma aula boa. (...) Se tiver concurso pra substituto, vou te chamar! Nisso a UNIT me chamou, (...) precisando de um professor de (...) uma vaga (...) eu estava terminando a especialização. (...) Entrei nas duas (...) daí as portas começaram a se abrir. Fiz amizade com o pessoal da área. Essa professora é muito influente. (...) fiz um leque de amizade com ela (...) foi me chamando e colocando nas coisas.*

Observamos como a divisão do trabalho no mundo globalizado requer a existência de redes informacionais, físicas ou virtuais, de modo que o território acaba se subordinando ao espaço, como lugar de trabalho. Nesse contexto, o espaço é entendido como expressão da sociedade tendo como referência as práticas sociais, na dinâmica dos fluxos de intercâmbio e interação. Movidos por fluxos de várias ordens<sup>42</sup>, os migrantes que vêm principalmente motivados pela oportunidade profissional vão, assim, territorializando e ressignificando o lugar que os acolheu.

Nesse processo, a necessidade de contar com o outro emerge da fala de quem buscou informações antes de vir, daquele que procurou garantir a certeza do emprego previamente ou abrir seu próprio caminho ao chegar, mas muito mais de quem verbalizou o apoio recebido do conterrâneo já conhecido, confirmando a tese de que “o imigrante bem sucedido é um canal de mobilidade para todo o grupo de origem<sup>43</sup>”.

O mesmo entrevistado anterior, cujo sonho é ter uma pousada, parece constituir o elo principal de uma rede egocentrada, ao revelar o modo como tem acolhido famílias inteiras

<sup>41</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>42</sup> Segundo Castells (1999, p. 501), “nossa sociedade está construída em torno de fluxos: fluxos de capital, fluxos de informação, fluxos de tecnologia, fluxos de interação organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos. Fluxos que representam apenas um elemento da organização social: são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica”.

<sup>43</sup> Durhan, 1978, p. 139.

na sua casa, emprestado o próprio carro e apoiado nos momentos de doença, como fez com um colega que sofreu acidente e precisou ficar imobilizado por três meses. Enquanto outro explicita a necessidade de “parceiros” solidários na escolha.

*Eu sempre tive esse dom assim de arrumar emprego pros outros (...). Todo mundo fica em casa. Chega, fica instalado em casa, fica um mês... até... (...). Não é bem porque eu sei da dificuldade que eu passei, mas é porque eu sou assim. Em casa sempre teve... Sempre foi ponto de encontro lá em casa<sup>44</sup>.*

*Eu queria trazer gente de lá, não é? Uma amiga (...) fazer o concurso aqui em Aracaju para substituto (...) tinha passado para efetivo, mas não tinha sido contratada. Fiz de tudo pra ela vir fazer o concurso, e ela passou. Então foi mais um apoio, veio com o marido (...) amigo desde a graduação. Quando chegou (...) ficou mais familiar, houve uma identificação maior, um grupo já... Talvez de amigos. Facilitou a adaptação<sup>45</sup>.*

Como se vê, é preciso considerar o migrante não somente por seus atributos pessoais ou intenções individuais, mas sim como uma entidade dotada de relações que se conecta a outros conjuntos definidos por laços de parentesco, trabalho, amizade ou vizinhança, de modo que os deslocamentos migratórios são, também, a expressão de possibilidades criadas nos contextos nos quais o indivíduo se insere<sup>46</sup>.

Na dinâmica das relações sociais que deixaram para trás e das novas que passam a estabelecer, pouco a pouco, os migrantes constroem redes espontâneas de laços mais ou menos fortes<sup>47</sup>. No caso particular de Aracaju, cidade reconhecida e valorizada durante muito tempo pelo estreito conhecimento, familiar e vicinal, vai se acelerando o modo de vida urbano através da crescente substituição de contatos primários por contatos secundários, ou seja, pelo enfraquecimento dos laços de parentesco, pelo declínio da família, pelo desaparecimento da vizinhança e pela corrosão da solidariedade<sup>48</sup>.

Nesse contexto, de um lado, os nativos, de outro, os migrantes, lutam para fortalecer seus próprios laços comunitários. O conceito sociológico de comunidade depende, nesse aspecto, do compartilhamento de uma situação comum, de modo que as ações dos indivíduos sejam mutuamente referidas, traduzindo a sensação de se participar de um todo. Implica na necessidade de se constituir um grupo que favoreça vivências intersubjetivas de

<sup>44</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

<sup>45</sup> Anselmo. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>46</sup> A respeito de redes sociais no contexto migratório, vide: Soares, 2002.

<sup>47</sup> Vide Baechler, 1995, a respeito da capacidade associativa dos indivíduos no sentido de constituir grupos (sodalidade), estabelecer redes (sociabilidade) e manter coesos os grupos e redes criados (socialidade).

<sup>48</sup> Wirth, 1976, p. 109.

um mesmo repertório, de modo a ser reconhecido e valorizado pelos seus iguais<sup>49</sup>. A comunidade de origem funcionaria, portanto, como “envelope de proteção<sup>50</sup>”, através do apoio afetivo-emocional nas redes de ajuda mútua para preencher o vazio da falta do que se deixou para trás.

No campo das sociabilidades mais íntimas, os imigrantes parecem construir seus próprios espaços, seus próprios guetos, como se desprende do círculo de amizade predominante, conforme já apresentado. “*Se me enturmei em Aracaju? Normal, normal. Eu acho assim, com os de fora tem mais aquela coisa assim... Aquele laço de amizade é com o pessoal de fora, o laço mesmo, mas freqüente todas as casas<sup>51</sup>*”. “*Pizza... Vai pra praia, churrasco... Todo final de semana nós estamos juntos<sup>52</sup>*”.

Essa dinâmica recíproca de auto-proteção parece bastante evidente no discurso de que o povo local é “fechado”. Não seriam também os migrantes que estariam a se fechar, em relação aos nativos?

Quanto mais intensos forem os laços numa rede, tanto mais essa rede tende a fechar-se sobre si própria e a dissociar-se das outras redes numa espécie de enquistamento social, e inversamente: a extensão, a flexibilidade, a adaptabilidade das redes são tanto maiores quanto mais se basearem em laços fracos, que permitem esperar que, gradualmente, criem-se pontes capazes de ir muito além do círculo de origem dos laços de sociabilidade<sup>53</sup>.

Numa cidade de estranhezas, especialmente para os que não trouxeram uma rede familiar consigo, nem se conectaram ainda a uma rede de conterrâneos ou migrantes, o processo de adaptação é, conseqüentemente, mais difícil. Quanto mais fracos os laços sociais, maior a segmentação das relações sociais, de modo que o nível de comunicação depende de meios institucionais formais e específicos que promovam a unidade da comunidade, bastante necessários para a inserção dos estrangeiros no lugar de acolhimento.

No caso específico do contingente de professores universitários migrantes, a divisão do trabalho transcende a cidade, de modo que a categoria cria suas pontes e se agrupa por interesse local e global, através do engajamento, por exemplo, em grupos regionais, nacionais e internacionais de pesquisa, e da participação rotineira em eventos necessários ao

<sup>49</sup> Segundo Wirth (1976, p. 104-106), as próprias pessoas se segregam em função das suas diferenças e se aproximam dos seus iguais.

<sup>50</sup> Goffman, apud Xavier de Brito, 2002b. Em estudo sobre *habitus* e cotidiano de brasileiros na França, Xavier de Brito identifica o modo como utilizam a comunidade de origem como “envelope de proteção”, tentando guardar a continuidade de si, através do estilo de residência, de encontros centrados, por exemplo, no apego à língua, alimentação, e música.

<sup>51</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

<sup>52</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>53</sup> Granoveter, apud Baechler, 1995, p. 79-80.

crescimento profissional. Tais contatos cosmopolitas, de um modo geral, não geram maior enraizamento e acabam por produzir, de qualquer modo, instabilidade e insegurança.

A confiança pessoal torna-se um projeto, a ser “trabalhado” pelas partes envolvidas, e requer a abertura do indivíduo para o outro (...). Relacionamentos são laços baseados em confiança, onde a confiança não é pré-dada, mas trabalhada, e onde o trabalho envolvido significa um processo mútuo de auto-revelação<sup>54</sup>.

Nesse caso, a individuação pode constituir um desvio em relação ao social, dependendo das situações de socialização em campos por vezes contraditórios. Rotineiramente, em diferentes contextos, as pessoas estão balizando suas vidas na dinâmica identidade-alteridade, mantendo distâncias voluntárias dos lugares, eventos e momentos em que não se sentem desejadas e nos quais poderiam sofrer descrédito. Ou, por outra, aproximarem-se e atuarem junto a espaços onde sabem que, comportando-se conforme o esperado, terão chance de conquistar crédito nas suas sociabilidades.

A intensidade da vivência da solidão pelo migrante acaba sendo emblemática no que diz respeito ao individualismo próprio do mundo globalizado em que a estranheza é condição existencial e, como têm dito alguns, nem consigo próprio o indivíduo está em casa<sup>55</sup>.

*Não gosto. Daqui? Da solidão. Não é a solidão pessoal, a minha soli..... (...). Vivo muito bem sozinha. Nova era que a gente vai viver, vai depender (...), vai estar cada vez mais sozinha. Aqui (...) tipo diferente de solidão (...) cheio de gente, mas ao mesmo tempo, sozinho. Vários professores (...) lido com vários (...), mas eu continuo sozinha. As pessoas não param... Não têm tempo. Não perguntam muito (...) não param para te escutar. Elas olham pouco para si e, conseqüentemente, pouco para os outros, não é? Então o medo (...) lidar com a questão. Não sabem se você está com dor no dedo (...). É o poder. (...) Tenho dificuldade (...) Estou muito sozinha em relação a isso. (...) Pode ser uma característica da região (...). Que é que está acontecendo? Posso te ajudar?*<sup>56</sup>

Entrecortada por momentos reflexivos, quando provavelmente as palavras não fluem como gostaria, a abordagem da jovem professora não nos parece peculiar à cidade em que procura acolhimento, mas é bastante indicativa do paradigma da modernidade, conforme Simmel<sup>57</sup>. Tentando objetivamente relatar suas dificuldades de inserção social, a entrevistada revela a distância entre a cultura das pessoas e a cultura das coisas, em que as relações monetárias se sobrepõem às dimensões de afeto e emoções reivindicadas pelos indivíduos. De

<sup>54</sup> Giddens, 1991, p. 123.

<sup>55</sup> Vide: Bauman, 1999, p. 107. A problemática da migração tem sido bastante estudada no campo da Psicanálise. Vide a respeito: Póvoa Neto e Ferreira, 2005, p. 155-247, especialmente Oliveira, 2005 e Bezerra Jr, 2005. Vide também: Menezes, 2007.

<sup>56</sup> Luana. Entrevista realizada em 11/09/06.

<sup>57</sup> Vide a respeito: Souza e Ôelze, 1998.

certo modo, a liberdade e autonomia vividas por ela, no campo das relações mediadas materialmente pela sua qualificação e inserção profissional, a conduzem a dificuldades no convívio interpessoal através da negação da circulação da palavra em que possa confiar.

Instala-se o medo como categoria construída socialmente, permeando as relações entre indivíduos e grupos. Na vivência da “tragédia da cultura” – de que Aracaju é apenas um protótipo, cresce o espaço vazio entre a capacidade de cultivo do indivíduo e o desenvolvimento de meios e bens materialmente objetivos<sup>58</sup>. Cada um “controla” o medo a seu modo, podendo este se tornar motor de realização individual.

Ao que parece, na tentativa de se resistir a uma ordem social considerada sufocante, a entrevistada desenvolve serviços comunitários, de orientação religiosa<sup>59</sup>.

*Sou de uma outra religião (...) pessoas acham que sou beata (...). O que você vai fazer sábado no interior? (...) Vou fazer uma visita (...). As pessoas estão precisando. (...). Você faz isso? Faço, eu acredito nisso (...). Tá louca?? (...). Então cresci bastante, foram porradinhas internas, questões do meu crescimento (...) evolução humana mesmo. Cresci é... De dentro pra fora. Profissionalmente, cresci bastante. Agora em cultura, pensamento e atitudes, com certeza, cresci mais. Aprendi que as pessoas aqui são diferentes.(...) Pessoas de lá [grupo religioso] me ajudaram nessa caminhada. A me adequar a essa população, essa nova cultura<sup>60</sup>.*

Inserções e exclusões inerentes ao convívio de estabelecidos e *outsiders*<sup>61</sup> poderiam ser tratadas como eventos relativos aos processos interativos, caracterizando momentos de maior aproximação e de maior afastamento na mediação social e no estabelecimento de vínculos, mais fortes ou mais fracos, no cotejamento permanente de *habitus* de raiz e *habitus* locais. Por vezes, nada muito visível, mas operando na intimidade dos encontros mais fechados entre “estrangeiros”, quando discorrem sobre seus estranhamentos e “desqualificam”, por exemplo, os nativos<sup>62</sup>.

Nesse contexto, compartilhar segredos, pressupondo o medo da traição, constituiria momento instituinte fundamental da singularidade da comunidade do “ser migrante”<sup>63</sup>.

<sup>58</sup> Simmel, 1998a.

<sup>59</sup> Vide a respeito do medo como construção social: Koury, 2002.

<sup>60</sup> Luana. Entrevista realizada em 11/09/06.

<sup>61</sup> Elias e Scotson, 2000.

<sup>62</sup> Na condição de partícipe dessa comunidade, tivemos a oportunidade de compartilhar de momentos críticos em que uma maioria de estrangeiros, detendo a hegemonia do discurso, gerou uma certa animosidade com os nativos da terra de acolhimento. A contrapartida é verdadeira em outros momentos, em que os nativos verbalizam seu estranhamento com relação ao estrangeiro. Cheguei a ouvir o desabafo de um amigo sergipano: “Aracaju é um pai para quem é de fora, mas é padrasto para seus próprios filhos”.

<sup>63</sup> A respeito de segredo no contexto das sociabilidades, vide: Simmel, apud Koury, 2002.

## 5.2. Acionando motores pessoais de adaptação

Considerando que toda cultura é um processo permanente de construção e se inscreve na história das relações dos grupos sociais entre si, e essas relações sejam quais forem são sempre desiguais<sup>64</sup>, o fato de socializar-se em um contexto cultural, segundo valores relativos a uma identidade regional<sup>65</sup>, que incluem representações quanto a relações profissionais, familiares, de gênero e, depois, vir a morar em outro contexto, com outra identidade regional, resulta inevitavelmente em choque cultural.

Esse confronto com estranhamentos aciona estratégias nos indivíduos a depender do desejo, ainda que nem sempre consciente, de retornar ou de fincar raízes. Assim, aculturar-se ou não passa a constituir uma espécie de opção. Requer afinar e desafinar desempenho, identificar-se e “desidentificar-se”.

Retomando a afirmação de Menezes segundo a qual “reconhecer a identidade do outro grupo é quebrar o muro<sup>66</sup>”, observemos o que, em algum momento, disseram dois dos nossos entrevistados: “*Gosto de ver a diferença e me acostumar com elas*<sup>67</sup>”. “*A minha atitude é contemplativa*<sup>68</sup>”.

Andando pela cidade qual o *flâneur* de Baudelaire<sup>69</sup> ou postando-se como o *blasé* de Simmel<sup>70</sup>, o professor migrante parece vir constituindo tipos, entre tantos construídos para ilustrar a modernidade<sup>71</sup>, demonstrando sua maior ou menor abertura para a troca cultural. Segundo o contexto e o momento, os *habitus* funcionam como reações de defesa contra uma

---

<sup>64</sup> Vide a respeito: Cuche, 1999.

<sup>65</sup> No campo das idéias e representações, a identidade regional a partir de uma origem territorial é simbólica, existe no imaginário, como a identidade imaginada. Vide a respeito: Anderson, 1989.

<sup>66</sup> Menezes, 2007, p. 121. Discutindo o preconceito numa perspectiva psicanalítica, o autor analisa no artigo a viagem interna que se opera no indivíduo no processo migratório.

<sup>67</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>68</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>69</sup> Não se sentindo seguro, busca a multidão. Repudiando o olhar comum, crê na sua capacidade superior de apreciação, por meio de um olhar superficial.

<sup>70</sup> Buscando se proteger do meio social que considera hostil, adora um ar de indiferença em que preserva o seu anonimato.

<sup>71</sup> Em conferência que proferiu sobre “Tipos e mitos da modernidade”, Octávio Ianni resgata uma série de criações emblemáticas - do pensamento científico e filosófico - construídas para ilustrar o “mito do individualismo moderno” (IANNI, 2000).

situação que lhe parece hostil ou como fonte de recurso para proceder às reformulações necessárias à gestão do contexto em que se encontra<sup>72</sup>.

Num mundo de estranhezas, cada um vive a seu próprio modo a dinâmica ambivalente das relações de encaixe e desencaixe, da intimidade e da impessoalidade, até encontrar o seu próprio grau de segurança no outro, necessidade ontológica paradoxalmente comum a ambos<sup>73</sup>.

*Difícil falar, porque gosto tanto daqui!(...). Tem uns costumes diferentes da gente, mas não tem nada, a única coisa é uma certa dificuldade com a comida, com o tempero (...). Com certeza vou me adaptar às coisas daqui (...). Nunca morei em outra cidade, mas acho o pessoal aqui muito bom. Gosto da cidade, do clima, de tudo... Acho que eu... Tudo... Gosto de tudo daqui!<sup>74</sup>*

A disponibilidade, por exemplo, para justificar o diferente, parece mais presente nas pessoas mais abertas e cientes de que o processo migratório exige mudanças no estilo de vida e na sua disponibilidade para adotar um sistema de disposições mais favoráveis em situação de aculturação. Eis como sintetiza um dos pesquisados, mediante redação textual no seu questionário: *“Adaptar-se a Aracaju ou a qualquer outra cidade é muito mais uma questão de disponibilizar-se ao novo e de respeitar o outro, do que simplesmente uma questão da cidade não atender às exigências e projeções dos que aqui chegam<sup>75</sup>”*.

No campo da Psicologia Intercultural, Berry se refere a formas de adaptação utilizadas por pessoas que precisam viver em uma sociedade onde não foram criadas, identificando quatro variedades de aculturação, quais sejam: 1) assimilação, em que o indivíduo abre mão de sua cultura e procura absorver a cultura da sociedade hospedeira; 2) separação, em que evita o contato e se mantém apegado à sua cultura de origem; 3) integração, em que negocia com as duas culturas; 4) marginalização, caracterizada pelo pouco interesse em manter raízes ou contato com outro grupo, em que o indivíduo fica à parte, como que ‘suspenso’, em estado de conflito pessoal e social<sup>76</sup>.

Como o processo de aculturação não é uniforme, os “tipos ideais” construídos por Berry também não o são, de modo que um mesmo agente pode fazer uso de estratégias diferenciadas ao longo da vida ou, num mesmo período da sua vida, dada a multiplicidade de contextos em que se insere. As respostas dos migrantes às características da cultura local,

---

<sup>72</sup> Bourdieu.

<sup>73</sup> Giddens, 1991.

<sup>74</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>75</sup> Homem, natural de Natal (RN), 27 anos, solteiro, há dois anos em Aracaju

<sup>76</sup> Vide: Berry, 2004, p. 31-36.

portanto, não estão desligadas das suas práticas e dos esquemas de percepção de mundo que trazem dos seus lugares de origem.

Retomando passagens das entrevistas, conseguimos vislumbrar estratégias que parecem adotadas por alguns os professores migrantes que viemos a conhecer mais de perto.

Desacreditando de que se possa chamar alguém de amigo, no mundo de hoje, e desconfiado quanto ao modo de ser do sergipano que, com base na cultura da troca e do favor, sempre se diz íntimo de alguém, o entrevistado receia pelos riscos de maior aproximação, inclusive com os alunos. Segundo ele, esses, amigos do professor, acham que não precisam mais estudar. Nesse caso, nos parece notório que adota a estratégia da “marginalização”, em relação à sociedade local.

*Prefiro ficar de fora. (...). Me privo de muitas coisas, convivências sociais. Nunca me aproximei de nenhum grupo fixo. Me recuso (...) quero impedir a minha identificação com qualquer grupo estabelecido. (...) para me preservar (...) é muito problemático. Ninguém confia em mim (...) sou alguém desconfiável para todos os grupos. (...). Outras inserções são muito reduzidas. Não possuo hobby (...). Não tenho nenhum outro tipo de grupo. Minha vida se resume, se restringe à minha vida acadêmica. Fora da universidade, passo em casa, a maior parte do tempo sozinho. Se eu vou a um bar, prefiro ficar sozinho, num lugar em que possa observar<sup>77</sup>.*

A estratégia da “marginalização” parece afinar-se com o conceito de mônada, em Simmel, correspondendo a uma forma de associação segundo a qual o indivíduo se mantém fechado sobre si mesmo. Nesse caso, o fato de não entrar em interação com os outros é sociologicamente significativo. Ou seja, o indivíduo que se isola do meio social ambiente ou que é excluído dele, por exemplo, o solitário ou o estrangeiro perdido em um país do qual ele não fala a língua<sup>78</sup>.

Com larga vivência em Aracaju e adotando, na maioria das vezes, estratégias de “integração”, na medida em que demonstra procurar compreender a cultura local, a entrevistada nem por isso deixa de adotar a estratégia da “separação”, especialmente quando se trata de preservar a sua privacidade, ou seja, garantir o “seu espaço”.

*O que eu chamo ser estrangeira? Ter o direito de não me colocar dentro da cidade, para que ela não tenha direito de cobrar valor diferente do que determino como correto. Então, ser estrangeiro é condição de autonomia, de liberdade. Não estou preocupada em estar fora dos padrões da sociedade. Não estou preocupada com o que pensem de mim<sup>79</sup>.*

<sup>77</sup> Marcelo. A estratégia utilizada pelo entrevistado sugere a noção de “pedantismo”, conforme Manheim (1984, p. 156), em que o indivíduo, para não correr riscos, procura definir a situação à sua maneira, e de certo modo se isola dos grupos sociais.

<sup>78</sup> Vide a respeito do conceito: Simmel, apud Vandenbergue, 2005, p. 114-115.

<sup>79</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

No âmbito das estratégias de aculturação de Berry<sup>80</sup>, outro entrevistado parece manifestar o desejo de “integração”. Depois de considerar a condição de estrangeiro como uma sensação de “estado” que pode variar em diferentes contextos, procura inferir o “motivo” da migração dos demais. Estaria mesmo falando do “outro”? Ou ele, como tantos outros, tem razões de sobra para justificar sua “escolha”?

*Por que as pessoas vêm pra cá? ... Alguns pensam... Vou viver sossegado, vou ter meu espaço, vou produzir, na verdade com muita raiva por ter que vir. E só está aqui porque não tem condição de trabalhar em outro lugar. Essa pessoa veio para construir alguma coisa em Aracaju?(...). **Eu** vim para construir (...). Poderia estar em (...), duas vezes abriu concurso lá. (...) problemas pessoais de família. (...). Mulher não aceitou a mudança. (...). Não quis voltar. (...). Minha família é muito grande, inúmeros problemas (...). Certo distanciamento é melhor (...) cobrança muito forte (...). O que quero em Aracaju, de verdade? Eu vim, sinceramente, por uma perspectiva de trabalho (...) construir um espaço, construir alguma coisa interessante na minha área<sup>81</sup>.*

Histórias e trajetórias singulares! Enquanto um se diz satisfeito por estar “longe da família”, outros precisam remeter-se a ela para lembrar que a falta de certo modo compensa: “Embora eu tenha minha família, não voltaria, pelo espaço que a gente já conquistou aqui<sup>82</sup>”.

Embora pelo menos 20% dos pesquisados atribuam suas dificuldades de adaptação à distância de parentes e amigos que deixaram para trás, é notório que o emprego conquistado, garantindo-lhes renda, bem como a flexibilidade inerente ao cargo, parece torná-los mais resilientes.

*Esse tempo todo que tive fora foi fisicamente. (...) dependência emocional nunca deixou de existir. (...). Não consegui me desvincular (...) problemas (...) alegrias. Tudo faz muita falta. É muito longe pra dar uma passadinha na casa da minha mãe e voltar. Antes, eram 300/400 km, no máximo. Dava pra ir num fim de semana e voltar. Hoje não. (...). Muitas vezes choro de saudade. O telefone não satisfaz [risos]. Queria trazer todo mundo [risos], mas não é possível. Não suporto a idéia de entrar em férias e não ir (...). É caríssimo (...) em alta temporada. Tentei não ir. Perto das férias, (...) um nervoso, uma loucura (...). Sabe o quê? Divide em 10 vezes, mas eu vou! [risos]. Então, férias, dezembro, Natal e Ano Novo (...) um pouquinho de janeiro e julho. Passo o máximo de tempo possível por lá<sup>83</sup>.*

Sem o objetivo de nos adentrar na complexidade do fenômeno da resiliência<sup>84</sup> que media fatores pessoais e o entorno das relações sociais, pudemos captar, entre os pesquisados,

<sup>80</sup> Berry, 2004.

<sup>81</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>82</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>83</sup> Cristina. Entrevista realizada em 27/09/06.

<sup>84</sup> De origem na física, a resiliência foi incorporada às ciências humanas como a capacidade que tem o indivíduo de sobreviver a um trauma, com base na própria resistência física, mas principalmente pela visão positiva de

aqueles que articulam um sistema de crenças, padrões de organização e processos de comunicação<sup>85</sup> no sentido de maior adaptação à cidade de acolhimento. É curioso o modo como conjugam crenças, estratégias e atitudes de modo a conferir um olhar mais positivo frente à adversidade, apoiados em valores pessoais, projetos de núcleo familiar e na própria transcendência espiritual.

No contexto das estratégias de aculturação, o fato de uns, na condição de meros espectadores, preferirem ver a cultura local como uma forma de folclore e de outros, mais abertos ao novo, integrarem costumes locais às suas vidas demonstra menor ou maior flexibilização das identidades pessoais, correspondendo a diferentes posturas em relação à inserção social.

E os migrantes vão acionando seus próprios motores de adaptação<sup>86</sup> para se adaptarem à cidade.

Considerando a categoria pesquisada e, muito especialmente, o principal motivo que a trouxe, no seu conjunto, para a pequena capital nordestina, era de se esperar que o principal motor de adaptação fosse, como demonstrou ser, o trabalho<sup>87</sup>.

Observando-se a Tabela 25, é possível constatar que os dois motivos que, de maneira associada, atraíram os migrantes a Aracaju são consoantes àqueles valorizados na adaptação, embora haja uma ligeira inversão na importância atribuída à qualidade de vida em relação à realização profissional que, aqui, se torna secundária. Muito provavelmente, nesse momento, os professores migrantes ponderam sobre as dificuldades inerentes à natureza estressante do exercício profissional no campo acadêmico, mensurando sua capacidade individual de resiliência.

---

reconstruir sua vida, a despeito de um entorno negativo, do estresse, das contrições sociais, que influenciam negativamente para seu retorno à vida. Vide Yunes, 2003.

<sup>85</sup> Trata-se dos processos-chave da resiliência em famílias (Walsh, apud Yunes, 2003, p. 82).

<sup>86</sup> Silva, 2003, p. 253. Num estudo sobre a multiplicidade de representações de Brasília no imaginário de nativos e migrantes, Silva utiliza a expressão - de que nos apropriamos para dar título a este tópico, visando dar conta do modo como cada indivíduo lidou com suas próprias dificuldades de adaptação àquela cidade.

<sup>87</sup> Camargo sugere a possibilidade de se comparar emoções e expectativas do turista e do emigrante, considerando que a motivação do turista é o lazer e a do migrante é trabalhar e economizar dinheiro (usual na atual migração para o exterior). Pergunta o autor: “todo emigrante seria um candidato a workaholic?” (Camargo, 2003, p. 17-18).

TABELA 25 - Motivos da adaptação.

Motivo	Discriminação	Abs	%	Abs	%
Trabalho	Ambiente e realização profissional	16	20,51	16	20,51
Qualidade de Vida	Se sente bem/gosta do clima	20	25,64	31	39,74
	Qualidade de vida	10	12,82		
	Cidade bem estruturada	1	1,28		
Sociabilidades	Acolhimento e relacionamento interpessoais	9	11,54	9	11,54
Diversos	Origem nordestina	3	3,85	22	28,21
	Facilidade de adaptação	6	7,69		
	Tempo de residência	9	11,54		
	Já se integrou a cidade	3	3,85		
	Não tem contato com o povo	1	1,28		
<b>Total</b>		<b>78</b>	<b>100,00</b>	<b>78</b>	<b>100,00</b>

Não há como deixar de registrar, por outro lado, a relevância conferida aos estranhamentos e dificuldades no campo das sociabilidades, quando se trata de justificar uma parcial adaptação. Fica evidenciado o choque cultural e a falta que alguns pesquisados sentem dos amigos e familiares.

De um modo geral, parece-nos que quem se adaptou valoriza “a cidade”. Quem não se adaptou, desqualifica “o povo”. Ressalve-se, em ambos os casos, a relação encontrada entre a variável, tempo de residência, e a menor ou maior adaptação. Assim, como era de se esperar, quem chegou à cidade há mais tempo está mais adaptado. Por exemplo, de 75 pesquisados que se instalaram até 1995, 79% se dizem completamente adaptados. Em compensação, de 106 que passaram a residir na cidade a partir de 2001, pelo menos 50% ainda não se consideram adaptados e 4% afirmam total inadaptação.

TABELA 26 - Motivos da não adaptação.

Motivo	Discriminação	Parcialmente Adaptado	Inadaptado	Total	
				Abs	%
Sociabilidade Local	Dificuldade de relacionamento (povo fechado/pouco receptivo)	15	1	16	22,22
Estranhamentos	Muitos estranhamentos	5	2	7	9,72
	Diferenças culturais	8	-	8	11,11
	Pobreza cultural	-	1	1	1,39
Falta de Laços Afetivos	Falta da família e amigos de outrora	15	-	15	20,83
Infra-Estrutura da Cidade	Desorganização do trânsito e atendimento nos serviços	2	-	2	2,78
	Falta de serviços básicos	3	-	3	4,17
	Falta de opções culturais e de lazer	5	-	5	6,94
Outros	Acostumado em metrópole	2	-	2	2,78
	Pouco tempo para desfrutar da cidade	2	-	2	2,78
	Não gosta de sair	1	-	1	1,39
	Pouco tempo de residência	7	-	7	9,72
	Não tem contato com o povo	2	-	2	2,78
	Desespero de ir embora	1	-	1	1,39
<b>Total</b>		<b>68</b>	<b>4</b>	<b>72</b>	<b>100,00</b>

Algumas variáveis parecem interferir no processo de adaptação. No conjunto da amostra pesquisada, os homens (63%) se disseram mais adaptados que as mulheres (54%). Quando se considerou a faixa etária, 69% dos que ultrapassaram os 40 anos estão mais adaptados em relação aos 49% que possuem idade inferior. Provavelmente, porque residem há mais tempo na cidade. Não há diferença expressiva entre solteiros e casados, embora quem é casado(a) com sergipano(a) se considera mais adaptado (88%) do que outros, por exemplo, que são casados(as) com baianos (62%) e paulistas (58%).

Considerando a cidade de Aracaju como lugar praticado<sup>88</sup> - aquele ao qual as ações humanas imprimem vida, é possível compreender como os migrantes, chegando à cidade cada vez em maior número, através de fluxos novos e renovados, vêm recriando condições ambientais e sociais, redefinindo o lugar. Evidencia-se este como espaço relacional, incluindo novas sociabilidades entre nativos e migrantes. Nesse caso, o deslocamento geográfico é o que menos importa, mas interessa analisar o deslocamento social e cultural através da migração de ritos e componentes culturais.

Retomando a noção de que a sociedade é feita de indivíduos, depreende-se a importância da rede de sociabilidades em que se convive melhor quanto menor os estranhamentos ou quanto mais se der o desprendimento das tradições de origem<sup>89</sup>. Assim, o apego ao pertencimento a uma identidade cultural pode ser complicador nas relações sociais, ou seja, idéias idílicas e estereotipadas comprometem a adaptação.

A identidade “regional” parece ter mais relevo no caso dos pesquisados que procedem da região Sudeste, metade dos quais se declara adaptado, em relação à mesma proporção que se diz parcial (45%) ou totalmente inadaptado (5%). Curioso foi encontrar, na amostra, 68% de adaptação entre os sulistas propriamente ditos, num conjunto de 19 pessoas. Embora não se tenha encontrado nenhum nordestino completamente inadaptado, também não há registro de uma completa adaptação, de modo que, afora os 67% que se disseram inseridos socialmente, há algumas variações quando se verifica a inadaptação de acordo com a naturalidade por estado, especialmente entre rio-grande-nortenses (38%), pernambucanos (37%) e paraibanos (36%). Pensamos que a proximidade geográfica com a Bahia interfere nessa avaliação, a ponto de serem 25% os baianos que reclamam da não adaptação. De qualquer modo, merece destaque a maior dificuldade de inserção encontrada entre os professores procedentes de Minas Gerais (75%), Brasília (60%) e São Paulo (43%).

Através de relações com outros com quem compartilha estranhamentos e dificuldades de adaptação, aquele que migra aumenta sua experiência e aprende, paradoxalmente, a “conviver com”, senão a aceitar as diferenças que não consegue assimilar. Jogando com dois sistemas de referência, os migrantes são expostos a duas lógicas diferentes, e às vezes opostas. E assim, muitas vezes procuram preservar valores e costumes tradicionais

---

<sup>88</sup> Certeau, 1994.

<sup>89</sup> A respeito da necessidade de confiança no outro em condições de modernidade, vide: Giddens, 1991, p. 139-144. Vide também: Flusser, 1998, p. 45-46.

da sua “cultura” de origem, aproximando-se de seus conterrâneos, o que favorece redes de comunicação e manutenção de hábitos culturais, tais como: sotaque, alimentação e música<sup>90</sup>.

Levando em conta o campo acadêmico como campo de forças e espaço de jogo, pudemos observar, nessa última incursão, que cada agente tem seus próprios *habitus* e interesses e utiliza suas próprias estratégias de aculturação, através da mediação das relações interativas, seja com nativos ou migrantes também. Como afirma o próprio Bourdieu, *habitus* não é “destino” mas “desempenho”, sendo que o interesse é o investimento em um jogo, qualquer que seja ele. Sendo condição de entrada no jogo é, ao mesmo tempo, criado e reforçado por ele. Há, portanto, tantos campos quanto as formas de interesse<sup>91</sup>.

Participando desse jogo, vejamos como se coloca o professor, crítico contumaz à vida e formação cultural de Aracaju, ao enfatizar o conservadorismo da universidade pública onde atua. Os estranhamentos bastante peculiares ao intelectual migrante parecem lhe conferir um certo ar de vanguarda, ainda que na sua condição de marginalidade na sociedade local<sup>92</sup>.

*No meu fazer, estou mais instigando, chamando a atenção, tentando abrir visão. (...) Eventos que promovo têm essa pretensão (...) que as pessoas se interessem por temas que não conhecem. De 200 pessoas, ter quatro pelo menos que percebam que se trata de um tema não novo, mas diferente, estimulante (...). Diria que tenho uma função mais de fomentar uma mudança. (...) É preciso criar o seu jardim (...) cultivar o seu jardim. Não significa isolar-se (...) tentar conviver com essa falta de identidade da cidade. (...) As pessoas ou se isolam, ou têm atitudes mais saudáveis. E convidam pessoas para participar desse seu jardim (...) ambientes onde se possa conversar, ter diálogo<sup>93</sup>.*

A metáfora do jardim é bem sugestiva na personalidade do professor que tem por hábito reunir os amigos, em sua maioria migrantes de diversos lugares. E o faz, seja na sua própria casa, sob o pretexto de “beber um vinho” ou compartilhar um prato diferente, seja

---

<sup>90</sup> Os gaúchos parecem estar entre os brasileiros que mais preservam suas tradições. Em 2002, havia registro de 866 entidades distribuídas nos estados brasileiros, sendo apenas três no Nordeste (RN, PE e BA). Vide: Oliven, 2006, p. 145. Pessoalmente, lembramos de uma iniciativa no sentido de criar o Centro de Tradições Gaúchas em Sergipe, nos anos 80, que parece não ter vingado. Recentemente, tivemos notícia de entidade similar reunindo cearenses na sociedade local: a Casa do Cearense em Sergipe (CACESE). Criada em 2005, a associação chegou a reunir 250 pessoas naturais do Ceará, tendo editado quatro boletins informativos, cuja tônica era a de divulgar cearenses de destaque na terra de acolhimento, sem deixar de valorizar pessoas e questões locais. Segundo depoimento que colhemos junto a um dos mentores da entidade, clivagens segundo diversos meios sociais (“muitos não podiam custear e participar dos eventos sociais”) impossibilitaram a continuidade do movimento, de modo que se formaram outros grupos, consoante outras afinidades. Não encontramos referência à associação por parte dos 11 professores migrantes procedentes do Ceará.

<sup>91</sup> Bourdieu, 1990, p. 65.

<sup>92</sup> Foi assim, por exemplo, que se viu Flusser (1998), para quem a migração constitui situação criativa na qual “o mistério mais profundo que o da pátria geográfica é o que cerca o outro”, ou seja, “a pátria do apátrida é o outro”.

<sup>93</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

mediante a promoção de eventos em que toma a iniciativa de convocar “os de sempre” para a casa alheia.

A prática de reunir os amigos em casa parece não ser muito comum entre os professores migrantes. Perguntados sobre os lugares que costumam freqüentar nos momentos de lazer, a lembrança da casa de amigos veio em terceiro lugar, sendo citada apenas por 5% dos migrantes da amostra. Segundo os relatos obtidos junto aos entrevistados, parece que as reuniões com amigos se dão preferencialmente em locais públicos, tais como bares e restaurantes, principalmente os localizados na praia<sup>94</sup>. Considerando a variedade de respostas obtidas, se referindo genericamente às praias, como também a lugares específicos ali localizados, pode-se generalizar que cerca de 50% costumam freqüentar a orla litorânea. Afora 25% que citam o shopping e os cinemas, ali localizados, como sua opção de lazer, apenas 10% têm o hábito de passear na Região dos Lagos, grande área livre de lazer da cidade, atestando que a depender dos migrantes de um modo geral, aquela área continuará sem muita “vida”, como afirmara um dos professores pesquisados.

Sujeitos históricos e, por isso mesmo, “sujeitos sujeitados” à uma organização econômica e social que determina suas ações e comportamentos, migrantes são embrionariamente portadores de transformações sociais, econômicas e culturais<sup>95</sup>. Ou seja, as pessoas viajam e, com elas, idéias e fenômenos culturais, a partir do peso do pertencimento que carregam consigo ao migrarem. Na condição de professores universitários, os migrantes pesquisados constituiriam uma categoria típico-ideal de agentes sociais de inovação e mudança, protagonistas fundamentais do sistema simbólico, contribuindo para a transformação de padrões e reestruturação das redes urbanas.

Nesse aspecto, parece-nos que a categoria vinda de toda parte do país, que em geral reivindica “novidades” na cidade, nem por isso se integra à vida local propriamente dita, de modo que apenas 32% declararam participar de algum tipo de organização associativa. Por sua vez, enquanto 65% dizem acompanhar a política sergipana, 53% não votam porque não transferiram o título de eleitor. O dado é sintomático, quando se resgata a marginalização de estrangeiros na história política recente nos estado<sup>96</sup>.

---

<sup>94</sup> Embora com um número pouco significativo de indicações, é curioso observar a lembrança, logo na primeira resposta, do Bar Parati, reconhecidamente o reduto dos turistas na Av. Sarney, principalmente por parte de migrantes que procedem das regiões sudeste e sul do país.

<sup>95</sup> A respeito da condição dialética do migrante da racionalização global do novo milênio, vide: Heidemann, 1998, p. 15-18.

<sup>96</sup> Vide o caso relatado da campanha para governador em 2002.

No campo da adaptação e inserção social dos migrantes pesquisados, pode-se acrescentar a avaliação que fazem quanto à sua vida em Aracaju - melhorou, piorou ou não mudou? É bastante significativo (85%) o número dos que afirmam que sua vida mudou para melhor, desde que chegaram a Aracaju, com referências bastante positivas nos depoimentos, seja nos questionários, seja nos relatos na oportunidade em que foram entrevistados.

A Tabela 27 apresenta esses resultados. Novamente aqui se conjugam os dois fatores – oportunidade de trabalho e qualidade de vida, os quais atraíram em princípio a categoria à cidade, facilitaram a sua adaptação e, agora, justificam a melhoria de vida. Nesse aspecto, a estabilidade financeira e material prevalece sobre questões relativas à qualidade de vida, com ênfase na segurança e tranquilidade. Um dos pesquisados parece sintetizar o conteúdo de grande parte das respostas: *“Sinto-me menos estressado, há 10 meses não fico resfriado, tenho tempo para trabalhar, estudar, produzir ciência e ainda passear, descansar e dar atenção a minha esposa<sup>97</sup>”*. Há quem prefira enfatizar ganhos no crescimento pessoal, demonstrando uma certa gratidão pela terra de acolhimento: *“Agora. Que eu amadureci, que não sou mais a mesma, e que devo isso a minha vinda pra cá e a Aracaju, com certeza!<sup>98</sup>”*.

TABELA 27 - Motivos segundo os quais a vida melhorou em Aracaju.

<b>Categoria</b>	<b>Discriminação</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>Abs</b>	<b>%</b>
Trabalho e Oportunidade	Emprego e estabilidade econômica	47	29,01	53	32,72
	Oferece mais oportunidades	6	3,70		
Realização Profissional e Pessoal	Realização profissional	23	14,20	62	38,27
	Realização profissional, pessoal e vida familiar	27	16,67		
	Realização pessoal e vida familiar	12	7,41		
Cidade e Qualidade de Vida	Qualidade de vida	29	17,90	45	27,78
	Gosta da cidade/clima saudável/morar aqui é bom	11	6,79		
	Cidade tranqüila	4	2,47		
	Custo de vida mais baixo	1	0,62		
Outro	Mantém mesmo ritmo e padrão de vida	2	1,23	2	1,23
<b>Total</b>		<b>162</b>	<b>100,00</b>	<b>162</b>	<b>100,00</b>

<sup>97</sup> Homem, 35 anos, natural do Rio de Janeiro, casado com conterrânea, residente há um ano em Aracaju.

<sup>98</sup> Flávia. Entrevista realizada em 17/12/07.

Referindo-se à solidão da modernidade - bastante presente na narrativa discursiva dos nossos entrevistados, Elias considera dois aspectos complementares relativos à estrutura de personalidade dos indivíduos, quando se trata do crescente processo de individualização característico das sociedades industrializadas, urbanizadas e densamente habitadas. É positivo “o orgulho que têm as pessoas altamente individualizadas de sua independência, sua liberdade e capacidade de agir por responsabilidade própria e decidir por si”, mas é negativo:

Seu maior isolamento mútuo, sua tendência a se perceberem como dotadas de um eu interior inacessível aos outros, e toda gama de sentimentos associados a essa percepção, como a sensação de não viver a própria vida e de uma radical solidão<sup>99</sup>.

No paradoxo contraste, revela-se a essência da estranheza do intelectual que, no campo de forças da “academia”, nunca está em casa e muito freqüentemente só pode contar consigo mesmo. Afinal, quem, dentre os pesquisados, não se viu na obrigação de provar a todos a sua qualificação e sua competência profissional, medidas diuturnamente pelo tal “Lattes<sup>100</sup>” que unifica a todos, ao tempo em que distingue um a um na categoria a que pertencem<sup>101</sup>.

### 5.3. Dá para sentir-se em casa na casa “do outro”?

“*Raízes aéreas!*<sup>102</sup>. *Raízes de vento!*<sup>103</sup>”. O modo como professores migrantes se colocam em relação à impossibilidade de criar raízes em Aracaju bem revela o conteúdo do “estranho universal” de Bauman, como aquele que o é “por não ter lar nem raízes<sup>104</sup>” e que

---

<sup>99</sup> Elias, 1994, p. 108.

<sup>100</sup> A Plataforma Lattes constitui a base nacional de dados de currículos e instituições das áreas de Ciência e Tecnologia, vinculada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na qual obrigatoriamente todos os professores de ensino superior devem estar devidamente cadastrados.

<sup>101</sup> Em interessante artigo em que discute os temas e dilemas que afligem o sujeito moderno, Bezerra Júnior (2005) resgata a vivência da “solidão de não pertencer”, a partir da obra de Clarice Lispector, analisando de que modo essa “solidão” resulta de uma opressão do mundo moderno a demandar a participação e o pertencimento a partir de cada indivíduo, como uma questão, uma tarefa permanente a desempenhar.

<sup>102</sup> Marcelo. Entrevista realizada em 30/08/06.

<sup>103</sup> Emília. Entrevista realizada em 20/09/06.

<sup>104</sup> Bauman, 1999, p. 101.

“jamais será como o nativo e jamais verá o mundo com os olhos do nativo<sup>105</sup>”. Afinal, “a essência do estrangeiro é a ausência de lar<sup>106</sup>”.

Buscando delimitar o conceito de “lar”, apropriemo-nos das palavras de Schutz:

Geograficamente, “lar” significa um certo local na superfície da Terra. Onde por acaso eu me encontro é o meu “domicílio”; onde tenho intenção de ficar é a minha “residência”; de onde venho e para onde quero retornar é o meu “lar” (...) Assim, lar significa uma coisa para o homem que nunca o deixou, e outra coisa para o homem que vive longe dele, e ainda outra para quem retorna<sup>107</sup>.

A singularidade do “lar”, portanto, tem a ver com vivências muito particulares: a casa paterna, a língua materna, a família, o amor, os amigos, uma paisagem querida, músicas da infância, comida, ou seja, tudo que é particularmente importante e querido. Enfim, coisas de que se sente falta porque não disponíveis a tempo e à hora. Nesse sentido, fica claro que o caráter simbólico de “lar” reside no plano das emoções e, por isso, é algo difícil de definir.

Tentando captar a memória afetiva dos pesquisados quanto ao que consideram “seu lar”, já indagáramos sobre coisas de que sentem falta em Aracaju e sobre o que povoa o seu imaginário quando evocam a cidade natal. As lembranças que emergem na/da fala da maior parte dos nossos pesquisados denotam a presença das “geografias imaginárias”. Através delas os elementos da cultura de origem são periodicamente rememorados e revividos, seja no contexto de relações familiares e de amizade com os conterrâneos ainda que na terra de acolhimento, seja através do olhar do outro que reconstrói permanentemente sua condição de estrangeiro.

Assim, terra natal lembra o clima: “*frio, que a gente era acostumado*”; lugares: “*as montanhas e cachoeiras*” e “*o caminho da universidade*”; pessoas: “*lembra pai, mãe, família, basicamente assim... Amigos...*”; coisas: “*alguns pratos...culinária... as comidas da minha mãe*”; eventos: “*faculdade, namoro, comecei a namorar lá... casei.....*”, e muitos momentos: “*amigos, conversar, bater papo, coisas que acontecem*”. Enquanto isso, vão se formando as imagens da terra de acolhimento, conforme já pudemos constatar.

Pensar a cidade em que se vive é, pensando nela, pensar em seus habitantes. Implica cotejar, permanentemente, ainda que de modo inconsciente, planos e expectativas com o dia a dia encontrado e vivido. Consiste em - no devir da existência - resgatar todo um passado presente que carregamos conosco e transformamos, nas relações que estabelecemos, de modo a provar que não vivemos sozinhos.

---

<sup>105</sup> Bauman, 1999, p. 94.

<sup>106</sup> Flusser, 1998, p. 89.

<sup>107</sup> Schutz, 1979, p. 291.

Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas<sup>108</sup>.

É o próprio migrante quem se apercebe de que, pouco a pouco, vai se tornando difícil discernir as fronteiras que o separam da cultura local.

*Estou falando assim desses problemas pra você. Eu adoro aqui. Não quero voltar. Gosto muito daqui. Me entrosei. Gosto do pessoal. Mesmo as pessoas de que reclamo comprometimento. São amigos mesmo, meus melhores amigos daqui. Se vou fazer um jantar e não me ligam para: - Olha, não vou!(...). Já me acostumei. Se dá o horário, não vêm, e tal... Normal! Me entrosei bastante, assim.... Parece que moro há muito tempo aqui<sup>109</sup>.*

O depoimento do entrevistado, que até a pouco se incomodava tanto com a falta de cumprimento de horário e comprometimento com o outro, nas relações com o povo local, de repente se transforma, atestando que diferentes narrativas emocionais não são tanto contradições do sujeito, como recursos de posicionamentos identitários diferenciados em múltiplas dimensões de pertença e identificação<sup>110</sup>. Nota-se que seu propósito é de se integrar, mesmo porque não cogita em voltar para o lugar de onde veio.

A aparente dissociação entre coisas de que gostam e não gostam, encontrada através dos questionários, foi bastante enriquecida na entrevista pela possibilidade de ouvir o(a) entrevistado(a) expressar a ambivalência de sentimentos com relação à cidade<sup>111</sup>, quando obrigar-se a citar os estranhamentos com relação à cidade parecia, para alguns, uma espécie de traição à terra de acolhimento<sup>112</sup>. Justificar por exemplo o mau atendimento na área de serviços ora como falta de preparo/qualificação, ora como falta de iniciativa/falta de boa

<sup>108</sup> Sayad, 2000, p. 14.

<sup>109</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/07.

<sup>110</sup> A ambivalência no uso de retóricas emocionais particulares é encontrada por Barros (1996), num estudo de caso em que analisa a narrativa identitária de uma brasileira em Portugal.

<sup>111</sup> No campo da Antropologia, Marc Augé distingue ambivalência de ambigüidade. Tratando do relativismo inerente à observação antropológica, na relação entre o observado e o objeto da sua observação, o autor explicita que o termo ambivalente corresponde à possibilidade de uma mesma pessoa, atitude, situação ou proposição suportar julgamentos contrários e igualmente pertinentes, através da coexistência de qualidades mesmo que opostas, representando muitas vezes tão somente o deslocamento ou a mudança de escalas de pontos de vista. A ambivalência caracterizaria, por exemplo, a possibilidade de se acumular duas pertenças. A ambigüidade, por sua vez, adstrita à própria interpretação feita pelo observado, diz respeito a considerar que a substância das coisas pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo, de modo que, no caso, nenhuma das duas identidades de pertença poderia ser redutível a si mesma. Vide em detalhe: Augé, 1999, p. 47-55.

<sup>112</sup> Essa ambivalência é objeto de interessante estudo investigativo realizado por Barros com migrantes brasileiros em Portugal através do que denomina de “gramáticas emocionais”. Analisando o uso de retóricas emocionais presentes nas narrativas identitárias dos migrantes, o autor demonstra como “as emoções fazem parte dos recursos identitários de distinção de um ‘nós’ brasileiro face a ‘outro’ português, mas também de um posicionamento do ‘eu’ que é irreduzível a qualquer um destes” (Barros, 2006).

vontade/acomodação implicava em externar opiniões mais fatalistas (“*não tem jeito*”), mais condescendentes (“*isso existe em todo lugar*”) ou mais otimistas (“*tá mudando, vai melhorar*”), como denota a fala da entrevistada a seguir.

*Sinto essa falta de iniciativa (...). Acho que tá mudando, vai melhorar... Chegada do turismo (...). Eles vão ser obrigados a se desenvolver pra poder vender mesmo. Acho que vai melhorar, tem melhorado, falta melhorar um pouco mais. (...) falta, ainda, as pessoas serem mais despachadas... Não sei... É tão relativo... No sul também acontece isso (...). As pessoas são boas em todo lugar. Assim, pessoas que não têm iniciativa, que não te ajudam ... E encontra pessoas também tão boas<sup>113</sup>.*

Tendo abandonado voluntariamente uma situação para integrar-se em outra, inevitavelmente o migrante precisa abrir-se a uma nova situação a fim de alterar-se, e a fim de alterá-la. Nesse aspecto, a migração é um processo dialético, no qual o migrante recebe o impacto do ambiente e o ambiente, o impacto do migrante. Como pudemos constatar há dinâmicas diferentes nesse confronto, o que determina menor ou maior choque cultural a depender da maior ou menor abertura e flexibilidade do migrante, e maior ou menor estruturação do ambiente. A “*integração*”<sup>114</sup> depende, portanto, da dialética interna do migrante<sup>115</sup>.

Retratando o processo que vem se reproduzindo na sociedade brasileira, alimentado agora pela globalização quando se intensificam as possibilidades de migração, fica evidente que “*pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, ‘em casa’, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa*”<sup>116</sup>.

Na acepção de Simmel, o estrangeiro perde sua condição de estranho, na medida em que se integra mais, se acultura mais. O casamento com sergipano(a) talvez represente a forma mais efetiva de aculturação. Dentre os pesquisados, 14% chegaram à cidade de Aracaju solteiros e casaram com sergipanas. O entrevistado sulista que, vindo solteiro, casou-se com uma baiana, exemplifica: “*Eu faço na cozinha os pratos mais de lá e ela faz os pratos daqui, por isso até, que a gente se dá tão bem, não é?*”, para em seguida dizer: “*Chimarrão eu tomo ainda, mas assim não é mais tanto, até porque... sozinho...*”<sup>117</sup>.

Entre os professores que têm filhos, 50% têm filhos nascidos em Sergipe, e certamente por isso não diriam que têm raízes “*aéreas*” ou “*de vento*” como disseram os

<sup>113</sup> Bernadete. Entrevista realizada em 14/09/06.

<sup>114</sup> Berry, 2004.

<sup>115</sup> Flusser, 1998.

<sup>116</sup> Bauman, 2005, p. 20

<sup>117</sup> Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

primeiros entrevistados, neste tópico. Dos 63 pesquisados que já têm filhos sergipanos, 70% dizem que não pretendem ir embora de Aracaju. Curioso o modo como um dos entrevistados compara suas “raízes” com outros migrantes que, parece, definitivamente não querem se estabelecer em terras sergipanas.

*Filhos? É, nasceram aqui. Na verdade, eu gosto muito daqui, nunca tive problema assim... quer voltar, que não acostuma... Vim pra ficar mesmo, não penso em voltar. Tenho dois filhos. Tem um pessoal de fora aqui... A mulher vai ter o parto... conheço... Não. Vou fazer cesariana lá porque não quero que seja sergipano, quero que seja paulista, ou mineiro. Conheço umas duas, três, ... Meus filhos nasceram aqui. Um tem dois anos, o outro, quatro meses<sup>118</sup>*

Segundo Berry, “a aculturação mais bem sucedida é aquela denominada ‘integração’”, entendida por ele como “processo e resultado do contato intercultural”, implicando em continuidade e mudança, reciprocidade e acomodação, o que “requer constantes negociações, dar e receber, baseada em conhecimento mútuo, confiança, segurança e respeito<sup>119</sup>”.

Tratando da multiplicidade de identidades possíveis, apontando para as chamadas identidades ‘híbridas’, Stuart Hall se refere ao movimento contraditório das identidades, entre ‘tradição’ e ‘tradução’ – de Robbins<sup>120</sup> - em que a primeira implica em resgatar a história, num retorno às origens, e a segunda, em negociar com novas culturas sem perder os vínculos com o passado.

Parece que as barreiras que separam as populações em deslocamento não são tão intransponíveis como se faz crer, porém a integração exige um esforço eminentemente emocional. O indivíduo está fora do seu ambiente natural, tem muita coisa nova para dar conta e, às vezes, muito solitariamente. As emoções ficam afloradas e intensifica-se o medo do “outro”.

*No final do primeiro ano minha ficha caiu: Nossa! Tô em Aracaju. Quando acalmou a questão profissional, quando consegui entender a história: Nossa! Tô em Aracaju tem um ano. Aí acho que começou uma outra história, a partir do primeiro ano. Acho que uma outra história<sup>121</sup>.*

Segundo Cunha, o paradoxo da migração está em conjugar emigração, no ponto de partida, e imigração, no lugar de chegada, definindo um “entre-lugar” que media pinturas presentes e pinturas passadas. Essa abordagem lhe permite analogia interessante com a

<sup>118</sup> Rubens. Entrevista realizada em 25/09/06.

<sup>119</sup> Berry, 2004, p. 29.

<sup>120</sup> Robbins, apud Hall, 2003, p. 87-89

<sup>121</sup> Luana. Entrevista realizada em 25/09/06.

chamada identidade em pentimento, ao captar a idéia do pintor que se arrepende e muda de idéia durante a feitura de um quadro<sup>122</sup>.

A análise de fenômeno tão complexo deve levar em conta a perspectiva do país de acolhimento, do país de origem e o ponto de vista dos atores eles mesmos. Por temporária que seja a estada, as relações estabelecidas no país de acolhida podem mudar de vez sua percepção do mundo e sua relação com o país de origem. Muitos experimentam o desejo de prolongar indefinidamente sua estada e mudam segundo seus interesses pessoais.

Perguntados se pretendem passar o “resto de suas vidas” em Aracaju, 55,5% de 196 pesquisados que responderam à pergunta, alegaram que sim, com a ressalva de que muitos se “incomodaram” com questionamento tão direto, dizendo resumidamente que não conseguem prever o futuro. Aqueles que responderam positivamente voltaram a justificar mediante os dois motivos já conhecidos: realização e estabilidade profissional (23%) e qualidade de vida (58%). Os percentuais revelam uma inversão na prioridade atribuída aos dois itens que, ao nosso ver, sugere a expectativa de uma vida futura, na aposentadoria, sem “trabalho”.

Entre os pesquisados que afirmaram não ter a intenção de permanecer pelo “resto de suas vidas” em Aracaju, cerca de 50% demonstram interesse em voltar para a terra natal e 37,3% ainda querem viver outras oportunidades e experiências. Embora pouco representativa (4%), merece destaque a alegação daqueles que se dizem preocupados com a formação e carreira dos filhos, para os quais Aracaju oferece poucas oportunidades.

Parece mesmo que o lugar onde a gente se sente “em casa” é aonde a sociabilidade se desenvolve e frui certa hospitalidade.

Associada originalmente ao campo da hotelaria, no que diz respeito à oferta de serviços de alimentação e acomodação, a hospitalidade vem se tornando objeto de estudos bem mais abrangentes no campo das ciências sociais. Concebida como um conjunto de comportamentos originários da própria base da sociedade, envolve mutualidade e troca na relação com forasteiros, em que se interpenetram os domínios social, privado e comercial.

No domínio social, fica claro que a hospitalidade varia no tempo e no espaço, envolvendo criação e extensão de relacionamentos, pressupondo a consideração do outro como semelhante<sup>123</sup>. De acordo com essa abordagem, “a hospitalidade não consiste em dar

---

<sup>122</sup> Cunha, 2007, p. 40-41.

<sup>123</sup> Ramos, 2003, p. 30.

espaço a outro, mas em receber o outro em seu espaço” e, portanto, “traz a riqueza da ‘experiência do contato’<sup>124</sup>”.

A hospitalidade se desenvolve na relação entre anfitriões e hóspedes quando se constrói um universo moral em que ambos concordam em fazer parte. O processo é transformativo de modo que tanto os que oferecem como os que recebem hospitalidade não são os mesmos, uma vez que “a hospitalidade transforma: estranhos em conhecidos, inimigos em amigos, amigos em melhores amigos, forasteiros em pessoas íntimas, não parentes em parentes<sup>125</sup>”.

Referindo-se à hostilidade como “irmã gêmea” da hospitalidade, Selwyn enfatiza que “ambas são meios alternativos de expressar relacionamento com o outro” e que “o posto de conceder hospitalidade não é tanto declarar guerra, mas apenas optar por ignorar a existência do outro<sup>126</sup>”.

Falar em hospitalidade, portanto, passa a ser muito mais do que falar em prestação de serviço. Significa falar da cultura do bem receber. O ato de acolher é um ato social, culturalmente construído e as práticas de hospitalidade, para que aconteçam, devem salvaguardar o direito à privacidade e à intimidade, potencializando a socialização dos indivíduos separados pelas suas subjetividades.

Acolher o outro é recebê-lo em nosso território, sem que deixemos a nossa casa, e sem que o estrangeiro abra mão da sua liberdade<sup>127</sup>. Na hospitalidade, há paradoxalmente distância e aproximação, como na relação “nativo” e “estrangeiro”.

Pensamos que, para nosso propósito, conceber a cidade – Aracaju - como lugar de sociabilidades neste mundo moderno, ou pós-moderno, implica em conceber a possibilidade de estar nela “incluído”. Inclusão que, desde o início pareceu requerer a inserção, senão o “sucesso profissional<sup>128</sup>”.

Constatamos que uma maioria de 145 (71%) - de 204 pesquisados que se dispuseram a responder à questão, conferiu a qualidade de “hospitaleira” à cidade de Aracaju, sendo que, desse total, 97 (67%) justificaram o porquê, conforme é possível observar na Tabela 28, a seguir.

---

<sup>124</sup> Godbout, apud Ramos, 2003, p. 30.

<sup>125</sup> Selwyn, 2004, p. 26-27.

<sup>126</sup> Selwyn, 2004, p. 36.

<sup>127</sup> Ramos, 2003, p. 30.

<sup>128</sup> Arnaldo. Entrevista realizada em 9/08/06.

TABELA 28 – Motivos, segundo os quais Aracaju é uma cidade hospitaleira.

Motivo	Discriminação	Abs	%	Abs	%
Sociabilidade Local	Povo acolhedor/receptivo/fui bem recebido	65	67,01	79	81,44
	Povo acolhedor, mas serviços são ruins (atendimento, hospital...)	5	5,15		
	Povo nordestino é mais hospitaleiro	4	4,12		
	Povo valoriza quem vem de fora	4	4,12		
	No início o povo é resistente, mas com o tempo fica mais fácil	1	1,03		
Outros	Cidade de fácil adaptação (pequena, muitos imigrantes...)	13	13,40	18	18,56
	Há espaço de trabalho	1	1,03		
	A cidade em desenvolvimento adquire essa característica	1	1,03		
	Estrutura de hospedagem e baixo custo de vida	1	1,03		
	Opções de diversão	1	1,03		
	Ritmo de vida tranquilo	1	1,03		
<b>Total</b>		<b>97</b>	<b>100,00</b>	<b>97</b>	<b>100,00</b>

Entre os 59 (29%) dos pesquisados que não atribuem a mesma qualidade à cidade, no entanto, um número mais representativo (76%) do que o anterior procurou razões que justificassem a resposta. Os resultados são apresentados na Tabela 29 e demonstram ser expressivo o número dos que consideram o povo local fechado, de difícil relacionamento e discriminador com quem vem de fora.

TABELA 29 - Motivos, segundo os quais Aracaju não é uma cidade hospitaleira.

Discriminação do Motivo	Abs	%
Povo fechado, de difícil relacionamento/resistente/relações superficiais	37	82,22
Povo discrimina quem vem de fora	4	8,89
Falta "cultura" de bem receber (turismo, serviços...)	4	8,89
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100,00</b>

Segundo sugerem alguns dos professores migrantes, inclusive moradores mais antigos, em seus depoimentos, ainda não haveria uma “cultura de bem receber” em Aracaju.

A entrevistada, residente há muitos anos e bem “integrada” a Aracaju, não deixa de reconhecer o que considera “uma realidade”. Segundo suas palavras, a cidade “se coloca” como hospitaleira porque, em tese, as pessoas ainda dispõem de tempo para receber, embora as características de formação histórica “tradicional” acabem por comprometer o próprio discurso. Nesse aspecto, a migrante baiana percebe que, muitas vezes, o “estrangeiro” acaba se destacando por um modo de ser mais aberto e acessível. E, referindo-se às pessoas mais humildes com que convive no seu cotidiano na cidade: *“Uma coisa que me perguntam até hoje: - A senhora não é daqui, não é? Porque a senhora conversa com a gente... A senhora cumprimenta, fala com a gente<sup>129</sup>”*.

Afora aproximações e estranhamentos, os professores migrantes vivem a seu modo a cidade, territorializam os espaços e, ainda que se queixem ou critiquem, agem e interagem, acabam por modificar o entorno. Se é que consideram, como um dos entrevistados, a cidade como “um projeto em aberto”, cada um escolhe seu próprio modo de viver nela.

As observações dos entrevistados quanto ao “ser ou não bem recebido” expressam a subjetividade de cada um e parecem depender muito de vivências anteriores, ao levar em conta, por exemplo, aquilo que fazia parte do seu cotidiano associado a um lar de origem e os motivos pelos quais deixaram tudo para trás. Sentir-se bem recebido implica em cotejar expectativas e a realidade conforme “sentida”.

Enfim, quantos não se sentiram um dia estrangeiros em sua “própria terra”?

---

<sup>129</sup> Carmem. Entrevista realizada em 25/06/07.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho, ponderamos que o olhar acadêmico constitui apenas um olhar entre tantos olhares que se projetam sobre a realidade social. Reconhecíamos que, na condição ambígua de sujeito e objeto da pesquisa – num lugar ainda que privilegiado, devíamos perseguir um mínimo de prudência teórica e metodológica. O intento era o de garantir a fidedignidade do discurso dos pesquisados, fosse a partir do texto escrito, dos questionários, ou da fala gravada nas entrevistas, especialmente quando protagonista da sua interpretação.

Lembrando que “o sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista<sup>1</sup>”, certamente nossa empatia com os pesquisados interferiu na forma de apresentação dos resultados. Assim, procuramos compor representações não hegemônicas, mas que pudessem espelhar a multiplicidade de imagens contidas no “caleidoscópio<sup>2</sup>” dos professores migrantes aos quais tivemos acesso, iluminando aspectos que, de nossa parte, consideramos relevantes na sua constituição.

Finalizado o ligeiro preâmbulo, passamos a refazer parte do percurso da investigação, apropriando-nos, para começar, de contexto figurativo que não nos é original, mas se aplica ao nosso propósito.

À bordo da “nau do tempo<sup>3</sup>”, Silva nos convida a com ela revisitar a cidade de Aracaju - prestes a completar seus 153 anos de idade, desde o nascedouro.

De porto em porto, acompanhamos a autora nessa viagem que se inicia nos tempos provinciais, quando a nova capital que ainda nem existia se vê, de repente, destinada a cumprir essa função. De forma *sui generis*, como já tivemos a oportunidade de comentar, a capital do menor estado brasileiro nasce com um requisito: o de ser “povoada” de acordo com o novo *status*, uma vez que até então vivia isolada e primitiva, rústica e bucolicamente, tranqüila nos seus afazeres da sobrevivência cotidiana.

Na parada inicial, presenciamos os primeiros habitantes, vindos da antiga capital, se debaterem entre a necessidade de realizar o “sonho que não sonharam<sup>4</sup>” e fugir do risco de contrair as “febres do Aracaju”, enquanto se obrigam a lidar com as queixas rancorosas dos que ficaram em São Cristóvão, acalentando a vontade de manter a realidade do seu próprio

---

<sup>1</sup> Bourdieu, Chamboredon e Passeron, 2000.

<sup>2</sup> Ainda uma vez, cabe a metáfora de. Silva, 2006.

<sup>3</sup> Silva, 2002, p. 127-141.

<sup>4</sup> Silva, 2002, p. 131.

sonho<sup>5</sup>. Numa rápida passagem, constatamos que a praia de Atalaia, aonde a doença não chegou, local de tão dificultoso acesso e por “parecer” tão longe, ainda “é terra de ninguém”.

Nesse “passeio” que fazemos guiados pela autora, meio apressados e movidos por outro interesse, saltamos propositadamente os detalhes da transformação da cidade planejada, cuja configuração, ao delimitar o espaço de pobres e ricos, segrega até hoje usos e costumes de quem vive “a cidade”, e “na cidade”. A modernidade, como em todo lugar que dissocia capital e trabalho, tem esse funesto preço.

Mas, o tempo passa e, com ele, as novidades se aceleram. Temos que acompanhá-las! Agora sim, aportamos finalmente, ao chegar em Aracaju há pouco mais de trinta anos atrás. Abandonamos a nau do tempo conduzida por Silva<sup>6</sup>, para refletirmos um pouco.

Quando aqui nos estabelecemos, em 1976, eram pouco mais de 200 mil os residentes. Conosco, e muitos outros que se seguiram, hoje essa população dobrou. Já são mais de 500 mil! De onde vem tanta gente? O que vêm fazer aqui?

E a cidade? De fato, como está mudada! De repente, parece insistir em se inserir no cenário global. Na dinâmica da interação entre espaço e sociabilidades, como continuar sendo uma cidade de nomes e rostos<sup>7</sup>?

Uma das nossas entrevistadas deu conta do mesmo processo que vivenciamos ao longo desses anos, ao dizer que percebeu que Aracaju cresceu quando nos anos 90 conseguiu passar um mês na cidade, ir aos lugares e não conhecer ninguém. Com ela, resgatamos as fases migratórias porque passou o estado e, muito especialmente sua capital, onde se concentra hoje o modo de viver “moderno”, com a proliferação especulativa dos condomínios residenciais - verticais e horizontais, viadutos, shoppings, grandes supermercados e lojas de conveniência, *fast food* e bares temáticos, enfim, toda sorte de “novidades” globais que homogeneizam as cidades, sem deixar de se chocar com os valores da cidade que nasceu tão “provinciana”.

Novidades na cidade, aceleradas pela compressão espaço-tempo, fazem “novos estranhos” se encontrarem. Mais gente vai chegando a Aracaju! Quem é essa gente?

Lembramos, sob a ótica da mesma entrevistada, da demanda por migrantes que, em Aracaju, se definiu fortemente a partir da década de 70, com a instalação da Petrobrás, cujos postos de trabalho requeriam perfil mais qualificado, mas ainda de escolaridade predominantemente média. Não pudemos deixar de recordar do nosso testemunho pessoal na

---

<sup>5</sup> Esse inusitado começo talvez revele algo a respeito da “falta de identidade” com que alguns pesquisados “enxergam” Aracaju.

<sup>6</sup> Silva, 2002, p. 127-141.

<sup>7</sup> Gama, apud Silva, 2002, p. 138.

mesma época quando, recém-instalada a Universidade Federal de Sergipe - curiosamente no território da “antiga” capital, perdemos a oportunidade de nela ingressar apenas com o Curso de Graduação. A vaga não disputada quando, na condição de migrante por outras razões, não fizemos a escolha que poderia ter mudado o rumo da nossa vida, parece ter contribuído para levar-nos ao objeto desta pesquisa: *professores universitários migrantes em Aracaju*.

Pensamos ter evidenciado, ao longo do trabalho, a realidade que se faz mais e mais presente. Sendo significativo o número de migrantes no estado e na sua capital, certamente é bastante representativa, nesse conjunto, a participação de professores universitários, especialmente nas duas principais instituições de ensino superior da cidade, setor em franca expansão pelo menos desde o início do século.

O fenômeno que atinge Aracaju é mundial e, segundo vimos, caracteriza o novo padrão migratório que vem afetando principalmente as cidades de médio porte, através de novos deslocamentos entre áreas urbanas, e em outras direções. No caso brasileiro, a categoria na qual focamos o olhar parece delinear um novo perfil de “retirante”, conjugando a expulsão do lugar de origem com a atração da terra de acolhimento onde encontrou trabalho e, algo mais: qualidade de vida. De modo que, diferentemente dos retirantes da seca sertaneja, muitos dos que agora fazem o caminho inverso não guardam muita saudade, nem pensam muito em voltar.

Nômades e consumidores, movidos mais pela provisoriidade da migração do que pela estabilidade do emprego, se porventura não criaram raízes, há quem cogite em aportar em lugares ainda mais promissores do ponto de vista profissional e pessoal. Seriam igualmente portadores do *habitus* de migrante, forjado por Xavier de Brito nos seus estudos sobre brasileiros na França?<sup>8</sup>

Categoria muito peculiar essa, do “intelectual migrante”, no qual se confundem aproximações e estranhamentos, e se encontra, ora a erudição do acadêmico a querer explicar tudo, ora a condição do pequeno burguês, na amplitude da indefinível classe média, a reclamar de quase tudo, senão a “tentar” aceitar a diferença. Da universalidade da estranheza, própria da condição intelectual, à estranheza bastante localizada de quem, de repente, se faz esquecido do espírito científico, e adota a postura etnocêntrica do cidadão comum, como o “senhor da significância<sup>9</sup>”. Se em lugar algum nem mesmo consigo próprio é mais possível

---

<sup>8</sup> Xavier de Brito, 2004.

<sup>9</sup> Lins, 1997.

estar “em casa”<sup>10</sup>”, constatamos que enquanto para alguns é mais fácil viver na condição de “ser estrangeiro”, para outros parece desesperadamente mais difícil “sentir-se estrangeiro”.

De um extremo a outro, encontramos o choque cultural mesmo por parte de quem é também nordestino. Tal fato provavelmente pode ser atribuído às relações de dominação presentes na região na qual Sergipe por muito tempo, senão ainda, foi ou é ponto de passagem entre metrópoles de raízes históricas<sup>11</sup>.

Identificando as ilhas desse grande arquipélago brasileiro cheio de peculiaridades, Flusser já constataria, na sua experiência, que “é fácil viver-se no Brasil enquanto imigrante, e desesperadamente difícil integrar-se nele”<sup>12</sup>. No âmbito do território da mesma nação, essa integração parece, às vezes, também se mostrar problemática. Será mesmo que, no Brasil, só se chega ao nacional através do regional?<sup>13</sup>

No trabalho em que nos propusemos a captar a invariante na variante<sup>14</sup>, acabamos por aprender muito sobre as idiossincrasias de seres humanos num mundo que, sem limites territoriais, continua levantando fronteiras culturais. Enquanto uns se perguntam por que vieram parar aqui e se queixam “desse povo”, outros dizem que “não agüentam mais ouvir os ‘estrangeiros’ reclamando da cidade”<sup>15</sup>.

O contraste recorrente entre comportamentos resistentes e arredios em relação a outros, bem mais pró-ativos quanto à integração, e a postura ambivalente, num mesmo pesquisado, em visível conflito com seus gostos contraditórios, não favorece generalizações, exceto a que possa corroborar a assertiva de Flusser, para um mesmo contexto nacional.

Ao longo do tempo em que nos dedicamos, incessantemente, a buscar elementos que justificassem o tema escolhido, testemunhamos diversas situações que poderiam ser agora resgatadas. Uma delas, bastante pessoal e absolutamente oportuna para o momento, foi vivenciada por nós há poucas semanas e ilustra os sentimentos vividos pelos agentes, a partir da diferença construída nas relações sociais.

Numa reunião de jovens amigas de infância, todas sergipanas, na faixa dos 30, ouvimos se referirem a uma outra que partira de Aracaju, há mais de 10 anos, acompanhando a mãe, na oportunidade em que essa teve atendido o seu pedido de transferência profissional para a cidade de Curitiba. Participando de concurso naquela cidade, uma das garotas acabava de chegar e relatava as dificuldades de convívio com a amiga que a hospedara e à qual, todas

---

<sup>10</sup> Bauman, 2005, p. 20.

<sup>11</sup> Quem ainda não ouviu falar no “quintal da Bahia?”.

<sup>12</sup> Flusser, 1998, p. 45.

<sup>13</sup> Oliven, 2006, p. 210.

<sup>14</sup> Bourdieu, 1996, p. 15.

<sup>15</sup> Os depoimentos (entre aspas) foram encontrados nos questionários aplicados.

são ligadas por fortes laços de amizade. Dizendo-se encantada com a beleza dos rapazes “de lá”, que segundo ela não encontra “aqui”, a mesma demonstrava forte irritação com o modo como a amiga se refere hoje à Aracaju, insistindo rotineiramente, inclusive por e-mail, em criticar quem consegue viver nesse lugar, onde nunca mais quer voltar.

O teor do relato, protagonizado por uma sergipana “da gema” - como poderíamos rotular, não foge ao padrão de muitos daqueles que obtivemos junto aos pesquisados, todos “estrangeiros”, segundo diferentes naturalidades. O processo é idêntico no seu conteúdo e fornece pistas interessantes sobre a esfera emocional como profícuo campo investigativo na ordem social “dessa” modernidade. Trata-se dos sintomas de necessidade humana de “sobrevivência”, mediante mecanismos de defesa da auto-estima que requerem a desvalorização do “outro”. Ou seja, a afirmação de um se dá através do “temor do outro”.

As pequenas narrativas individuais que captamos através dos questionários, entrevistas e no nosso laboratório permanente de observação, por vezes ambivalentes e contraditórias, evidenciam o fim da possibilidade de qualquer narrativa uniformizadora. Com a globalização acelerada de contextos locais, intensificada pelos novos fluxos migratórios, a recorrente demanda por identidades se torna cada vez mais problemática enraizando-se no cotidiano das relações, num movimento de bricolagem permanente. Não há mais como saber quem “de fato” somos, num mundo que parece negar-nos qualquer identidade.

Como já atestáramos, na “carona” da nau do tempo, a heterogeneidade de agentes individuais e grupais *pari-passu* com a dinâmica incessante das trocas sociais, de que as cidades constituem o lugar por excelência, têm transformado profundamente a “cultura” do lugar “Aracaju”. Através de toda sorte de maneiras de ser, agir, pensar e sentir, se processa o caráter reflexivo da identidade, em que contatos, diferenças e disputas afloram, colocando cada um de nós diante do outro, sem qualquer comunidade de pertencimento fixo, exclusivo ou definitivo<sup>16</sup>.

Como toda cidade, Aracaju tem perdas e ganhos nesse processo. Do tempo das cadeiras nas calçadas ao dos condomínios de cercas eletrificadas, se estabelecem novas ordens hierárquicas e novas estruturas e mecanismos de estranhamento. Na relação entre “nativos” e “estrangeiros”, alternam-se o saudosismo do passado e a insegurança quanto ao futuro.

Nesse contexto, o que se poderia esperar de intelectuais acadêmicos que chegam à cidade, na condição do estrato mais aberto do ponto de vista econômico?

---

<sup>16</sup> Agier, 2001, p. 23.

De nossa parte, após todo o caminho reflexivo percorrido, pensamos ser possível esperar, ao menos, que assumam suas próprias tensões e conflitos, cientes e motivados a superarem as condições sociais desfavoráveis à democratização do conhecimento. Quem sabe, possamos apostar, assim, numa convivência mais harmoniosa entre o local e o global ou “não local”?

Sugerimos a “receita” da entrevistadas como objeto de última reflexão:

*Às vezes eu sinto que a gente cai numa coisa de falar muito mal... Do lugar que você veio pra morar! (...). Então 'tá bom, se é mal, então vá embora! Não dá pra ficar só falando mal. Eu tenho que olhar o que tem de bom pra mim, nessa cidade. (...). Eu vim. E aí...*  
*Quanto estiver em Aracaju, eu gosto de Aracaju. Eu falo que sou aracajuana!*  
*Quando eu estiver em Brasília eu gosto de Brasília e eu sou brasiliense.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ARRUDA, Ângela (Org.). **Representando a alteridade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 164 p. (Psicologia Social).

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994. 110 p.

\_\_\_\_\_. **O sentido dos outros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (Org.). **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BAENINGER, Rosana. Novos espaços da migração no Brasil, nos anos 80 e 90. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/NovosEspacesdaImigracaoNoBrasilAnos80e90.pdf> Acessado em: 18/08/2006

\_\_\_\_\_. Interiorização da migração em São Paulo: novas territorialidades e novos desafios teóricos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14., 2004. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2004. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_545.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_545.pdf) Acessado em: 18/08/2006

\_\_\_\_\_. Tendências das migrações Internas no Brasil. **Ciência Hoje, Revista de Divulgação Científica da SBPC**, Rio de Janeiro, v. 37, set. 2005.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade**: reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, out. 2003.

BARROS, Vitor David de. Gramáticas emocionais: estratégias identitárias de uma brasileira em Portugal. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, UFPB, v. 5, n. 13, abr. 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **As conseqüências humanas da globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.

- \_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- BERNARDO, Gustavo. Prefácio: a Épokhé Brasileira. In: FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro**: em busca de um novo homem. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- BERRY, John W. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José (Orgs.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BEZERRA JR, Benilton. A solidão de não pertencer: uma observação a partir de um fragmento de Clarice Lispector. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares**: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- BOLETIM INFORMATIVO DA CACESE – CASA DO CEARENSE DE SERGIPE, Aracaju, v. 2, n. 4, abr./maio 2006
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O Poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes: 1997.
- \_\_\_\_\_. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001a.

\_\_\_\_\_. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001b.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

\_\_\_\_\_; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão do sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986. 173 p.

BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Brasil,%20Final%20de%20Século%20-%20A%20Transição%20Para%20Um....pdf> Acessado em 18/08/2006

\_\_\_\_\_. Urbanização, metropolização e mobilidade espacial: um breve ensaio além dos números. In: TALLER NACIONAL SOBRE “MIGRACIÓN INTERNA Y DESARROLLO EN BRASIL: DIAGNÓSTICO, PERSPECTIVAS Y POLÍTICAS”, 30 abr. 2007. **Anais...** Brasília: CEPAL, CELADE-División de Población y Banco Interamericano de Desarrollo (BID), 2007. Disponível em: <http://www.eclac.org/celade/noticias/paginas/4/28454/FBrito.pdf> Acessado em: 27/10/2007

BRITO, Fausto; MARQUES, Denise. As grandes metrópoles e as migrações internas: um ensaio sobre o seu significado recente. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 4., 2005. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEP, 2005. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/ST5-1.pdf> Acessado em 18/08/2006

BROTHERTON, Bob; WOOD, Roy C. Hospitalidade e administração da hospitalidade In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison.(Orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004.

CABIN, Philippe. Dans les coulisses de la domination: la sociologie de Pierre Bourdieu. In: CABIN, Philippe; DORTIER, Jean-François. **La sociologie**: histoire et idées. Paris: Sciences Humaines Editions, 2000.

CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octávio (Orgs.). **Homem e sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

CASTELLS. Manuel. **A sociedade em rede**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 1)

CELADE. Migración interna muestra signos de transformación. Temas de población y desarrollo. **CELADE – División de Población de la CEPAL**, n. 6, 2006. Disponível em: [www.eclac.cl/celade/noticias/noticias/4/26404/PyDMI\\_6.pdf](http://www.eclac.cl/celade/noticias/noticias/4/26404/PyDMI_6.pdf) Acessado em: 09/02/2007.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do Cotidiano**: as artes do fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

COSTA, Cléria Botelho da. Eu e as fronteiras do outro. **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo: CEMSP, n. 19, maio/ago. 1994.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade**: reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, José Marcos Pinto da. O uso das PNADs na análise do fenômeno migratório: possibilidades, lacunas e desafios metodológicos. In: SEMINÁRIO “PNADS DA DÉCADA DE 90: UMA AVALIAÇÃO”. **Texto para discussão**, n. 875, Rio de Janeiro, IPEA, 2002.

\_\_\_\_\_. A migração no Brasil no começo do século 21: continuidades e novidades trazidas pela PNAD 2004. In: TALLER NACIONAL SOBRE “MIGRACIÓN INTERNA Y DESARROLLO EN BRASIL: DIAGNÓSTICO, PERSPECTIVAS Y POLÍTICAS”, 30 abr. 2007. **Anais...** Brasília: CEPAL, CELADE-División de Población y Banco Interamericano de Desarrollo (BID), 2007. Disponível em: <http://www.eclac.org/celade/noticias/paginas/4/28454/MPinto.pdf> Acessado em: 27/10/2007

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. Memórias da migração: a identidade em pentimento. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Migração e identidade**: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007a

\_\_\_\_\_. Língua e identidade em vidas migrantes. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Migração e identidade**: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007b.

DA MATA, Daniel; OLIVEIRA, Carlos Wagner de A.; PIN, Cedric; RESENDE, Guilherme. Quais características das cidades determinam a atração de migrantes qualificados?. **Texto pra discussão**, n. 1.305, Brasília, IPEA, 2007.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. Nação e região: em torno do significado cultural de uma permanente dualidade brasileira. In: SCHÜLER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (Orgs.). **Cultura e identidade regional**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DE MASI, Domenico. O fascínio da cidade pequena. **Revista Época**, jul. 2006.

DEBIAGGI, Sylvia Dantas. Migração e implicações psicológicas: vivências reais para o indivíduo e o grupo. **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo: CEMSP, n. 53, set./dez. 2005.

\_\_\_\_\_; PAIVA, Geraldo José (Orgs.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DINIZ, Dora Neuza Leal. O processo de verticalização em Aracaju. In: FRANÇA, Vera Lúcia Alves; FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira (Orgs.). **Aracaju: 150 anos de vida urbana**. Aracaju: PMA/SEPLAN, 2005.

DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

DURKHEIM, Emile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Educação superior brasileira: 1991-2004**: Sergipe. Brasília, 2006.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira. A cidade e o desenvolvimento sustentável. In: HANSEN, Dean Lee; FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira; SILVA, Nilton Pedro da (Orgs.). **Estudos econômicos sobre tecnologia e desenvolvimento regional**. Aracaju: PMA/SEPLAN, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

FGV/PROJETOS. **Índice de condições de vida nas capitais dos estados do Brasil**. Disponível em: <http://www.fgv.br/fgvprojetos/arq/Apresentação%20ICV%20II.pdf> Acesso em 21/11/05

FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves. O direito à cidade de Aracaju. In: FRANÇA, Vera Lúcia Alves; FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira (Orgs.). **Aracaju: 150 anos de vida urbana**. Aracaju: PMA/SEPLAN, 2005.

GARCIA, Antonio Carlos. Sergipe acolhe 220 mil imigrantes: Estado é o primeiro do Nordeste em número de habitantes oriundos de outras unidades da federação. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 24 e 25 set. 2006.

GASPAR, Marta Maria & PORTO, Clara Angélica. De Sergipe a Aracaju, uma história de conquistas. Planejamento urbano: não há depois do céu mais formosura. In: Aracaju. Com – o site de Aracaju. Disponível em: [http://www.cidadedearacaju.com.br/aju\\_hist.sht](http://www.cidadedearacaju.com.br/aju_hist.sht). Acessado em: 22/10/07.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2002

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

GUIMARÃES, Reinaldo. A diáspora: um estudo exploratório sobre o deslocamento geográfico de pesquisadores brasileiros na década de 90. **DADOS, Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, 2002.

HAKKERT, Ralph; MARTINE, George. Tendências Migratórias Recentes no Brasil: As Evidências da PNAD de 2004. In: TALLER NACIONAL SOBRE “MIGRACIÓN INTERNA Y DESARROLLO EN BRASIL: DIAGNÓSTICO, PERSPECTIVAS Y POLÍTICAS”, 30 abr. 2007. **Anais...** Brasília: CEPAL, CELADE-División de Población y Banco Interamericano de Desarrollo (BID), 2007. Disponível em: <http://www.eclac.org/celade/noticias/paginas/4/28454/RHakkert.pdf> Acessado em: 27/10/2007

HAESBAERT, Rogério. Ser ‘gaúcho’ no Nordeste. **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo: CEMSP, n. 19, maio/ago. 1994.

\_\_\_\_\_. Da desterritorialização à multiterritorialidade. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., de 20 a 26 de março de 2005. **Anais...** São Paulo: FFLCH-USP, 2005a. Disponível em: [http://mazinger.sisib.uchile.cl/repositorio/ap/arquitectura\\_y\\_urbanismo/h20054111314desterritorializacion.pdf](http://mazinger.sisib.uchile.cl/repositorio/ap/arquitectura_y_urbanismo/h20054111314desterritorializacion.pdf) Acessado em: 18/04/2006

\_\_\_\_\_. Migração e desterritorialização. In: POVOA NETO, Hélión; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005b.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. O migrante da racionalização global. In: Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM); et al. **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

IANNI, OTÁVIO. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1996.

\_\_\_\_\_. **Tipos e mitos da modernidade**. Conferência proferida na III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural. Campinas, SP: IFCH-UNICAMP, 2000. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2475.doc> Acessado em: 18/04/2006

IBGE. **Censo Demográfico 2000**.

IBGE. **Tendências demográficas**: uma análise da amostra do Censo Demográfico 2000.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Primeiros Passos, 39).

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura/Grem, 2004.

\_\_\_\_\_. Medos corriqueiros: em busca de uma aproximação metodológica. **Conceitos**, v. 5, n. 8, p.120-126, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://209.85.165.104/search?q=cache:nUkRMUTiSpAJ:www.cchla.ufpb.br/grem/Medos%2520Corriqueiros.%2520Revista%2520Conceitos.%2520N.%25208.pdf+Medos+corriqueiros+Conceitos+KOURY,+Mauro&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br> Acessado em: 27/10/2006

\_\_\_\_\_. Viver a cidade: um estudo sobre pertença e medos. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, UFPB, v. 4, n. 11, p. 148-156, 2005.

\_\_\_\_\_. As ciências sociais das emoções: um balanço. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, UFPB, ago./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. **O vínculo ritual**: um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo. João Pessoa: Edições do GREM, Editora Universitária / UFPB, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. IN: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

LAHSLEY, Conrad. Por um entendimento teórico. IN: \_\_\_\_\_; MORRISON, Alison (Orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Aracaju, SE: Editora UFS, 2004.

LEMOS, Alan Alexander Mendes; SANTOS FILHO, Eurílio Pereira; JORGE, Marco Antonio. Um modelo para análise socioeconômica da criminalidade no município de Aracaju. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 35, n. 3, jul./set. 2005.

LIMA, Marcus; VALA, Jorge. Dimensões e significados das identidades sociais. In: VALA, Jorge (Coord.). **Simetrias e identidades: jovens negros em Portugal**. Portugal: Celta Editora, 2003.

LINS, Daniel Soares. Como dizer o indizível. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Cultura e subjetividades: saberes nômades**. Campinas: Papirus, 1997.

LOPES, Eliano Sérgio Azevedo. Sergipe: o medo venceu a esperança. **TOMO, Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, n. 4, 2001. <http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obed0031.pdf>  
Acessado em: 20/10/2006

LOPES JÚNIOR, Edmilson. Aportes para uma sociologia dos deslocamentos e das culturas móveis. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT\\_MIG\\_ST1\\_lopes\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_lopes_texto.pdf)  
Acessado em: 18/08/2006

MANHEIM, Karl. Isolamento social. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio (Orgs.). **Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral**. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

MARTINS, José de Souza. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM); et al. **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, Manifesto do Partido Comunista. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). **O manifesto comunista 150 anos depois**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. 207 p.

MATHEUS, Zilda Maria. A idéia de uma cidade hospitaleira. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. **Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MENEZES, Frederico Lucena de. Migração: uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti (Org.). **Migração e identidade: olhares sobre o tema**. São Paulo: Centauro, 2007.

MICELLI, Sérgio. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MOTTA, Diana Meirelles da e AJARA, César. Configuração da rede urbana do Brasil. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 100, jan./jun. 2001.

NOGUEIRA, Adriana Dantas. **Análise sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju (1855-2003)**. Salvador, 2004. 364 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia.

\_\_\_\_\_. Abordagem sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju de 1995 a 2003. In: FRANÇA, Vera Lúcia Alves; FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira (Orgs.). **Aracaju: 150 anos de vida urbana**. Aracaju: PMA/SEPLAN, 2005.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **Urbanização e migrações: reflexões gerais para auxiliar na interpretação do fenômeno no Brasil**. Brasília: UnB, s.d. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/grupo/brasilmar/urbanizacao.pdf> Acesso em: 12/03/2007

OGBURN, William F. e NIMKOFF, Meyer F. Acomodação e assimilação. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio (Orgs.). **Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral**. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

OLIVEIRA, Kleber F. **Dinâmica migratória em Sergipe: uma abordagem a partir de alguns fatores estruturais**. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas - IBGE.

\_\_\_\_\_. **Quem são e como vivem os “ricos” de Sergipe?** 2007. Mimeografado.

OLIVEIRA, Luis Antonio Pinto de. As tendências recentes do crescimento populacional do Nordeste. SEMINÁRIO QUANTOS SOMOS E QUEM SOMOS NO NORDESTE, Análise do censo demográfico 2000/IBGE, 26 a 28 abril 2004. **Anais...** Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2004. Disponível em: [http://www.fgf.org.br/centrodedocumentacao/publicacoes/qsqsne/03\\_LuisAntonioOliveira.pdf](http://www.fgf.org.br/centrodedocumentacao/publicacoes/qsqsne/03_LuisAntonioOliveira.pdf) Acessado em: 20/10/2006.

OLIVEIRA, Paula Rebello M. De Oliveira. O migrante, seu drama psíquico e a recepção das diferenças. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 148 p.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998. 234 p.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1976.

PATARRA, Neide. Tendências e modalidades recentes das migrações internas e distribuição populacional no Brasil: um olhar para o Nordeste. SEMINÁRIO QUANTOS SOMOS E QUEM SOMOS NO NORDESTE, Análise do censo demográfico 2000/IBGE, 26 a 28 abril 2004. **Anais...** Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2004. Disponível em: [http://www.fgf.org.br/centrodedocumentacao/publicacoes/qsqsne/05\\_NeidePatarra.pdf](http://www.fgf.org.br/centrodedocumentacao/publicacoes/qsqsne/05_NeidePatarra.pdf)  
Acessado em: 20/10/2006

PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares**: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Novo Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. 2003. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas/>  
Acesso em: 27/10/2006

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e migrações internacionais**: o bem receber e o ser bem recebido. São Paulo: Aleph, 2003.

RAPCHAN, Eliane Sebeika. O uso da narrativa nas ciências sociais: algumas notas e reflexões acerca de suas possibilidades. In: MONTENEGRO, Antonio Torres; FERNANDES, Tânia Maria (Orgs.). **História oral**: um espaço plural. Recife: Universitária, UFPE, 2001.

REZENDE, Cláudia Barcellos. Saudades de casa? Identidade nacional no prisma da antropologia das emoções. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, UFPB, ago./dez. 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

SABBADINI, Ricardo e AZZONI, Carlos Roberto. Migração interestadual de pessoal altamente educado: evidências sobre a fuga de cérebros. ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 34., 5 a 8 dez. 2006. **Anais...** Salvador: ANPEC, 2006. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A026.pdf> Acessado em: 20/10/2007

SALES, Teresa; REIS, Rossana Rocha (Org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_; BAENINGER, Rosana. Migrações internas e internacionais no Brasil: panorama deste século. **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo: CEMSP, n. 36, jan./abr. 2000.

SALES, Teresa. Brasileiros longe de casa. **Ciência Hoje, Revista de Divulgação Científica da SBPC**, v. 37, set. 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno. **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo: CEMSP, edição especial, jan. 2000.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SELWYN, Tom. Uma antropologia da hospitalidade IN: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Orgs.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, n. 20, maio/ago. 2002.

SILVA, Inaê Elias Magno da. **Quando a cidade chega à praia: estudo de exclusão social urbana**. Brasília, 1997. 165 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia de Universidade de Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. **Brasília, a cidade do silêncio**. Brasília, 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. Pensamento complexo: alternativa para o resgate intelectual ad totalidade urbana. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, UFPB, ago./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. A bordo da nau do tempo: uma viagem pela história de Aracaju. **Revista de Aracaju**, Aracaju, v. 1, n. 1, 2002.

SILVA, Tânia Elias Magno da. Planejamento urbano e problemas ambientais ou a cidade das flores em jardins de cogumelos. **CANDEEIRO, Revista de Política e Cultura da Seção Sindical dos Docentes da UFS**, Aracaju: Associação dos Docentes da Universidade Federal de Sergipe, v.5, n. 7/8, ago. 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu, A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otavio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983a. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 34).

\_\_\_\_\_. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983b. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 34).

\_\_\_\_\_. O conceito e a tragédia da cultura. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UNB, 1998a.

\_\_\_\_\_. A aventura. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UNB, 1998b.

SOARES, Weber. Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT MIG ST1 soares texto.pdf>  
Acessado em: 18/08/2006

SOUZA, Alysson Cristian Rocha Souza. Paisagens e transeuntes: notas sobre o espaço e as sociabilidades no bairro Jardins. In: FRANÇA, Vera Lúcia Alves; FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira (Orgs.). **Aracaju: 150 anos de vida urbana**. Aracaju. PMA/SEPLAN, 2005.

SOUZA, Fernando Antonio Santos. Um olhar sobre Aracaju em busca de um novo paradigma urbano. In: FRANÇA, Vera Lúcia Alves; FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira (Orgs.). **Aracaju: 150 anos de vida urbana**. Aracaju. PMA/SEPLAN, 2005.

SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UNB, 1998. 274 p.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e máscaras: a busca da identidade**. São Paulo: EDUSP, 1999.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. Schutz e Simmel: sobre os dilemas da condição social do “estrangeiro”. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, jul./dez. 2001.

TEDESCO, João Carlos. **Georg Simmel e as sociabilidades do moderno: uma introdução**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da “hospitalidade” IN: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Orgs.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum: ensaio de antropologia geral**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. 175 p.

URRY, John. Mobility and connections. Disponível em: <http://perso.wanadoo.fr/ville-en-mouvement> Acesso em: 12/02/2006

VANDENBERGUE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Bauru: EDUSC; Belém: EDUFPA, 2005.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose: antropologia nas sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

WACQUANT, Loïc. Notas para esclarecer a noção de habitus. Trad. José Madureira Pinto; Virgílio Borges Pereira; revista por Carla Augusto e pelo Autor. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, UFPB, v. 6, n. 16, abr. 2007.

WAGNER, Helmut R. Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia. In: SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WAILSELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Brasília/DF: OEIA (Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura), 2007.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: \_\_\_\_\_. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora da UNB, 1994.

\_\_\_\_\_. A objetividade do conhecimento em ciência social e na ciência política. In: \_\_\_\_\_. **Metodologia das ciências sociais**. Parte 1. São Paulo: Cortez, Editora da UNICAMP, 2001.

WEINSTEIN, Barbara. A Pesquisa sobre Identidade e Cidadania nos EUA: da Nova História Social à Nova História Cultural. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998.

WIESE, Leopold Von e Becker, H. O contato social. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio (Orgs.). **Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral**. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

XAVIER DE BRITO, Ângela. Rei morto, rei posto? As lutas pela sucessão de Pierre Bourdieu no campo acadêmico francês. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, n. 19, jan./abr. 2002. Disponível em: [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_03\\_ANGELA\\_XAVIER\\_DE\\_BRITO.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_03_ANGELA_XAVIER_DE_BRITO.pdf) Acessado em: 20/10/2007

\_\_\_\_\_. Habitus e quotidien des personnes en déplacement. IN: LAHLOU, M. (ed.). **Histoires familiales, identité, cytoyenneté**. LYON: L'interdisciplinaire, 2002, p. 55-70.

\_\_\_\_\_. Les étudiants étrangers: des personnes en déplacement. IN: MALEWSKA-PEYRE H.; TANON F., Sabatier C. (eds.). **Identités, alterités, acculturation**. Paris: L'Harmattan, 2002, pp. 107-122.

\_\_\_\_\_. *Habitus* de herdeiro, *habitus* escolar: os sentidos da internacionalização nas trajetórias dos estudantes brasileiros no exterior. In: ALMEIDA, A.M.F.; CANEDO, L.B.; GARCIA, A.

BITTENCOURT, A.B. (Orgs.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2004, p. 85-104.

YUNES, Maria Ângela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, n. esp., 2003, p. 75-84.

## APÊNDICE A - Identificação dos entrevistados.

Nome (1)	Naturalidade	Região	Idade	Estado civil	Filhos	Moradia em Aracaju (2)	IFE	Data	Local
<b>Arnaldo</b>	Paraná	Sul	40	Casado	Não	6 anos	UFS	09/08/06	UFS
<b>Marcelo</b>	São Paulo	Sudeste	39	Solteiro	Não	4 anos (1996-2000) 2 anos (2004-2006)	UFS	30/08/06	Residência
<b>Luana</b>	Espírito Santo	Sudeste	30	Solteira	Não	2 anos	UNIT	11/09/06	Sala de aula
<b>Bernadete</b>	São Paulo	Sudeste	31	Casada	2	2 anos	UNIT	14/09/06	Residência
<b>Emília</b>	Rio Grande do Sul	Sul	44	Solteira	Não	2 anos	UNIT	20/09/06	Residência
<b>Rubens</b>	São Paulo	Sudeste	39	Casado	2	3 anos	UNIT	25/09/06	Minha residência
<b>Cristina</b>	Paraná	Sul	37	Casada	1	3 anos	UNIT	27/09/06	Consultório e residência
<b>Anselmo</b>	Rio Grande do Norte	Nordeste	35	Casado	Não	4 anos	UFS	27/09/06	Residência
<b>Carmem</b>	Bahia	Nordeste	55	Divorciada	2	36 anos	UFS	25/06/07	Residência
<b>Rosa</b>	Pará	Norte	32	Casada	1	2 anos	UFS	7/11/07	Residência
<b>Flávia</b>	Brasília	Centro-Oeste	30	Solteira	Não	1 ano e meio	UFS	17/12/07	UFS

(1) Nomes foram alterados para preservar o anonimato dos entrevistados.

(2) O ano de referência é o da data de realização da entrevista.

**APÊNDICE B – Questionário aplicado na UFS.**

Aracaju, 2 de abril de 2007

Prezado(a) professor(a),

Aluna do Curso de Mestrado em Sociologia da UFS, natural de Curitiba e residente em Aracaju há 30 anos, desenvolvo projeto de pesquisa sobre "Inserção e sociabilidades de professores universitários - imigrantes em Aracaju".

Estima-se que 220 mil habitantes de Sergipe são oriundos de outras unidades da federação e de outros países (11,2% do total da população). Dos 615 professores ativos da Universidade Federal de Sergipe, 317 são "de fora", o que representa cerca de 52% do total.

Considerando que o sr(a) faz parte desse grupo, teria a maior satisfação em contar com a sua colaboração, respondendo este questionário e devolvendo-o através do Departamento onde está lotado até o dia 30 de abril de 2007.

Na certeza de contar com sua atenção, antecipadamente agradeço,

Maria Luisa Scardini

E-mail: [luisascardini@superig.com.br](mailto:luisascardini@superig.com.br) – Fones: 3255-3694 / 9972-8268

### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo ( ) Masculino ( ) Feminino Idade \_\_\_\_ Naturalidade \_\_\_\_\_ (Cidade/Estado)

Nível de escolaridade ( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Pós-doutorado

Área \_\_\_\_\_ Outra(s) atividade(s) fora da UFS? Qual(is)? \_\_\_\_\_

Situação conjugal atual ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Vive como casado ( ) Divorciado ( ) Separado ( ) Viúvo

Situação conjugal ao chegar ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Vive como casado ( ) Divorciado ( ) Separado ( ) Viúvo

Naturalidade do cônjuge/companheiro(a) \_\_\_\_\_ (Cidade/Estado)

Filhos ( ) Sim ( ) Não Caso positivo: Quantos? \_\_\_\_ Naturalidade dos filhos \_\_\_\_\_

Renda familiar ( ) Menos de 5 SM ( ) 5,1 a 10 SM ( ) 10,1 a 15 SM ( ) 15,1 a 20 SM ( ) 20,1 SM a mais

### 2. RESIDÊNCIA E MOTIVO DA MIGRAÇÃO

Ano em que conheceu Aracaju \_\_\_\_\_ Desde que ano mora em Aracaju \_\_\_\_\_ Bairro onde mora \_\_\_\_\_

Por que veio morar em Aracaju? (Descreva em poucas palavras o motivo de sua vinda) \_\_\_\_\_

### 3. IDENTIDADE URBANA

O que mais gosta em Aracaju \_\_\_\_\_

O que menos gosta em Aracaju \_\_\_\_\_

Coisas de que sente falta em Aracaju \_\_\_\_\_

### 4. INSERÇÃO E SOCIABILIDADES

Seu círculo de amizades mais íntimo (que frequenta sua casa) é:

( ) predominantemente de conterrâneos ( ) bem distribuído/não há diferença

( ) predominantemente de imigrantes como você ( ) outro \_\_\_\_\_

( ) predominantemente de sergipanos

Participa de organizações associativas locais (entidade de classe, condomínio, partido político,...)?

( ) sim ( ) não Em caso positivo, qual (quais)? \_\_\_\_\_

Acompanha a política local? ( ) sim ( ) não

Vota em Aracaju? ( ) sim ( ) não Em caso positivo, desde quando? \_\_\_\_\_

Três lugares que costuma freqüentar nos momentos de lazer \_\_\_\_\_

Costuma voltar à terra natal

( ) uma vez por ano

( ) sem regularidade

( ) a cada dois anos

( ) outro \_\_\_\_\_

Como se sente em relação a morar em Aracaju:

( ) completamente adaptado

( ) completamente inadaptado

( ) parcialmente adaptado

( ) outro \_\_\_\_\_

Por que? \_\_\_\_\_

## 5. AVALIAÇÃO E PLANOS

Em Aracaju, sua vida ( ) mudou para melhor ( ) não mudou ( ) piorou

Por que? \_\_\_\_\_

Pretende passar o resto da vida em Aracaju? ( ) sim ( ) não

Por que? \_\_\_\_\_

Você considera Aracaju uma "cidade hospitaleira"? ( ) sim ( ) não

Por que? \_\_\_\_\_

**OUTROS COMENTÁRIOS (LIVRE)** \_\_\_\_\_

## 6. ÚLTIMA QUESTÃO:

Se já não o fez, gostaria de conceder-me uma entrevista? ( ) sim ( ) não

Em caso positivo, por favor se identifique:

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

E-mail \_\_\_\_\_ Fone residencial \_\_\_\_\_ Celular \_\_\_\_\_

**APÊNDICE C - Questionário aplicado na UNIT.**

Aracaju, abril de 2007

Prezado(a) professor(a),

Professora de Sociologia Jurídica no Curso de Direito da UNIT, sou natural de Curitiba e resido em Aracaju há 30 anos. Mestranda em Sociologia, venho desenvolvendo pesquisa sobre "Inserção e sociabilidades de professores universitários - imigrantes em Aracaju".

Por quê do meu interesse?

Estima-se que 220 mil habitantes de Sergipe são oriundos de outras unidades da federação e de outros países (11,2% do total da população).

Nesse contexto, de 687 professores da Universidade Tiradentes, 292 são "de fora", o que representa uma parcela bastante significativa, não acha?

Considerando que o(a) sr(a) faz parte desse grupo, teria a maior satisfação em contar com a sua colaboração, respondendo este questionário e devolvendo-o, junto à Secretaria do órgão ou Departamento onde está lotado – em envelope lacrado - até o próximo dia 21 de maio.

Na certeza de contar com sua atenção, antecipadamente agradeço,

Maria Luisa Scardini

Contato - e-mail: [luisascardini@superig.com.br](mailto:luisascardini@superig.com.br) ou fones: 3255-3694 / 9986-3101

### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo ( ) Masculino ( ) Feminino Idade \_\_\_\_ Naturalidade \_\_\_\_\_ (Cidade/Estado/País)

Nível de escolaridade ( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Pós-doutorado

Área \_\_\_\_\_ Data de ingresso na UNIT \_\_\_\_\_

Outra(s) atividade(s) fora da UNIT? Qual(is)? \_\_\_\_\_

Situação conjugal atual ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Vive como casado ( ) Divorciado ( ) Separado ( ) Viúvo

Situação conjugal ao chegar em SE ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Vive como casado ( ) Divorciado ( ) Separado ( ) Viúvo

Naturalidade do cônjuge/companheiro(a) \_\_\_\_\_ (Cidade/Estado)

Filhos ( ) Sim ( ) Não Caso positivo: Quantos? \_\_\_\_ Naturalidade dos filhos \_\_\_\_\_

Renda familiar ( ) Menos de 5 SM ( ) 5,1 a 10 SM ( ) 10,1 a 15 SM ( ) 15,1 a 20 SM ( ) 20,1 SM a mais

### 2. RESIDÊNCIA E MOTIVO DA MIGRAÇÃO

Ano em que conheceu Aracaju \_\_\_\_\_ Desde que ano mora em Aracaju \_\_\_\_\_ Bairro onde mora \_\_\_\_\_

Por que veio morar em Aracaju? (Descreva em poucas palavras o motivo de sua vinda) \_\_\_\_\_

Em que cidade(s) já morou, além de Aracaju \_\_\_\_\_

### 3. IDENTIDADE URBANA

O que mais gosta em Aracaju \_\_\_\_\_

O que menos gosta em Aracaju \_\_\_\_\_

Coisas de que sente falta em Aracaju \_\_\_\_\_

#### 4. INSERÇÃO E SOCIABILIDADES

Seu círculo de amizades mais íntimo (que frequenta sua casa) é:

- ( ) predominantemente de conterrâneos ( ) bem distribuído/não há diferença  
( ) predominantemente de imigrantes como você ( ) outro \_\_\_\_\_  
( ) predominantemente de sergipanos

Participa de organizações associativas locais (entidade de classe, condomínio, partido político,...)?

- ( ) sim ( ) não Em caso positivo, qual (quais)? \_\_\_\_\_

Acompanha a política local? ( ) sim ( ) não

Vota em Aracaju? ( ) sim ( ) não Em caso positivo, desde quando? \_\_\_\_\_

Três lugares que costuma frequentar nos momentos de lazer \_\_\_\_\_

Costuma voltar à terra natal

- ( ) uma vez por ano ( ) sem regularidade  
( ) a cada dois anos ( ) outro \_\_\_\_\_

Como se sente em relação a morar em Aracaju:

- ( ) completamente adaptado ( ) completamente inadaptado  
( ) parcialmente adaptado ( ) outro \_\_\_\_\_

Por que? \_\_\_\_\_

#### 5. AVALIAÇÃO E PLANOS

Em Aracaju, sua vida ( ) mudou para melhor ( ) não mudou ( ) piorou

Por que? \_\_\_\_\_

Pretende passar o resto da vida em Aracaju? ( ) sim ( ) não

Por que? \_\_\_\_\_

Você considera Aracaju uma "cidade hospitaleira"? ( ) sim ( ) não

Por que? \_\_\_\_\_

**OUTROS COMENTÁRIOS (LIVRE)** \_\_\_\_\_

#### 6. ÚLTIMA QUESTÃO:

Se já não o fez, teria interesse em conceder-me uma entrevista? ( ) sim ( ) não Em caso positivo, por favor se identifique:

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

E-mail \_\_\_\_\_ Fone residencial \_\_\_\_\_ Celular \_\_\_\_\_

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)